



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

LUCIANE DOS SANTOS

**A MULHER E A LITERATURA NO CIBERESPAÇO:  
FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

---

Londrina  
2015

LUCIANE DOS SANTOS

**A MULHER E A LITERATURA NO CIBERESPAÇO:  
FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Almir Aquino Corrêa.

Londrina  
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Santos, Luciane dos.

A MULHER E A LITERATURA NO CIBERESPAÇO : formas de representação da subjetividade / Luciane dos Santos. - Londrina, 2015.  
241 f.

Orientador: Almir Aquino Corrêa .

Coorientador: Regina Helena Machado Aquino Corrêa .

Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Mulher - Teses. 2. Literatura - Teses. 3. Espaço Virtual - Teses. 4. Subjetividade - Teses. I. Aquino Corrêa , Almir . II. Machado Aquino Corrêa , Regina Helena. III. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. IV. Título.

LUCIANE DOS SANTOS

**A MULHER E A LITERATURA NO CIBERESPAÇO:  
FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Almir Aquino Correa  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Wilton Luiz de Azevedo  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. Cristiano de Sales  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná -  
UTFPR

---

Profa. Dra. Suely Leite  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Nírcia Cecília Ribas Borges  
Universidade Estadual do Centro-Oeste -  
UNICENTRO

Londrina, 24 de abril de 2015

Dedico este trabalho a todas as mulheres que, como eu, apreciam a literatura e que, incansavelmente, buscam vivê-la.

## AGRADECIMENTOS

A Deus...

Aos meus pais, Luzia e Nelson, pelo amor e incentivo incondicional, pela singular simplicidade e por sempre insistirem em me deixar de herança: “os estudos”.

Indubitavelmente, à minha primeira orientadora no processo, à caríssima Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Regina Helena Machado Aquino Corrêa, mulher linda por dentro e por fora, o meu muitíssimo obrigada, pela oportunidade, confiança, paciência e pelo inesgotável conhecimento passado junto às etapas desta pesquisa. Foi uma orientadora numa medida tão perfeita, que nem mesmo imagina o quanto me proporcionava conforto e frescor na alma, depois de exibir uma ideia, ouvia dela o seu característico: “não te preocupa”.

Ao meu singular e admirável orientador Prof. Dr. Almir Aquino Corrêa, pela finalização na orientação e confiança depositada.

Ao meu esposo, Claudio Iriyoda, pelo incansável cuidado, carinho, apoio, paciência, discussões, leituras, releituras, motivação, amor e, principalmente, pela profundidade com que compartilhamos a vida vivida em todos os instantes.

Aos meus irmãos, por sempre acreditarem que alcançaria e findaria mais esta etapa.

Aos sobrinhos, pelo amor, encantamento e ingenuidade de criança.

Aos amigos e familiares, porque, aos poucos, transmitiram interesse, compreensão, paciência e palavras de incentivo durante o processo.

Ao querido Prof. Dr. da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Wilton Azevedo, pela motivação e incentivo, mas acima de tudo, pelos cafés, tardes agradáveis, com cheiro de conhecimento e poesia.

A todas as poetisas que contribuíram de alguma forma para o andamento da pesquisa, em especial à Verluci e à Alcina, pela solicitude e alegria trasbordantes.

Aos meus colegas de trabalho, professores e amados alunos, cada qual ao seu jeito, demonstrando interesse, carinho e compreensão pela pesquisa, encheram-me de alegria e motivação para continuar.

Aos professores Dr. Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suely Leite pelas preciosas contribuições durante o Exame de Qualificação.

A esta universidade, corpo docente, direção e administração pelo apoio durante o processo.

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível, pelo apoio financeiro, no início do processo, para a realização desta pesquisa.

A todos que, com boa intenção, de maneira direta ou indireta, contribuíram para a realização desta minha conquista, meu muito obrigada!

*“Pois eu em moça fazia versos. Ah! Não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia ao mesmo tempo a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los. Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura do papel uma porção de rimas...De repente, um susto. Alguém batia à porta. E eu, com a voz embargada, dando volta à chave da secretária: já vai, já vai! A mim sempre me parecia que se viessem a saber desses versos, viria o mundo abaixo. Um dia porém, eu estava muito entretida na composição de uma história, uma história em verso, com descrições e diálogos, quando ouvi por trás de mim uma voz alegre: - Peguei-te, menina! Estremeci, pus as duas mãos em cima do papel, num arranco de defesa, mas não me foi possível. Minha irmã, adejando triunfalmente a folha e rindo a perder, bradava :- Então a menina faz versos? Vou mostrá-los ao papá! Não mostres! – É que mostro!”*

*Julia Lopes de Almeida (1862- 1934)*

*“Foi através deste espaço que eu consegui ser lida por pessoas que tinham o mesmo gosto que eu nas letras, além de que através deste espaço eu editei um blog em separado as psicografias que desde os dezoito anos estavam acumuladas em cadernos. Aliás, para propagar as mensagens, eu fiz o blog de textos de minha autoria, para que ficando conhecida eu conseguisse que as mensagens do outro blog fossem lidas, e assim aconteceu, hoje não consigo parar de escrever, além de tudo é a melhor terapia que existe.”*

*Marcia Maria Luconi (1954- )*

SANTOS, Luciane dos. **A mulher e a Literatura no ciberespaço: formas de representação da subjetividade.** 2014. 241 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

## RESUMO

Esta tese propôs-se a analisar a subjetividade encontrada nos textos de escritoras que escolhem o ambiente virtual para publicar literatura. A seleção das autoras partiu de dois sites: Academia Virtual Brasileira de Letras e Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores. Em um primeiro momento, foram selecionadas todas as autoras do Estado de São Paulo que escrevem em ambos os espaços. A partir disso, a busca de informações do perfil biobibliográfico e das tipologias e gêneros textuais mais empregados foram realizados por meio de pesquisas no ambiente virtual. Posteriormente, um questionário de quinze perguntas foi elaborado e enviado a muitas das escritoras, mas somente algumas se propuseram a respondê-lo em tempo hábil para esta pesquisa. Dessas, apenas cinco foram selecionadas. Partindo das academias acima, tais autoras foram escolhidas porque escrevem ou escreveram em um desses espaços. Logo, o material aqui analisado foi retirado tanto dessas academias, quanto de outros ambientes virtuais, dos quais tais escritoras se utilizam para a publicação de literatura. Dentre os textos lidos e observados, o poema é o encontrado em maior quantidade. Dessa maneira, foi o gênero textual eleito para ser analisado e discutido no *corpus* desta tese. A análise do perfil biobibliográfico de cada autora auxiliou na discussão que foi realizada. As subjetividades encontradas nas poesias foram apresentadas no quarto capítulo e divididas em quatro segmentos: lirismo filosófico-confessional, lirismo amoroso, lirismo mítico-religioso, lirismo experimental-metalinguístico e a poesia que traz como tema a mulher. A internet é uma oportunidade de muitas escritoras atingirem mais facilmente um considerável número de leitores. Portanto, a partir de tal pressuposto, intenciona-se apresentar a análise dos textos literários dessas mulheres, pois a partir do momento que circulam na rede se tornam de acesso de leitura de muitas pessoas, num espaço em que o público e o privado se confundem e a subjetividade não é mais a mesma de tempos atrás. Teorias relacionadas à escritura da mulher, à mudança da subjetividade nos dias atuais, ao público e ao privado e à realidade do espaço virtual como principal veículo de propagação de seus textos foram referenciais para a pesquisa.

**Palavras-chave:** Mulher. Literatura. Espaço Virtual. Subjetividade.

SANTOS, Luciane dos. **The women and the literature on cyberspace**: shaping the impersonation of subjectivity. 2014. 241 p. Tesis (Doctor degree in Literature Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

### **ABSTRACT**

This thesis proposes to analyse the subjectivity found on the compositions of the female authors whom have chosen to publish literature on a virtual environment. The selection of these authors took place on two websites: Academia virtual Brasileira de Letras e Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores. Initially all the female authors from São Paulo that write in both spaces were selected, from this the search for information for the bibliographical profile and the textual typology most appointed was held through search in virtual environment. Posteriorly, a survey of fifteen questions were elaborated and sent to many of those writers, yet only a few have proposed themselves to answer it in a enabling time for this research. From those, only five were selected. These authors were select because they still have or have written in one of the spaces above. Ergo, the material here analysed were withdrawn so much from this academies as from others virtual environments, which such writers use to publish their literature. Between the texts read and observed, the poetry genre is the most common. Thus, this was the textual typology elected to be analysed and discussed in the corpus of this theses. The analysis of the bibliographical of each author helped the analysis held. The subjectivity found on their poetry were presented on the fourth chapter and presented on four segments: philosophical-confessional-lyricism, amorous lyricism, mythical-religious lyricism, experimental-metalinguistic lyricism and the poetry that brings the woman as main subject. The internet is the opportunity to many writers to achieve more easily a substantial numbers or readers. Therefore, it intends to present the analysis of the literary texts of such authors. From the moment they are on the web, they became material of reading for many people, in a place that public and private are bewildered and the subjectivity is no longer the same. Theories related to women's writing, the change of subjectivity in the present days, to public and private and the reality of cyberspace as main tool of spreading their texts were references to this research.

**Key words:** Women. Literature. Virtual Environment. Subjectivity.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análises do Discurso
AVBL	Academia Virtual de Letras
AVSPE	Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores
NuPILL	(Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística da Universidade de Santa Catarina)

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> –	Escritoras da AVBL e número de publicações.....	127
<b>Tabela 2</b> –	Escritoras da AVSPE e número de publicações.....	127
<b>Tabela 3</b> –	Exemplo de Ficha.....	129

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1. A MULHER E A ESCRITA NO BRASIL</b> .....	<b>17</b>
1.1 PRIMEIROS REGISTROS.....	17
1.2 EDUCAÇÃO PARA MULHERES .....	19
1.3 IMPRENSA, ESPAÇO DE VOZ E AÇÃO.....	24
1.4 A LITERATURA DE ESCRITA FEMININA .....	31
<b>1.4.1 A Poesia</b> .....	33
<b>1.4.2 Século do Romance e a Escrita Feminina</b> .....	40
<b>1.4.3 A mulher e o romance do século XX</b> .....	44
<b>1.4.4 O Teatro</b> .....	52
1.5 A ESCRITA TEM SEXO? .....	58
<b>1.5.1 Autoria Feminina</b> .....	60
<b>1.5.2 Escrita Feminina</b> .....	63
1.6 O SUJEITO E A SUBJETIVIDADE.....	71
<b>1.6.1 Sujeito</b> .....	73
<b>1.6.2 subjetividade</b> .....	78
<b>2. ESPAÇO VIRTUAL, LITERATURA E MULHER</b> .....	<b>87</b>
2.1 DESFRONTEIRIZAÇÕES: A LITERATURA E A INTERNETE.....	88
<b>2.1.1 A mulher e a sociedade tecnológica</b> .....	95
2.2 AMBIÊNCIA: ESPAÇO PÚBLICO-PRIVADO.....	102
<b>2.2.1 Internet: Novo Espaço para a Intimidade</b> .....	108
<b>3 A LITERATURA DA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA NO CIBERESPAÇO</b> .....	<b>114</b>
3.1 ACADEMIA VIRTUAL BRASILEIRA DE LETRAS (AVBL) E ACADEMIA VIRTUAL SALA DOS POETAS E ESCRITORES (AVBSPE) .....	121
<b>3.1.1 Escritoras do Estado de São Paulo que escrevem na AVBL e AVSPE</b> .....	126
3.2 ENTREVISTAS.....	138
<b>3.2.1 Espaço Virtual: Interatividade ou Estímulo à Escrita</b> .....	144
<b>4. A MULHER, A LITERATURA E A SUBJETIVIDADE NO ESPAÇO VIRTUAL</b> .....	<b>149</b>
4.1 EU-LÍRICO E O INTIMISMO FILOSÓFICO.....	152
4.2 EU-LÍRICO CONFSSIONAL AMOROSO .....	165
4.3 A FÉ E A RELIGIOSIDADE .....	181
4.4 A MULHER QUE FALA DA MULHER.....	192
4.5 METALINGUAGEM: A POESIA E O POETA.....	202
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>212</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>217</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>227</b>
APÊNDICE A –.....	228
APÊNDICE B.....	230
APÊNDICE C .....	232
APÊNDICE D .....	236
APÊNDICE E.....	239

## INTRODUÇÃO

Ao se pensar na história das mulheres brasileiras e rememorar que um dia permaneciam literalmente fechadas dentro de suas casas, em espaços planejados pela arquitetura masculina, não parece verdade afirmar que, atualmente, elas se comunicam com o mundo. Quantos diários, guardados, escondidos, em gavetas, baús ou armários, conservaram segredos íntimos de inúmeras mulheres, cuja vontade de escrever sobressaía-se à proibição imposta pelos pais ou por maridos, durante parte dos séculos XVIII e XIX? Hoje, ao se navegar por inúmeros espaços virtuais, é com efervescência que se encontram muitas mulheres publicando suas memórias, autobiografias e subjetividades, em um número, muitas vezes, maior que o público masculino.

Enquanto os diários do século XIX escondiam o interesse pela escrita em torno de si, intimista, biográfica, compondo medos, verdades, crenças, amores, dentre outras subjetividades que faziam parte da vida privada de muitas mulheres, em tempos atuais, os aspectos da vida íntima estão se confundindo e fazendo, cada vez mais, parte da vida pública. Isso, graças às novas tecnologias digitais que possibilitam o acesso rápido de se publicar e compartilhar escritos que, por certo, em tempos atrás, não saíam de cadernos pessoais ou diários, onde o alcance de um público leitor seria quase nulo. Com o advento da internet, isso mudou completamente. As subjetividades se deslocaram das regiões do “eu”, das interioridades da alma do poeta para a tela.

O ciberespaço oportunizou que milhares de pessoas passassem a usar este ambiente para a publicação dos mais variados gêneros textuais. Assim, as mulheres, que antes se limitavam em escrever em diários ou cadernos de poesia, passam a publicar, dentre outros textos, no meio virtual: os literários. Junto a tal observação é que nasce a ideia desta pesquisa, a saber: o grande número de mulheres que escolhe publicar e compartilhar suas poesias, prosas narrativas, crônicas em espaços como blogues, wlogues, sites literários dentre outros ambientes. Contudo, importante deixar pontuado que não serão analisados aspectos relativos à qualidade dos textos, ou seja, o valor literário que eles podem representar diante do cânone, por exemplo, mas sim o que essas mulheres escrevem e qual o

volume, montando de textos publicados e com qual frequência.

A internet é apresentada como uma oportunidade de muitas escritoras atingirem, mais facilmente, um grande número de leitores; portanto, a partir do pressuposto de que o ciberespaço é tido como ambiente facilitador no crescimento da escrita feminina brasileira, é que se justifica a presente pesquisa, na importância de divulgação e continuidade na descoberta da produção literária feminina no espaço virtual. Além disso, averiguar o que tem sido publicado, com que frequência, em quais ambientes virtuais e, principalmente, quais as subjetividades, ou seja, sentimentos, expressões do “eu” poético estão presentes nesses textos.

Ao longo das leituras e pesquisas do material publicado por autoras em diversos espaços virtuais, chegou-se ao segundo momento da pesquisa. Percebeu-se que os textos publicados trazem temas intimistas, confessionais e autobiográficos, os quais instigaram a se pensar como a subjetividade dessas mulheres é representada nos textos que circulam no ciberespaço.

Incontáveis são os *sites*, *blogs* e outros espaços proporcionados pela rede para se publicar literatura, mas foram as *Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL)* e *Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores (AVSPE)* as escolhidas para esta pesquisa. Tal escolha deu-se, principalmente, pelos anos de permanência na rede e seriedade do trabalho dessas academias junta à arte literária e sua divulgação. Na verdade, essas academias são o ponto de partida da pesquisa, porque, depois, descobriu-se que as escritoras aqui selecionadas publicavam em *sites*, redes de relacionamento e *blogs* pessoais, lugares em que também foram colhidos materiais para esta pesquisa.

Ao saber que historicamente a mulher está circunscrita ao âmbito privado, foi curioso observar que quando ela se apresenta à internet, muitas vezes isso muda, passa-se a observar que o que antes era restrito ao espaço privado, agora se torna público. É o caso das escritoras que publicam nas *Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL)* e *Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores (AVSPE)*. De que forma essas mulheres estão escrevendo no ciberespaço? O que leem tem-nas influenciado? - O que escrevem? O ciberespaço é libertador, ou seja, o que representa o ciberespaço? O perfil dessas mulheres – quem são?

Ao se pensar que até décadas atrás, algumas pessoas não tinham o conhecimento de que mulheres também escreviam e publicavam literatura, que muitas pessoas sequer suspeitavam que desde o século XIX é considerável o

material produzido por muitas mulheres. Ao comparar o passado com os dias atuais, um grande avanço aconteceu. Hoje, o número de mulheres que se tornam conhecidas e respeitadas por sua literatura, mesmo sendo ainda em número menor que escritores masculinos, já é de valorosa mudança. Estatisticamente, o número de homens dentro das editoras brasileiras é bem maior, mas, ao se comparar ao número de mulheres que publicam na internet, as estatísticas se invertem. Exemplo disso é que ambas as academias literárias acima apresentadas possuem um maior número de escritoras que escritores.

Dessa forma, com a intenção de discutir acerca da produção literária de algumas autoras pertencentes à AVBL e à AVSPE, tem-se como principal objetivo apresentar as subjetividades nos textos de publicação em espaço virtual dessas mulheres. Para tanto, a tese foi dividida em quatro capítulos.

O primeiro capítulo tem como título *A mulher e a escrita no Brasil*. A dissertação desta parte do trabalho é uma das mais longas e foi iniciada desde a formação das primeiras escolas brasileiras para mulheres, fato que ocorreu no início do século XIX, mostrando como se dava a diferença entre a educação feminina e a masculina. Também será apresentado a respeito da imprensa e da importância do espaço cedido às mulheres. A formação dos primeiros jornais femininos, o que publicavam, quais as primeiras escritoras a tomar frente nas edições e os principais nomes de autoras de literatura daquela época. Também serão apresentadas as mulheres que se destacaram na poesia, romance e teatro, tanto no século XIX quanto no XX.

Ainda no primeiro capítulo serão discutidos ideias concernentes ao escrever feminino, em que se questiona: A escrita tem sexo? O homem pode escrever como as mulheres? Qual a diferença de escrita feminina e a autoria feminina? Muitos críticos permanecem em um verdadeiro embate ao se analisar a escrita de literatura de escritores e escritoras, tentando assim decifrar seus possíveis aspectos e características. Seguindo no mesmo capítulo, dissertar-se-á a respeito de algumas considerações acerca do sujeito e da subjetividade. Para tal, alguns pensadores foram citados, ressalta-se, porém, que, sobretudo, os conceitos de Michel Foucault embasaram as análises das poesias do último capítulo.

O segundo capítulo, intitulado *Espaço virtual, mulher e a literatura*, inicia-se com a discussão referente às mudanças ocorridas com a literatura desde a chegada do espaço virtual. O capítulo segue abordando as primeiras relações entre a mulher

e a informática, passa a discutir a fragmentação ocorrida entre o espaço público e privado com o advento dos ambientes virtuais. Ainda aponta a internet como um novo espaço para a intimidade, pois quem escreve na rede é que vai escolher o que irá se tornar público.

Já o terceiro capítulo, *Democratização da literatura de escrita de autoria feminina*, descreverá todo o processo de elaboração desta pesquisa de campo. Primeiramente, serão apresentadas as academias selecionadas para este trabalho: *Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL)* e *Academia Virtual sala dos Poetas e Escritores (AVBSPE)*, sua fundação, objetivos, quais são as pessoas que podem participar desses espaços, dentre outros dados administrativos. No mesmo capítulo será descrito como se deu o início da pesquisa, a seleção das escritoras, dos textos, em quais *sites*, além das academias, qual a assiduidade com as escritoras publicam na rede e os gêneros mais frequentemente encontrados. Tabelas com informações biobibliográficas das autoras também são descritas e comentadas.

Seguindo ainda no terceiro capítulo, é descrito o processo de seleção das autoras do Estado de São Paulo para esta pesquisa e como se chegou a apenas cinco autoras. Dentre os textos lidos e observados, o poema é o encontrado em maior quantidade. Dessa maneira, esse foi o gênero textual eleito para ser analisado e discutido no *corpus* desta tese. A análise do perfil biobibliográfico de cada autora auxiliou na discussão que foi realizada.

Por fim, chega-se ao quarto e último capítulo: *A mulher, a literatura e a subjetividade no espaço virtual*. Nele são apresentadas as análises referentes às poesias selecionadas de cinco escritoras. O capítulo foi dividido em cinco subtópicos, os quais são, respectivamente: lirismo filosófico-confessional, lirismo amoroso, lirismo mítico-religioso, a poesia que traz como tema a mulher e o lirismo experimental-metalinguístico. Esta é a parte em que as poesias com os temas relacionados são analisadas e discutidas quanto às subjetividades encontradas em cada uma delas.

Após, as referências bibliográficas estão anexados, seguidas dos questionários utilizados para a realização desta pesquisa.

## 1. A MULHER E A ESCRITA NO BRASIL

### 1.1 Primeiros registros

*Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brando – emancipação da mulher -, nossa débil voz se levanta na capital do império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres! Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?*

(Nísia Floresta - em 1853)

Uma sociedade de formação cristã, de economia caracterizada pela monocultura, escravismo e organização patriarcal, como principal modelo familiar, estruturou o Brasil após a colonização portuguesa. Inicialmente, os senhores de engenho eram os soberanos, provedores das finanças, enquanto as mulheres eram aquelas que deveriam manter-se no universo doméstico. Por conseguinte, a elas não era permitida nenhuma participação em decisões relativas à sociedade, à política e, às vezes, ao próprio lar.

Somente no início do século XIX é que se tem oficialmente a organização das primeiras escolas para mulheres no Brasil. O acesso à escola, a alfabetização, a leitura, foram fatores decisivos para que a mulher chegasse às posições sociais igualitárias que ocupa hoje. O século XX foi um momento de grandes conquistas com o direito ao voto, à instrução, à profissionalização fora do lar e o direito a participar ativamente em questões sociais e políticas.

O ensino dos séculos anteriores ao XIX sempre esteve nas mãos da Igreja e destinado a uma elite branca masculina; logo, raras eram as mulheres que sabiam ler e escrever no Brasil Colônia. Excluídas do sistema de alfabetização, foram raros os apontamentos de textos escritos produzidos pelo público feminino antes do século XIX. Como afirma Gotlib (2005), os poucos textos literários feitos por mulheres restringiram-se ao espaço oral e, quando produzidos por meio da escrita, os temas estavam relacionados ao universo doméstico: a casa, o lar. Cartas, diários, anotações em geral e orações eram os escritos mais comuns entre elas.

Oliveira e Oliveira (2010) afirmam que registros históricos indicam Madalena Caramuru, de origem indígena, como sendo a primeira mulher alfabetizada no Brasil.

Em 26 de março de 1561, ela enviou uma carta ao Bispo de Salvador protestando contra a escravidão infantil. O texto foi considerado o primeiro documento escrito por uma mulher em terras brasileiras. Ribeiro (2010) assegura que as indígenas foram as primeiras a reivindicar a educação para as mulheres. O sacerdote Manuel de Nóbrega e vários outros padres da colônia fizeram a tentativa, por meio de cartas, de conseguir a autorização régia “para abrir recolhimentos para jovens mulheres indígenas aprenderem o catecismo e, conseqüentemente, a leitura e a escrita.” (NÓBREGA, 2010, p. 13).

No entanto, o pedido foi negado, pois a iniciativa foi vista como “ousada”. “O perigo era a possibilidade de a instrução viabilizar um grau de consciência às mulheres, em relação à sua submissão perante o outro sexo” (NÓBREGA, 2010, p. 13). Além do mais, nem mesmo em Portugal havia escolas para meninas, as mulheres deveriam ser educadas para casar, ter filhos e obedecer a seus maridos. Muitas, segundo Priori (2012), só saíam de casa para serem batizadas, casarem e serem enterradas. Bonnici (2007) aponta que negar a promoção da cultura e da educação constituía o controle patriarcal sobre as mulheres, uma vez que o conhecimento e a instrução questionam o *status quo* feminino e são armas potentes contra a dominação.

Mesmo sendo escasso o número de mulheres que escreveram no Brasil Colônia, alguns nomes podem ser citados. A primeira escritora de literatura do século XVIII, por exemplo, foi Rita Joana de Sousa (1696- 1718/1719). Poetisa, filósofa e historiadora, que viveu em Olinda, Pernambuco. Há ainda Ângela do Amaral Rangel, Bárbara Heliodora, Beatriz Brandão, esta dirigiu, em Vila Rica, um educandário para meninas, as cegas Delfina Benignada Cunha e Angêla Amaral Gurgel, a Ceguinha, que pertenceu à Academia dos Seletos, e vários outros nomes do período colonial como: Maria Josefa Barreto, primeira jornalista do Rio Grande do Sul, Heliodora, Maria Clemência Silveira Sampaio, Idefonsa Laura César, Ana Eurídice e Eufrosina de Barandas.

Segundo Oliveira e Oliveira (2010, p. 146), em uma leitura despreziosa e genérica, muitos acreditam que “as mulheres não escreveram nada desde o século XVI até a terceira década do século passado”. Todavia, evidências históricas nos auxiliam a reconhecer que isso é um erro. Ainda que o cânone literário esteja marcado por homens, muitas mulheres escreveram obras literárias e textos relacionados à literatura.

A história literária feminina vem sendo, aos poucos, escrita. Nas últimas décadas, multiplicaram-se as pesquisas acadêmicas sobre mulheres escritoras, no Brasil e no exterior. Um exemplo é o livro *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, organizado pela professora Zahidé Muzart (1999), editado em três volumes pela Editora Santa Cruz do Sul e pela Editora Mulheres, é o resultado de pesquisas de sessenta e oito estudiosas, que conseguiram recuperar o trabalho de escritoras desconhecidas das histórias literárias brasileiras.

## **1.2 Educação para Mulheres**

A exclusão feminina no processo de escolarização persistiu por quase todo o período em que o Brasil era colônia de Portugal. Stamatto (2002), em um artigo intitulado “Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil 1549-1910)”, afirma que, antes da colonização, as tarefas do dia-a-dia acabavam por representar uma educação informal, na qual mulheres e homens definiam seus papéis. Com a chegada dos portugueses e a formação de uma educação baseada nos preceitos católicos, o ensinar se restringiu à catequese. Os negros e mulheres não tinham acesso à instrução e os homens brancos estudavam em colégios religiosos ou iam estudar na Europa. Logo, os papéis entre homens e mulheres foram claramente definidos, inclusive ao que se refere à educação:

Desde a primeira escola de ler e escrever, erguida incipientemente lá pelos idos de 1549, pelos primeiros jesuítas aqui aportados, a intenção da formação cultural da elite branca e masculina foi nítida na obra jesuítica. As mulheres logo ficaram exclusas do sistema escolar estabelecido na colônia. Podiam, quando muito, educar-se na catequese. Estavam destinadas ao lar: casamento e trabalhos domésticos, cantos e orações, controle de pais e maridos (STAMATTO, 2002, p. 2).

Entre os séculos XVI e meados do XVIII a base da educação jesuítica, na maior parte das vezes, era somente para os meninos e tinha como principal finalidade ensinar a ler, escrever e contar, ao passo que às meninas ensinava-se a bordar, costurar, lavar, ter bons modos, como discrição e recato, e outras atividades ou comportamentos que as preparasse para as atividades domésticas e o casamento, já que as funções sociais da mulher se restringiam a ser “boa mãe e

esposa”. Curiosamente, alguns conventos, transformados em casas específicas para o acolhimento de solteiras ou desamparadas, proporcionavam, além do ensino religioso, noções basilares de matemática, leitura e escrita.

Assim, o ensino no Brasil Colônia, basicamente, acontecia em algumas escolas, conventos, seminários e dentro dos lares por meio de preceptores. Enquanto os rapazes de classes sociais mais abastadas, quando com mais idade, saíam para estudar em Portugal e cursar Direito ou Teologia, as mulheres ainda se familiarizavam mais com as agulhas do que com a pena. Quando foram formadas as primeiras escolas no Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, elas se destinavam apenas para o sexo masculino. Paulatinamente, a partir da reforma pombalina na educação e a instalação de escolas régias, as meninas passam a frequentar as escolas, todavia tais instituições eram separadas por sexo, tanto por alunos e alunas, quanto por professores e professoras.

Em 1827, foi autorizada pela Lei Geral do Ensino, no Brasil, a abertura de escolas públicas para mulheres. É a primeira vez no país que o direito feminino de frequentar escolas é institucionalizado. Havia o ensino elementar, o secundário e o superior, “mas as meninas tinham acesso apenas à educação elementar, porque uma mulher já é bastante instruída, quando lê corretamente suas orações e sabe escrever a receita de goiabada. Mais do que isso seria um perigo para o lar.” (VASCONCELLOS, 2001. p. 55). Basicamente, as escolas femininas de primeiras letras, como aponta Telles (2013), permitiam o aprendizado das noções básicas de cálculo, ler e escrever. Enquanto os meninos aprendiam geometria, as meninas aprendiam costura, às vezes, complementada por bordado e uma língua estrangeira. Para bons modos de esposa, não era importante ler, escrever e “pensar”; portanto, educar era mais importante que instruir.

Antes da autorização da Lei Geral do Ensino, a instrução privilegiava somente os grupos sociais abastados, por isso, muitas meninas tinham aulas em suas próprias residências, com professores particulares ou ainda em escolas religiosas. “Algumas noções de segundo idioma, quase sempre o francês, eram também sinal de *status*. Era ideia corrente que tais saberes e habilidades proporcionariam à moça um „casamento melhor“.” (PINSKI; PEDRO, 2012, p. 67). Entre 1830 e 1840 foram criadas as escolas normais públicas, que, primeiramente, também eram frequentadas somente por homens. A segregação sexual era transparente e absurda, mesmo para aquela época, pois a separação dos meninos e

meninas era feita por dias, prédios ou turnos diferenciados. Conforme Pinsky e Pedro (2012), o convívio entre meninas e meninos não era recomendável em um mesmo espaço público. Todavia, escolas mistas surgiram ainda na primeira metade do século XX, por razões econômicas, haja vista que sairia custoso para o Estado sustentar dois sistemas de ensino.

A educação escolar trouxe para as mulheres um olhar mais crítico e politizado, sobretudo, para as primeiras ideias feministas vindas da Europa e dos Estados Unidos. As primeiras manifestações feministas, no Brasil, ocorreram durante o século XIX, baseadas em reivindicações como acesso à educação, melhoria profissional e direito ao voto. Uma das primeiras ativistas brasileiras foi Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo usado por Dionísia de Faria Brasileira, nascida no Rio Grande do Norte, filha da brasileira Antônia Clara Freire com o advogado e escultor português Dionísio Gonçalves. Casou-se cedo, aos treze anos, mas deixou o marido um ano mais tarde, o que a fez ser repudiada pelo pai. Em 1928, o pai morre assassinado e, segundo Priore (2012, p. 415), precisou sustentar a mãe e três irmãos. Mais tarde, em 1932, casou-se com o advogado e acadêmico Augusto de Faria Rocha com quem teve um casal de filhos. Também no ano de 1932, escreveu seu primeiro livro, *Direito das Mulheres e injustiça dos homens*, volume que proclamava o direito à educação e ao trabalho feminino e determinava que as mulheres fossem mais respeitadas:

Em cada capítulo pode-se quase ouvir os ecos dos famosos artigos da “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, de Olympe de Gouges (1745-1793), publicados em 1791 na França, em resposta à Declaração dos Direitos do Homem, que excluía as mulheres. Inspirando-se em pensadores como Mary Wollstonecraft, Poulain de la Barre e Sophie, Nísia identifica na herança cultural portuguesa as causas do preconceito e ridiculariza a ideia dominante da superioridade masculina (DUARTE, 2011, p. 74).

Em 1838, ficou viúva e se mudou para o Rio de Janeiro, onde fundou o Colégio Augusto. Passou a escrever para jornais sobre assuntos relacionados ao Abolicionismo e à República. Jornalista, educadora e mulher que lutou por melhores direitos femininos, em 1858, apontou que “em um total de 55 mil alunos das escolas públicas, apenas 8.433 eram mulheres. [...] Nísia Floresta defendia a instrução feminina ao considerar que dela dependia, também, o avanço de uma nação.” (PINSKY; PEDRO, 2012, p. 338). No séc. XIX, conceitos de pensadores como Diderot, Michelet e Fénelon embasaram, no Brasil, a luta pela educação feminina e

pelo direito à instrução (BONICCI, 2007). Publicações como *Opúsculo Humanitári*, de Nísia Floresta, e artigos em *O Jornal da Senhoras*, também colaboraram significativamente para os primórdios da educação feminina.

Segundo Bonato (2002), a partir da República se inicia a renovação no sistema educacional no Brasil. Ocorreram mudanças nas escolas Primárias, Secundárias, Normais e no Ensino Superior Artístico e Técnico. A formação do professor, principalmente do ensino primário, tornou-se importante, com o aumento da demanda escolar. A Escola Normal foi fundada em 1880 e a identidade feminina foi vinculada à vocação natural para o magistério:

Marisa Lajolo e Regina Zilberman analisam o aspecto da vinculação da identidade feminina a uma „vocação natural para as lides do magistério”, assinalando que a solução se apresentava ideologicamente perfeita: a professora e a escola passavam a ser figuras idealizadas à medida que se atribuía à mestra uma conotação maternal e, a sala de aula, era representada como um segundo lar. Nesse momento, portanto, conforme demonstram as ensaístas, a presença das mulheres em outros espaços sociais não afetou diretamente a divisão do universo social masculino e feminino, pois o magistério feminino era encarado tão somente como uma extensão da tarefa doméstica e maternal (ALVES, 2011, p. 6).

O empenho em formar mulheres para o cargo de professoras para atuarem nas escolas recém-formadas não era vindo do acaso, pois nas últimas décadas do século XIX o país prioriza a “educação para mulher, vinculando-a à modernização da sociedade, à higienização da família, à construção da cidadania dos jovens” (LOURO, 2012 p. 447). Às mulheres de camadas sociais menos favorecidas cabia a formação dos novos trabalhadores do país e auxiliar a desfazer as impressões negativas deixadas pela escravidão. Às “mães líderes também se atribuiria a tarefa de orientação dos filhos e filhas, a manutenção de um lar afastado dos distúrbios e perturbações do mundo exterior” (LOURO, 2012, p. 447). Por isso, a educação feminina não poderia ser imaginada sem a formação cristã e sem a associação da professora à figura materna.

No artigo "Mulheres na sala de aula", Louro (2012) afirma que a chegada de imigrantes e o crescimento dos setores sociais levam a uma expectativa de crescimento da escolarização, mas induzem a saída dos homens da sala de aula, em busca de outras profissões. A identificação da mulher com o trabalho docente, que hoje parece muito natural, à época foi motivo de críticas que as classificavam como menos inteligentes e despreparadas. Outra questão que associava o

magistério ao trabalho feminino é o fato de o professor trabalhar com uma carga horária diferenciada e a possibilidade de ser uma ocupação transitória, permitindo que a mãe e esposa pudessem desempenhar também esse papel, por ser um trabalho de um só turno.

Durante o século XIX, ocorreu a construção de muitos colégios normais, tanto públicos quanto privados, religiosos ou laicos, localizados em muitas províncias e estados. “As moças que frequentavam esses cursos tinham origens diversas, o que dificulta qualquer tentativa de caracterizá-las globalmente; mesmo a passagem do tempo acarretou outras mudanças na população escolar” (PRIORE; PINKSY, 2012, p. 455). Disciplinas como matemática, português, geografia nacional, história do Brasil e geral, sociologia, trabalhos manuais, catecismo, dentre outras, eram ensinadas. Já no início do século XX, “psicologia, puericultura e higiene escolar passam a integrar os currículos de várias escolas normais.” (PRIORE; PINKSY, 2012, p. 457). A economia doméstica também foi integrante dessas escolas, ensinavam-se conceitos e práticas da administração do lar.

Somente em 19 de abril de 1879, a Lei Leôncio de Carvalho deu direito às mulheres ao ingresso no ensino superior no Brasil nos cursos de Medicina, Ginecologia, Obstetrícia, Cirurgia dentária e Farmácia, porque antes, só se estudassem fora do país, o que era quase impraticável e, mesmo quando ocorria, retornando ao Brasil, tinham muitas dificuldades de desempenhar a profissão estudada. Ainda assim, o processo para que o sexo feminino começasse a frequentar as universidades foi muito lento. A primeira brasileira a se graduar foi Maria Augusta Generosa Estrela em 1882, em Medicina, mas a faculdade foi nos Estados Unidos. Apenas após setenta e nove anos da fundação da “primeira instituição de ensino superior no país, Branca Rita Lobato graduou-se na Faculdade de Medicina da Bahia (1887). Quase trinta anos depois (1926), a negra Maria Rita de Andrade obteve o título de bacharel pela Faculdade de Direito da Bahia.” (PINSKY; PEDRO, 2012, p. 337). Somente em 2006, a primeira mulher indígena obteve o título de doutora, no curso de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas.

Segundo Pinsky (2012, p. 340), um considerável número de mulheres educadas em “Ciências Humanas constituiu base importante para que se desenvolvesse, já na década de 1970, um campo de estudos e pesquisas sobre a mulher, estreitamente imbricado com o feminismo remanescente”, levando a mulher

a apoiar reivindicações contemporâneas relacionadas ao ensino. Permanece evidente que desde a abertura do sistema universitário brasileiro, por volta dos anos de 1970, a procura de cursos de custos mais baixos ou relacionados às Ciências Humanas é bastante comum entre o público feminino. Nos anos de 1990, ocorre um processo de reformas educacionais que considera a educação instrumento fundamental para a diminuição das diversas desigualdades, representando um grande avanço. Atualmente, o número de mulheres nas academias, na maioria das vezes, é maior do que a do sexo masculino.

### **1.3 Imprensa, espaço de voz e ação**

A imprensa feminina surgiu no Brasil por volta do ano de 1820 e, conforme Dulcília Buitoni (1986, p. 7), uma das pesquisadoras pioneiras em estudar a mulher e o gênero jornalístico, “é um conceito definitivamente sexuado: o sexo de seu público faz parte de sua natureza”. No livro *Mulher de papel* (1981), Buitoni identificou os jornais femininos pioneiros daquela época: *O Espelho Diamantino* (Rio de Janeiro, 1827), *O Espelho das Brasileiras* (Recife, 1831), *Relator de novelas* (Recife, 1838) e *Correio das Modas* (Rio de Janeiro, 1839). Castanheira<sup>1</sup>, em seu artigo “Escritoras Brasileiras: Percursos e percalços de uma árdua trajetória”, afirma que as mulheres começam a publicar mais intensamente, em jornais e revistas voltados ao público feminino, somente após a segunda metade do século XIX. Os assuntos mais encontrados em jornais femininos daquela época estavam relacionados à família, a dicas de beleza, à moda e a comportamentos da mulher.

Alguns periódicos também tinham caráter emancipatório, no que diz respeito às mulheres e a seus direitos à educação e ao voto. Era comum o leitor também se deparar com textos literários de vários autores, o que levava a literatura escrita por mulheres a circular ao lado de textos de autores como Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar e Machado de Assis, que já eram conhecidos por publicar seus trabalhos “sob a forma de folhetins, que estimulavam sonhos e fantasias de homens

---

<sup>1</sup> Disponível em:  
<http://www.unig.br/cadernosdafaef/ARTIGO%20CADERNOS%208%20CLAUDIA%20CASTANHEIRA.pdf> Acesso em 15 out. 2013.

e mulheres, envolvidos em suas tramas amorosas.” (LIMA, 2007, p. 222). Aliás, segundo Buitoni (1986, p. 22), “a imprensa feminina nasce sob o signo da literatura, logo depois acompanhado pelo da moda. Nos primeiros tempos, moda e literatura dividiam as atenções”.

O *Jornal das Senhoras*, surgido em 1852 no Rio de Janeiro, sob a responsabilidade de Joana Paula Manso de Noronha, era escrito e editado por mulheres. Segundo Lima (2007, p. 222), “conseguiu ultrapassar os limites da moda e da literatura, ousando tímidos protestos contra a maneira possessiva com que os homens tratavam suas mulheres”. Denunciava, por exemplo, que o casamento era um capricho e um meio de satisfazer somente a maioria do público masculino, para assegurar um bom dote. À mulher restava se aceitar como um símbolo de posse e de um negócio. Como tais ideias eram um tanto avançadas para época, muitas das colaboradoras preferiam manter o anonimato, em geral, utilizando-se de pseudônimos.

Publicado em 1862, *O Belo Sexo* foi mais um jornal da capital. Nesse periódico, as escritoras já não escreviam no anonimato e se reuniam uma vez por semana para discutir o que seria publicado. Por estarem expostas, muitas críticas, apontamentos e oposições surgiram com relação ao que escreviam. Mesmo assim, isso não ofuscou a vontade e a coragem das autoras de publicarem seus textos, serviram de inspiração para que, nas três últimas décadas do século XIX, surgissem muitos outros jornais femininos:

O final do século XIX assistiu a várias outras publicações femininas: *O Domingo*, de responsabilidade de Violante Atabalipa de Bivar e Velasco (Rio de Janeiro-1874); o *Eco das Damas*, lançada por Amélia Carolina da Silva Couto (Rio de Janeiro-1879); *A Família*, editada por Josefi na Álvares de Azevedo (Rio de Janeiro-1889). Em Minas Gerais, a partir de 1873 *O Sexo Feminino*, dirigido por Francisca Senhorinha Motta Diniz (LIMA, 2007, p. 223).

*O Sexo Feminino* surgiu da cidade de Campana em Minas Gerais, foi transferido em 1875 para a capital e era de propriedade da senhora Francisca Senhorinha da Mota Diniz, que escreveu e dirigiu muitas das matérias publicadas, mas também contou com grande apoio de outras mulheres, dentre elas suas filhas Elisa Diniz Machado Coelho e Albertina Diniz. *Sexo Feminino* era considerado feminista, pois apresentava matérias lidadas à educação e à emancipação da mulher:

Os jornais feministas dessa época não diferiam muito da imprensa feminina em geral. Todos traziam literatura, moda, entretenimento. Os órgãos feministas não deixavam de lado a distração, conseguindo, deste modo, garantir a simpatia do público. [...] As ideias mais contestadoras viriam de Josephina Álvares de Azevedo, irmã do poeta Álvares de Azevedo. (BUITONI; 1986, p. 53)

Schumacher (2000) afirma que Francisca Senhorinha da Mota Diniz ainda publicou matérias jornalísticas semanais em *A Voz da Verdade* e *A Primavera* (1880), ambos de circulação no Rio de Janeiro. Também escreveu um romance de costumes intitulado *A Judia Rachel* (1886), editado na cidade do Rio de Janeiro.

Outros nomes importantes de jornais são do estado do Rio Grande do Sul: o “*Escrínio* e o *Corymbo*, das irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, ambas escreveram poesia, contos e peças teatrais” (TELLES, 2012, p. 426). O segundo jornal, *Corymbo*, durou aproximadamente sessenta anos, de 1884 a 1944. Já em São Paulo, a revista *Mensageira* (1897), da escritora Prisciliana Duarte de Almeida, é publicada continuamente até janeiro de 1900. Telles (2012) aponta como colaboradoras desse periódico Áurea Pires, Francisca Júlia, Auta de Souza, Ignéz Sabino, Josefina Álvares de Azevedo, a portuguesa Guiomar Torrezão e ainda as escritoras e Narcisa Amália e Júlia Lopes de Almeida. Já a revista *Mensageira*, além de divulgar os assuntos comuns às outras revistas, ainda noticiava acerca de conquistas profissionais, sobre quais mulheres estavam publicando no Brasil e em outros países, faziam campanhas a favor do voto feminino e davam destaques aos textos literários.

O nome de Josefina Álvares de Azevedo, a qual escrevia sobre ideias feministas no jornal *A Família* (1888), inicialmente de São Paulo e depois transferido para a cidade do Rio de Janeiro, foi um dos destaques na imprensa daquela época. Ela enaltecia temas referentes à educação como meio de liberdade do sexo feminino, era partidária ao voto, ao divórcio e defendia a busca por um espaço mais amplo de igualdade de inteligências entre os gêneros. *A Família* contava com escritoras de literatura que produziam principalmente textos de poesia, como apresenta Oliveira (2009, p. 53):

Entre as escritoras dotadas de um posicionamento emancipatório para a época e de habilidade literária, quem mais se destacaram no jornal foram: Júlia Lopes e Délia. [...] Vale ressaltar que poucos contos eram publicados, abundando poemas. O fato é explicado porque a poesia era vista como um estilo mais propício para temas subjetivos, fato que hoje é visivelmente

contestado, além do fato de que a prosa exigiria mais tempo e fôlego das escritoras para manterem a qualidade da construção narrativa.

À medida que se chegava ao final do século XIX, as revistas e outros periódicos voltados ao sexo feminino discutiam diversos assuntos que diziam respeito às mulheres. A higiene e a saúde, por exemplo, eram questões importantes dentro de um Brasil que iniciava pequenos avanços sociais, a vida disciplinada e hábitos adequados poderiam partir dos lares e, por conseguinte, das mulheres, por isso, a difusão dos ideais de moral, proclamados pela Igreja Católica, como o casamento e a maternidade, também ganharam espaço considerável em novas revistas, conforme destacaram Pedro e Pinsky (2012).

Curiosamente, tinham nomes de “flores, pedras preciosas, animais graciosos, todos metáforas da figura feminina, ou mencionando a mulher e seus objetos” (BUITONI; 1986, p. 40), como por exemplo: *A Esmeralda*, *O Lírio*, *A Grinalda*, *Primavera*, *O Beija-Flor*, *A Borboleta*, *O Leque* dentre muitos outros, circularam no Rio, São Paulo e outras cidades. A capital do Império já concentrava o maior número de periódicos escritos por mulheres desde a primeira metade do século XIX, nem por isso outras regiões, mesmo que em menor quantidade, deixaram de ter significativa importância na produção de revistas e jornais para mulheres. A pesquisadora Constância Lima Duarte<sup>2</sup> cita *O Corimbo*, de Porto Alegre, organizado pelas irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, como sendo o jornal que sobreviveu mais tempo (1884 a 1944).

Já no século XX, o crescimento urbano e industrial, melhorias nos níveis de escolaridade e instrução, principalmente entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, trouxeram também alterações para a imprensa jornalística, que passa a ser sustentada pela publicidade e, segundo Lima (2007), por isso surge um maior número de tiragens, aumentando o número de leitores de jornais e revistas. Revistas como *FonFon e Cartas de Mulher* (1907), no Rio de Janeiro, e *Cigarra* (1914), em São Paulo, mesmo não sendo de exclusividade do público feminino, traziam um considerável número de publicações de interesse das mulheres. A *Senhorita*, juntamente com *Cigarra*, por exemplo, ofereciam matérias de moda, vestuários e penteados em geral. Mas foi entre 1914 e 1936 que ocorreu o grande avanço em termos de número de publicações com a *Revista Feminina*, escrita e

---

<sup>2</sup>DUARTE, Constância Lima. **Feminismo no Brasil: Pequena história**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010) Acesso em 10 out. 2014.

dirigida somente por mulheres e talvez a mais importante daquela época. Sob a direção de Virgilina Salles de Souza, membro de uma conhecida família paulista, tinha, despretensiosamente, a intenção de colaborar com a educação feminina. Tal revista se consolidou posteriormente, também, no Rio de Janeiro:

Compatibilizando-se com os ideais de Virgilina de oferecer uma leitura “*sã e moral*”, ‘*recreativa e literária*’, que colaborasse para a “*educação doméstica e a orientação do espírito feminino*”, a *Revista Feminina* era variada em seus assuntos, limitando-os, porém, ao que poderia se integrar ao “*„mundo da mulher”*” (LIMA, 2007, p. 8).

Moda, decoração, filhos, culinária, casamento, literatura, curiosidades culturais, dentre outros assuntos propostos pela fundadora da revista, estavam amparados pelos ideais católicos, relativos à ética e aos “bons costumes”. Dentre as escritoras de literatura, contribuíram neste periódico: “Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia da Silva, Dra. Alzira Reis, Priscila Duarte de Almeida, Laurita de Lacerda entre outras” (LIMA, 2007, p. 6).

Até meados da década de 1940 não aconteceram mudanças significativas, no entanto, surge um novo produto no cenário da revista feminina: a fotonovela. Nascida na Europa, logo ganha seguidores também no Brasil, quando a revista *Grande Hotel* publicou as primeiras histórias, em 1951. Na década de 1950, “a vinculação consumo/imprensa feminina estabelecia-se com intensidade progressiva, devido ao fortalecimento do mercado interno, à relativa ampliação da classe média e ao crescimento das indústrias com produtos voltados para a mulher e a casa” (BUIIONI, 1986, p. 49).

O *Jornal das Moças* foi um dos periódicos que mais circulou no país. Apesar de ser Fundado em 1913, no Rio de Janeiro, fez sucesso durante as décadas de quarenta, cinquenta e circulou até 1965. Naquela época as distinções dos papéis femininos ainda se caracterizavam nitidamente dos masculinos. Em uma sociedade pós II Guerra Mundial, em que o crescimento urbano e industrialização são crescentes e o modelo patriarcal de família era prevalente, a família-modelo, para Priore e Pinsky (2012), era aquela na qual os homens tinham autoridades sobre as mulheres e eram responsáveis pelo sustento da casa. A mulher ideal era definida como feminina, obediente ao pai e, por conseguinte, ao esposo, que soubesse organizar as tarefas domésticas e a educação dos filhos. Pureza, doçura, instinto materno eram predicados da mulher dos Anos Dourados. Logo, os “assuntos

femininos” abordados nas revistas e jornais da época apresentavam claras diferenças de gênero. Em *O Cruzeiro*, por exemplo, Priore e Pinsky (2012) demonstram que as imagens femininas e masculinas tinham como o modelo de família a classe média branca e com papéis definidos. Na maioria das revistas, as moças eram divididas em “moças de família” e “moças levianas”; para “as primeiras, a moral dominante garantia o respeito social, a possibilidade de um casamento-modelo e de uma vida de „rainha do lar” – tudo que seria negado às „levianas”.” (LIMA, 2007, p. 610):

Depende muito da moça a maneira como é tratada pelos rapazes. Se dá preferência a modas e modos provocantes, perde o direito de queixar-se se o rapaz quiser avançar o sinal. O estímulo quem deu foi ela [...] chamar a atenção dos rapazes [com gestos estudados e sensuais] é depreciativo para a moça. (PRIORE; PINKSY, 2013, p. 612).

Tempos em que as moças castas deveriam manter-se virgens ter “boa moral”, casar e ser “boa esposa”. A elas cabia a responsabilidade pela paz doméstica e a harmonia conjugal. Nesta sociedade de enaltecimento da “família-modelo”, as revistas tinham que ser atraentes e diversificadas, pois propiciavam o entretenimento e prazer. A revista *Manequim*, de 1959, que tinha como foco o vestuário, e a *Claudia*, lançada em 1961, que veio ao encontro de certa busca de identidade da mulher de classe média urbana; também veio estimular e ser estimulada por todo o consumo emergente. (BUITONI, 1986)

A partir de 1970, questões relacionadas ao lado profissional e ao sexo tornam-se dominantes, não somente no Brasil, mas também em âmbito internacional. Segundo Pinsky (2012), em outubro de 1975, em pleno auge dos anos da ditadura militar, surge em São Paulo o jornal *Brasil Mulher*, impresso em Londrina no Paraná, que tinha como editora Joana Lopes. Foram 20 edições as quais tinham objetivos políticos. Vinculava-se a luta contra a ditadura, por isso a maioria das pessoas do jornal era ligada aos partidos de esquerda. Mesmo sendo de circulação irregular, sobreviveu até 1980.

O *Brasil Mulher* também incorporou temáticas relacionadas ao feminismo ao lado de outro jornal intitulado *Nós Mulheres*. De acordo com Pedro e Pinsky (2012, p. 248), “na década de 1980, surgiram inúmeros periódicos autoproclamados feministas, tais como *Mulher liberta Mulher* (1980), *Mulherio* e *Chana com Chana* (ambos de 1981)”. Com exceção do *Mulherio* que circulou até 1987, os outros

tiveram curta duração. Em que pese o fato desses periódicos não terem alcançado a maioria das mulheres brasileiras, por seu cunho político e de bandeira contra a ditadura militar; outros como: *Claudia* (SP-1961), *Marie Claire* (RJ-1991), *Malu* (SP-1998), *Ana Maria* (SP-1996), *Lola* (SP-2010) sempre contaram com recursos imagéticos, coloridos, atraentes e abordaram questões do cotidiano, de maneira leve e interessante. Profissionais liberais como médicos, psicólogos, advogados dentre outros especialistas ocupavam as páginas dessas revistas, pois colaboravam para “legitimar seus conteúdos, não raros também endossados por alguma celebridade do momento” (PEDRO; PINSKY 2012, p. 448).

Ainda na década de 1970, inúmeros novos títulos de jornais e, principalmente, revistas surgem no mercado para acompanhar as mudanças e expectativas do público leitor: “a dimensão empresarial da imprensa ganhou contornos mais nítidos no transcorrer do século passado e no interior do qual as publicações dirigidas ao público feminino firmaram-se como setor altamente lucrativo” (PEDRO; PINSKY, 2013 p. 457). A revista passa a ser uma mercadoria cujo desempenho é o de ser interessante e satisfazer as necessidades dos possíveis consumidores. Revistas como *Capricho* e *Atrevida* chegam para atender um público mais jovem, meninas entre 15 e 25 anos, aproximadamente. A revista *Capricho*, por exemplo, direcionada para mulheres entre 18 a 30 anos, quando surgiu, na década de 1950, trazia, em suas páginas, fotonovelas em formato de quadrinhos que, no lugar de desenhos, utilizavam fotografias. A partir do final da década de 1980, passou por novas configurações e formatos, focando-se, sobretudo, no público de meninas entre 12 a 19 anos.

A partir de meados de 1990, as significativas mudanças na estabilidade econômica, os ganhos mais efetivos e o desenvolvimento de produtos destinados às camadas menos abastadas permitiram um crescimento no mercado editorial brasileiro de revistas, dentre elas as destinadas ao público feminino de todas as faixas etárias, conforme apresenta Pinsky e Pedro (2012). A literatura perdeu certo espaço a partir dos anos de 1960, quando a moda e as atividades domésticas começaram a ter relativa importância. Reportagens melodramáticas, testes, horóscopo, cartas de leitoras e manchetes sobre pessoas famosas substituem os textos literários. Na década de 1990, surgem periódicos como *Ana Maria* (1996), *Tititi* (1998), *Chega Mais* (2003), *Eu* (SP, 2006), dentre outros, os quais se particularizam “por publicar textos das próprias leitoras, que reclamam experiências

peçoas, a chamada *real life*, e são remuneradas em caso de publicação.” (PINSKY; PEDRO, 1986, p. 463). O consumo e o comportamento padronizado são temas bastante recorrentes nas revistas femininas da atualidade, que “ensinam, aconselham, propõem, indicam condutas [...] cumprem, dessa maneira, funções pedagógicas e podem influir no processo de constituição do indivíduo, na maneira como ele auto percebe e se relaciona com o mundo.” (PEDRO; PINSKY, 2012 p. 463).

A revista feminina que acompanha a mulher desde a adolescência até a maturidade oferece modelos de conduta e de maneiras de viver que condizem com o comportamento da mulher branca, heterossexual, que está em sintonia com a moda e os padrões de beleza impostos socialmente. “Conservadora, alienante, consumidora, estereotipada, despolitizada, essas são algumas das fortes críticas que são feitas à imprensa feminina” (BUIIONI, 1986, p. 76). É notório, portanto, que vivendo em um universo rodeado pela publicidade, o público dessas revistas é das mulheres que se submetem às leis do mercado. Por outro lado, sendo produto da cultura de massa, as revistas favoreceram a democratização de muitos costumes ligados à moda, à gastronomia, aos cuidados com a casa, com o corpo, ou seja, oportunizou a ampliação de conhecimentos diversos que puderam influir de forma decisiva no cotidiano das pessoas.

#### **1.4 A literatura de escrita feminina**

Mesmo hoje, quando o acesso à informação é cada vez maior e mais rápido, facilitando a democratização da arte e da cultura geral, incontáveis são os nomes de escritoras da literatura brasileira desconhecidas do público em geral. Somente uma pequena fatia da população brasileira, comumente a parte que é apreciadora ou está direta ou indiretamente relacionada com a arte literária, toma ciência dessa literatura que circula em meio não impresso e a cada ano ganha significativas proporções. Geralmente, são nomes como Clarice Lispector, Cecília Meirelles, Adélia Prado, Raquel de Queiroz e Lygia Fagundes Telles os mais conhecidos. Basta mencionar que em uma das últimas edições do livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, de

Alfredo Bosi, somente Cecília Meireles, Raquel de Queiroz e Clarice Lispector são citadas com destaque, ainda que haja muitas brasileiras escritoras em séculos anteriores. Entretanto foi somente a partir da segunda metade do século XX, com a consolidação de pesquisas acadêmicas em torno da temática mulher e literatura, que o assunto ganha espaço nas universidades do país. Três tendências se destacaram nessa pesquisa: a “representação da mulher enquanto personagem. Outra de caráter mais teórico se encarregava de traduzir [...] e propor conceitos e metodologias condizentes com a temática” e uma terceira que privilegiava a mulher enquanto autora “seja resgatando nomes e obras perdidas no tempo, e fazendo a revisão do cânone literário, seja refletindo sobre a condição da mulher/escritora contemporânea, como sujeito da própria história” (DUARTE, 2008, p. 9).

Nesse sentido, há trabalhos importantes, como o da pesquisadora Zahidé Muzart, que juntamente com uma equipe de sessenta e oito pesquisadoras, conseguiu recuperar a história de mulheres que escreveram no Brasil entre os séculos XVIII e XIX. Tal trabalho culminou no livro de dois volumes, publicado em 1999, intitulado *Escritoras Brasileiras do século XIX*, pela Editora Mulheres. O volume I conta com cinquenta e duas escritoras e no volume II com cinquenta e uma.

Nessa antologia foram coletados aproximadamente cinquenta e dois nomes de escritoras que escreveram suas mágoas, dores, amores, vidas, por meio de poemas, cartas, diários, textos jornalísticos, os quais foram tidos como ausentes; porém, hoje, contribuem para registrar a história cultural feminina brasileira. A pesquisa de tais escritoras é uma entre tantas que foram sendo realizadas entre o século final do XX até os dias de hoje e que têm sido examinadas e revisitadas por pesquisadores neste início do século XXI. Todos os anos, são vários simpósios, congressos, encontros acadêmicos que ocorrem em todo o país para discutir a literatura de produção feminina. Por serem muitas as autoras, neste tópico de capítulo serão mencionadas apenas algumas, escolhidas por serem mais comumente citadas e/ou estudadas.

### 1.4.1 A Poesia

Segundo Coelho (1999), entre 1880 e 1920, fica mais evidente o choque entre a persistência de uma literatura mimética e o surgimento de vozes inovadoras:

[...] predominava uma poesia dessorada, onde ouvia *voz-objeto*, o modelo já desgastado, enraizado do „código do amor cortês“ e cuja fala repete o discurso oficial da Sociedade. E contra esse modelo que (nos rastros do Realismo/Naturalismo/Parnasianismo do entre-séculos) novas vozes femininas abrem caminho para as futuras transgressões dos códigos vigentes (COELHO, 1999, p. 162).

Desta época, destacam-se nomes como Francisca Julia, Prisciliana Duarte de Almeida, Auta de Sousa, Júlia Cortines e Narcisa Amália de Campos. Mesmo escrevendo em uma época cuja predominância da “arte pela arte” não dava realce às emoções, essas mulheres não se desvencilharam totalmente do lastro emocional romântico, assim como Olavo Bilac e Raimundo Correia.

Francisca Júlia (1871-1920), escritora do estado de São Paulo, foi figura importante em seu tempo. No início de sua carreira, chegou a ser confundida com Raimundo Corrêa, por publicar textos parnasianos. Utilizou-se de pseudônimos, dentre eles o de Alcindo Guanabara. Logo cedo, aos 18 anos começa publicar poemas na imprensa paulista. Coelho (1999, p. 162) ainda aponta que “adotando austeridade formal do Parnasianismo Francês, a poesia paulista dominou com rigor e sensibilidade a „palavra justa“, a impassibilidade emotiva, o domínio das emoções soltas”. Publicou textos como: “O livro das Crianças” (1899), “Esfinges” (193) e “Alma infantil” (1912).

Julia Cortines (1868-1948), escritora do Rio de Janeiro, além da sua colaboração junto à imprensa carioca com textos relacionados à reforma do ensino, escreveu muitos poemas. Com o livro *Versos* (1894), foi bastante enaltecida como escritora parnasiana. A amargura e o pessimismo em meio a uma considerável força lírica eram suas características.

Narcisa Amália de Campos, considerada pela crítica como uma das mais importantes escritoras de poesia de sua época, nasceu em São João da Barra, no Rio de Janeiro. Casou-se aos 14 anos, com um artista de teatro, mas logo o deixou. Mais tarde, casou-se novamente com um dono de uma padaria, mas também o

abandonou porque ele não tolerava o seu intelectualismo (PRIORE; PINSKI, 2012). Amiga de muitos poetas e intelectuais daquela época, participava e contribuía em jornais para a propagação de ideias abolicionistas e democratas. Defensora “incondicional dos direitos da mulher, chegou mesmo a dizer que a regeneração do gênero humano dependia da „futura libertação da mulher“. (TELLES, 2012, p. 359). Foi jornalista e tradutora, mas se destacou nacionalmente com os textos poéticos. Telles afirma que Antonio Candido a considera exemplo “de pessoa de aptidões medianas que versejou desembaraçadamente devido ao automatismo do processo literário e arrancou da crítica louvações” (TELLES, 2012, p. 300). Wilson Martins a citava como poeta menor, todavia Jane Hahnera considera, após Nísia Floresta, a primeira mulher a obter fama no país. O poeta Castro Alves era tido por ela como parceiro, por serem libertários e abolicionistas, ainda que diferentes no modo de retratar tais questões em suas poesias. O poeta ganha a demonstração de admiração de Narcisa Amália no poema “Castro Alves”, um dos quarenta e quatro do seu livro *Nebulosas* (1870), o mais importante e o mais criticado também.

A poesia social de Narcisa Amália foi motivo de muitas críticas, inclusive por parte de Sílvio Romero que disse ser um atentado ao pudor e à família. O crítico considerava os seus poemas indignos de serem escritos por uma mulher. Em um dos poemas de *Nebulosas*, a poeta saúda a Revolução Francesa:

No pedestal da igualdade  
Firma o povo liberdade,  
Um canto á fraternidade  
Entoa a voz da nação  
Que em delírio violento  
Fita altiva o firmamento,  
E adora por um momento  
A deusa – Revolução! (AMÁLIA, *apud* PRIORE; PINSKY, 2012, p. 419).

Narcisa Amália escreveu muito para jornais, pois era a maneira de apresentar suas opiniões a respeito de acontecimentos diversos do Brasil e do Mundo. Em 1888, no jornal *O Garatuja*, “saúda o jornalista José do Patrocínio, jornalista líder abolicionista do século XIX. Ambos, como muitos outros intelectuais queriam a atualização da sociedade, modernização das estruturas, a elevação da participação política.” (PRIORE; PINSKY, 2012, p. 420). É citada por Telles (2012) como uma mulher inteligente, preparada intelectualmente, escritora, pioneira na luta por seu espaço na literatura, na vida e pela libertação da mulher.

Entre os séculos XIX e XX, podem-se citar ainda as poetisas Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944), de Minas Gerais, e Auta de Souza (1817-1901), de Macaíba, Rio Grande do Norte. A primeira escrevia em jornais temas relacionados à defesa dos direitos da mulher, educação e trabalho. Também deixou importantes livros de poesias e de literatura infantil, tais como: *Rumorejos* (1890), *Sombras* (1906), *Páginas infantis* e *Livros das Aves* (1914) e *Ventiver* (1939). Participou da fundação da Academia Paulista de Letras, em 1909, e era irmã da também escritora Júlia Lopes de Almeida.

Auta de Souza, “poeta negra, de grande inteligência e sensibilidade espiritual, deixou uma aura de grandeza na memória da poesia nordestina” (COELHO, 1999, p. 164). Ainda com pouca idade ficou órfã de pai e mãe e, por isso, foi criada em um internato. Mais tarde, também perdeu o irmão em um acidente e seu grande amor de tuberculose. Nos momentos de melhora no seu estado de saúde, Auta escreveu poemas para jornais e revistas nordestinas e do sul do Brasil, usando, algumas vezes, pseudônimos como Hilário das Neves e Ida Salúcio. Mesmo tendo escrito seus textos em uma época entre a estética parnasiana e a simbolista, foi fiel ao ideário romântico, sendo considerada escritora ultrarromântica. *Horto*, de 1900, com prefácio de Olavo Bilac, é o seu único livro publicado em vida.

No período definido como Pré-Modernismo, Colombina, Gilka Machado e Ercília Nogueira Cobra aparecem em papel de destaque. A primeira, pseudônimo de Y de S. Blumenschein, nasceu em São Paulo em 1882 e faleceu em 1963. Coelho (1999) afirma que foi uma escritora de sólida formação intelectual, tinha uma personalidade intensa, misturava o subjetivismo, a paixão ultrarromântica e o erotismo com as normas da poesia da estética parnasiana. Escreveu *Veslumbres* (1908), *Versos em lá menor* (1930) e *Rapsódia Rubra* (1961). Já Gilka Machado é “das primeiras vozes femininas a romper com o „decoro” público e exalar o amor sensual, [...] foi presença marcante na Poesia Brasileira” (COELHO, 1999, p. 166). O carnal e o espiritual, o sensualismo e a castidade são inerentes à sua poesia, por isso, seus versos causaram escândalo na sociedade conservadora da época. É considerada por alguns críticos como escritora de poesia erótica. Publicou vários livros - sua estreia foi com *Cristais partidos* (1915), seguido de *Estados D’alma* (1917), *Mulher nua* (1922), *Meu Glorioso pecado* (1928), *Sublimação* (1938) dentre outras antologias. A escritora Ercília Nogueira Cobra, conforme Duarte (2011), é “dona de um estilo agressivo, corajoso e irônico, publicou apenas dois livros, mas

estes foram suficientes para torná-la bem conhecida” (p. 47). Um deles é *Virgindade anti-higiênica* (1924) e o outro, em prosa, *Virgindade inútil, novela de uma revolta* (1926), ambos, denunciados pelo próprio título, defendiam o amor livre, longe das convenções de sua época.

No Modernismo, uma das vozes femininas de destaque da poesia brasileira é Cecília Meireles. Nascida no Rio de Janeiro em 1901, conforme Coelho (1999, p. 168) foi um “valor que a crítica levou algum tempo para reconhecer, porque a poesia cecilianiana se apresentava em descompasso com o „novo”, com a ruptura e com a desordem impostas pelo momento heroico do movimento de 22”. *Espectros* (1919) foi o primeiro de seus livros, identificado como simbolista, seguido de *Baladas para El-Rei* (1921) e *Nunca mais...* (1922). Segundo Bosi (2012, p. 492), sua poesia “afia-se ao extremo e toca os limites da música abstrata”. Após dezessete anos emudecidos poeticamente, publica *Viagem* (1939), nele, a poesia e o verso são descobertos “como maneira de ver o universo, múltiplo, imenso, em mutação contínua e necessitando do olhar, do fazer e da palavra do poeta.” (COELHO, 1999, p. 168) Com esse livro, considerado como de sua maturidade, recebe o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras daquele ano.

Nascida no mesmo ano de Cecília Meireles, na cidade mineira de Lambari, destaca-se Henriqueta Lisboa, com uma poesia de vertente mística, vocabulário litúrgico e repleta de musicalidade. Publicou *Fogo Fátuo* (1925), *Enternecimento* (1929), com o qual recebeu o Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras, e *Velário* (1936). Segundo Duarte (2011), publica ainda mais três livros, com versos mais existenciais e libertos dos padrões que a academia propunha.

Nos anos de 1970, Ana Cristina Cezar se destacou como poetisa, ainda que tenha escrito muitos ensaios e prosa. Segundo Cardoso (2011), sobressaiu-se entre os poetas da chamada “geração mimeógrafo ou geração marginal”, quando os próprios poetas escreviam, publicavam e veiculavam seus livros. Mesmo antes de sua alfabetização, a partir dos quatro anos, ditava suas poesias para que sua mãe as escrevesse, aos sete anos publicou seus primeiros poemas no Suplemento Literário do *Jornal Tribuna da Imprensa*, no Rio de Janeiro, sua cidade natal. Foi a partir da antologia poética *26 poetas hoje* (1976), organizada por Heloisa Buarque de Holanda, que Ana C. Cezar se tornou mais conhecida no cenário literário. Sua poesia é vista pelos críticos como individualizada, visceral, intimista, compulsiva e confessional. Era tradutora, ensaísta e por ter escrito muitos poemas publicou o livro

*A Teus pés* (1982) sendo o mais respeitável de seus ensaios, pois foi praticamente uma junção de seus livros anteriores. Ramalho (2003) acrescenta que “após sua morte, o poeta e amigo Armando Freitas Filho organiza sua obra e promove o lançamento dos livros *Inéditos e Dispersos*, em 1985, *Escritos da Inglaterra*, 1988, e *Escritos no Rio*, 1993”.

Elogiada por Carlos Drummond de Andrade por suas poesias, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, conhecida como Cora Coralina, nasceu em Goiás, em 1889. Doceira de ofício até o fim de sua vida foi com a poesia que se tornou conhecida, ainda que também escrevesse contos. A cidade natal, infância e cenas cotidianas do universo doméstico são bastante retratadas em suas poesias de memórias autobiográficas.<sup>3</sup> Desde adolescente publicava alguns de seus poemas em jornais goianos, mas foi somente em 1965 que decidiu publicar, pela primeira vez, suas poesias no livro *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. A pesquisadora Maria Ivone Souza Melo, em sua dissertação de mestrado *Rastros do vintém perdido: uma história de leitura da poesia de Cora Coralina*, afirma que:

Cora Coralina não obedeceu rigorosamente ao cânone literário vigente à época da sua inserção no campo das Letras, sobretudo por quebrar o paradigma da escrita memorialística em prosa, e optar em escrever suas memórias sob forma de poesias. Levando uma vida intensa, vivida com simplicidade e tenacidade, ela se foi revelando até ver seus livros publicados e ter o reconhecimento nacional, embora não tenha sido eleita para constar nas grandes antologias, ao lado de nomes “consagrados”. (MELO, 2011, p.19)

Cora Coralina contribuiu com muitos periódicos e publicou três livros de poemas: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965), *Meu livro de cordel* (1976) e *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1983). Em 1983, venceu o Prêmio *Juca Pato*, da União Brasileira dos Escritores, que nunca havia sido concedido a uma mulher, com o livro de poemas *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. No mesmo ano, foi condecorada com o título de Doutora Honoris Causa da Universidade Federal de Goiás (UFG). Faleceu em Goiânia, em 10 de abril de 1985.

Helena Kolody é outra importante poetisa, nascida em 1912, em Cruz Machado, interior do Paraná, faleceu em 2004, deixando um considerável número

---

<sup>3</sup>Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_lit/definicoes/verbete\\_imp.cfm?cd\\_verbete=5118&imp=N](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/definicoes/verbete_imp.cfm?cd_verbete=5118&imp=N) acesso em 15 jul. 2014.

de publicações de livros de poemas. Sua poesia agrada a muitos leitores devido à sua simplicidade, a seu aspecto telúrico, que trata de temas que podem se identificar com o “eu” lírico de cada um. Publicou muitos livros de poesia, mas ao final da vida, dedicou-se a escrever haicais e tankas. Autora de mais de vinte livros de poesias, foi condecorada com vários prêmios. Seu primeiro livro é *Paisagem Interior* (1941), seguido de *Música Submersa* (1945), a *Sombra no rio* (1951) dentre outros, publicados até a década de 1990. No livro *Era Espacial* (1966), percebe-se certa divisão de seu trabalho poético: uma primeira fase envolta de um grande lirismo, e a segunda, talvez por ter passado treze anos sem publicar, é como se estivesse num período de reflexão e introspecção, com uma poesia mais filosófica.

Nesta segunda fase, já é possível detectar um enxugamento de seus versos, mais próximo dos haicais e tankas. Sua poesia mais sintética aparece em *Trilha Sonora* (1966), seguindo de *Tempo* (1970), *Correnteza* (1977), *Infinito Presente* (1980), *Palavra Mínima* (1985) e *Poesia Mínima* (1986). Muitas de suas obras foram traduzidas para o ucraniano, por Wira Wouk, uma de suas amigas da Ucrânia, que é professora da Faculdade de Santa Úrsula no Rio de Janeiro. Em 1991, entrou para a Academia de Letras Paranaense. No ano seguinte, Silvio Back, cineasta brasileiro, a homenageia com um curta-metragem *A Babel de luz*, filme que recebeu um prêmio do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Nos anos de 1990, lança *Ontem Agora* (1991), *Reika-Hai-Kais* (1993), *Sempre Poesia* (1994) e *Caixinha de Música* (1996). Em 2002, com *Poemas do amor impossível* (2002), atinge a marca de mais de 22 títulos publicados. Atualmente, está sendo produzido pela fotógrafa, Josina Melo, um documentário sobre os primeiros anos da carreira de Helena Kolody.

A partir da década de 1970, apadrinhada inicialmente por Carlos Drummond de Andrade, são publicados os primeiros versos da escritora Adélia Prado. Adélia Luzia Prado Freitas, nascida em 1935 na cidade de Divinópolis, Minas Gerais, é uma importante poetisa brasileira. Dentre suas publicações, encontram-se antologias, traduções, textos em prosa, inclusive para o teatro, mas assim como Cora Coralina, é em sua poesia que se destaca. Seus livros de poesia são *Bagagem* (1976), *O coração disparado*, (1978), *Terra de Santa Cruz* (1981), *O pelicano* (1987), *A faca no peito* (1988), *Oráculos de maio* (1999) e *A duração do dia* (2010). Telúrica, norteadada pela filosofia cristã, seus textos poéticos são repletos de lirismo que retratam a condição feminina, muitas vezes na sexualidade, já outras no universo doméstico. Conforme afirma Moreira (2000), o espaço “casa” é importante em seus textos, pois

por meio deste ambiente é que a autora presentifica, ao longo de sua obra, a figura da dona-de-casa. Segundo Moreira (2000, p. 82), “pode-se falar, nesse caso, da elaboração de uma verdadeira „poética da casa“ no interior da obra de Adélia Prado.”. A literatura de Adélia Prado é atualmente objeto de estudo de inúmeros trabalhos científicos publicados no Brasil e no exterior, a autora também aparece em entrevistas na imprensa falada, escrita e televisionada.

Marly de Oliveira é outra importante poetisa contemporânea, falecida em 2007. Capixaba do Cachoeiro do Itapemirim foi professora, ensaísta e poeta. Segundo seu blog<sup>4</sup>, mantido por pessoas que eram próximas à escritora, escreveu um grande número de poesias, publicadas em mais de vinte livros. Em 1998, ganhou o Prêmio Jabuti com *Mar de Permeio*. Atualmente, tem um perfil no *Facebook*<sup>5</sup>, que se tornou para os fãs um ponto de contato com sua poesia. De acordo com Meirelles, Marly de Oliveira “apresenta um percurso poético que vai de uma lírica impregnada do sentimento do belo até uma defrontação mais objetiva com as asperezas e inclemência da realidade”.<sup>6</sup> O questionamento de cunho filosófico, relacionado com a vida e a morte, é a grande marca da escrita de Marly de Oliveira.

Alice Ruiz, nascida em Curitiba, em 1946, é a escritora que hoje está mais em contato com a televisão e o universo musical. Segundo o seu *site* oficial, “começou a escrever contos com 9 anos de idade, e versos, aos 16. Aos 26 anos publicou pela primeira vez seus poemas em revistas e jornais culturais. Lançou seu primeiro livro aos 34 anos.” Publicou livros de traduções, literatura infantil, é compositora de diversas canções gravadas em âmbito nacional, além de importante poeta<sup>7</sup>. *Pelos Pêlos* (1984) é seu primeiro livro publicado, seguido de mais de duas dezenas de volumes de poesias, sendo o haikai uma das estruturas poéticas mais utilizadas por ela. Ganhou muitas premiações, dentre elas, em 1989, o Prêmio Jabuti de poesia pelo livro *Vice Versos*, e em 2000, pelo livro *Dois em Um*. Seus poemas foram traduzidos e publicados em diversos países e comumente é convidada para ministrar palestras em bienais, congressos, reuniões literárias em geral, nas quais discorre sobre seu trabalho como poetisa.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://marlydeoliveira.blogspot.com.br/> acesso em 15 jul. 2014.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Marly-de-Oliveira-Poeta/409402465771221?sk=info> 15 jul. 2014.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://pt.shvoong.com/books/biography/1660457-marly-oliveira-vida-obra/> acesso em 15 jul. 2014.

<sup>7</sup> Site oficial Alice Ruiz disponível em: <http://www.aliceruiz.mpbnet.com.br/release.htm>, acesso em 15 jul. 2014.

Por fim, podem-se citar outros nomes, como os de Olga Savary, Myriam Fraga, Neide Archanjo, Renata Palottini e Astrid Cabral, que fazem parte do cenário atual de poetisas brasileiras. Por começarem a escrever e a publicar desde o século XX, a maioria dessas escritoras acumula mais de dez títulos cada. Chegam ao século XXI contribuindo para o cenário literário brasileiro da escrita feminina, também por meio do ambiente virtual.

#### 1.4.2 Século do Romance e a Escrita Feminina

No século XIX, considerado o século do Romance e lugar seguro entre as leitoras burguesas, surge um número razoável de escritoras no Brasil. Mesmo que tenham sido silenciadas nas histórias literárias brasileiras, muitas foram as mulheres que escreveram naquele século. A partir da alfabetização, vozes femininas começam a se destacar em jornais e em revistas, não somente no “âmbito literário, mas também no do questionamento da situação desigual que a mulher vivia em relação ao homem” (COELHO, 1999 p. 160).

Nísia Floresta, figura feminina de evidência no século XIX, além de sua militância feminina, abolicionista e também indígena, deixou dezenas de títulos, como ensaios, poesias e tradução. No entanto, foi Tereza Margarida da Silva Horta a autora do primeiro romance publicado por uma brasileira, em 1752, sob o título *Máximas de virtude e formosura*, assinado com o pseudônimo de Doroteia Engrassia Tavadeda Dalmira. A autoria só é revelada em 1877, quando o romance é publicado novamente, com o nome de *Aventuras de Diófanos*, como ficou conhecido. Apesar de ser paulista de nascimento, a autora passou grande parte da vida em Portugal e, por esta razão, a crítica brasileira o considera um romance português. Assim, *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, cuja autoria é inicialmente atribuída a uma maranhense, fica com o mérito do primeiro romance feminino brasileiro.

Dentre as pesquisadoras que tratam de mulheres escritoras no século XIX, serão utilizadas como base para esse tópico de capítulo: Norma Telles, Nelly Novaes Coelho, Mary Del Priore e Carla Bassanezi Pinski. Coelho (1999, p. 165) dá destaque para Emília de Freitas, Francisca Clotildes e Albertina Berta, que, em sua opinião, são escritoras “fundamentalmente influenciadas pela complexidade de

forças e ideias que cruzavam no cenário intelectual brasileiro no entre séculos: o materialismo positivista, o espiritualismo simbolista e o vitalismo nietzschiano”.

Emília de Freitas (1855-1908) foi jornalista, professora e desde muito jovem publica na imprensa cearense, do Amazonas e Pará. Além de textos didáticos sobre educação e algumas poesias, escreveu crônicas, romance e novela. Seu livro mais comentado é *Rainha do Ignoto* de 1899 que, dentre outras características, traz em seu enredo valores da concepção cristã que “consolidou a dualidade ou ambiguidade inerente à natureza feminina: anjo/demônio, pura/impura, etc.” (COELHO, 1999, p. 165). A autora fazia parte do grupo romântico-realista que marcou o movimento intelectual de Fortaleza, entre os séculos XIX e XX.

A escritora Francisca Clotilde (1862-1932), também professora, foi árdua colaboradora da imprensa cearense e entre suas principais publicações se destaca o polêmico romance *A divorciada*, de 1902. Fundou a revista *A estrela*, voltada ao público feminino. Albertina Bertha (1880-1953), escritora e ensaísta nascida no Rio de Janeiro, marcou presença no rol intelectual carioca, participando de vários grêmios culturais. À frente de suas publicações na imprensa estão os títulos *Exaltação* (1916) e *Voleta* (1926), romance que, por meio do erotismo feminino, suscita discussões sobre o comportamento da mulher exigido por uma sociedade moralista.

Para Telles (2012), Maria Benedicta Camarada Bormann, conhecida pelo pseudônimo de Délia (1853-1895) e Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) são escritoras que muito contribuíram para a literatura do século XIX, em virtude dos romances que publicaram, tanto pela temática apresentada, quanto pelo número de obras.

Maria Benedicta Camarada Bormann nasceu em Porto Alegre, cresceu e viveu no Rio de Janeiro, local onde faleceu, interrompendo prematuramente sua carreira profissional de 10 anos. Recebeu educação “esmerada, tocava piano, desenhava e sabia conversar com brilho e elegância, anotam seus contemporâneos” (TELLES, 2012, p. 364). Aos dezenove anos casa-se com um tio materno, José Bernardo, de carreira militar e também escritor. Começou a escrever desde os quatorze anos, com o amadurecimento vieram os romances, contos e folhetins. “Foi uma das primeiras escritoras [...] a falar a favor da afirmação da sexualidade feminina e a fazer campanhas para a educação sexual das jovens” (PRIORE; PINSKY, 2012, p. 434).

O livro *Lésbia* (1890) suscitou algumas polêmicas, que segundo Telles, isso ocorreu por tratar de questões delicadas:

Decididamente não aprecia o romance e não pensa que a escritora tem aptidões. Araripe Jr. Pensa ser assunto banal, porque a toma como história de amor e parece se sentir agredido com os „conceitos da personagem” a respeito da opinião que os homens, especialmente dos homens de letras, fazem das escritoras (TELLES, 2012, p. 367).

Na verdade, o livro é uma discussão acerca da escrita, do amor pela escrita, porque é uma descrição da vida da escritora, uma crítica à ficção feminina e à mulher das letras. A escritora tem outras obras importantes, como *Aurélia* (1883), *Três irmãs*, *Uma vítima*, *Magdalena* (1884), *Celeste* (1893) e *Angelina* (1894).

Délia, pseudônimo encontrado por Benedicta Camarada Bormann, não foi escolhido no acaso. Telles (2012, p. 431) enfatiza que esse falso nome, comum das escritoras daquela época, começa a ser usado como palavra de poder, “marca de um batismo privado para o nascimento de um segundo eu, um nascimento para a primazia da linguagem que assinala o surgimento da escritora”. Destarte, sua redefinição se inicia como é o caso de outras escritoras, tentar se livrar do patrimônio herdado ou transformá-lo. Logo, Bormann, ao escolher seu pseudônimo Délia, elegeu elementos de poder femininos para representá-lo.

Júlia Lopes de Almeida, filha de pai escritor e mãe musicista, advindos de famílias abastadas, recebeu uma esmera educação. Assuntos como ciência e arte, dentre elas a literatura, eram habitualmente comentados em casa. Começou a escrever desde muito cedo, produzia seus textos de forma escondida, receosa que o pai descobrisse. Foi descoberta pelo irmão chegando, assim, a notícia aos ouvidos de seu pai, que não a repreendeu e facilitou o ingresso da escritora na carreira jornalística. Segundo Telles (2012), começa a escrever profissionalmente para a *Gazeta de Campinaem* em 1885. Nasceu no Rio de Janeiro em setembro de 1862, passou a infância em Nova Friburgo, estudou sempre em casa junto à sua mãe e à irmã mais velha e, já adulta, mudou-se para Campinas:

O período de Campinas, especialmente em meados da década de oitenta do século XIX, foi muito fecundo. Além de iniciar-se como jornalista, ela escreveu contos, um deles publicado em Portugal no *Almanache das Senhoras* em 1889, e dois romances, publicados mais tarde (TELLES, 2012, p. 423).

Mais tarde foi convidada a participar do corpo de redatores do jornal *A Semana*, do Rio de Janeiro, lugar em que já escreviam Olavo Bilac, Artur Azevedo, posteriormente a poetisa parnasiana Francisca Julia e Filinto de Almeida, poeta e articulista, que se torna seu esposo em 1887, mesmo contra a vontade do pai da escritora. Contudo, são os inúmeros romances que a tornará respeitável no universo das letras brasileiras. Títulos como: *Traços e iluminuras* (1887), livro de prosa lírica, *Memórias de Marta* (s/d), *A Família Medeiros* (1889) único que se passa em São Paulo, *A falência* (1902), *A Intrusa*, publicado somente em 1908, mas já publicado anteriormente como folhetim no *Jornal do Comércio*, *Cruel Amor* (1911), *Correio da roça* (1913), *A Silveirinha* (1914), *A Isca* (1922), *A casa verde* (1932), *O Livro das moças e donzelas* (1906) dentre outros.

Coelho (1999, p. 164) alega que a escrita literária de Júlia Lopes de Almeida “revela-se como fusão do lirismo retórico romântico e da visão amarga da vida, de influência positivista. Em essência, sua obra confirma a ideologia dominante, inclusive, reforça a dualidade contraditória com que a tradição estigmatizou a mulher”. Já Priore e Pinski (2012) escrevem que os temas que aparecem nos romances de Júlia Lopes de Almeida são tanto da cidade quanto do campo, de palacetes e cortiços, descrevendo hábitos e costumes dos personagens que aparecem nos romances.

A filantropia e a pobreza eram temas que estavam em moda no final do século, permitindo a mulheres de classes mais abastadas conhecerem e se sensibilizarem com esse mundo discrepante do delas. O livro *Memórias de Marta* (1885) é um exemplo, pois mostra uma camada mais pobre da população. “Apaixonada por flores e jardins, o que na época ainda não se cultivava entre nós, Júlia escreveu um manual de jardinagem” (PRIORE e PINSKI, 2012, p. 440), intitulado *Jardim Florido* (1922). Escreveu também peças de teatro, as quais serão melhores comentadas em outro tópico de capítulo, referentes à mulher e a escrita de textos para teatro.

Um de seus livros que fez bastante sucesso foi o *Livros das Noivas*, publicado em 1896.<sup>8</sup> Nele se retrata a imagem da mulher pela visão da autora. Foi importante para sua época, pois trazia aconselhamentos, recomendações e orientações para as mulheres daquele período. Teve grande vendagem à época,

---

<sup>8</sup>Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/06005600#page/8/mode/1up> Acesso em jan 2015.

sendo reeditado algumas vezes. Além de escritora, também viajou muito, sendo palestrante em assuntos que outras escritoras acima referidas defenderam: o voto, a escolarização feminina, enfim, os direitos da mulher.

Escreveu livros didáticos infantis, como as escritoras Francisca Júlia e Ignez Sabino, para que servissem de cartilhas e substituíssem os estrangeiros que eram adotados. O livro *Histórias de nossa Terra* de 1905, com 22 edições, acaba sendo arte do relato de suas experiências como palestrante ao viajar por grande parte do Brasil. “Pregava reforma na educação e na vida das mulheres, mas dentro do conjunto dos valores burgueses” (TELLES, 2012, p. 482). Em meio aos quarenta anos de carreira, construiu uma figura pública muito conhecida e respeitada. De acordo com Telles (2012), é considerada a maior escritora brasileira depois de Alencar e Machado de Assis na visão de José Veríssimo. Participou de reuniões para a formação da Academia Brasileira de Letras, por ser mulher, somente seu marido, Filinto de Almeida, torna-se membro, ela pertenceu, também, à Legião da Mulher Brasileira de Bertha Lutz, onde em 1919, organizou um novo grupo, nomeado como Universidade Feminina Literária e Artística. Faleceu em 1924, sendo a única escritora de sua época a ganhar fama e dinheiro por meio de sua escrita.

As escritoras entre 1880 a 1900 desempenharam um imprescindível papel na divulgação das visões femininas daquele período. Muitas procuraram modelos de ficção que combinassem força e inteligência, “com a ternura e algum elemento da domesticidade feminina. Ao mesmo tempo, viam esses modelos como inovadores, pois proviam padrões para gerações futuras” (TELLES, 2012, p. 448). Talvez fosse a maneira que as escritoras tinham para lidar com as ideias negativas que a crítica literária exibia a respeito da escrita feminina. Excluídas de uma efetiva participação social, tais mulheres abriram fronteiras, caminhos, em detrimento daquilo que almejavam, como melhor educação e permissão para ter contato com o universo intelectual.

### **1.4.3 A mulher e o romance do século XX**

Os primeiros romances brasileiros que se destacaram no século XX foram os considerados regionalistas. Escritos durante a Era Getuliana, faziam crítica

acerca do homem e de seu meio em momento de grande crise econômica no mundo. Assim, em 1930, durante a segunda fase do modernismo brasileiro, Raquel de Queiroz publica *O quinze*, romance que retrata a grande seca de 1915 no Ceará, o sofrimento da população e a luta pela sobrevivência perante a miséria. O livro alcançou sucesso quando foi lançado no rio de Janeiro e recebeu elogios de Augusto Frederico Schmidt<sup>9</sup>, mas Graciliano Ramos ao ter contato com o romance duvidou de sua autoria ser feminina, pois como um texto daquele, que traduziam o sentimentalismo e o drama da seca, poder ter sido escrito por uma mulher, “e mulher nova”? Descrente, Graciliano fala: “É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado”.<sup>10</sup>

O quinze caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o livro de José Américo, por ser de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: não há ninguém com este nome... pilhéria. Uma garota fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado (RAMOS, 1937, p. 137).

Conforme apontou Coelho (1999, p. 169), é nessa obra que surge a “primeira séria reflexão sobre a dualidade conflituosa do ser-mulher, num meio social estratificado e sem horizontes”. A pesquisadora também afirma que, aproximadamente, entre os anos de 1930 e 1940, a temática de predomínio social e de conscientização ética, surgida nos romances, traz uma heroína “entre resignada e melancólica, do bloqueio imposto pela tradição patriarcal à liberdade de escolha de própria vida. Frustração amorosa. Tentativa de valorização da capacidade intelectual da mulher” (COELHO, 1999, p. 6). Dessa forma, a oscilação entre o endosso ao sistema e a indagação sobre os valores da Igreja se mostrava aparente nas heroínas. Raquel de Queiroz publicou mais de 20 obras, algumas traduzidas para várias línguas, conquistou inúmeros prêmios literários entre os anos de 1930 a 2001 e, em 1977, tornou-se a primeira mulher a ser eleita para Academia Brasileira de Letras.

Já a jornalista paulistana Patrícia Galvão, conhecida como Pagu, publica em 1933, *Parque industrial*. O romance descreve o panorama político da Revolução de 1930, a opressão sofrida pelas classes desfavorecidas e a luta dos operários,

<sup>9</sup> Poeta da segunda geração modernista.

<sup>10</sup> Disponível Em: <http://literatortura.com/2012/08/cronos-da-cronica-rachel-de-queiroz-o-nosso-humilde-oficio-de-escrever/> acesso em jan 2015.

cenário em que a mulher operária é o foco principal. Para Lobo (2002, s/p), o romance é “um retrato psicológico original do dia-a-dia das operárias numa fábrica [...] e teve de ser publicado com o pseudônimo de Mara Lobo, por exigência do Partido Comunista stalinista de então, que o considerou excessivamente intimista”. À época, outras autoras escreveram romances que seguiram a linha da contextualização social como, por exemplo, Carolina Nabuco com a obra *A sucessora* (1934) e Dinah Silveira de Queirós com *Floradas na Serra* (1937).

Nos anos de 1940, destacam-se escritoras como Lygia Fagundes Teles, Maria de Lourdes Teixeira e Helena Silveira. De acordo com Coelho (1999, p. 170), o problema central da produção romanesca era vinculado a uma consciência moral, “pois se trata ainda do desencanto da vida, „desencanto amoroso“, no „certo“ ou no „errado“ das decisões ou opções feitas e que redundam sempre no fracasso da mulher, não só diante de si mesma, mas também diante do meio social”.

Lygia Fagundes Teles se destacou entre as três autoras, com personagens femininas que não apresentam um padrão de “mulher perfeita”, pelo contrário, mostram a face maldosa e “perigosa” da mulher. Lygia Fagundes Teles iniciou sua vasta publicação com o livro de contos *Porão e sobrado*, em 1938, mas se tornou conhecida por romances como *Ciranda de pedra* (1954), *Verão no aquário* (1963), *As meninas* (1973) e *As horas nuas* (1989)<sup>11</sup>. Pelas publicações de antologias, traduções de seus textos para diversas línguas e edições de romances e livros de contos, conquistou uma vasta lista de premiações. Atualmente, é membro da Academia Brasileira de Letras, lugar que ocupou em 1982.

Em 1944, é publicado *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, e já é possível perceber a singularidade dos textos da autora, pela preocupação com o existencial e com a realização “do *eu* em relação ao *outro*, numa dimensão que ultrapassa a relação amorosa comum” (COELHO 1999. p. 171). Gotlib (2010) afirma que Clarice Lispector:

[...] escreve em fragmentos soltos, em guardanapos ou pedacinhos de papel, que, depois, se perdem, já que, para a autora, são apenas suportes descartáveis. A escritora espalha esses miolos de papel na sua trilha. E são eles recuperados pelo leitor que a segue nesse percurso de vida e obra, atenta aos sinais, rastros, na tentativa de remapear os sentidos. Mas sem nunca alcançar o alvo, já que é fisgado pela autora que, calculadamente, desnorteia o rumo do leitor-perseguidor e projeta-o na contramão (GOTLIB, 2010, p. 184).

<sup>11</sup>Disponível em: [http://www.releituras.com/lftelles\\_bio.asp](http://www.releituras.com/lftelles_bio.asp) acesso em 04 fev. 2014.

Durante os 37 anos de construção de sua obra, procurou desvendar as profundezas de sua alma por meio da literatura, dessa forma passou a ser vista como precursora da visão existencialista na literatura, “que descobre o ser humano com „novo centro“ do mundo e atribui a sua palavra o poder de revelar o novo real, vislumbrando para além do já conhecido.” (COELHO, 1999, p. 170). Durante o percurso de vida e obra, a autora sempre se pautou em exprimir o inexprimível da natureza humana. Foi jornalista, participou de programas televisivos, publicou romances, contos, literatura infantil. Sua obra também ganhou espaço entre a crítica literária estrangeira.

Segundo Coelho (1989), a partir dos anos de 1950, multiplicam-se romances e contos, que demonstram a consciência de que:

o problema da mulher só será resolvido quando os limites tradicionais, mantidos pela sociedade, forem ultrapassados e ela puder se projetar como ser humano, para além do círculo amoroso, homem/mulher, que se apresenta como único caminho de realização para ela (COELHO, 1989, p. 9).

Nesta esteira, estão escritoras como Helena Silveira, que escreveu romances, peças teatrais, foi jornalista e grande defensora da causa feminina; Hilda Hilst, escritora paulista cuja obra retrata a fragilidade humana e suas limitações, filosofa acerca do amor, a morte, o tempo, a busca, solidão e a grandeza do homem, enfim, sempre alude para questões relacionadas à condição humana perante o mundo.

Outra importante escritora brasileira é Nélida Cuiñas Piñon, nascida no Rio de Janeiro em 1937. Em 1961, publicou seu primeiro romance *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*. Segundo a própria autora, a crítica a considerou inovadora em sua linguagem, porém hermética:

Em 61, quando estreei, ganhei o estigma de ser uma escritora difícil, uma escritora de elite, quando naquele momento, eu estava iniciando minha campanha pessoal, minha campanha de artista em relação a uma linguagem. Eu buscava expressar-me através de uma linguagem nova, de uma sintaxe pessoal. Lutei por isso porque, desde menina, compreendia que tinha de subverter a sintaxe bem comportada, pois as palavras que nela estão, são, de modo geral, também muito bem comportadas. São palavras oficializadas, institucionalizadas, estatutizadas. Então, eu busquei um caminho que subvertesse essa noção de realidade que me implantavam. [...]<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup>Site oficial Nélida Piñon disponível em: [http://www.nelidapinon.com.br/autora/aut\\_biografia.php](http://www.nelidapinon.com.br/autora/aut_biografia.php) acesso em abr. 2014

Marina Colasanti, Lya Luft, Helena Parente Cunha, Patrícia Melo, Márcia Denser, dentre muitas outras, são nomes de escritoras que continuam produzindo literatura no Brasil e que entraram para o circuito *mass-mídia*. Marina Colasanti, por exemplo, nascida no norte da África, morou na Itália durante a infância, mas durante a puberdade, veio para o Brasil, lugar em que se naturalizou como escritora. Em seus quarenta anos de produção, enveredou-se por caminhos diferentes. Livros traduzidos, contos, poesias, ensaios jornalísticos, também se destaca na ficção infantil e infanto-juvenil. Segundo Silva (2012, s/p):

De seu cosmopolitismo, vem a competência para a tradução; da sua passagem pelo jornalismo, suas sensíveis crônicas; de sua atuação como palestrante e de sua experiência como editora de revista, vêm seus lúcidos ensaios sobre a literatura e a condição feminina; das suas lembranças de menina, os contos de fadas reinventados e as narrativas memorialistas; da reflexão sobre a vida moderna, as ficções voltadas para o público adulto; do mais íntimo do seu ser, vem a sua sensível poesia. Contudo, essa diversidade é aparente, pois sua obra é singularmente coesa – os núcleos temáticos que lhe servem de eixo são reduzidos, assim como é reduzido o conjunto de imagens de que se vale, ancoradas na tradição clássica.

Assim, em seus textos são discutidos temas como relações familiares, amorosas, egoísmo, inveja e a condição feminina. Mesmo os textos escritos para o público infanto-juvenil, “contos de fadas”, “com cenários e personagens europeus, ambientação medieval e dicção poética,” (SILVA, 2012, s/p). Marina Colasanti envolve leitores de todas as idades. Da mesma forma que outras autoras atuais, sua obra vem sendo objeto de teses e dissertações nas universidades de todo país. Já Lya Luft, professora aposentada da UFRGS, atualmente é colunista da revista *Veja*. Nos anos de 1960, iniciou na literatura como tradutora de literaturas em inglês e, sobretudo, alemão, em virtude de sua ascendência. Autores como Hermann Hesse, Reiner Maria Rilke, Virginia Wolf, Thomas Mann dentre outros foram traduzidos pela autora.<sup>13</sup> Iniciou escrevendo livros de poemas, mas a partir da década de 1980 escreveu vários romances, entre eles *As Parceiras* (1980), *Reunião de Família* (1982), *O Quarto Fechado* (1984), *Exílio* (1987), *A Sentinela* (1994), *O rio do Meio* (1996) dentre outros. Conforme o sítio *Releituras*<sup>14</sup>, a autora comumente escreve a respeito de sua luta contra os estereótipos sociais. Segundo Luft:

<sup>13</sup> Disponível em [http://www.releituras.com/lyaluft\\_bio.asp](http://www.releituras.com/lyaluft_bio.asp). Acesso em 16 jul 2014.

<sup>14</sup> Disponível em <http://www.releituras.com/>. Acesso em 16 jul 2014.

Essas coisas que obrigam as pessoas a ser atletas. Hoje é quase uma imposição: a ordem é fazer sexo sem parar, o tempo todo. A ordem é não fumar, não beber. É essa loucura o dia inteiro na cabeça. Quem não for resistente acaba enlouquecendo. E a vida fica para trás. Hoje as pessoas estão sofrendo muito. Um sofrimento absolutamente desnecessário. Especialmente as mulheres que fazem plástica logo que veem uma ruga no rosto. Plásticas de inteira inutilidade<sup>15</sup>.

A escritora afirma que as mulheres não são seus personagens exclusivos, pois na verdade ela escreve a respeito daquilo que a espanta e a assombra. Cimara Valim De Melo (2005), na dissertação intitulada *Lya Luft: Percursos entre Intimismo e Modernidade*, declara que o universo da escrita de alguns romances da autora traz como temas principais o interior humano e suas dissonâncias em relação ao mundo, sensações de exílio, solidão, angústia, ou seja, é uma narrativa intimista que está relacionada com o indivíduo e com a sociedade contemporânea. Já Xavier (1998, s/p) afirma que a autora, principalmente a partir da década de 1980, “tematiza o drama da mulher, educada dentro de rígidos padrões moralistas; como geralmente ocorre com as narrativas de autoria feminina, percebe-se, aqui, o cunho autobiográfico [...] vivendo numa sociedade conservadora.”

Tânia Faillace, escritora e jornalista, começou a escrever literatura na década de 1960. Entre novelas e contos, o destaque vai para o romance *O Beco da Velha*, concluído após 14 anos de trabalho, possui 7748 páginas organizadas em 19 volumes. Intitulado pela autora de folhetim épico, o enredo se passa em 1975 e conta a história do dia-a-dia de uma favela localizada na cidade de Porto Alegre, em que a protagonista, em busca de igualdades sociais, participa ativamente de muitas lutas políticas. Tânia Faillace publicou também os romances *Fuga* (1964), *Adão e Eva* (1965) e *Mário/Vera Brasil* (1983), sendo este último autobiográfico.

Patrícia Bins também marca seus romances pelo intimismo. Nascida no Rio de Janeiro, inicia sua produção literária no final da década de 1960 e até o final da década de 1990 publicou mais 10 livros.

Falecida aos 74 anos, em 2013, Sonia Coutinho é outra autora que contribuiu para a escrita literária brasileira. Baiana, viveu no Rio de Janeiro desde 1968, fato este que Xavier (1998, s/p) menciona como decisivo para estruturação de sua obra:

A temática da mulher madura, sozinha na cidade grande, tentando realizar seus sonhos e viver a vida em sua plenitude, é uma constante. O ambiente

<sup>15</sup> Disponível em <http://www.releituras.com/> Acesso em 16 jul 2014

reduzido da cidade pequena não satisfaz a personagem, que busca em Copacabana a realização de seus sonhos.

Solidão, angústia e uniões desfeitas são temas presentes em seus textos. A autora representa a crise da mulher de 1980, em que os alicerces dos valores patriarcais começam a sofrer maiores transformações, ou seja, as personagens femininas se dividem entre sua busca de plenitude existencial e pessoal e o espaço cultural formado para ela, o dos deveres domésticos. Publicou 11 livros e traduziu outros 30, dois dos quais receberam o Prêmio Jabuti de Literatura, um em 1979 e outro em 1999.

Outra escritora da atualidade é Helena Parente Cunha, professora e pesquisadora da Universidade Estadual da Paraíba. Além da intensa vida acadêmica, a autora publicou 26 livros. Iniciou a carreira com livros de poesias e, na década de 1970, destaca-se como ficcionista recebendo muitos prêmios pela escrita de romances, contos e ensaios. O mais conhecido e comentado pela crítica é o romance *Mulher no Espelho* (1985). Por meio de um discurso indireto livre, metalinguístico, recheado de monólogos interiores, a identidade feminina perante a sociedade é um dos assuntos tratados.

No século XX, Zélia Gattai foi a representante dos romances de cunho memorialista no Brasil. Iniciou sua carreira literária aos 63 anos, com a publicação de *Anarquistas Graças a Deus* (1979), que retrata a sua infância em São Paulo, focando na vida de seus pais e na realidade dos imigrantes italianos na primeira metade do século XX. “O livro foi traduzido para diversos países, sendo adaptado para o teatro e para uma minissérie de televisão. Com este livro recebeu o Prêmio Paulista Revelação Literária, de 1979. Outro livro de memórias, que se tornou peça teatral, foi *Um chapéu para viagem*, em 1982.”<sup>16</sup> A partir daí, outros livros memorialistas e romances foram publicados até o ano de 2006. Escreveu também literatura infantil: *Pipistrela das Mil Cores* (1989), *O Segredo da Rua 18* (1991) e *Jonas e a Sereia* (2000). Apesar de ter começado tardiamente na literatura, sua obra rendeu prêmios importantíssimos como “A mulher do Ano”, pelo Conselho Nacional da Mulher, em 1989, “Comenda das Artes e das Letras”, dada pela ministra da França, Catherine Trautmann, em 1998,<sup>17</sup> uma das Cadeiras na Academia Brasileira

<sup>16</sup>Disponível em [http://www.e-biografias.net/zelia\\_gattai/](http://www.e-biografias.net/zelia_gattai/) Acesso em jul. 2014.

<sup>17</sup>Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=75&sid=245> Acesso em jul. 2014.

de Letras, em 2002, e o prêmio “O Infante de Dom Henrique”, em Portugal, no ano de 1986.

No gênero romance policial, pode-se citar Patrícia Melo. Escritora, dramaturga e roteirista, publicou *Acquatoffana* (1994), *O matador* (1995), *O elogio da mentira* (1998), *Inferno* (2001), *Valsaegra* (2003), *Mundo perdido* (2006), *Jonas, o copromanda* (2008)<sup>18</sup>. Segundo a pesquisadora Lúcia Osana Zolin (2007, p. 55), a autora:

Em vez de desenvolver temáticas memorialistas, autobiográficas, com ênfase no universo doméstico e em um „eu“ feminino, Patrícia Melo demonstra uma preferência em construir textos narrados, em primeira pessoa, por narradores masculinos, não raramente identificados como assassinos, narrando o próprio universo e temáticas afins.

É nesta linha que, além dos roteiros para o cinema e livros, cria também textos para o teatro e a televisão. Obteve a conquista de prêmios tanto no Brasil quanto no exterior por seu estilo literário, cujos personagens são descritos psicologicamente em uma narrativa ágil de situações extremas.<sup>19</sup>

Márcia Denser é outra escritora e jornalista de destaque pelos seus textos de caráter violento e mordaz. *Diana Caçadora* (1986) é um de seus livros mais importantes. Segundo Xavier 1998, s/p), essa coletânea de pequenas narrativas “cuja disposição é significativa na medida em que torna visível a crescente degradação da protagonista”. Márcia Denser escreveu apenas um romance entre os livros de contos e traduções, *Caim Sagrados Laços Frouxos* (2006).

Logo, há uma plêiade de mulheres que escreveram e continuam a publicar literatura no Brasil. Impossível seria registrá-las todas aqui. Nomes como Dinah de Silveira de Queiroz, Ana Maria Machado, Rosiska Darcy de Oliveira, por exemplo, foram mulheres que conseguiram um lugar na *Academia Brasileira de Letras*. Já Adriana Falcão, Luiza Lobo, Clara Averbuck, Marla de Queiroz, Juliana Frank, Cristiane Sobral, Thalita Rebolças, Tula Pilar Ferreira, dentre muitas outras, são escritoras atuais que, na maioria das vezes, utilizam o espaço virtual para divulgar seus textos. Principalmente após 2001, diferentes *homepages*, *blogs*, *vlogues*, páginas de relacionamentos e sítios em geral, auxiliaram muitas mulheres que estavam no anonimato a mostrar sua produção. A publicização de textos literários no

<sup>18</sup> Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/biografia/PatriciaMelo.htm> Acesso em jul. 2014.

<sup>19</sup> Disponível em [http://origin.swissinfo.ch/por/patr%C3%ADcia-melo-recebeu-pr%C3%AAmio-em-frankfurt-/37109504?WT.mc\\_id=POR\\_gc\\_6-DSA\\_cat:swissinfo.ch&WT.srch=1](http://origin.swissinfo.ch/por/patr%C3%ADcia-melo-recebeu-pr%C3%AAmio-em-frankfurt-/37109504?WT.mc_id=POR_gc_6-DSA_cat:swissinfo.ch&WT.srch=1) Acesso em jul. 2014.

meio virtual tem como resposta o imediatismo, a troca com o leitor, a divulgação. Nesse sentido, atualmente, um incontável número de escritoras se utiliza deste espaço para escrever literatura.

#### 1.4.4 O Teatro

São várias as participações femininas no teatro brasileiro, desde o século XVI, mas apenas a partir do final do século XIX é que o teatro de produção feminina começou a emergir no Brasil e, somente na segunda metade do século XX, que as escritoras do gênero dramático começaram a ganhar evidência, sobretudo, em consequência da pesquisa acadêmica na área. Como afirma Pallotini (1989), as mulheres trabalharam em vários níveis de arte desde o início da colonização, inclusive a dramática; contudo, por muitos motivos culturais de diferenciação entre os gêneros suas obras e peças teatrais não se tornaram conhecidas. A importância das mulheres abrange tanto a produção de textos de dramaturgia, quanto à participação como atrizes, desafiando preconceitos nos palcos brasileiros.

No século XVI, o teatro tinha objetivos catequéticos, o texto era empregado com pelos jesuítas com finalidade didática. Leite (1965) afirma que são poucos os documentos descobertos, por meio da pesquisa acadêmica, que informam a respeito das mulheres e sua participação no teatro durante o período de colonização. As figuras femininas, como freiras e índias, deixaram de participar da representação “dos *Autos de Anchieta* e outros que marcaram a tradição didática de nosso teatro” (LEITE, 1965, p. 12) devido ao impedimento da participação de mulheres no palco, pela lei geral da Companhia em 1599. Os objetivos da proibição eram evitar que “a mocidade fosse excitada ao devaneio ou às paixões, antes do tempo e que os adversários de má fé desvirtuassem as intenções dos mestres” (LEITE, 1965, p. 12). No entanto, como a lei não chegou ao conhecimento de parte da população daquela época, as mulheres foram conquistando o direito à participação no teatro, com uma liberdade maior do que no contexto europeu. Dentre as participações, estão as:

Festas folclóricas, que está a autêntica tradição e nosso teatro, infelizmente interrompida por preconceitos mil e pelos dramalhões portugueses, mais tarde substituídos pelos vaudevilles, mal traduzidos e pior imitados por

escritores considerados brasileiros. E nessa tradição, as mulheres, de todas as cores, religiões e feitios, exercem influência preponderante, com sua graça para cantar e sua peculiar expressão de dançar (LEITE, 1965, p. 13).

As mulheres, que já participavam de apresentações nos festejos em ruas e praças, aos poucos começaram a se interessar por adentrar os palcos eruditos, os teatros oficiais. Uma das poucas mulheres que conseguiu tal feito foi “D Maria Benedita de Queirós Montenegro, que em 1797 [...], assinava, em Porto Alegre, contrato de um ano com o proprietário da Casa da Ópera para montagem de espetáculos” (LEITE, 1965, p. 13). Mesmo com a vinda da proibição de que mulheres não pudessem participar dos palcos, decretada por D. Maria I, em 1780, D Maria Benedita alcançou por alguns anos considerável público, passando a ser chamada de D. Maria da Casa da Ópera. Na maioria das vezes, os papéis femininos em peças teatrais eram representados por homens transvestidos. Todavia, nesse ínterim, mais duas atrizes se destacaram: Maria Joaquina da Silveira e Gertrudes Maria Cesariana, isto ainda no século XVIII.

Quanto à escrita de peças teatrais, há o registro de um drama, de 1797, chamado *Tristes efeitos do amor*, escrito por uma “Anônima e Ilustre Senhora da Cidade de São Paulo. Supõe-se que fosse Tereza Margarida da Silva Horta, mas não está confirmado” (PALLOTINI, 1989, p. 103). No anonimato, a publicação era mais fácil, que naquele tempo era considerado vulgar uma mulher se importar com esse tipo de arte, assim como ser ator de teatro, era considerada uma profissão desmoralizante. Segundo Leite (1965), o período entre século XVI e XVIII pode ser considerado de pré-formação do teatro brasileiro.

Com a chegada dos europeus, lentamente são trazidos para cá os modelos clássicos da arte dramática cultivados na antiga Grécia. Todavia, é no século do romance que se pode noticiar um teatro realmente brasileiro. Curioso é que nesta época chegam atrizes europeias que deram início à fase do vedetismo, também aqui no Brasil, “característica universal do século XIX e que, entre nós, tomou também aquele tom de apaixonado lirismo, sobretudo quando, duas décadas após a independência, o delírio romântico apropriou-se de nossos poetas e estudantes.” (LEITE, 1965, p. 16).

Ainda naquele século, surgiu uma das primeiras e principais dramaturgas do teatro brasileiro, Josefina Álvares de Azevedo, que, segundo Coelho (2002, p. 301), foi também jornalista, biógrafa e poeta:

importante presença intelectual de destaque no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, [...] é uma das precursoras do movimento feminista no Brasil". Josefina encenou, em 1890, a comédia *O voto Feminino*, no Recreio Dramático, na cidade do Rio de Janeiro, obra que se tornou importante para o movimento pela conquista dos direitos femininos (OLIVEIRA, 2009, s/p).

No livro *O Florete e a máscara: Josephina Alvares de Azevedo do século XX*, de Valéria Andrade Souto Maior, da Editora Mulheres, a autora apresenta um índice Bibliográfico de Dramaturgas Brasileiras do século XIX, dentre elas, nomes importantes como os de Angélica Ribeiro e Guilhermina Rocha.

No terreno da composição do teatro musical, segundo Leite (1965), o nome de destaque é Chiquinha Gonzaga, que a pesquisadora classifica como a maior figura feminina do teatro brasileiro, "pois não creio que até hoje homem algum haja conseguido superá-la. Igualá-la, talvez." (LEITE, 1965, p. 10). Francisca Hedwiges Neves Gonzaga nasceu no Rio de Janeiro, em 1847. Foi pioneira e respeitável musicista brasileira, muito conhecida pela marcha de carnaval *O abre Alas* (1899). Compositora de mais de 77 partituras para o teatro, entre eles *Forrobodó*, que chegou a 1500 representações (LEITE, 1965, p. 11).

Júlia Lopes de Almeida é outra escritora importante, sua conhecida peça *A herança*, foi representada pela primeira vez em 1908, no Teatro da Exposição Nacional. Priore e Pinski (2012) também dão destaque a *Quem não perdoa*, encenada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1912. Leite (1965) a assinala como pioneira na temática em prol das raízes nacionais e, tecnicamente, em utilizar uma estética mais erudita, por isso é citada ao lado de escritores como Machado de Assis, Artur Azevedo, João do Rio e Coelho Neto.

Pallotini (1989) afirma que, na verdade, não se pode falar de um início de autoria feminina na arte dramática, a não ser no século XX, por volta do fim da década de 1930, quando surge a *Companhia Dulcina de Moraes*, cujo trabalho marcaria o início de uma nova era no teatro profissional brasileiro. Dulcina de Moraes foi exemplo de atriz e diretora de teatro da época. Ela lançou Maria Jacinta, uma professora, diretora e autora, com a peça *Conflito*, "encenada em outubro de 39, no Rio de Janeiro. Foi premiada pela Academia Brasileira de Letras e publicada depois, em 1942, pelas Edições Meridiano, do Rio Grande do Sul" (PALLOTTINI, 1989, p. 105). A peça conta a história de Gilda, jovem educada nos Estados Unidos,

com ideias um tanto ousadas para a época, que tenta romper com os padrões tradicionais impostos à mulher de seu tempo. Maria Jacinta pode ser considerada a precursora da dramaturgia brasileira, escreveu outras peças e se destacou pela intitulada *Já é manhã no mar*.

Pallottini (1989) afirma também que a escassez de obras femininas muitas vezes se dá pelo fato de o escritor de teatro ter a ânsia de encenar as suas peças e não publicá-las, acarretando, principalmente nos anos em que o teatro estava caminhando para ganhar força no Brasil, o desaparecimento do texto. O teatro, conforme Pallottini (1989), deve ser vivo, dinâmico, pois acontece em palco, logo, acabando o espetáculo, a peça acaba ali.

No artigo “A mulher no teatro brasileiro a partir das críticas de Barbara Heliodora”, Rosilane Aparecida Silva<sup>20</sup> argumenta que se escrever para o teatro já significava transgredir regras, atuar era ser mal visto pela sociedade, pelo menos até a década de 1960. O preconceito contra o teatro atingia até mesmo os homens, então “o que dizer de uma mulher que sai para uma companhia teatral, para ser atriz, trabalhar junto a outros homens, [...] o que seria dito dessas mulheres?” (ANDRADE, 2005, s/p). Eram vistas como prostitutas, pois se esperava que a mulher fosse dona de casa ou, no máximo, professora. Aos poucos esse cenário foi mudando e a voz feminina se tornou autônoma, tanto para mulheres que escreviam teatro, quanto para as que eram atrizes, produtoras e diretoras. A romancista Raquel de Queiroz foi uma dessas mulheres que desafiou o preconceito escrevendo peças como *Lampião* (1953), que trata da vida do cangaceiro Virgolino, e *A Beata Maria do Egito* (1962), uma releitura da história de Santa Maria Egipciana.

Hilda Hilst também foi uma respeitável dramaturga. As obras *O Verdugo* (1969), encenada em 1971, *Ratos no Muro* (1967), apresentada em 1969, *O Novo sistema* (1968), *As Aves da noite* (1968), *O auto da Barca de Camirisão* também de 1968 aparecem entre as principais. Alguns de seus textos encenados ganharam prêmios e foram condecorados entre palcos do Rio de Janeiro e São Paulo. Pallottini (1989) afirma que, muitas vezes, bons escritores de poesia ou romance, quando se enveredam pelo campo do teatro, não se saíam tão bem quando em outros gêneros;

---

<sup>20</sup>Disponível em: [http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/1\\_Edicao/A%20mulher%20no%20teatro%20brasileiro%20a%20partir%20das%20criticas%20de%20Barbara%20Heliodora%20Rosilane%20Aparecida%20Silva.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/1_Edicao/A%20mulher%20no%20teatro%20brasileiro%20a%20partir%20das%20criticas%20de%20Barbara%20Heliodora%20Rosilane%20Aparecida%20Silva.pdf)  
Acesso em ago de 2014.

contudo não foi o que aconteceu com autora Hilda Hilst, que mesmo na dramaturgia continuou com uma extraordinária qualidade literária, na tradição do seu singular lirismo:

O teatro da autora, constituído de oito peças escritas entre 1967 e 1969, é considerado praticamente inédito, pois as peças foram pouco divulgadas, tendo sido algumas encenadas pela Escola de Arte Dramática de São Paulo e por vários grupos amadores e apenas *O Verdugo* recebeu o prêmio Anchieta de 1969. Nas peças teatrais a autora aponta a crueldade, injustiças sociais e pessoais e demais atrocidades humanas, inclusive situações que correspondiam ao momento político da década de 1960, início de 1970: a ditadura militar no Brasil (SANTOS, 2006, p. 13).

No que se refere a atrizes, Silva<sup>21</sup> considera a paulistana Cacilda Becker a representante máxima da dramaturgia brasileira, vencendo barreiras, tornou-se notável por suas atuações em 68 peças, nos seus trinta anos de carreira. A peça *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, foi um de seus melhores trabalhos. Cacilda Becker brilhou ao lado de nomes como Celso Martinez e Augusto Boal.

Nas décadas de 1970, aparecem nomes como: Leilah Assunção, com as peças *Fala baixo senão eu grito* (1969), *Jorginho*, *O Machão*, sendo essa última um sucesso que tratava da condição da mulher. Consuelo de Castro, com *A Invasão dos Bárbaros* (1968), *À Flor da pele* (1969), *O Poço Ensanguentado* (1971) e *Caminho de Volta* (1974), todos com temáticas que perpassavam entre movimentos estudantis e política e Isabel Câmara, com a peça *As Moças*, também são destaques. Essa foi a única obra de teatro escrita pela também atriz Isabel Câmara, encenada no Teatro Ipanema, no Rio de Janeiro. No entanto, *As Moças* foi considerada importante para os dramaturgos da geração de 1970 por tratar de um tema relacionado à contracultura.

Outros dois nomes notáveis da dramaturgia feminina brasileira são Maria Adelaide Amaral e Renata Pallottini. Como afirma Coelho, Maria Adelaide Amaral nasceu no Porto, em Portugal, mas se radicou em São Paulo a partir de 1954, e foi considerada grande escritora, dramaturga e ficcionista: "[...] sua produção está entre aquelas que buscam a nova linguagem dramática em tramas e gestos capazes de

---

<sup>21</sup> Disponível em: [http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/1\\_Edicao/A%20mulher%20no%20teatro%20brasileiro%20a%20partir%20das%20criticas%20de%20Barbara%20Heliodora%20Rosilane%20Aparecida%20Silva.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/1_Edicao/A%20mulher%20no%20teatro%20brasileiro%20a%20partir%20das%20criticas%20de%20Barbara%20Heliodora%20Rosilane%20Aparecida%20Silva.pdf) acesso em ago. de 2014.

expressar a nova ótica da qual as mulheres estão vendo a si mesmas, ao outros, e principalmente, em relação ao tempo social e a mudança" (COELHO, 2002, p. 402).

Maria Adelaide Amaral, assim como Consuelo Castro, Leilah Assumpção e Hilda Hilst são exemplos de mulheres dramaturgas que expressam o universo feminino, principalmente no que se refere às relações homem-mulher. Entre mais de vinte peças escritas para o teatro, as de maior sucesso foram *Bodas de Papel*, *Resistência*, *Ossos do Ofício*, *Chiquinha Gonzaga*, *De Braços Abertos* e *Cemitério sem cruces*. Entre os prêmios e homenagens recebidas, destaca-se o Prêmio Molière de teatro, por duas vezes. Já Renata Pallottini é ensaísta, tradutora, poetisa e dramaturga. Em seu *blog*<sup>22</sup>, encontram-se informações de todas suas obras já publicadas, entre ensaios, prosa, poesia, literatura infantil e teatro. Percebe-se que sua contribuição vai além dos palcos. Em 1964, por exemplo, foi professora de História de Teatro Brasileiro, na Escola de Arte Dramática, e diretora da Escola de Arte Dramática da USP. Também trabalhou como roteirista do programa infantil televisivo *Vila Sésamo* e entre as décadas de 1970 a 1980 publicou oito peças teatrais. Entre as últimas peças estão *Enquanto se vai morrer* (1973), *Pedro pedreiro* (1986) *Colônia Cecília* (1987) e *O país do sol* (1997), destacou Levy (1996).

Para Leite (1965), Maria Clara Machado é uma autora que possui lugar exclusivo no panorama universal do teatro infantil, porque sua obra apresenta uma sensibilidade poética colocada a serviço de um apurado instinto psicológico, "indispensável à interpretação do espírito do adulto com o infantil e do nacional com o universal" (LEITE, 1965, p. 10). Nascida em Minas Gerais, faleceu em 2001, aos 80 anos. Apesar de ter dirigido peças para o público adulto, dedicou parte de sua vida à criação de peças infantis e direção de teatro para crianças. Entre as dezenas de peças encenadas, *Pluft, O Fantasminha* (1955) é a de maior destaque. Também trabalhou como atriz, fundou a escola de teatro *Tablado*, no Rio de Janeiro e recebeu incontáveis homenagens e premiações.

Há ainda nomes como os das dramaturgas Jandira Martins e Leila Mícolis, que são destaques atuais entre as mulheres que escrevem teatro no Brasil. Jandira Lúcia Lália Martini, nasceu em Santos, em 1945, é atriz, autora e diretora. Em 1970, fundou no Rio de Janeiro o *Royal Bexiga's Company*,<sup>23</sup> e entre os anos de 1980 e

<sup>22</sup> Disponível em: <http://renatapallottini.blogspot.com.br/> Acesso em ago. de 2014.

<sup>23</sup> O grupo surge no início dos anos 1970, em São Paulo, na esteira do pós-tropicalismo e da contracultura, formado por atores recém-saídos da Escola de Arte Dramática da Universidade de São

1990, em parceria com o ator e escritor Marcos Caruso, tornou-se uma importante autora de comédias, dentre elas: *Sua Excelência, o candidato* (1986), *Porca Miséria* (1993) e *Os Reis do Improviso* (1997) são as mais importantes obras, as quais também interpretou, sob a direção de Noemi Marinho. Já Leila Mícolis, segundo Andrade (2005), além de poeta, escreveu 15 peças para o teatro e também participou da teledramaturgia brasileira. Entre as telenovelas se destacam *Kananga do Japão* (1989) e *Barriga de Aluguel* (1990). Suas obras de maior destaque: *O Barco Bêbado* (1994), sobre a vida e obra de Arthur Rimbaud; *O último bolero (e o primeiro delirium tremens)* (1995) e *Por todo o canto* (1999). Andrade (2005) afirma que a dramaturgia de Leila Mícolis tem, de certo modo, o mesmo viés poético de seus textos de poesia.

No livro *Um teatro da mulher: dramaturgia feminina no palco brasileiro contemporâneo*, Elza Cunhas de Vincenzo afirma que somente a partir dos anos de 1960 é que uma plêiade de mulheres escritoras de teatro começou a ser notada. Nomes como os de Renata Pallottini, Hilda Hilt, Leilah Assunção, Consuelo de Castro, Isabel Câmara e Maria Adelaide Amaral são as que ganham uma maior atenção no livro.

### 1.5 a escrita tem sexo?

*Não existe isso de homem escrever com vigor e mulher escrever com fragilidade. Puta que pariu, não é assim. Isso não existe. É um erro pensar assim. Eu sou uma mulher. Faço tudo de mulher, como mulher. Mas não sou uma mulher que necessita de ajuda de um homem. Não necessito de proteção de homem nenhum. Essas mulheres fragezinhas, que fazem esse gênero, querem mesmo é explorar seus maridos. Isso entra também na questão literária. Não existe isso de homens com escrita vigorosa, enquanto as mulheres se perdem na doçura. Eu fico puta da vida com isso. Eu quero escrever com o vigor de uma mulher. Não me interessa escrever como homem.*

(Lya Luft)

A partir da segunda metade do século XX, é notório o crescimento de pesquisas relacionadas a textos literários escritos por mulheres. Com isso, diversos críticos da literatura e da linguística passaram a destacar possíveis diferenças entre textos de autoria feminina e de autoria masculina. Muitos acreditam que, quando a mulher escreve, ela deixa certas marcas textuais em suas produções, devido à chamada “alma feminina”, a qual acaba configurando uma linguagem própria aos escritos. Outros acreditam que texto não pode ter sexo.

A literatura produzida por mulheres começou a tomar voz em consequência das realidades socioculturais do último século. Mesmo com raízes no século XIX, apenas no XX é que se iniciou, relativamente, o rompimento com a tradição patriarcal de um mercado editorial que era quase exclusivo dos homens. Com isso, introduziu-se também o pensamento de que há um “eu feminino” distinto no modo de escrever da mulher.

Em meados da década de 1960, a crítica literária feminista iniciou, então, um debate em torno da possibilidade de haver uma escrita de autoria feminina, a qual se diferencia de textos escritos por homens. Tal discussão ganhou muitos adeptos, principalmente, a partir da segunda metade do século XX, quando a literatura transformou-se e ganhou não só uma nova estética, mas também novas estruturas que passaram a desafiar o leitor no que diz respeito à possibilidade de existir marcas textuais de gênero.

Desde então, essas ideias perduram em questionamentos diversos. As primeiras considerações aqui elencadas e voltadas a tal tema foram retiradas do *E-Dicionário de Termos Literários*, de Carlos Ceia<sup>24</sup>, lugar em que alguns críticos expõem sucintamente suas ideias acerca do assunto. Schabert (1995, p. 164), por exemplo, afirma que “o esquema conceptual de que o homem correspondia ao sujeito e a mulher ao objecto da escrita, mutilou a actividade literária das autoras, tornou masculina a história da literatura, discriminando a escrita das mulheres”.

Já Magalhães (1996) considera que as propriedades masculinas presentes em um texto são representações da própria experiência masculina em estar no mundo, sendo de fácil identificação por ter sido sempre dominante, diferente da escrita feminina, silenciada durante tempos. Magalhães (1996) também concorda

---

<sup>24</sup>Disponível em: [http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=1017&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1017&Itemid=2). Acesso em 05 jan. 2014.

com a possibilidade de um discurso escrito por uma mulher ser caracterizado pelo masculino. Ela exemplifica sua ideia citando as escritoras Simone de Beauvoir e Virginia Woolf e alega que esta escreve com características no feminino e aquela, no masculino.

Nelly Novaes Coelho (1993) não concorda com diferenciações estruturais e estilísticas do discurso feminino, até porque tal discurso é praticamente contemporâneo e independe do sexo do autor. Já Maria José Trigo (1996), conforme apresenta o *E-Dicionário*, identifica construções linguísticas variáveis, as quais mostram linhas sexuadas. Além dos já citados, há ainda, no espaço virtual do *E-Dicionário*, a posição de muitos outros teóricos, reforçando esse duelo de opiniões acerca do assunto em questão.

Segundo Jozef (1989, p. 47), durante muitos anos, a escrita produzida por mulheres foi de libertação, com o intuito de tentar “apagar as ambiguidades da diferença como inferioridade”. No século XIX, por exemplo, o diário e a literatura epistolar foram gêneros muito comuns entre mulheres alfabetizadas e representaram formas de comunicação e de libertação, ainda que em um espaço restrito ao âmbito privado. É importante aqui mencionar que a escrita produzida por mulheres ou de autoria feminina não deve ser confundida com o estilo feminino de escrever, chamado por alguns críticos de escrita feminina. Autoria feminina refere-se a textos produzidos por mulheres, enquanto que escrita feminina pode ser identificada como um modo de escrever particularizado, marcado por características do gênero feminino, podendo, inclusive, ser produzido por ambos os sexos. Guimarães Rosa, por exemplo, é identificado por alguns estudiosos como um escritor que, em alguns momentos, assume um “estilo feminino” ao escrever.

### **1.5.1 Autoria Feminina**

Apesar de Barthes (1977) e Foucault (1979), citados por Bonnici (2007), terem desconstruído o conceito de autor - enfatizando sua morte, as feministas persistiram em ajustar qualidades e diferenças quando é a mulher que escreve. As literaturas escritas tanto pelo sexo feminino quanto pelo masculino são construções

discursivas conduzidas por dinâmicas sociais e culturais, levando a escrita feminina a abranger questionamentos de valores relacionados à imposição patriarcal.

A escrita entre as mulheres brasileiras só começou a conquistar seu espaço a partir dos movimentos feministas e suas fases que ocorreram no Brasil com espelhos nos movimentos europeus. Segundo Garcia (2011, p. 13), o feminismo pode ser definido:

[...] como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim.

Partindo desse princípio, o feminismo é articulado como uma filosofia política e um movimento social. Foram quatro as chamadas ondas feministas que marcaram época e que serão aqui, sucintamente, apresentadas. Segundo Duarte (s/s, p. 74), no Brasil, a primeira onda se refere ao direito à educação, a aprender ler, escrever e ter noções básicas de aritmética. Nísia Floresta foi a mais importante brasileira a lutar pelos direitos da mulher durante esta primeira onda, ocorrida durante parte do século XIX.

A segunda onda, iniciada por volta do final do século XIX, tinha como principais objetivos o de ampliar o direito à educação e o direito ao sufrágio. Também foi neste período que surge um espantoso número de periódicos e jornais de feição feminista em muitas cidades do país.

Todos estes periódicos foram importantes instrumentos na conscientização das mulheres, pois divulgavam o que ocorria nos outros países, faziam circular os textos entre si, davam notícias de livros, da abertura de escolas, e apoiavam as iniciativas das companheiras. Enfim, criaram, concretamente, uma legítima rede de apoio mútuo e de intercâmbio intelectual (DUARTE, s/s p. 76).

A terceira onda ocorreu já em meados do século XX com a intenção de construir melhor a cidadania, em um lugar onde a mulher tivesse os mesmos direitos que os homens. “O século XX já inicia com uma movimentação inédita de mulheres que se organizam e clamam alto pelo direito ao voto, ao curso superior e de trabalhar também no comércio, nas repartições, nos hospitais e indústrias.” (DUARTE, s/d p. 77). Por fim, a quarta onda, aconteceu em meados dos anos setenta. Enquanto em outros países as mulheres se organizavam contra a

discriminação e lutavam pelos direitos de igualdade, aqui no Brasil, as marcas dessa quarta onda foram distintas. Direitos à sexualidade, aborto e posicionamentos relacionados à ditadura militar, foram algumas das lutas presentes.

Quatro fatores preocuparam as feministas, sobretudo, aquelas da Segunda Onda Feminista<sup>25</sup>, que se referiam diretamente ao escrever, ao se pronunciar por meio do texto em um contexto histórico e literário patriarcal. Os fatores eram: a exclusão de textos escritos por mulheres, não só no que tange a estudos acadêmicos, mas também no que se refere a publicações em geral; a representação da experiência do sexo feminino, elaborada por meio da escrita; mulheres sendo representadas em textos canônicos produzidos tanto por homens, quanto por mulheres; e, por fim, o desenvolvimento de uma linguagem apropriada para representar suas experiências, principalmente feministas.

Dessa forma, vê-se que várias foram as razões levantadas para se questionar o porquê da ausência ou o porquê do número reduzido de textos de autoria feminina. A afirmação de que existem menos escritoras do que escritores não parece ser suficiente para justificar tal questionamento.

John Stuart Mill, em 1869, conforme afirma Telles (2012, p. 55), já dizia que “a mulher teria que lutar muito para superar a influência da tradição literária masculina e criar uma arte independente”. De fato, somente com o advento da Internet - mais de 130 anos depois - é que o número de textos escritos por homens e mulheres alcança quantidades próximas.

Segundo a crítica literária feminista, muitos textos produzidos por mulheres foram perdidos, esquecidos, ou ainda, questionados com relação à qualidade e, por isso, não sobreviveram ao cânone. Muitas produções, dentre elas: cartas, memórias, diários de viagem, autobiografias, histórias orais e outras ainda foram redescobertas e, então, começaram a ser resgatadas por pesquisadores dos últimos sessenta anos, aproximadamente. Considera-se que o importante é que a mulher escreva, que seja lida e inserida na prática social literária, tendo a si própria como centro.

---

<sup>25</sup>Teorizada principalmente na França por Simone de Beauvoir (1908-1986), estendeu-se entre as décadas de 1960 a 1980 e foi um movimento organizado por mulheres de várias partes do mundo para reivindicar o fim da discriminação e a completa igualdade dos sexos.

### 1.5.2 Escrita Feminina

O termo escritura feminina (*écriture féminine*) surgiu das teorias: psicanalítica de Lacan e desconstrutivista de Derrida. Segundo Bonnici (2007, p. 69), tal escrita caracterizava-se como sendo de “prática feminista radical com o objetivo de inscrever a feminilidade”. Como as estruturas da linguagem não davam conta de articular o discurso feminino, a subjetividade e a sexualidade tornaram-se peças importantes para a construção dessa nova linguagem. Hélène Cixous, uma das teóricas da escrita feminina, afirma que:

É praticamente impossível definir a execução da *écriture féminine*. Permanece tal possibilidade já que essa prática não poderá ser teorizada, definida ou codificada – contudo, não significa que não existe. Todavia, irá além do discurso que regula o sistema falocêntrico. Acontece e acontecerá nos lugares que não são subordinados à dominação teórica e filosófica. A [*écriture féminine*] será produzida apenas por indivíduos que subvertem os automatismos, por pessoas periféricas que autoridade alguma poderá subordinar (CIXOUS 1981, p.253, *apud* BONNICI, 2007, p. 70).

Cixous (1975, p. 347) aponta que tal escrita nasce de um reencontro da mulher com o seu corpo. “Uma vez recuperada a sua sexualidade e libertando-se do discurso centrado no falo, a mulher alcança a sua identidade e a produção literária feminina torna-se inesgotável”. A autora afirma ainda que a mulher deve escrever sobre a mulher, principalmente, por ter ficado calada tanto tempo, quando a prioridade de escrever era masculina. Acredita-se, portanto, que a mulher deve agora desabrochar e, por meio de todo seu movimento do ser mulher, deve procurar expandir-se na escrita, produzindo assim uma linguagem com características somente suas.

No ensaio “A Escrita Feminina” (1991), Eva M.F. Glenk mostra que existe um viés da Linguística - presente nas décadas de 1960 e 1970 - que tem como objeto de estudo o texto feminino. Tal viés foi denominado como Linguística Feminista. Os estudos sob essa nomenclatura desenvolveram-se especialmente nos Estados Unidos, na Grã- Bretanha e na Alemanha e foram elaborados por pesquisadoras que partiram do princípio de que a escrita é de cunho patriarcal. Nessa linha de pesquisa, podem-se observar três correntes distintas: a) a análise e crítica da língua vigente, a patriarcal; b) a análise do discurso feminino oral, e, c) a análise do texto feminino escrito.

Rapidamente, Glenk (1991) demonstra que a primeira corrente desenvolve-se com a preocupação de analisar o discurso ainda representado pelas ideias patriarcais. Seu principal objetivo é “descobrir, trazer à consciência e abolir os patriarcalismos, os „sexismos” congelados nos diversos sistemas linguísticos.” (GLENK, 1991, p. 20). Na maioria das vezes, a própria mulher não se dá conta de que partilha ideias construídas no modelo social em questão. Um exemplo é afirmar como “obrigação” somente feminina o cuidar dos afazeres da casa. Esse conceito, que foi socialmente construído, não cabe mais no dia-a-dia moderno, pois hoje a mulher trabalha e participa, quando não assume sozinha, a renda familiar. O padrão patriarcal dilacerou-se, mas, ainda assim, muitas ideias relacionadas a ele permanecem enraizadas.

Já a segunda corrente analisa o discurso feminino no âmbito da oralidade: ele se difere ou não do masculino? Quais são as características que apresentam tais discursos? Os discursos, em geral, apresentam traços nitidamente masculinos, com isso, nota-se a mulher suprimida da fala. Até bem pouco tempo atrás, eram poucas as mulheres que participavam de eventos em que poderiam expressar suas opiniões publicamente. Segundo a pesquisadora, enquanto os homens “usam mais atos de falas dominantes, como explicar, criticar, as mulheres pedem, desculpam-se, defendem-se etc.” (GLENK, 1992, p. 22). Dessa forma, os homens apresentam maior dominância, já as mulheres mais apoio mútuo. A conclusão é a de que o discurso feminino deveria ser aprendido por todos, já que ele permite maior ponte na conversação.

Por fim, a última corrente, voltada à análise do texto escrito, pontuará características do discurso feminino desenvolvido por meio da escrita, mais especificamente na literatura. Lersch (apud GLENK, 1992, p. 22) afirma que “linguagem feminina” e “linguagem masculina” são categorias sem diferenciações de linguagens; suas distinções residem no comportamento linguístico.

Apresentando a ideia de escrita feminina em teóricos da literatura, Marta Traba (1981) procurou definir algumas diferenças entre a escrita masculina e a feminina. Segundo ela, a mulher procura, na maioria das vezes, afastar-se do que é literal e material e se aproxima, com maior constância, de um gosto pelo que é surreal e fantasioso: “Ninguém ousaria dizer, a essa altura, que uma escritora é incapaz [...] de dominar um discurso abstrato, mas também é possível dizer emotivo, o jogo visceral é o que definiu os valores mais distintivos da literatura feminina.”

(TRABA apud JOZEF, 1989, p. 56). A ensaísta lembra ainda que, provavelmente, os autores masculinos de contos de fadas tiveram avós que lhes contaram histórias muito antes de escreverem.

Lúcia Castello Branco, professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Minas Gerais, publicou, dentre outros títulos, *O que é a escrita feminina* (1991) e *A mulher escrita* (1989), em parceria com Ruth Silvino Brandão. Branco é considerada uma das precursoras em pesquisas acerca da escrita feminina no Brasil. Na Literatura Brasileira, ela defende uma maneira feminina de ser, de estar no mundo e também discorre sobre uma modalidade feminina de escrita.

A autora afirma que o conceito de escrita feminina não tem a necessidade de ser exclusivamente para aqueles textos produzidos pelo sexo feminino. Nomes de escritores como Guimarães Rosa, Raduan Nassar, Marcel Proust e Jaime Joyce são citados e exemplificados em seu livro, como autores que escrevem com marcas do que ela define como dicção feminina na escrita. No ensaio “Para além do sexo” (1991), a pesquisadora inicia indagando a questão do próprio vocábulo *feminino*, porque, enquanto adjetivo, ele é relacionado direta ou indiretamente ao universo da mulher: “Não há, portanto, como fugir à categorização sexual que a expressão „escrita feminina“ propõe e a incômoda questão, embutida nesse enunciado, forçadamente se faz ouvir - afinal, a escrita tem sexo?” (BRANCO, 1991, p. 211). Por conseguinte, ao se referir à escrita feminina, o mesmo adjetivo não é necessariamente um sinônimo relativo somente às mulheres, mas deve ter relação com elas, mesmo que de certa instância. O resultado de uma pesquisa realizada por Branco, juntamente com um grupo de estudantes de Letras da UFMG, demonstrou que a escrita feminina tem uma “dicção” diferente, qual seja, um tom, um ritmo, uma cadência, enfim, algo que está para além dos temas eleitos como prioritários por certas mulheres. Nessa pesquisa, também foi possível verificar que escritoras, as quais publicaram até a década de 1930 no Brasil, tratavam mais intensamente de temáticas como: maternidade, casa, infância e o próprio corpo, discorrendo menos sobre temas voltados a negócios, à vida urbana e ao mundo exterior em geral.

Lúcia Castello Branco fundamenta suas pesquisas na teoria psicanalítica sobre feminilidade, de Freud. Segundo Branco (1991), um dos mais importantes ensaios dessa teoria é “algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, que trata da articulação entre o anatômico e o psíquico, entre o corpo e o além do corpo. O texto também se baseia na teoria sobre o complexo de

Édipo, mostrando como essa estrutura está aportada no corpo e é suportada pela anatomia do sujeito, o que demonstra que a feminilidade é algo adquirido.

Assim, Branco relaciona tais questões psicanalíticas à escrita feminina, a qual, como já mencionado, segundo ela, não necessariamente precisa ser escrita por mulheres. A autora utiliza como exemplo o conto "Lá nas Campinas", em *Tutaméia*, de Guimarães Rosa, que leva o leitor a envolver-se muito mais pelo som das palavras "a textura da voz, os contornos do ritmo, os movimentos respiratórios do texto" (ROSA, 1991, p. 217), do que, propriamente, pela história que está sendo contada. Essa materialidade da palavra, que "procura fazer do signo a própria coisa e não uma representação da coisa, é típica da escrita feminina" (BRANCO, 1991, p. 217). Tal modo de escrever feminino busca a introdução do corpo no discurso.

No que tange à questão da dissimetria entre o masculino e o feminino, Branco (1991) baseia-se também em Jacques Lacan, afirmando que, entre o homem e a mulher, "não se dá de fato a tão almejada complementaridade, que se pode depreender, por exemplo, da expressão „cara metade“, fundada no mito platônico do andrógino" (BRANCO, 1991, p. 219). Para a pesquisadora, essa perspectiva é fundamental para se perceber a noção de escrita feminina, porque o feminino não é a mulher; na verdade, ele corresponde ao que a ela pode ser relacionado - o feminino é o não masculino, mas não é oposto a ele.

Antônio de Pádua Dias da Silva, no artigo "A diferença na autoria feminina contemporânea" (2011), trata de duas pesquisadoras importantes, já citadas aqui, no que se refere à escrita feminina: a brasileira Lúcia Castello Branco, por ter sido a primeira a escrever sobre o tema em nosso país, e a portuguesa Isabel Alegro Magalhães, que, se comparada com Branco, foi mais precisa ao analisar as marcas da escritura feminina em textos de literatura; Lúcia Castello Branco centrou-se somente na análise psicanalítica:

[...] as ideias apontadas pela brasileira se limitam a induzir o leitor a se convencer da ideia escrita feminina, sem alocar essa categoria exclusivamente no "conjunto" das mulheres (coisa que Magalhães faz), mas direciona a análise para uma base psicanalítica da investigação da leitura feminina. Ao se centrar nessa base do conhecimento, esquece categorias que são tão importantes quanto às em que se fundamenta, a exemplo dos marcadores [...] sociais, culturais, antropológicos que diferenciam diretamente na construção dos sujeitos, e conseqüentemente, naquilo que investigamos: escrita feminina (SILVA, 2011 p. 231).

Nesse sentido, para Silva (2011), Lúcia Castello Branco, focando somente a psicanálise, esquece categorias importantes como marcações sociais, antropológicas, culturais em geral, as quais podem interferir na construção dos sujeitos e, portanto, na escritura feminina. Já Magalhães (1995 *apud* SILVA, 2011) apresenta indicadores e marcadores que aparecem nas obras literárias de autoria feminina, aplicáveis a qualquer cultura e obra, desde que contemporâneas. Ela afirma que não menospreza os pesquisadores cujo apontamento a respeito da escrita feminina pode ser perceptível em textos escritos por homens, mas entende que as nuances de certos textos literários dizem respeito aos escritos produzidos apenas por escritoras.

Para comprovar a sua tese, Magalhães (1995 *apud* SILVA, 2011, p. 236) define três marcas que seriam inerentes a mulheres e melhor representadas por elas. A primeira é “ao ato de subverter ou de inverter o gênero das palavras”, adequando-as ao contexto que melhor lhe couber para se referir às atribuições, às lutas, às experiências em geral e à subjetividade das mulheres.

Quanto a essa marca de subversão, Magalhães (1995 *apud* SILVA, 2011) cita, dentre outros exemplos, o nome do romance *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende (2005), cujo título “subverte o gênero do substantivo „guará”” que, de acordo com o Dicionário Aurélio Século XXI, é um vocábulo masculino proveniente da língua tupi (*agwa'rá*) e significa ave ciconiforme. Segundo Magalhães (1995 *apud* SILVA, 2011), esse nome relaciona-se a uma caracterização feminina, ou seja, corresponde a uma metáfora que foi ajustada ao enredo da narrativa. Em outras palavras, nesse romance citado, a personagem central do enredo, Irene é caracterizada pela possibilidade de voo, liberdade, é, portanto, metáfora das características de uma ave, conforme se nota já no título da narrativa, devido à palavra “voo”.

A oralidade escrita é a segunda marca apresentada por Magalhães Magalhães (1995 *apud* SILVA, 2011). Tal marca está tipicamente relacionada à “tagarelice” das mulheres - as quais, muitas vezes, foram vistas pelos homens como seres inferiores, justamente, devido à “verborragia” lacaniana. Para Silva (2011), Lacan cita e relaciona essa “verborragia” às mulheres, quando trata, por exemplo, do chamado aforismo “falar pelos cotovelos”, bastante utilizado entre psicanalistas:

A interpretação psicanalítica da expressão não coroa as mulheres com uma carga negativa, tão somente aponta para uma das características da estrutura psíquica das mulheres em relação ao homem. No entanto, do ponto de vista da cultura, embasada numa lógica falocêntrica e misógina, interpreta-se o aforismo ao seu máximo negativo, restringindo uma estrutura a uma característica que torna menos a fala e o discurso do outro (SILVA, 2011, p. 239).

A mulher, por ter permanecido - por um tempo considerável - restrita ao espaço doméstico, não teve a oportunidade de desenvolver outra modalidade do uso da língua - razão pela qual ela demonstra ter maior facilidade com uso da fala, em detrimento da escrita. Por isso, o reflexo no texto de escrita feminina, apontado por Magalhães (1995 *apud* SILVA, 2011), aparece com vestígios de oralidade (lembrando que aqui nos referimos à escrita contemporânea e primordialmente elaborada por escritoras). Dessa forma, sinais como: espontaneidade, pontuação fora de ordem e reticências são algumas das características que podem ser encontradas na construção do texto de autoras contemporâneas.

A terceira e última marca é a subjetividade nas personagens mulheres:

Estas são construídas tomando-se com base os valores culturais, sociais, morais, antropológicos que envolvem a todos nos universos representados. Quando escrevem as mulheres raramente falam dos homens ou de “outras paisagens” culturais que fujam ou se distanciem de seu mundo, do seu universo de vida. Quando falam dos homens é para discutir as relações que envolvem as mulheres com os „seus homens” (SILVA, 2011 p. 242).

Para Magalhães (1995 *apud* SILVA, 2011), a subjetividade é uma forma de ler essa ficção, firmada por mulheres que escrevem e habitam a sociedade contemporânea. Consciente ou inconscientemente, tal subjetividade é tencionada para viabilizar o olhar da mulher, relacionado a questões pessoais, sociais, culturais, de moral, dentre outras.

No que diz respeito às personagens mulheres e às narradoras, Silva (2011) acrescenta que “ou vozes errantes são ou estão todas solícitas àquilo que faz parte da subjetividade das mulheres: o seu universo ainda em construção; os seus medos sendo dissipados; suas alegrias extrapolando os limites do antes não permitido.” (SILVA, 2011, p. 243). Com tudo isso construído - além das supervisões e dos desejos do universo masculino, como explica o autor do ensaio - pauta-se uma ordem de nova consciência em que se pode ser e decifrar sujeitos de ambos os sexos, só que em uma base de tratamento igualitário; conservam-se prioritariamente as diferenças intrínsecas a cada um dos gêneros. Por fim, ainda com relação às

colocações de Silva (2011), são apresentadas, no ensaio analisado, temáticas inerentes à escrita feminina, a seu universo simbólico, erótico, sensual, materno, de angústias, medos, liberdades, prisões, da maternidade, da alma e dos sentidos além do corpo. Isso tudo está associado ao escrever da mulher e ela pode ser considerada pioneira em tais assuntos se comparada ao homem.

“El punto de vista: ¿universal o particular?”, de Monique Wittig, publicado no livro *El pensamiento heterosexual y otros ensayos* (2006), é outro artigo que trabalha com a ideia de escrever com alma feminina. Nos demais textos desse livro, a autora apresenta, dentre outros temas, a categorização do sexo e o tornar-se mulher tanto social quanto culturalmente (já que não se nasce mulher). Acredita-se que mulheres são sim, biologicamente diferentes, mas há determinadas questões, relacionadas à figura da mulher, que são, na verdade, estabelecidas pela sociedade, a fim de que as mulheres insiram-se e vivam como indivíduos relacionados a um meio determinado e específico. O livro de Wittig (2006) também traz reflexões acerca dos conceitos de “feminino” e de “escrita feminina”. A mulher, para Wittig (2006), não pode ser associada a uma determinada forma de escrever, já que tal ação - do seu início a seu término - é uma ficção; é o imaginário que se distancia de uma realidade palpável. Destarte, assegurar que existe uma forma predicada à mulher, quando ela escreve, significa naturalizar uma espécie de escrita - nesse caso, a feminina - como sendo a escrita da mulher, bem como a própria “Mulher” é naturalizada desde sempre.

Finalmente, ao olhar para a ideia acerca do conceito de escrita feminina, pelo viés de uma escritora, tem-se um ponto de vista menos teórico e mais fácil de ser entendido. Escrita feminina é o texto produzido por uma mulher. Marina Colasanti (2004), no ensaio “Por que nos perguntam se existimos?”, presente na coletânea *Fragatas para uma terra distante*, discute um questionamento que foi tema de um seminário apresentado nos Estados Unidos, em 1996.

A autora afirma que é constantemente questionada em entrevistas, em simpósios e em contatos com o público em geral, com a pergunta: “Existe uma escrita feminina?”. Com relação a isso, ela reflete que tal questão talvez seja frequente porque hoje há maior divulgação, conhecimento e reconhecimento desse universo de mulheres que escrevem literatura, o que não ocorria antes – pois as publicações de textos femininos eram quase que desconhecidas, as mulheres escreviam sim, todavia eram poucas que publicavam. Para ela, o questionamento

acaba se tornando mais uma espécie de desconfiança, na verdade, acerca da capacidade da mulher para ser escritora. E acrescenta:

Apesar de tudo que já dissemos, continuam da mesma maneira, com a mesma insistência, com idênticas palavras. Como se nada tivéssemos dito. Então depois de tanto responder, cheguei a uma convicção: o erro não está na resposta. Isso posto, não vou mais comprar o peixe que querem me vender. Não vou mais aceitar essa pergunta como se aceitam as perguntas que esperam resposta. [...] Eu, que a partir da escrita estou há anos empenhada em construir a arquitetura de uma voz, de uma voz que sendo minha é feminina, declaro-me ofendida pela pergunta. E, em vez de respondê-la, a questiono. (COLASANTI, 2004, p. 66 e 67).

Para a autora, se já foi comprovado, biologicamente, que mulheres e homens são diferentes, utilizando o cérebro, na hora de falar, inclusive, de maneiras distintas, logo, com a escrita não poderia ser diferente. Ao escrever, a mulher produz o que sente em sua essência mais profunda, sendo essa a essência feminina. Tendo isso em vista, crê-se que a escrita meramente feminina só poderá ser produzida pela mulher.

Para concluir, podemos afirmar que não há uma teoria precisa a respeito do assunto aqui tratado. A mulher, segundo muitos teóricos, mostrou sua escrita a partir da contemporaneidade, apresentando assim uma forma de escrever sem diferenças entre sexo. No entanto, há também pesquisas de outros estudiosos que mostram a escrita relacionada ao corpo da mulher e à sua essência de exclusividade feminina, denotando, então, uma “alma feminina” para muitos textos.

Essa “alma”, para outros críticos ainda, pode ser desempenhada por um homem ao escrever, não existindo diferenças entre escrita feminina e escrita produzida por mulheres ou homens que querem escrever como mulheres. Caso seja levado em conta etnia, condição social e cultural, escolaridade, dentre outros fatores, tudo isso implicaria a maneira de interpretar os sujeitos e o modo como estes transmitem, por meio da arte, seus medos, dores, alegrias, sentimentos em geral. Silva (2011) reflete que, se buscarmos os motivos literários para chegarmos ao conceito de escritura feminina, temáticas relacionadas ao universo feminino estariam presentes nas produções das mulheres que escrevem literatura.

Talvez, seja possível fazer referência a uma constância de temas na escrita feita por mulheres, devido à subjetividade, às tensões e às crises existenciais, próprias do contexto socioeconômico vivido pelo sexo feminino. Dessa maneira, mulheres poderiam ser sim detentoras de uma escrita particular e diferenciada,

delimitada a um dado gênero. Isso por que se o indivíduo é um ser cultural, na sociedade presente, ainda são distintas a formação e o tratamento que ocorrem entre homens e mulheres. Parafraseando Lya Luft, epígrafe do início deste tópico de capítulo, se sou uma mulher, faço tudo de mulher, como mulher, conseqüentemente também escreve como tal. O erro é que parte do senso comum, ainda acredite que, mesmo na atualidade, as mulheres devem ser tratadas e educadas como seres frágeis, doces e que necessitam da proteção masculina.

Como argumenta Luft, ainda com relação a epígrafe, as mulheres não são frágeis, pelo contrário, são vigorosas, fortes, por isso sua escrita também se apresenta com vigor. Acredita-se que as escritoras, em sua maioria, esperam um reconhecimento por essas diferenças presentes na literatura, talvez porque querem mostrar o modo feminino de enxergar o mundo.

### **1.6 O Sujeito e a subjetividade**

*A produção de subjetividade constitui matéria- prima de toda e qualquer produção.*

Felix Gattari

Entre os séculos XVIII e XIX, ancoradas nas novas ideias de um capitalismo industrial em que era muito mais rentável o sistema de “vigiar” do que “punir”, ratifica-se o conceito de “sociedade disciplinar” de Foucault. Este conceito pregava a eficiência e eficácia produtiva do indivíduo à condição de mantê-lo confinado em espaços físicos, sob vigilância. Dessa forma, o indivíduo não cessava de passar de um espaço fechado a outro: fábrica, casa, escola, universidade, igreja etc. Tratava-se de uma sociedade disciplinar hierarquizada, sempre regida pela vigilância do tempo e por alguém com supremacia, como por exemplo, o patrão, professor ou o pai. Segundo Foucault (1998), nessa sociedade os corpos são “dóceis” o que os torna exploráveis na economia e impotentes na política.

Com o colapso das chamadas instituições imperialistas, este modelo de “sociedade disciplinar” migrou para o que chamamos de “sociedade de controle”,

quando se é descartada a vigilância presencial do modelo Panóptico<sup>26</sup> para uma disciplina interiorizada, produzindo indivíduos mais móveis e flexíveis que antes. Todos os espaços físicos de confinamento e vigilância do indivíduo como a casa, igreja, fábrica, escola utilizados como ferramentas na “sociedade disciplinar”, passam a ser desconstruídos na “sociedade de controle”, que detêm o conceito de uma vigilância interiorizada, permitindo a ausência destes espaços de confinamento e evoluindo para um controle manifesto além dos muros das instituições.

É sobretudo no século XXI, que esse controle tomou uma proporção maior, aparentemente mais “leve”, mas nem por isso menos eficaz, pois agora o controle penetra a alma do indivíduo que está em constante observação. Deleuze (1990) atribui a ideia de uma sociedade em que todos veem e são vistos, por isso existe a coerção pelo olhar do outro, caso o indivíduo se comporte desta ou daquela maneira.

Essa transição de “sociedade disciplinar” para “sociedade de controle” colabora para o tipo de subjetividade que não está fixada na individualidade, pois o sujeito, mesmo fora do seu local de trabalho, continua sendo governado por uma lógica disciplinar. Em tempos atuais junto com as muitas mudanças, “transformam-se também os tipos de corpos que são produzidos no dia-a-dia, bem como as formas de ser e estar no mundo que são „compatíveis” com cada um desses universos” (SIBILIA, 2008, p. 15). Dessa forma, questiona-se: como tais modificações influenciam no “modo de ser” de cada indivíduo? De que modo as transformações contextuais afetam os métodos pelos quais alguém se torna o que é?

Pode-se afirmar que existe a influência histórica dos vetores econômicos, políticos e socioculturais na adequação dos corpos e das subjetividades. Tais

---

<sup>26</sup>No final do século XVIII, época em a burguesia se torna a classe social dominante, o jurista e filósofo inglês Jeremy Bentham concebeu a ideia de Panóptico. Essa correspondeu à observação total de um indivíduo por parte de um poder disciplinador. “O Panóptico era um edifício em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro. O anel dividia-se em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Em cada uma dessas pequenas celas, havia, segundo o objetivo da instituição, uma criança aprendendo a escrever, um operário a trabalhar, um prisioneiro a ser corrigido, um louco tentando corrigir sua loucura, e na torre, havia um vigilante.” Ou seja, o Panóptico é uma construção onde uma única pessoa pode visualizar e controlar muitos outros indivíduos, sem a necessidade de saber se estava ou não controlando. Por isso, para Bentham, quando os corpos são distribuídos em espaços como prisões, escolas e fábricas, por exemplo, existe a centralidade da situação e a dominação.

Disponível em: <http://michelfoucault.hotglue.me/Pan%C3%B3ptico> acesso em 19 dez 2014.

vetores “exercem uma pressão sobre os sujeitos dos diversos tempos e espaços, estimulando a configuração de certas formas de ser e inibindo outras modalidades” (SIBILIA, 2008, p. 15). Por isso, sabendo que cada vez mais, o ciberespaço dinamiza o modo com que as pessoas vêm constituindo suas relações e a maneira de estar no mundo, Sibilia (2008) afirma que a subjetividade vai além de algo vagamente imaterial que reside no homem. Pontua que as subjetividades podem “ser modos de ser e estar no mundo, longe de toda a essência fixa e estável que remete ao “ser humano” como entidade histórica de relevos metafísicos, que seus contornos são elásticos e mudam ao sabor das diversas tradições” (SIBILIA, 2008, p. 16).

Atualmente, o homem vive em um ambiente que vai além das fronteiras que dividem o mundo entre real e virtual, pois ambos não apenas se complementam, mas também se combinam, confundem-se em uma só realidade. A internet está presente nos ambientes públicos, privados, nas ruas, enfim, entrelaça-se ao cotidiano, as experiências, a vida de quem participa da rede. Por esse motivo, este capítulo será iniciado com algumas considerações a respeito do conceito de sujeito e depois da subjetividade.

### 1.6.1 Sujeito

Ao se examinar a questão referente à conceitualização do sujeito, percebe-se que ela é ampla e pode variar dependendo da vertente teórica na qual o estudioso se ampara. Áreas da ciência como Psicanálise, Filosofia, Linguística, dentre outras, conceituam o sujeito de formas bem diferenciadas. Dessa forma, neste tópico de capítulo serão apresentadas algumas considerações acerca do assunto, situadas na linha francesa da Análise do Discurso e em determinadas ideias do filósofo alemão Michel Foucault.

Basicamente, a palavra sujeito do latim *subjectus*, participio passado de *subicere* que significa “colocar sob, abaixo de”, somente no século XVI, ganhou significado de “assunto, pessoa sobre a qual se atua ou pessoa inominada”. Já no dicionário, aparece na definição de “submisso ou aquele que é subordinado”. Segundo Orlandi (2007), de uma forma geral, o conceito de sujeito durante a Idade

Média estava subordinado aos discursos relacionados à Igreja: o da religião, o que correspondia à forma do sujeito-religioso. Em um salto de alguns séculos, esse se transformou no que Orlandi (2007) chama de sujeito-de-direito, pois atualmente não é mais à Igreja que o sujeito atual constitui submissão, mas sim às leis do Estado que está inserido ao sistema capitalista.

Nessa perspectiva é que no século XX a linguística apresentou a ideia de assujeitamento, ou seja, mesmo o sujeito sendo livre, ainda é submisso. Ele pode dizer o que pensa, quando e onde quiser, todavia precisa se submeter à língua para expor seu pensamento (ORLANDI, 2007). Interessante pontuar, que ainda que fosse visto como enunciador consciente, tal sujeito era desvinculado dos conceitos de ideologia e do contexto histórico social que vivia. Somente a partir das Análises do Discurso (AD) que ele passa a ser concretizado uníssono à ideologia, incidindo a assumir posições não só ideológicas, mas também históricas. Dessa maneira, questões relacionadas ao conceito de sujeito e sua ligação à ideologia, servirão de base introdutória para chegar ao sujeito da perspectiva de Foucault.

Durante o século XVII, no campo filosófico, Descartes foi o primeiro a expor que o sujeito não é mais “visto como manipulado por forças cósmicas ou divinas; pelo contrário, o sujeito torna-se a fonte de toda a atividade humana e controla o mundo através de sua inteligência.” (BONNICI, 2007, p. 246) Sua existência foi apresentada como efeito do pensamento racional, tanto que é desse filósofo o conhecido enunciado: “Penso, logo existo”.

Coracini (2009) lembra que Descartes tem seu embasamento filosófico nos clássicos Platão e Sócrates, que pregavam a divisão entre “mundo sensível” e “mundo inteligível”, com a preocupação do homem em trilhar o caminho das ideias, do intelecto, abandonando tudo que levasse ao prazer encontrado nas sensações. Por isso, o sujeito só encontraria a subjetividade no cultivo da verdade e da perfeição no mundo das ideias. Descartes foi o representante da modernidade que mostrou a perspectiva de que o sujeito é o ponto de partida para o conhecimento. Isso porque é o sujeito quem conhece e que pode fomentar suas ideias a partir de sua mente. Portanto, para Descartes o sujeito “é o centro unificador da certeza, e é a partir daquilo que está no sujeito que se pode saber o que é conhecimento, mas não qualquer conhecimento, mas aquele que pode ser chamado de verdadeiro.” (BRITO 2012, p. 04). Como sugere o pensador, o mundo material deverá ser demonstrado no intelecto, nas ideias, pois elas são o ponto de partida para a verdade.

Entretanto, Bonnici (2007) aponta que tal mudança não levou em consideração o papel do subconsciente e das estruturas econômicas. Foi quando a partir da segunda metade do século XIX que o conceito de sujeito começou a ser construído através da ideologia e do discurso, pois ao ser compreendido que cada pessoa tem uma experiência particular no mundo, ele não é um homem individualizado, mas sim socializado. A derrocada do eu, “do sujeito e do ser vem sendo afirmada, e com ela também posta a derrocada do mundo verdadeiro. Assim, desencadeia-se uma espécie de catástrofe do sujeito, ao mesmo tempo em que se mostra a ruína do pensamento metafísico tradicional” (BRITO 2012, p.6).

Para os pensadores Marx e Engels (1965), por exemplo, a ideologia relacionada ao sujeito que parte somente do mundo das ideias, do subconsciente, para chegar à realidade, tinha sentido negativo. Eles a criticavam porque não acreditavam na possibilidade de separar a produção das ideias das condições sociais e históricas dos indivíduos. Logo, a ideologia é definida como um mecanismo que privilegia a classe dominante, dissimulando a realidade social:

Assim, prevalece a ideologia da classe burguesa que é um instrumento de dominação, pois a classe dominante faz com que seus pensamentos passem a ser ideias de todos. Dessa forma, a ideologia se reduz a uma simples categoria filosófica de ilusão ou mascaramento da realidade social. (FIORINO, 2014, s/p).

Ou melhor, o sujeito nasce dentro de uma ideologia e apenas a aceita, pois é a única que lhe foi apresentada. Mikhail Bakhtin (2003), em sua visão a respeito de ideologia, critica a teoria marxista considerando-a mecanicista, devido ao estabelecimento de uma ligação direta entre acontecimentos nas estruturas sócio-ideológicas e sua repercussão nas superestruturas ideológicas. Por isso, destrói e reconstrói parte da ideologia marxista que considera um disfarce da realidade e cria a ideologia do cotidiano. Essa é vista dentro de um determinado tempo histórico e em uma determinada comunidade social. Tal realidade está vinculada à linguagem, veículo por meio do qual a ideologia se materializa:

Neste sentido, todos os discursos são ideológicos, porém não no sentido de „falsa consciência“, dissimulação ou mascaramento, como o que se postula na visão marxista, mas no sentido de que a ideologia é/está inerente ao signo, que, por ter um caráter arbitrário, permite que a linguagem ora leve à criação, à produtividade de sentido, ora à manipulação da construção da referência (BAKHTIN, 2003, p. 103).

Dessa forma, a relação sujeito e ideologia se consolidam a partir dos Estudos de Análise do Discurso, que considera além da linguagem, o contexto como sócio-histórico-ideológico. Segundo Fiorindo (2014, s/p), quando se iniciaram os estudos da linguagem, a influência estruturalista subordinou o sujeito ao código linguístico. Prontamente, o sujeito passa a ser visto como um enunciador individual e consciente, que independentemente, ainda está desvinculado do contexto sócio-histórico em que está inserido, o que mudará depois.

Quando a AD se solidifica enquanto linha de pesquisa, rompe com algumas suposições linguísticas. Uma das principais causas foi de ela ter assumido a compreensão de língua como um sistema “homogêneo, abstrato e unívoco, e por defender, com veemência, a existência de um componente semântico capaz de dar conta do sentido” (FIORINDO, 2014, s/p). Logo, será a partir do discurso, surgindo por bases estruturalistas, que aparecerá uma nova abordagem sobre o conceito de sujeito, muito embora os teóricos Pêcheux, Lacan e Foucault tenham apresentado concepções que seguiram por caminhos distintos. Seguindo será apresentada, sucintamente, apenas a visão foucaultiana. Michel Foucault é considerado como pós-estruturalista em livros e artigos que se referem às suas ideias. Mas como ele mesmo argumentou, dizia não se inserir em nenhuma linha específica, talvez por seu pensamento abranger muitas das áreas das ciências humanas. Dessa maneira, pode-se chamá-lo apenas de um pensador. Conforme Pez (2014, s/p), em sua obra, Foucault apresenta sua visão sobre o conceito de sujeito, refere-se a:

[...] mecanismos de objetivação e de subjetivação que concorreriam como processos de constituição do indivíduo. Os primeiros são os mecanismos que tendem a fazer do homem um objeto, ou seja, se referem aos processos disciplinares que tendem a tornar o homem dócil politicamente e útil economicamente. Os segundos se referem aos processos que em nossa sociedade fazem do homem um sujeito preso a uma identidade que lhe é atribuída como sua. (PEZ, 2014, p. 1).

Nesse sentido, tais mecanismos antecedem à constituição dos sujeitos, ou seja, fazendo uma genealogia desses processos. Para Foucault (2012), os saberes, discursos e domínios de objetos são constituídos sem ter de se referir a um sujeito. Basilarmente, a constituição do sujeito pode ser pensada como um objeto historicamente constituído e determinado a partir de acontecimentos que lhe são

exteriores (REVEL, 2005). Assim, não existe um sujeito pré-estabelecido cujas relações de poder decorreriam. O sujeito do conhecimento, que dentro da filosofia é aquele com percepção de memória e capacidades cognitivas, aqui, para Foucault, é formado dentro de um contexto estratégias de poder:

Ou seja, o sujeito é um produto das relações de poder, não seu produtor. Não há um sujeito essencial que estaria alienado por ideologias, por relações de poder que encobririam sua visão da realidade. O sujeito do conhecimento é produzido pelas relações de poder, ou melhor, o que chamamos sujeito é um enunciado social. Dessa forma podemos chamar os indivíduos de loucos, normais, gordos, revolucionários, sujeito deste ou daquele discurso que será reclamado pela medicina, pela psicologia, pelas ciências e sociais. (PEZ, 2014, p. 2).

Dessa forma, a identidade que o homem concebe como sua é a de um sujeito produzido em um determinado período histórico. Pez (2014, s/p) oferece três exemplos dessa construção em seu artigo: “Pequena análise sobre o sujeito em Foucault: a construção de uma ética possível”. Primeiro relacionado à Idade Média, outro a Moderna e por fim, um dos dias atuais.

O homem da Idade Média tem o seu destino e a forma de idealizar as coisas relacionadas a forças divinas de poder: Deus. Essa forma de existência é chamada de “subjetividade vertical” (relações que conectam com Deus). Já na Idade Moderna, o homem rompe relações com o infinito, sublime e parte passa a se reconhecer como limite e potência de si mesmo, apesar dessa percepção não ir além do próprio corpo, forma de existência chamada de “subjetividade pontual”. Mas e atualmente, como o homem é reconhecido? A que relações de poder ele está relacionado?

O homem hoje não é mais a ponta de forças verticais que “descendem dos céus” (talvez essa infinitude não permitia a conceituação do homem por si mesmo, sua “subjetividade” não estava dentro de si, ela extravasava infinitamente, ou seja, o homem só se concebia mediante a figura de Deus); Ele também não é limitado pelo corpo, ou seja, o homem atual não mais se concebe enquanto “apenas” um corpo. (PEZ, 2014, p. 3).

O homem atual (pós-moderno) ele passeia pelo universo virtual, está conectado num mesmo tempo a muitos lugares e com muita rapidez. Assim, esta forma de existência de “subjetividade virtual”.

Esses três exemplos relacionados acima permitiram elucidar que o homem (sujeito) para Foucault é histórico, formado a partir de relações de poder. Quando

escreveu *As palavras e as coisas*, anunciou a “morte do homem” e foi apontado como “anti-humanista”. Bruni (2007) afirma que Foucault teve intenção de mostrar o homem estabelecendo sua própria libertação das relações de poder, ou seja, que se é possível construir novas formas de subjetividade e de existência.

Continuando ainda a visão de Foucault sobre o sujeito, verifica-se que:

O sujeito não é uma substância. É uma forma, e essa forma nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma. Você não tem consigo próprio o mesmo tipo de relações quando você se constitui como sujeito político que vai votar ou toma a palavra em uma assembleia, ou quando você busca realizar o seu desejo em uma relação sexual. Há indubitavelmente, relações e interferências entre essas diferentes formas de sujeitos; porém, não estamos na presença do mesmo tipo de sujeito. Em cada caso, se exercem, se estabelecem consigo mesmo formas de relação diferentes. E o que me interessa é, precisamente, a constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito, em relação aos jogos de verdade (FOUCAULT, 2004, p. 275)

Por fim, o sujeito para Foucault não pode ser idealizado como pronto, acabado, mas que se estabelece à medida que cria uma relação com forças que circulam fora dele, enfrentamentos que afetam o corpo e podem chegar ao lado de dentro deste indivíduo. Dessa maneira, será entendido como existência particular histórica.

Todavia, ainda, na filosofia contemporânea, pensadores como Deleuze e Guattari apresentam uma crise do sujeito. Eles discutem uma possível desfiguração de um sujeito universal, totalizante e unificado. Por isso, suas ideias também buscam quebrar com o paradigma de sujeito universal. Ambos acreditam que o sujeito é concebido pelo atravessamento das diversas instâncias que compõem a sociedade. Tais instâncias são construções culturais historicamente compostas por cada sujeito, logo, ele se situa no campo das edificações sociais e absorve o que é socialmente produzido.

### **1.6.2 Subjetividade**

Quando um indivíduo expõe sua maneira, visão ou julgamento para interpretar algo, isso pode ser avaliado como sendo subjetivo. Dele, chega-se à subjetividade, a qual empiricamente é formada pela experiência, cultura, histórias

de vida de cada pessoa. Contudo, assim como na noção de sujeito, a subjetividade é um dos pontos centrais nas discussões e questionamentos dos modelos das ciências humanas. O assunto traz um amplo leque de possibilidades a serem apresentadas e discutidas, por isso, dissertar acerca de seu conceito é tarefa difícil e complexa.

A discussão abaixo será apenas um recorte de algumas ideias a propósito do conceito de subjetividade. Para isso, a dissertação será calçada, principalmente, na visão do pensador Michel Foucault, o que não anula a possibilidade de serem citados filósofos como Félix Guattari, Gilles Deleuze e alguns conceitos do livro *Show do eu: a intimidade como espetáculo*, de Paula Sibilia (2008).

O mundo moderno foi palco de crises, reviravoltas, lugar em que novos conceitos são formulados, entre eles o do sujeito. É um momento de um novo “padrão de racionalidade de conhecimento que oferece ao homem a possibilidade de ser visto como senhor de si e da natureza.” (BRITO, 2012, p.3). Destarte, sem a intervenção divina, a partir do método científico de ver o mundo, o homem a partir de sua razão, torna-se capaz de conhecer e controlar o universo em que se encontra. Entretanto, tais mudanças são solidárias com a cultura, economia, política e até com a religião.

A modernidade sem dúvida é uma época de conturbadas transformações na história da humanidade, envolvendo mudanças religiosas até as profundas modificações na economia e nos seus meios de produção. Contudo, o que se quer destacar é que o tempo moderno é fomentador do sujeito, que se torna relevante por sua consciência pensante, e que por meio da sua razão, da sua consciência, possa representar e estabelecer ordem à realidade. (BRITO 2012, p. 04)

Essas mudanças que aconteceram no interior da modernidade acabam por determinar uma subjetividade plantada na identidade da verdade pura, do mundo das ideias, dentro desse pensamento Descartes compila que o sujeito tem como ponto central o eu e sua unidade. Por isso, que a subjetividade dentro das ideias modernas está intrinsecamente ligada à consciência, à atividade da razão “capaz de forjar uma identidade consigo mesmo, de fomentar o conhecimento verdadeiro, um sujeito que sabe de si, centrado em si mesmo, capaz de promover a certeza pela reta razão.” (BRITO 2012, p. 05).

Dando um salto para a Era Contemporânea, não só Foucault, mas Lacan e Derrida também partem do princípio de que a subjetividade é sempre produzida e não se faz sem o outro. Especialmente para Foucault, ela é efeito de ação social e política sobre cada um, como mostram os exemplos na citação abaixo:

Em *História da Loucura*, a identidade do louco é constituída pelos médicos que interpretam o dizer do louco, como base num conhecimento científico autorizado: já se faz presente a relação poder-saber. Em *Vigiar e Punir*, o sujeito é efeito de poder – inicialmente soberano, depois do século XVIII, disciplinar. Esse poder se exercia sobre os presos através de um conjunto de técnicas disciplinares aplicadas sobre o corpo [...] e sobre o espaço físico (as celas individuais, o *panopticon* para a vigilância constante), com base no pressuposto de que, desse modo, tornar-se-iam dóceis as mentes dos prisioneiros para poder retornar ao convívio social (CORACINI, 2009, p. 28 e 29).

Não apenas nos títulos acima citados, mas também em outros volumes, Foucault tinha como principal marca de sua obra, a questão do saber e do poder. Apesar disso, continuamente discutiu o sujeito e a subjetividade envolvendo modos historicamente característicos de se fazer a experiência “de si” (CARDOSO, 2005). Todavia, a partir de *A história da Sexualidade* é que surge o interesse em compreender as práticas “de si” das novas gerações. Para isso, ele realiza uma longa pesquisa na investigação histórica, cujo início se deu na Grécia Antiga, passando pelo período helenístico, Idade Média até chegar à Era Moderna e à Contemporaneidade, sempre com a intenção de estudar a maneira de existir do sujeito e de como os modos de subjetivação são instituídos e difundidos. O resultado dessa pesquisa foi a obra *A Hermenêutica do Sujeito*, coletânea e transcrição da gravação de suas aulas.

A partir daí, começa a codificar a ideia de que, os modos de subjetivação<sup>27</sup> vigoravam dentro de práticas discursivas (saberes) e de poder, que são

---

<sup>27</sup> Mansano (2009) em seu artigo *Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na Contemporaneidade*, descreve algumas ideias inseridas na obra *História da Sexualidade III – O Cuidado de Si* em que Foucault exemplifica os modos de subjetivação. A partir dos estudos da cultura grega, baseados na filosofia do estoicismo, Foucault encontra nos gregos uma forma de vida em que o sujeito, por meio do que chamado “cuidado de si”, não estava relacionado a algo imposto ou institucionalizado, porque se revelava como uma forma de viver facultativa, aceita por aqueles que a desejassem. Apenas algumas pessoas escolhiam essa forma de vida, portanto, àqueles que tinham condições de “cuidar de si” também poderiam assumir cargos públicos, pois também poderiam governar as cidades e cuidar dos outros. Essa escolha partia do indivíduo, sem obrigações religiosas ou imposições de lei civil. O indivíduo que decidisse esse caminho, precisava estar preparado por passar por riquezas ou privações sem essas interferissem em sua maneira de governar. Assim, essa escolha do indivíduo, exemplificada acima, para Foucault, pode ser compreendida como um modo de subjetivação. Segundo ele, os modos de subjetivações podem contribuir para produção de diferentes organizações sociais e formas de vida.

testemunhadas pela descontinuidade de suas formas históricas, essas correspondem também a quatro grandes problematizações: natureza do ato sexual, fidelidade monogâmica, relações homossexuais e castidade, as quais se opõem a moral e a ética das sociedades cristãs europeias modernas (CARDOSO, 2005).

Conforme Foucault (1985), essas problematizações, que giram em torno do sujeito, estão relacionadas à castidade/disciplina sexual que se encontravam nos primeiros filósofos de nossa era, e que, posteriormente se fortificam na tradição antiga. Logo, a subjetividade e o sujeito estarão envolvidos em um processo de subjetivação, visto que, não existe “constituição do sujeito moral sem modos de subjetivação” (FOUCAULT, 1984, p. 28).

Parte-se da constatação de que se as subjetividades oferecem resistência quando estão envolvidas por processos de subjetivação, processos esses que vão além da forma subjetiva, “então o sujeito dispõe de uma mutabilidade ou plasticidade que lhe confere uma dimensão temporal ou transformacional.” (CARDOSO, 2005, p. 344). Para Foucault, toda subjetividade é uma forma, mas essa é simultaneamente desfeita pelos processos de subjetivação, pois “enquanto a forma-sujeito é captada pelos saberes e poderes, a subjetivação é um processo pelo qual a subjetividade mantém uma reserva de resistência ou de fuga à captação de sua forma.” (CARDOSO, 2005, p. 344).

Fora a ideia que a subjetividade está relacionada às formas de subjetivação, ainda existe a visão foucaultiana de que ela também se pauta em uma relação com o tempo e com o corpo. A temporalidade histórica está presente no percurso da formação da subjetividade, porque é a expressão do que em nós se relaciona com as outras pessoas, com as coisas e com o mundo, sempre tem afinidade e tem relação com o tempo. Já sua relação com o corpo:

De fato, se a subjetividade é, como definimos acima, uma expressão de nossa relação com o mundo e com as coisas, através da história, então, o modo mais imediato pelo qual essa relação se expressa é o corpo, entendido não apenas como corpo orgânico, mas também como corpo construído pelas relações com as coisas que encontra durante sua existência. (CARDOSO, 2005, p. 345)

---

Dessa maneira, a subjetividade tem a ver com o tempo e também com o corpo, porque envolve o processo de subjetivação, “visto ser o corpo o elemento que se inclui na heterogeneidade de elementos cuja relação se faz e desfaz com o tempo” (CARDOSO, 2005, p. 346).

Foucault (1977) apresentou a ideia de que com o aparecimento e o progresso do poder disciplinar um novo sujeito foi formado: o individualizado. Em tempos do período medieval clássico, em que os reis detinham o poder, esses aplicavam correções, castigos aos infringiam a lei. Com a constituição dos Estados Modernos, cujo desenvolvimento se deu a partir dos séculos XVIII e XIX, constituíram o poder disciplinar e com ele a estratégia não foi mais a de dominar e reprimir, mas sim de estimular o surgimento de um indivíduo que cresce dentro de um campo do saber.

Durante a propagação e crescimento das indústrias foi necessário criar um ambiente que, junto com as novas tecnologias, as forças coletivas de trabalho se adaptassem ao novo modelo de produção. Por exemplo, quanto ao uso e manuseio das máquinas, quem estaria apto para manejá-las? Por quais disciplinas e treinamentos de trabalho deveriam passar o indivíduo? É nesse momento que as práticas disciplinares visaram tomar os corpos como dóceis. Assim, Foucault (1977) afirma que com o poder disciplinar que envolve o corpo, o indivíduo se dobrava as práticas de instituições fechadas como escolas, prisões, fábricas e nesses espaços é que ele distinguiu o sujeito individualizado. Mas Foucault (1975) acreditava em uma subjetividade além da individualidade:

Gostaria de dizer que o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar libertar o indivíduo do estado e do tipo de individualização a ele vinculado. Temos que promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que nos foi imposto durante séculos. (FOUCAULT, 1984b, p. 10).

Não somente Foucault, mas também Guattari e Deleuze acreditavam que a identificação da subjetividade a uma possível individualidade, deve ser rejeitada. Ela não poderia ser passível de totalização ou centralização no indivíduo. “Uma coisa é a individualização do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos de subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social” (MIRANDA, 2005, p. 35).

Ao ler e refletir a respeito da obra foucaultiana, percebe-se que o importante para o filósofo não é certamente a definição ou teoria exata dos conceitos de sujeito e de subjetividade. Ambos, na verdade, foram problematizados e discutidos de uma forma assistemática, transversal e finalmente não verticalizada. Nesse sentido que “interessa a Foucault a discussão sobre o sujeito psicológico, individualizado, nem o estudo da formação da personalidade ou a decifração do sujeito, que implica uma dada interioridade.” (FERNANDES JUNIOR, 2014, s/p). O que fica transparente em sua visão é a construção histórica da noção de subjetividade, “mostrando como a identidade está em constante transformação e suas relações com os mecanismos de controle e com os jogos de poder, ou seja, com o exterior com o(s) qual(is) se relaciona(m).” (FERNANDES JUNIOR, 2014, s/p).

Assim, reconhecer como o sujeito de práticas sociais, como instituições, sexualidade, tempo histórico, entre outros, constitui em afirmar uma identidade e reproduzi-la, “sem notar que é exatamente ela que nos mantém presos ao poder” (PRADO FILHO, 2005, p. 49).

Saindo de Foucault, Brito (2012), no artigo “Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a ideia de subjetividade desterritorializada”, afirma que, segundo Deleuze e Gattari, é possível “notar a desfiguração do sujeito unificado, estável, totalizante e universal. A filosofia contemporânea de Deleuze e Guattari não cessa de denunciar sua crise, o sujeito unificante e estável está em diluição, o eu está em dissolução” (BRITO, 2012, p. 6). A partir disso, rompe-se a ideia de uma subjetividade formada somente pela interioridade do sujeito, porque ela vai se construir no campo nas construções sociais, dentro das vivências individuais, singulares e particulares de cada um, por isso a subjetividade transcende o próprio indivíduo (GUATTARI; ROLNIK, 1986).

Gattari (1992), em sua obra intitulada *Caosmose*, afirma ainda que a subjetividade pode ser polifônica, plural, que interage, produz sentidos, opera modos coletivos. Por exemplo, hoje em uma sociedade tecnológica, em que os meios de comunicação fazem cada vez mais parte do dia a dia dos indivíduos, em que as informações estão presentes em tempo real e de fácil acesso, são modificações que obrigam o homem a se inteirar e ficar alerta para as alterações que o rodeia. Devido a isso, a subjetividade não se posiciona no campo individual, mas sim nos campos dos processos de produção social, até por que “a subjetividade individual resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais,

mas econômicas, tecnológicas, de mídia etc.” (GUATTARI E ROLNIK, 1986, p.34) Tudo isso compete para de subjetividades, presentes nos diversos campos sociais, por isso é considerada polifônica.

Não só Foucault e Guattari, mas também Deleuze tentou mapear o território do sujeito, de como se apresenta no mundo e de como se exibem as subjetividades, intrínseca sou não a ele. Gilles Deleuze, durante um tempo, debruçou-se em estudar a organização social ancorada ao capitalismo, em que se desenvolveram as novas tecnologias digitais e eletrônicas, envoltas da superprodução e do consumo. Perante a sociedade altamente midiaticizada, em meio à fascinação pela visibilidade e a queda dos muros que separavam o público e o privado, novas formas de subjetividades se edificaram.

O ser humano é estudado não só pelas ferramentas de um determinado período histórico e dramas sociais, mas também pode ser visto por suas experiências vividas e imaginação. Constituído de materiais de sonhos, a essência do homem pode ser caracterizada por seus medos, afetos, dores, amores, dúvidas, enfim sentimentos e vontades diversas. Muitas são as turbulências que ameaçam este mundo de subjetividades introdirigidas. “Em decorrência desses abalos, estariam emergindo outras construções indenitárias baseadas em novos regimes de produção e tematização do „eu“.” (SIBILIA, 2008, p. 90). Assim, por exemplo:

[...] hoje é colocada em questão a primazia da vida interior, uma entidade que desempenha um papel fundamental na conformação subjetiva moderna. Fatores de visibilidade e aparências – aquilo que costumava ser tematizado como enganadora exterioridade do „eu“ – balizam, com uma insistência crescente, a definição do que é cada sujeito. Ao mesmo tempo, estariam se esvaziando aquele denso acervo alojado nas profundezas da alma humana. Ou, pelo menos, seus antigos bríos perdem intensidade, reclamam menos cuidados e atenções, em proveito de outras regiões do „eu“ que subitamente se iluminam atraindo todos os olhares. (SIBILIA, 2008, p. 90)

Acompanhando tais mudanças, o exibicionismo da intimidade se expande a cada dia fazendo emergir o que Sibilia (2008) nomeia de “tirantias da visibilidade.” Por exemplo, a interioridade psicológica do ser humano tem invadido universo das redes sociais da internet, programas que exibem discussões familiares, intimidades do casal, narcisismo e voyeurismo. Sem dúvidas, tais fatores colaboram para que a constituição das subjetividades também se modifique.

Para explicar o sentido desse deslocamento, três níveis de experiências subjetivas são apresentadas por Sibilia (2008). Rapidamente, são elas: o nível

“singular”, cuja análise procura focalizar o indivíduo como “sujeito único e irrepetível” (SIBILIA, 2008, p. 16). A outra, extremo da primeira, seria um nível “universal” da subjetividade, “que abrange todas as características comuns ao gênero humano, tais como a inscrição corporal de cada sujeito e sua organização por meio da linguagem.” (SIBILIA, 2008, p. 16) E por último, um nível que se localizaria entre os demais citados, denominado “particular” ou “específico”. “Essa perspectiva contempla aqueles aspectos da subjetividade que são claramente culturais, frutos de certas pressões e forças históricas as quais intervêm vetores políticos, econômicos e sociais” (SIBILIA, 2008, p. 16). Esse nível procura detectar noções comuns a alguns sujeitos, como por exemplo, os que podem partilhar a mesma bagagem cultural e momento histórico. Mesmo assim, não afetam todo o contexto da espécie humana (nível universal), e muito menos preenchem traços individuais (nível singular) (SIBILIA, 2008).

Um exemplo claro de nível “particular” é a interioridade psicológica do homem. Ele é regido por construções históricas, tipo de sociedade que está inserido e os meios culturais que tem contato, produzindo assim o seu “eu”. Logo, a interioridade humana faz parte de modos de subjetivações que são historicamente localizáveis.

Tanto Foucault, Deleuze e Guattari consideram a consciência humana como sendo um fruto de interação cultural. Aquele homem da “sociedade disciplinar” que olhava para si, a fim de se conhecer profundamente, alcançar e conhecer o seu verdadeiro “eu” definido por Descartes em sua ideia de “volta-se para dentro”, modificou-se na “sociedade de controle”. Se as subjetividades estão ligadas aos modos de ser e estar no mundo, uma nova produção de subjetividade emerge.

A internete contribui para que novas modalidades de autoconstrução se proliferem. “Neste momento se insinua uma nova retirada das fontes do “eu”, que abandonam sua morada emprazada dentro de cada sujeito, enquanto anunciam uma gradativa exteriorização da subjetividade” (SIBILIA, 2008, p. 95). O que tudo indica é que o eixo em torno do qual as subjetividades eram construídas se modificaram. Migraram do espaço interior da alma, pensamentos e conflitos humanos, para ser estruturado em torno do corpo, ou seja, da imagem do que cada um representa.

Os novos meios tecnológicos propiciaram ao homem a cultura das aparências, do espetáculo e da visibilidade, em que mergulhar na alma humana foi

trocado pelo “parecer para ser”. “Pois tudo aquilo que permanecer oculto, fora do campo da visibilidade - seja dentro de si, trancado no lar ou no interior do quarto próprio, corre triste risco de não ser interceptado por olho algum. (SIBILIA, 2008, p. 111). E assim como oferece a sociedade do espetáculo, se ninguém vê é provável que não exista (DEBORD, 1967) Em meio a esse modelo de sociedade acontece, ao poucos, a exteriorização da subjetividade, ela também é um processo que está em constante invenção e mudanças do “si” relacionadas às instituições, sociedade e tempo histórico.

## 2. ESPAÇO VIRTUAL, LITERATURA E MULHER

*Na era da comunicação eletrônica o livro não morrerá,  
mas sua alma se libertará do seu corpo.*

(MACLUHAN, 1977)

É evidente que, com surgimento das tecnologias digitais, o homem criasse uma nova postura perante o mundo cada vez mais digitalizado. Dentre as questões relativas às mudanças sociais e culturais, faz-se importante pensar que, com a literatura e os estudos literários, não está sendo diferente, porque ambos estão estritamente vinculados às atividades que ocupam o mais empregado meio de comunicação atual: a internete.

Em séculos anteriores, outras formas de comunicação já haviam modificado o costume de fazer e de apresentar a literatura. Por exemplo, o aparecimento do códice, do livro no formato como o conhecemos hoje, a invenção da imprensa e da máquina de escrever também tiveram seus papéis na transformação do escrever e divulgar os textos literários. Com a imprensa ocorreram alterações nos modos de criação, hábitos de leitura, divulgação e recepção, adquiridos junto às sociedades. Com o passar dos anos, a máquina de escrever automatizou a escrita e a relação do escritor com seu texto, para finalmente, o meio digital surgir como facilitador na divulgação não somente da informação, arte e entretenimento, mas também, fazer pensar a respeito do produzir, ler e o entender literatura.

Quem escreve literatura, geralmente, tem a intenção de publicar e divulgar o que escreveu. Embora o universo digital tenha possibilitado a escritores aproximar seus textos de eventuais leitores, mesmo antes da informática, por meio de esforços próprios (meios financeiros, por exemplo), alguns escritores reproduziam seus trabalhos, publicavam seus livros e, muitas vezes, os divulgavam e vendiam pessoalmente em espaços que abrissem as portas para a divulgação da arte literária. Conforme Candido (1985), o processo de formação de um texto literário brasileiro deve sempre aparecer associado aos leitores, ou seja, a tríade autor-obra-público é fundamental para que o texto literário seja caracterizado como existente. Com a ausência de um dos três elementos, existiriam apenas manifestações literárias.

No universo digital, os leitores não são os mesmos, eles se multiplicam, e além de ler, opinam, auxiliam na montagem do texto, criticam e o divulgam a outros inúmeros leitores. Novas teorias surgem para dar conta dessas mudanças e termos como hipermídia, hipertexto, poéticas digitais, literatura virtual, literatura digital, ciberliteratura, dentre outros, surgiram e trouxeram com eles novas indagações e ideias perante essa literatura apresentada na tela e depositada no meio virtual.

Escritores que publicavam somente em texto impresso, atualmente, utilizam ebuques, blogues, vlogues, sítios de relacionamento, dentre outros espaços virtuais, para divulgar seus trabalhos. Assim, o objetivo deste capítulo é discutir ideias e conceitos relacionados à literatura, à internet e à mulher escritora que se utiliza desse espaço para divulgar os seus trabalhos.

### **2.1 Desfronteirizações: a literatura e a internete**

Entre o final do século XX e início do XXI, quando a internete se consolidou como meio de comunicação, ideias referentes ao fim do livro e até da literatura começaram a ser discutidas. Ao pensar então que a literatura é muito anterior ao livro, tal discussão também tomou um caminho diferente, como o de analisar suas possíveis mudanças perante o uso da tela e das mídias digitais.

Dessa forma, este tópico de capítulo pretende oferecer apontamentos a respeito da literatura e sua interatividade ao meio digital, além de alguns conceitos como hipermídia, hipertexto, a questão da autoria e do leitor. Também serão apresentadas algumas discussões sobre condutas de mercado em relação à publicação no meio digital, pois à medida que a realidade tecnológica evolui, novas formas de produção, recepção e divulgação do discurso literário vão surgindo:

[...] el paso del texto impreso al texto electrónico lleva otro entorno físico y otros hábitos de composición y lectura. Esas transformaciones tienen consecuencias en los procesos de aprehensión y conceptualización del producto literario y configuran unos paradigmas alternativos de conocimiento (VOUILLAMOZ, 2000, p. 103)

Mudanças no suporte em que se lê e escreve literatura sempre ocorreram, por isso, muito antes da escrita, as primeiras histórias contadas já existiam por meio da oralidade. É nato do homem a necessidade de narrar histórias e, conforme

argumenta Murani (2011), a insistência das narrativas contadas “mesmo antes de o homem desenvolver a linguagem verbal, através da escrita rupestre, faz-nos pensar que a própria noção do humano, e mesmo civilização, relaciona-se intimamente com a escrita e a leitura do literário”. O encontro entre a literatura e o livro aconteceu há seis mil anos, contudo somente há cerca de quinhentos anos “foi firmado este acordo, entre o livro impresso – o amadurecimento do suporte, desde as tábuas até o códice – e a literatura moderna (MURANI, 2011). Desde então, pode-se dizer que a literatura começou, aos poucos, a se tornar parte intrínseca ao livro. Assim, para ser literatura, pressupõe-se o livro impresso, porque é por meio dele que ela fluirá, os torna quase que sinônimos. Todavia, com a evolução tecnológica e o uso do computador, os textos de literatura passaram a ser digitalizados e lidos em outro suporte - a tela:

La evolución tecnológica a lo largo del siglo XX ha proporcionado una plataforma interdisciplinar que posibilitan nuevos modos de creación, divulgación y enseñanza del objeto artístico. En la literatura está presente desde hace décadas en reto de propone maneras alternativas de entender el fenómeno literario: la propia reflexión teórica se suma, además, modelos culturales que apuntan hacia otro planteamiento de los mecanismos de producción y recepción literarias, y por lo tanto, hacia unas nuevas respuestas críticas (VOUILLAMOZ, 2000, p. 103)

Logo, falar de literatura eletrônica implica pensar no discurso literário em um formato digital e a uma reconfiguração não somente do texto, mas do produto literário que se apresenta na hipermídia. “O prefixo *hiper* sugere a superação da mídia o que não deixa de ter sentido, quando pensamos justamente no esboroamento das margens” (MURANI, 2011, p 3).

Dessa maneira, a hipermídia resulta na convergência entre mídias em que as mais diversas linguagens, textos, imagens, vídeos, fotografias, músicas, entre outros, apresentam-se como uma só. Muitos são os espaços onde se encontram dispostos essas diversas linguagens.

Rapidamente a respeito das definições *sites*, *blogs* e *ebook*, sabe-se que *sites* ou sítios, como muitos já preferem chamar, é um conjunto de hipertextos ou páginas da *Web*. O conjunto de todos os sítios públicos é que compõem a WWW

(*Word Wide Web*)<sup>28</sup>. Muitos podem ser registrados gratuitamente, já outros dependem de uma taxa mensal para permanecerem ativos.

Já os *E-books*, de termo de origem inglesa, é a abreviação do termo *electronic book*, ou seja, livro eletrônico. É uma obra em uma versão igual ao do livro de papel impresso, mas em formato diferente, o da mídia digital. Ele pode ser lido em aparelhos como *laptops*, celulares, tela do computador, *tablet* etc. Geralmente é vantagem adquiri-lo em virtude do preço mais acessível que o livro impresso e pela portabilidade.

A palavra *blog* vem da simplificação do termo *weblog*, que por sua vez resulta da justaposição das palavras da língua inglesa *web* e *log*. Enquanto *Web* tem o significado de rede, o *log* designa “o registro de atividade ou desempenho regular de algo. Numa tradução livre podemos definir *blogue* como um diário *online*”<sup>29</sup>. Os *blogues* são páginas que regularmente se publicam textos, imagens, músicas e se tem um espaço no qual quem o visita pode opinar escrevendo a respeito do que leu ou assistiu. Já os *vlogues* são páginas que consistem basicamente na exposição de vídeos, na maioria das vezes de pessoas que gravam os mais variados assuntos e expõem na *web*.

Outro dado interessante que vale ressaltar, é o das diferenças em ler um texto digitalizado *online* e *offline*. Por exemplo, em um texto *offline*, lido tanto no computador, quanto em um *tablet* que não esteja conectado à internet, o leitor fica preso somente ao que está lendo, diferenciando-se do livro apenas quanto ao suporte. “Literatura em *ebook* não é sinônimo de literatura e *internet*. O *ebook*, como declara o próprio nome, é um livro eletrônico” (MURANI, 2011, p 3). De tal modo que um livro se diferencia do *tablet* no manuseio do suporte, porque em vez de se folhear o papel, toca-se o teclado do computador ou a própria tela. Por isso, a afinidade que se tem em manusear um livro, tateando seu formato, sentir seu peso, cheiro e a possibilidade de executar simples anotações, não será mais a mesma no meio eletrônico. A leitura, sem dúvida, ocorre de forma diferente, pois perante uma

---

<sup>28</sup> A World Wide Web (que em português significa, "Rede de alcance mundial"; também conhecida como Web e WWW) é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na Internet. Os documentos da world wide web podem estar na forma de vídeos, sons, hipertextos e figuras, e para visualizar a informação, utiliza-se um programa de computador chamado navegador para descarregar essas informações, e mostrá-los na tela do usuário. O usuário pode então seguir as hiperligações na página para outros documentos ou mesmo enviar informações de volta para o servidor. Disponível em: <http://www.significados.com.br/world-wide-web/> Acesso jan 2015.

<sup>29</sup> Disponível em: <http://www.significados.com.br/blog/> acesso em jan 2015.

tela que propaga luz e em que o texto pode ser movido por um teclado ou *mouse*, o leitor poderá “sentir a eletricidade, ouvir os estalos da eletrostática, [...] desligar o texto da tela e deixá-lo apontado por um marcador virtual” (RIBEIRO, 2007, p. 129).

Já no espaço *online*, além de lidos, podem ser compartilhados, recortados, comentados, traduzidos, *linkados* etc. Dessa forma, um texto pode juntar-se a outros códigos, dando origem ao hipertexto. As palavras hipertexto e hipermídia apareceram pela primeira vez em 1965, cunhadas pelo sociólogo e pesquisador estadunidense Theodor Holm Nelson, conhecido como Ted Nelson, um dos pioneiros em estudar a Tecnologia da Comunicação.<sup>30</sup> Outros teóricos como George Landow (1990, 1992), Pierre Lévy (1999), Jean Clément (2004) e Marshall McLuhan (1967) também o definiram:

One of the fundamental characteristics of hypertext is that it is composed of bodies of linked texts that have no primary axis of organization. In other words, the metatext or document set the entity that describes what in print technology is the book, work, or single text has no center. Although this absence of a center can create problems for the reader and the writer, it also means that anyone who uses hypertext makes his or her own interests the de facto organizing principle (or center) for the investigation at the moment. One experiences hypertext as an infinitely de-centerable and re-centerable system, in part because hypertext transforms any document that has more than one link into a transient center, a directory document that one can employ to orient oneself and to decide where to go next. (LANDOW, 1992, p.11)

Já Vouillamoz (2000) afirma que, para Nelson, o hipertexto deve permitir o livre movimento do usuário, não sendo sequencial e nem linear. Propõe ainda, em sua lógica de funcionamento, uma escrita como uma rede interligada de nós que os leitores podem percorrer de modo multidimensional. Os nós, para Levy (1996), são as páginas, parágrafos, sequências musicais, imagens, enfim, todos os elementos de informação apresentados na rede. Esses, por fim, são ligados por notas, botões, referências que executam o acesso de um nó a outro. Landow (1992) intitula esses mesmos nós de elos que comumente são chamados de *links* e *hiperlinks*.

Logo, o hipertexto “resulta de uma série de decisões: regulagem do tamanho dos nós ou dos módulos elementares, agenciamento das conexões, estrutura da interface de navegação etc.” (LEVY, 1996, s/p)<sup>31</sup>. Consequentemente, o suporte

<sup>30</sup> Disponível em: <https://blogs.chapman.edu/happenings/2014/02/04/intertwined-a-celebration-of-the-work-of-computer-iconoclast-ted-nelson/> Acesso em ago. 2014.

<sup>31</sup> Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_lit/definicoes/verbete\\_imp.cfm?cd\\_verbete=5118&imp=N](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/definicoes/verbete_imp.cfm?cd_verbete=5118&imp=N) Acesso em 15 jul. 2014.

digital permitirá ao leitor novos tipos de leitura e de escritas coletivas. É o que, para Levy (1996), é chamado de texto móvel, pois todos os leitores podem não apenas modificar, mas acrescentar nós, por isso a partir do hipertexto toda leitura se tornou também um ato de escrita. O hipertexto jamais é duas vezes o mesmo, ele, segundo Levy (1996), desterritorializa-se, por isso todos os textos disponíveis na internet se tornam um único hipertexto em crescimento ininterrupto. “Não há mais um texto, discernível e individualizado, mas apenas é posto em movimento, envolvido em um fluxo, vetorizado, metafórico” (LEVY, 1996, s/n)<sup>32</sup>.

O resultado desse novo formato implica a construção não linear do texto e de sua leitura, “La ruptura de la linealidad discursiva o la superación de los límites del papel constatan la evidencia de que se están superando los médios tradicionales de producción y recepción” (VOUILLAMOZ, 2000, p. 68). Todavia, “o texto literário nunca fincou pé na permanência e na linearidade, ao contrário do que muita gente tem afirmado [...] tal equívoco parece decorrer de certa confusão entre literatura e livro” (SANTOS 2003, p. 21). Em meio à criação e à constituição do texto literário, este não pode ser considerado linear, pois “jamais a literatura, a boa literatura ao menos, apostou na univocidade. Isso quer dizer que entre pluralidade e fragmentação, a criação literária soube escolher uma ou outra, às vezes uma e outra” (SANTOS, 2003, p. 21). Como o livro, durante séculos, foi o mais importante meio de propagação da literatura, assim como a voz na tradição oral e os códices no início da tradição escrita, segundo Santos (2003), tais bases materiais conseguiram associar sucesso na maneira operacional em se ter contato com a literatura. Tal maneabilidade tornou o livro genericamente um produto limitado e estável, em que a leitura e o contato com a obra literária foi tratada como linear:

O que ocorre com a mudança da base material, da página impressa para o meio eletrônico, é que, em certo sentido, o livro se aproxima do texto, ele se deixa contaminar pela fluidez, por determinada imprevisibilidade, pela não linearidade que foram, sempre, as do próprio texto. Aquilo que no texto é intertextualidade, no livro eletrônico encontra correspondência na pluralidade de percursos e na heterogeneidade de materiais (associação de matéria verbal, imagens, sons, etc) (SANTOS, 2003, p. 22).

---

<sup>32</sup> Disponível em:

[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_lit/definicoes/verbete\\_imp.cfm?cd\\_verbete=5118&imp=N](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/definicoes/verbete_imp.cfm?cd_verbete=5118&imp=N) Acesso em 15 jul. 2014.

O livro de papel, em sua disposição organizacional, é chamado de linear, diferentemente da disposição que o hipertexto apresenta. Em resumo, mesmo antes de os meios eletrônicos existirem, a literatura, enquanto processo de criação, já se configurava como não linear, pois o criar, o escrever, passa por um procedimento de construção, reconstrução, recortes, acréscimos até o texto ser finalizado para a publicação.

Já a leitura da obra no impresso se encerrava na tríade autor-obra-leitor, sem ocasionar modificações à composição da produção. Dessa forma, enquanto na literatura tradicional, “as palavras difundidas por um autor são sempre o ponto de partida e de chegada para a construção da leitura, na literatura virtual, as compreensões resultantes da recepção de um texto podem ser muito mais variadas” (LIMA, 2008, p. 61), no espaço virtual, o leitor terá papel fundamental para a construção e significação do texto, porque ele poderá interferir no que leu, acarretando na construção do hipertexto, por isso a função de autor e leitor pode confundir-se em uma só. Conforme Jobim (2005), as definições das palavras autor e autoria estão geralmente relacionadas àquele que produz um texto “cuja origem absoluta estaria no próprio sujeito criador – daí a cobrança da originalidade do que ele cria” (JOBIM, 2005, p. 473).

A questão que paira é a função do autor em meio à internet e ao hipertexto. Mesmo antes do surgimento do meio virtual, os teóricos pós-estruturalistas, Michel Foucault (1981) e Roland Barthes (1988), convergiram parte de suas ideias a respeito da morte da figura do autor. No artigo “Autor e leitor em tempos de literatura”, Elaine A. Lima (2008) sintetiza que os teóricos consideram o leitor como arte fundamental no processo de significação do texto, pois o ideal seria aquele pluralizado, em que no caso a figura individualizada do autor é apagada e colocada em xeque. Ambos teóricos, ainda segundo Lima (2008), imaginavam como escrita ideal àquela cuja arquitetura era feita por meio de grupos de palavras ou imagens, as quais, mesmo antes da internet, já lembravam os *links*, chamados de nós por Levy (1996). Logo, “o ato de ler torna-se movido pelos escopos do leitor e não necessariamente pela percepção totalitária de um assunto ou de um objeto. Dessa forma, a leitura molda-se como um ato de construção de sentidos” (LIMA, 2008, p. 62).

Nessa construção, a intertextualidade é a característica mais latente e primordial do hipertexto, em que o texto deixa de possuir um centro relacionado a

seu significado e passa a ter centros, objetivos diferentes, de acordo com o uso que faz dele cada receptor:

As readers move through a web or network of texts, they continually shift the center -- and hence the focus or organizing principle -- of their investigation and experience. Hypertext, in other words, provides an infinite lyre-centerable system whose provisional point of focus depends upon the reader, who becomes a truly active reader in yet another sense (LANDOW, 1992, p.11).

Neste caso, o texto produzido na rede não tem uma referência autoral precisa, ela é múltipla. Corrêa (2008), no artigo “Inclusão social e literatura digital no Brasil”, questiona se haveria ou não diferença entre o autor do mundo digital para a do mundo “real”. Afirma que quanto à qualidade, a virtualidade eletrônica não apresenta diferenças perante o sistema cultural, embora o texto eletrônico ainda precise de uma concretude no que se refere à questão autoral. Aponta, por exemplo, que o escritor brasileiro Luís Fernando Veríssimo aparece como sendo autor de vários textos que circulam na internet, mas que, na verdade, não são dele. “Este problema da genética textual ganha maior proporção devido ao imediatismo ou velocidade de criação, transmissão e recepção dos textos” (CORRÊA, 2008, p. 35).

Geralmente, leitores e alguns escritores criam um mesmo horizonte de expectativas com relação à literatura impressa que é transferida ao computador (digitalização) e àquela que já é produzida na rede. A primeira nasceu do impresso e tem mais possibilidade de ter seus direitos autorais reservados, todavia quando este mesmo texto é digitalizado e passa a ser circulado em meio digital, pode correr o risco de possíveis alterações, inclusive quanto à precisão da autoria. Já o contexto da literatura digital “não pertence à galáxia de Gutenberg, mas sim ao mundo das redes e das mídias programáveis, quais sejam: games, animações, artes digitais, design digital, todos eles pertencentes à cultura visual eletrônica” (SANTAELLA, 2012, p. 230). Por isso, a literatura impressa não pode ser confundida com a que nasce no meio digital.

Segundo Corrêa (2008), o exercício da literatura digital no Brasil tem aproximadamente 20 anos. Universidades do país discutiram e discutem academicamente muitos assuntos relacionados à internet e à circulação de textos na rede. Houve, inclusive, a preocupação de digitalizar obras e dados sobre literatura canônica que pudesse estar disponível ao domínio público. Dentre as universidades, destaca-se a Federal de Santa Catarina. O NuPILL (Núcleo de

Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística da Universidade de Santa Catarina) é um dos principais núcleos de pesquisa que contam com um considerável número de obras digitalizadas na rede, além de formar um grupo de pesquisa que centraliza os estudos em Literatura e Informática. Atualmente, são numerosos os *sites* acadêmicos, revistas eletrônicas, *sites* organizados por entidades governamentais que divulgam a produção literária, tanto digitalizada, quanto à escrita literária em meio virtual.

Sem dúvida o espaço virtual proporcionou um salto qualitativo quanto à produção literária. Mesmo reconhecendo que novas e específicas formas literárias surgiram nos ambientes virtuais, sugerindo novos formatos de escrita e leitura, não se faz necessário abandonar ou menosprezar os modos tradicionais de criação e divulgação. O que de mais importante aconteceu foi a internete facilitar a circulação de textos, que antes, dependiam exclusivamente da divulgação do meio impresso. Para Vouillamoz (2000), umas das mais notáveis e positivas consequências foi colocar o texto, a palavra, em um centro de discussões metodológicas de novas tecnologias, ou seja, “por vez primeira en décadas, la palabra escrita compite por la atención de las nuevas generaciones, criadas en el marco de una nueva oralidade, la de los médios audiovisuales (VOUILLAMOZ, 2000, p. 12). Assim, a internete possibilitou consultar obras impressas em formato digital, com praticidade e rapidez e ainda tornar possível a escrita em um meio e novo formato de circulação e produção.

### **2.1.1 A mulher e a sociedade tecnológica**

Em 1949, “Simone de Beauvoir havia escrito que não se nasce mulher, torna-se.” (PINSKI, 2012, p. 513). Em seu livro *O segundo sexo*, apresentava a ideia de destino natural feminino e da invenção dos papéis criados e tradicionalmente distribuídos às mulheres. Somente mais de dez anos depois, que essa ideia ganhou maior importância, ocasionando mudanças que contribuíram para diminuir as diferenças: “Como eles, elas estudam, trabalham, viajam, leem jornais, veem TV, têm acesso a informações sobre o país e o mundo.” (PINSKI, 2012, p. 514).

A partir da segunda metade da década de 1960, muitas transformações acarretaram na mudança da imagem da mulher. Percorrendo um caminho lento, elas também chegaram ao espaço público e, aos poucos, tornaram-se emancipadas de parte da cultura patriarcal. Tanto nas universidades, quanto no mercado de trabalho, o papel feminino se aproxima cada vez mais da posição social de igualdade entre os gêneros. Por isso, em época de crescimento das mídias digitais, a mulher também toma a tecnologia como aliada na sua luta por liberdade.

Os chamados Anos Rebeldes, anos sessenta e início de setenta, marcaram a abertura de um momento que perdura até os dias de hoje, “com fronteiras borradas, polarizações desfeitas e identidades reconhecidamente cada vez mais plurais.” (PINSKI, 2012, p. 514). A pílula anticoncepcional, a liberdade sexual, a cesariana, as mudanças nos papéis familiares, a crescente escolarização feminina e as mudanças no consumo, criaram a imagem da “mulher cidadã”. Essa está inserida nas lutas políticas, movimentos sociais que têm a intenção de representar a mulher no espaço público. Conforme argumenta Pinski (2012), não que a militância tenha começado nos “Anos Rebeldes”, mas é, principalmente a partir dos anos de 1970, que as lutas femininas buscam a “libertação” das mulheres pela “igualdade da diferença”. Enfim, a mulher desta época é mais comprometida com as causas de seu tempo:

De fato, todo o movimento em favor da afirmação dos direitos da mulher e da construção da esfera pública democrática, desenvolvido pelo menos nas quatro décadas anteriores, pavimentaria caminhos e abriria portas para a aceitação social da “mulher cidadã”, com direitos e deveres correspondentes (PINSKI, 2012, p. 540).

Dessa forma, o primeiro passo tomado foi o da conscientização em relação à discriminação de gênero. Tal inquietação levou ao desejo de transformação e por isso hoje, mulheres são formadoras de opinião e participantes ativas da sociedade. Atuam tanto no mercado de trabalho, quanto nos meios de comunicação, ONGs, na política e inclusive na produção científica em que, sem dúvida, um fator colaborativo foi sua escolarização. “A ultrapassagem numérica das mulheres com relação aos homens no ensino superior coroou com êxito lutas antigas pelo acesso feminino às universidades” (PINSKI, 2012, p. 534). A qualificação abriu portas para que as mulheres ocupassem cargos de chefia ou estivessem no comando de seus próprios negócios em todos os níveis. Foram admitidas em variados setores, antes

pertencentes ao sexo masculino, tais como pilotos, policiais, bombeiros entre outros. Finalmente, nos anos de 1980 com a revolução da informática, aconteceu a supressão de fronteiras de gênero no mercado de trabalho.

Todavia, que papel desempenhou a mulher no universo da história da informática? Voltando um pouco na cronologia dos fatos, Schwartz et al. (2006) apontam que a história da informática está relacionada à das ciências, principalmente às exatas, como a matemática. Isso porque, no início, os computadores eram simplesmente máquinas que possibilitavam desenvolver cálculos mais complexos e com maior rapidez. Logo, antes de discorrer sobre a participação da mulher na história da informática é necessário pensar a respeito de sua colaboração na história da ciência.

Durante muito tempo as mulheres foram consideradas incapacitadas de trabalhar no universo científico por serem vistas como frágeis, mães, provedoras do lar, não lhes competindo a função de cientista, principalmente devido ao tempo de dedicação que um laboratório demanda. Plant (1999) discorre que para Freud as mulheres não tinham pensamento lógico, por isso não refletiam com clareza e eram incapazes de se concentrar.

Entre os séculos XVII e XVIII, sem a necessidade da educação universitária, muitos laboratórios científicos estavam situados no recinto familiar, o que permitia o acesso da mulher a esse ambiente. Mesmo sabendo que nesta época, a educação oferecida às mulheres tinha como prioridade os cuidados com o lar, filhos e marido. No entanto, em algumas famílias mais abastadas, mulheres estudaram e prosperaram no campo das ciências como física, química, matemática, filosofia, entre outras. Para Schiebinger (2001), elas só começaram a se tornar cientistas, de fato, entre o final do século XIX e início do XX.

Apesar das universidades terem sido fundadas no século XII, somente no século XIX, com a formalização rigorosa da ciência, passou a ser obrigatório o estudo nas universidades para seguir carreira científica. Nesse período, as atividades para a manutenção da família passaram a fazer parte da esfera privada, sendo atribuído este espaço às mulheres. A ciência passou a fazer parte da esfera pública, espaço atribuído aos homens, excluindo a mulher das universidades e do meio científico (SCHWARTS et al., 2006, p. 260).

Assim, a partir da formalização da ciência, duas opções restaram às mulheres que desejavam seguir carreira científica: a primeira “por meio do estudo

nas universidades, porém com pouco êxito até o início do século XX. [...] A segunda opção era por meio da família (esfera privada) como assistentes de maridos, pais ou irmãos” (SCHWARTS et al., 2006, p. 260). Embora tenham aumentado o número de mulheres em carreiras científicas, durante muito tempo a maioria delas permaneceu no campo das ciências humanas, ou melhor, da área da educação. As áreas exatas eram predominantemente masculinas, mas Schwarts et al. (2006) já defendiam que a ideia de que gradualmente este cenário se alteraria. Hoje é sabido que as mulheres são capazes, tanto quanto os homens, de desenvolver qualquer atividade intelectual. Fato comprovado com o crescente número feminino em todos os ramos da ciência, inclusive naqueles tidos como masculinos, como é o caso da informática.

Assim como as mulheres foram consideradas incompetentes nas áreas científicas, com a tecnológica não foi diferente, pois a tecnologia sempre foi considerada “coisa de homem”.

Quando os primeiros computadores começaram a ser utilizados parecia óbvio que esta seria uma área feminina, uma vez que as mulheres tradicionalmente realizavam a atividade de “computar”, realização de cálculos para cientistas. Assim, seria natural que elas continuassem a realizar essa atividade, agora com ajuda dos computadores (SCHWARTS et al., 2006 apud LUBAR, 1998, p. 25).

Todavia não foi isso que aconteceu, pois mesmo que as mulheres tenham alcançado significativo espaço nas ciências tecnológicas, elas ainda são minoria. As primeiras mulheres que trabalharam nesta área tinham, na maioria das vezes, a formação de matemáticas. Dois nomes se destacaram entre as primeiras mulheres que colaboraram para o desenvolvimento da informática: Augusta Ada Byron (1815-1852), considerada a primeira programadora da história e Grace Murray Hopper (1906-1992), que ajudou no desenvolvimento do primeiro compilador e na linguagem de programa COBOL.

Ada Byron nasceu em Londres e era filha do poeta Lord Byron e da matemática Ann Isabella Milbanke, cujo título era Princesa dos Paralelogramos. Essa encorajou a filha a estudar matemática e segundo Schwarts et al. (2006 apud GÜRER, 2002, p. 117) Ada foi inventora de muitas técnicas de programação. Seu principal trabalho foi em parceria com o matemático e inventor inglês Charles Babbage (1791 – 1871). Durante o período em que esteve envolvida com o projeto de Babbage, ela desenvolveu os algoritmos que permitiriam à máquina computar os

valores de funções matemáticas, além de publicar uma coleção de notas sobre a máquina analítica (QUINTINO et al., 2011, apud MOORE, 1977). Babbage, considerado o inventor do primeiro computador de uso geral, desenvolveu também uma máquina de calcular que batizou de Engenho Diferencial, cujo objetivo era computar tabelas aritméticas. Ada Byron, ao ter contado com a invenção de Babbage, aprimorou a máquina Engenho Diferencial e desenvolveu conceitos e estruturas semelhantes às utilizadas na programação atual. Mais tarde, mesmo cem anos antes do primeiro *hardware* ter sido construído, tal estrutura desenvolvida foi considerada o primeiro programa de computador da história. Schwarts et al. (2006) explicam que, apesar de Ada Byron ter sido nome de relevância nas ciências tecnológicas, é geralmente citada apenas como ajudante de Babbage ou como filha de Lord Byron.

Já Grace Murray Hopper nasceu em Nova York, formou-se física e em matemática, sendo que nesta última ciência, também defendeu mestrado e doutorado. Foi professora, trabalhou na marinha e em Harvard participou do *Bureau of Ordinance Computation Project*, lugar em que trabalhou na programação de computadores chamados *Mark I*, *Mark II* e *Mark III*. Pela participação nesse projeto ganhou o Prêmio *Naval Ordinance Development Award*. Hopper teve “grande influência na formulação de uma linguagem comum orientada para negócios, que deu origem ao acrônimo COBOL (*Common Business Oriented Language*).” (SCHWARTS et al. 2006, p. 272). Faleceu aos 85 anos e foi condecorada em seu cortejo pela Marinha Americana.

Nomes de mulheres como Marina C. Chen, Adele Goldberg, Madge Greswold, Lois Haibt, Sister Mary Kenneth Keller, Emmy Noether, Susan Owicki, Jean E. Sammet, Stephanie Seneff e da brasileira Maria Fernanda Teixeira, entre muitas outras, são importantes. Isso por que, entre o final do século XX e este início do XXI têm desenvolvido inúmeras ferramentas que estão contribuindo para a história da informática. Na atualidade, pesquisas apontam que o número de mulheres que participam da área das Tecnologias da Informação (TI) cresce a cada ano, mesmo assim de forma irrisória. Como exemplo, no artigo “Um estudo sobre Mulheres na Tecnologia da Informação”, Quintino et al. (2011, p. 3) apresentam, em sua pesquisa, que a atuação feminina na “área de tecnologia é a segunda menor comparada às outras profissões [...] e que nessa mesma área, houve um pequeno

crescimento de 0,56% de 2008 para 2010”. Atualmente, o setor ainda é dominado pelos homens:

Para se ter uma ideia, no Porto Digital, uma das principais instituições do setor no estado, dos 1.187 profissionais integrantes, apenas 399 são mulheres. Já no Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (Cesar), o quadro masculino de funcionários chega a 70%. E a questão não fica apenas no mercado profissional. As mais importantes entidades de ensino pernambucanas também são um reflexo da minoria feminina. No Centro de Informática (CIn) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), dos 1.034 estudantes matriculados nos cursos de ciência e engenharia da computação e sistemas de informação no primeiro semestre de 2013, apenas 144 são mulheres.<sup>33</sup>

Em outras palavras, somente 20% dos trabalhadores da área são mulheres no Brasil, conforme indica Pesquisa nacional de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE). Dessa forma, mesmo crescendo o número de mulheres que assumem posições profissionais em cargos da TI, o quadro brasileiro dessas profissionais ainda é bastante discrepante perto de outros empregos em que as mulheres já se igualaram aos homens.

No artigo “Mulheres e meninas na computação: realidade e desafio”, publicado na *Revista da Sociedade Brasileira de Computação*, Coelho (2013) trata do *Workshop Women in Information (WIT)*, no qual foi criado um fórum de debates relacionados às questões de gênero e à Tecnologia da Informação (TI). O objetivo foi promover discussões que viessem contribuir para o aumento na participação da mulher nas atividades relacionadas à Tecnologia da Informação. O WIT acontece anualmente e profissionais da área do mundo todo são convidados a ministrar palestras, participar de mesas redondas e exibirem seus painéis. “Os temas abordados se concentram na necessidade de educar, recrutar e treinar mulheres com a política estratégica para o desenvolvimento e competitividade nacional e regional” (COELHO, 2013, p. 69).

No ano de 2013, por exemplo, o VII *Workshop* brasileiro foi organizado por professores e pesquisadores de várias universidades do país, em que muitas convidadas relataram suas experiências e dificuldades em atingir cargos de gestão nas carreiras em TI. A palestrante Juliana Salles discorreu que mesmo com o crescimento das mulheres na área de TI, somente 19% das graduadas escolhem áreas da tecnologia no Brasil. Salles faz parte do Programa de Pesquisas da *Microsoft Research Connections*, e “lidera na América Latina uma iniciativa de

---

<sup>33</sup>Disponível em: <http://hotsites.pernambuco.com/tecnologia/2013/por-mais-mulheres-digitais/index.shtml> Acesso em 1 ago. 2014

Mulheres em Computação, que há alguns anos vem coletando estatísticas sobre o status de mulheres em carreiras técnicas na América Latina.” (COELHO, 2013, p. 71).

Ainda colaborou para o evento Brian Zaki (*Google’s Lead Engineering Recruiter for Latin America*), Arsenal Dias (*Schlumberger Recruiter*), Marcela Guerra (Gerente de Projetos da *Pitang*) dentre outros, conforme apontou Coelho (2013). Brian Zaki, por exemplo, apresentou um dado interessante: na Malásia as mulheres representam 44% da força de trabalho do país e ocupam mais de 50% dos cargos relacionados às ciências tecnológicas e que nas universidades 52% dos estudantes de Ciências da Computação são femininos. Pontuou ainda que a mesma proporção poderia acontecer no Brasil com uma política de incentivo.

Um exemplo é o *Fórum de Meninas Digitais* criado em 2010 durante do Congresso da Sociedade Brasileira de Computação (CSBC), edição essa realizada em Belo Horizonte. Coordenado pelo professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) Cristiano Maciel, o evento é direcionado às alunas do ensino médio e tecnólogo para conhecerem melhor o universo da Tecnologia da Informação e Comunicação a fim de motivá-las a seguir carreira:

Um projeto da Sociedade Brasileira da Computação quer estimular meninas entre 10 e 16 anos a optar por carreiras em áreas relacionadas à Tecnologia da Informação (TI). Chamado de “Meninas Digitais”, o projeto inclui um fórum para estudantes de escolas do Ensino Fundamental e Médio com palestras de estudantes de graduação em tecnologia, como Ciências da Computação e Sistemas da Informação, e de profissionais que já trabalham na área em empresas.<sup>34</sup>

Existe também a organização sem fins lucrativos *Mulheres na Tecnologia* (MNT), que promove a inclusão feminina neste mercado de trabalho. Tal grupo foi criado há aproximadamente cinco anos por Andressa Martins, Narrira Lemos e Luciana Silva, todas profissionais da área. “A ideia surgiu durante um bate-papo onde o trio começou a questionar a pouca existência de mulheres nos eventos de TI”<sup>35</sup>. Além de estabelecerem como principal objetivo a troca de experiência entre as mulheres que já atuam na área ou que querem trabalhar, buscam:

---

<sup>34</sup>Disponível em: <http://tecnologia.ig.com.br/especial/projeto-tenta-atrair-meninas-avessas-a-tecnologia/n1597400604285.html> acesso em ago. 2014.

<sup>35</sup>Disponível em: <http://hotsites.pernambuco.com/tecnologia/2013/por-mais-mulheres-digitais/questao-de-inclusao> acesso em ago. 2014.

[...] igualdade de tratamento pelo mercado de trabalho, entre homens e mulheres; capacitar e disseminar a tecnologia da informação entre as mulheres; promover a inclusão das mulheres na área; e colaborar no desenvolvimento da sociedade na atuação das mulheres na tecnologia.

Tais iniciativas servem como modelo para minimizar os problemas enfrentados por alunas e profissionais no campo de TI. Está evidente que mesmo em menor número que os homens, as mulheres também contribuem efetivamente à área da informática. É necessária uma política educacional e profissional de incentivo, seja do setor privado ou governamental, a fim de aumentar a participação feminina neste segmento. Consequentemente, podemos enfatizar a grande contribuição delas à ciência e sociedade.

## **2.2 Ambiência: espaço público-privado**

*Sozinha e a sós consigo mesma, a própria subjetividade podia se expandir sem reservas e sem auto afirmar em sua individualidade.*

(Paula Sibilia)

Os conceitos de “público” e “privado”, “esfera pública” ou “espaço público” são utilizados desde a Antiguidade Clássica. Contudo, sofreram transformações com as mudanças ocorridas na sociedade, especialmente nos dias atuais, com a chegada dos meios de comunicação digitais. Pretende-se discutir aqui essas transformações, inclusive algumas provenientes da vida burguesa, até chegar ao processo da mudança do habitat humano para um mundo paralelo: o habitat virtual.

O sociólogo e filósofo alemão Jürgen Habermas, quando apresentou à Faculdade de Filosofia de Marburg, em 1961, sua tese de livre-docência *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, também conceituou o público e o privado. Afirmou que na Grécia antiga existia uma nítida separação entre o “público” e o “privado”, em que *oikos*<sup>36</sup> representava a esfera privada, particular e íntima de cada indivíduo e *polis*<sup>37</sup>

<sup>36</sup> *Oikos*: era a morada do senhor, podendo ser rural, nela existia uma população local livre a qual poderia permanecer nas terras sob o comando do senhor do oikos; mas eles eram livres para ir quando quiserem.

Disponível em: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130905042241AAfYXKz> Acesso em set. 2014.

<sup>37</sup> *Polis*: cidade-estado. Na Grécia Antiga, a pólis era um pequeno território localizado geograficamente no ponto mais alto da região, e cujas características eram equivalentes a uma cidade. O surgimento

a esfera comum dos cidadãos livres, na qual se discutiam assuntos políticos de interesse público.

O lar era o lugar do “não político”, em que os familiares eram submetidos ao poder patriarcal, ou seja, quem ditava as regras era o homem, já a mulher tinha a função de procriar sendo propriedade do chefe da família. Como esposa do senhor, suas funções sociais eram duas: a de organizar banquetes (refeições) para os viajantes, que muitas vezes se hospedavam em sua casa, para contrair negócios com o dono da casa, e carregar a chave do depósito que armazenava alimentos, tecidos, armas, joias, metais preciosos, dentre outros artefatos conquistados pelo esposo, senhor da casa. Já a esfera pública é o lugar da política, da *vita activa*, atingindo a condição de cidadão encontrando a liberdade e a igualdade, isto é, na *polis* todos são iguais.

Na Idade Média, as autoridades privada e pública fundiam-se. Tais esferas não existiam porque o sagrado (religião) monopolizava a vida social e a vida política. Martins (2009) apresenta que no período feudal, *privatus* significava o domínio do senhor feudal, e *publicus* era atribuído à *soberania*, ou seja, o senhor feudal governava e propunha as leis na esfera pública e privada. “O pensamento medieval concebia a política e a família subordinados ao fim divino, por isso foi incapaz de compreender o abismo originário entre esfera privada e a esfera pública”<sup>38</sup>.

A partir do momento em que as sociedades se apresentam mais complexas e organizadas é que a divisão público e privado se intensifica. O movimento Iluminista foi o início da formação da sociedade burguesa, pois a esfera privada passa a ser independente do governo. Habermas (1984) apontou que naquele período o Estado e a sociedade civil defendem cada qual o seu lado, a sua ordem, em que um não interfere no outro:

A sociedade burguesa que se desenvolveu no século XVIII entendia-se como um mundo novo: reclamava intelectualmente o mundo inteiro e

---

da pólis foi um dos mais importantes aspectos no desenvolvimento da civilização grega. Constituída por um aglomerado urbano, abrangia toda a vida pública de um pequeno território e geralmente encontrava-se protegida por uma fortaleza. Compreendia a totalidade dos cidadãos, exceto os escravos, metecos e membros de populações subjugadas e distinguia-se de outras cidades pelo nome dos seus habitantes. Disponível em <http://www.significados.com.br/polis/> Acesso em set. 2014.

<sup>38</sup> Disponível em:

<http://www.capitalsociaisul.com.br/capitalsociaisul/analisedeconjuntura/O%20P%DABLICO%20E%20O%20PRIVADO.pdf> Acesso em set. 2014.

negava o mundo antigo na medida em que os indivíduos sem poder político se desvinculam do vínculo com a religião, eles entram em contradição com o Estado, que os emancipa moralmente, mas também os priva da responsabilidade, ao reduzi-los a um espaço privado (HABERMAS, 1984, apud KOSELLECK, 1999, p.15).

Assim, a esfera pública burguesa aparece formada do final do século XVIII para o início do XIX, posteriormente à queda absolutista e o aparecimento do Estado Moderno, originando-se na Inglaterra, Alemanha e França, países que apresentaram os principais contextos históricos para a formação dessa esfera. Naquela época, momento em que a noção de vida privada adquiria seu pleno vigor, Duby (1990) apresenta que nos dicionários de língua francesa o verbo “privar” significa domar, domesticar e que o adjetivo “privado” conduz à ideia de familiaridade, casa, interior. *A priori* o “privado” se opõe ao “público”, já que este último refere-se àquilo que pertence ao estado, ao povo.

Contudo, o foco da tese de Habermas foi o de caracterizar a estrutura pública burguesa e a função deste modelo liberal, “valendo-se de uma combinação dos procedimentos não só da Sociologia, como da Economia, do Direito e da Ciência Política e da História.”<sup>39</sup> De forma concisa, para Habermas (1984, p. 42):

A esfera pública burguesa pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social.

Inicialmente, Habermas (1984) discorre que as pessoas que compunham a esfera pública não apresentavam interesses no poder político. Essas se estabeleciam apenas como um público, cujas ideias pessoais e discursos críticos não interferiam na política. A esfera pública até então era caracterizada como lugar isolado do Estado, na verdade, um “espaço de mediação entre o campo das relações privadas e o Poder Público [...] mas por serem relevantes publicamente, tais questões assumem funções políticas” (MARTINS, 2009, p. 14). A partir dessa evolução, temos a esfera pública burguesa.

Um fator interessante é a importância da maçonaria como suporte de criação da esfera pública burguesa na Europa e depois aqui no Brasil. Martins (2009) aponta

<sup>39</sup>Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/estruturas-sociais-da-esfera-p%C3%BAblica-para-habermas-em-%E2%80%9Cmudan%C3%A7a-estrutural-da-esfera-p%C3%BAblica> Acesso em ago. 2014.

que essa era a principal instituição na representação da moral social e política daquela época. Os maçons eram intelectuais burgueses que criavam espaços de debates, não só para discutir ideias científicas europeias, mas também questões nacionais. Eles almejavam “a moralização da política, o que gerou uma crise desencadeada entre a moral e a política, ou seja, entre a sociedade e o Estado, de modo que a crítica adquirisse um caráter político” (MARTINS, 2009, p. 15). Logo:

A esfera pública se forma como uma categoria histórica da sociedade burguesa em contraposição ao poder totalitário, lutando pelo estabelecimento de um Estado de direito que assegure, por leis e sanções, a circulação de mercadorias, a liberdade nos negócios e a liberdade formal do trabalho, sem a interferência do Estado. Também faz parte dos seus interesses, a garantia de transparência da administração política, ação que combatia a postura histórica do Estado de manter em segredo a vontade do rei ou imperador, defendendo, portanto uma política sem segredos (MARTINS, 2009, p. 23).

O Estado e a sociedade começam então a misturar suas funções e dessa forma suas opiniões. Ideias que pertenciam apenas ao espaço privado atingem agora um caráter público. As ideologias da esfera pública burguesa passam a serem divulgadas pela imprensa que, levando essa informação ao meio público, provoca a massificação da informação. Leituras em voz alta nos cafés, publicação de jornais, revistas, folhetins colaboram na aumento de uma crítica ao poder político.

No polo público encontram-se ideias como liberdade, democracia, racionalidade e universalidade, discussão, interação social, decisão, vontade e autoridade. Essas propriedades são reservadas àqueles que ocupam esta parte do espaço simbólico, ou seja, homens (MARTINS, 2009, apud DEMIROVIC, 2006, p. 86).

Mulheres e operários eram excluídos dos debates por não serem intelectualmente hábeis para participar das discussões. Por isso, encontra-se uma contradição do princípio burguês de defesa da participação igualitária, reforçando a negação do espaço público acessível a todos.

Um processo característico da esfera pública burguesa, apontado por Habermas (1984), é a transformação da cultura em mercadoria, isto é, da mesma forma que mercadorias são vendidas, as ideias e os bens culturais também os são. Destarte, a imprensa se torna manipulável e passa a ser instrumento da cultura de consumo. Seu desenvolvimento ocasionou no aumento de leitores, produção de livros, publicações de jornais, revistas etc, bem como lugares que propiciavam a

leitura. Do mesmo modo que houve uma conversão de um público crítico intelectualmente em um público consumidor de cultura que, neste contexto, pode ser chamado de opinião da massa.

Para Habermas (1964), essa sociedade de massas pode ser composta por indivíduos que teriam se transformado de politicamente ativos em pessoas da cultura consumidora de entretenimento, em virtude do crescimento da indústria cultural e da fabricação de bens culturais. Tais mudanças atingem tanto a esfera econômica, quanto a familiar e a cultural. No âmbito familiar, por exemplo, muitas mudanças ocorrem na relação entre a esfera social e a esfera íntima.

Um exemplo simples pode ser mostrado a partir da mudança na arquitetura das casas do século XIX. Conforme mostra Norbert Elias (1983), em sua obra *O processo civilizador*, é a partir desta época que o mesmo aposento, anteriormente usado para comer, dormir e receber visitantes, começa a se modificar. As habitações passam a ser divididas em aposentos, corredores, sala para as visitas, lugar para as refeições etc. Com os quartos não acontece diferente, estes são as acomodações íntimas e os principais lugares para o indivíduo estar mais próximo de si mesmo, de suas subjetividades e individualidades, as quais, muitas vezes, são colocadas e transportadas para textos em formato de diários, por exemplo.

Assim, o lar era também unidade produtiva até que a indústria e a política provocaram a separação das rotinas pessoais das profissionais. Mesmo assim, o modelo de família patriarcal foi mantido. Esta divisão entre a vida profissional e a familiar será de suma importância para a construção da vida privada, e, por conseguinte, da esfera íntima.

A família, o trabalho e os negócios são espaços privados, e a política e o Estado são públicos. A família, enquanto origem da privacidade, defende sua interioridade livre e satisfeita e mantém o *locus* da subjetividade; nela encontra-se o pai de família, aquele mesmo homem que representa também o social, compra e vende mercadorias (MARTINS, 2009, p. 16).

O caráter patriarcal é o que predomina na esfera íntima do lar, homens são os chefes, que trabalham, sustentam a família e a representam na vida em sociedade. Mesmo a estrutura familiar sendo distinta dos interesses econômicos, não está livre das coações do setor público e privado. De acordo com Habermas (1984, apud MARTINS, 2009 p. 17), “ela serve como uma agência da sociedade, ela assume a tarefa da difícil mediação que, sob a aparência de liberdade, assegura, no entanto a estrita observância das inevitáveis exigências sociais.”

Chegando-se ao século XX, as instituições midiáticas tiveram caráter decisivo nas mudanças da esfera pública. Para Habermas (1984), infelizmente o poder da mídia é manipulador e o espaço público acaba sendo dominado pelos meios de comunicação social de massa. Martins (2006) afirma que o espaço público perdeu seu potencial em virtude das relações entre a mídia e o poder, o que “leva Habermas a tentar a recuperação de uma esfera pública politicamente influente dentro de uma concepção teórico-discursiva da democracia” (MARTINS, 2006, p. 64). Mas percebe que a comunicação que veicula nos meios massivos é “abstrata” e “generalizada”, talvez porque esses discursos enfrentam uma época de rápidas mudanças, de curta duração.

Os espaços, as relações e o dia-a-dia das pessoas, que antes eram sólidos, hoje são fragmentados e nada beneficiam posturas como união e solidariedade. Como afirma Bauman (2005), as estruturas mercantis, capitalistas e sociais estão cada vez mais frágeis, não apresentam projetos humanitários com alicerces consistentes e solidificados. O mundo atual não tem dado conta em abranger a totalidade da experiência humana:

[...] a fragmentação dos espaços e a interação com as mídias atuais fizeram com que a identidade territorial cedesse lugar a outras identidades que extrapolam os limites físicos de âmbito local, regional ou nacional e assim dificultam cada vez mais a convergência de fluxos comunicacionais delimitados (MARTINS, 2009, p. 68).

Enfim, como ver a esfera pública e a esfera privada perante as novas tecnologias de informação e comunicação? As quatro paredes do espaço de intimidade passam a se comunicar com outro espaço criado pelas comunicações digitais: o mundo virtual. Em meio aos processos de globalização dos mercados em uma “sociedade altamente midiaticizada, fascinada pela incitação à visibilidade e pelo império das celebridades, percebe-se um deslocamento daquela subjetividade „interiorizada” em direção a novas formas de autoconstrução” (SIBILIA, 2008, p. 23).

Atualmente o “eu” é mais epidérmico, flexível e se apresenta na superfície das telas. Esse “eu” epidérmico, seriam as personalidades construídas de si para um olhar alheio, “exteriorizado”, não mais intrínsecas ou intimistas. Por isso a internete, ou seja, os blogues, *facebooks*, *twitter* e outras páginas da rede, seriam estratégias que os sujeitos contemporâneos colocam em ação para responder às novas formas de estar no mundo, em que é preciso aparecer para ser.

Nessa sociedade de redes, parece que quem se recusa a inserir-se no meio da interconexão está fadado à exclusão. As pessoas trocam o face a face pela telepresença e vivem em um universo mesclado entre o real e o virtual. Atualmente se presencia, segundo Martins (2009), a mudança irreversível da sociedade, que desconstrói as tradicionais comunidades em que estávamos inseridos e, ainda, afeta as identidades individuais, sociais, culturais, profissionais e religiosas, levando-nos a incertezas, inquietações e ansiedades.

### **2.2.1 Internet: Novo Espaço para a Intimidade**

A partir da II Guerra Mundial e principalmente após a Guerra Fria, os computadores começaram a ser desenvolvidos como ferramentas de comunicação e controle de informações. No início da década de 1950, os Estados Unidos, em meio a testes de bombas nucleares, conflitos e crises políticas, conduziram uma série de pesquisas de ideias relativas à indústria da informática. Tais estudos tiveram como resultado a revolução tecnológica, tendo como principal invenção a internete (*World Wide Web*) cujo uso comercial se inicia a partir de 1991, conduzindo à grande transformação nos hábitos e perfil dos usuários da rede. Mesmo sendo bastante dificultoso, em um primeiro momento, somente os operadores e programadores tinham aptidão para usar a internete, que gradativamente teve seu uso facilitado e acessível a usuários comuns.

Por isso, em parte do mundo e no Brasil, aos poucos, acontece a disseminação do uso de microcomputadores nas repartições públicas, privadas e também nas residências. Cresce-se então a comunicação entre as pessoas, provocando uma reorganização das estruturas relacionais do homem contemporâneo. Para Dupas (2005), em menos de dez anos, a internete transformou a lógica do mundo da comunicação, porque pela primeira vez na história, em tempo real, milhares de pessoas passaram a se comunicar em um ambiente “invisível”. Inicia-se então a chamada Era da Informação.

O espaço virtual passa a fazer parte da vida social do homem atual que convive agora em meio a muitas conexões, encontros rápidos e temporários, ocasionados pelas novas mídias digitais. Uma nova dicotomia de representação

social aparece: o estar ou não conectado. Nesse meio, a vida “privada” e a “pública” se misturam e surge então um novo conceito: a esfera pública midiática.

A prática de encontros em cafés para discussões e bate-papos já não é mais a mesma das que ocorriam nos salões e cafés burgueses dos séculos XIX e XX. Esses locais evoluíram para *ciber cafés*, os quais, além de bebidas e lanches, fornecem ao seu cliente o acesso à internet, por meio de um computador individual, possibilitando realizar essas discussões em salas virtuais. Hoje, essa prática raramente acontece, pois o computador e o acesso à rede foram portabilizados para o seu celular. Assim, qualquer ambiente físico pode equivaler à antessala de um café, as discussões extrapolam os limites físicos e alcançam o mundo inteiro. Ela é então, o veículo de comunicação mais utilizado por pessoas do mundo e, por isso, falar de esfera pública midiática é falar das mudanças e do imenso leque comunicacional que ela proporciona.

Sandra Olades Martins (2009) conceitua “esfera pública midiática” em sua dissertação de mestrado: “Uma segunda mudança estrutural da esfera pública”. Apresenta inicialmente que a tecnologia da informação e comunicação procura satisfazer as necessidades dos cidadãos por meio de diversos recursos técnicos, como:

(os mais variados bancos de dados), jornalísticos (jornais on-line, rádios on-line, etc.), educacionais (cursos a distância, listas de discussão especializadas, bibliotecas, etc), interação e comunicação (chats, fóruns, correio eletrônico, comunidades de relacionamento, etc), lazer e cultura (jogos on-line, museus, etc), serviços (bancos, sites de instituições públicas, sites para declaração de impostos de renda, etc), comerciais, etc. (MARTINS, 2009, p. 110).

O lado positivo é ter acesso às informações que desejar, de forma instantânea com um simples toque de teclas ou tela. Por outro lado, a negativa é que muitas pessoas não conseguem formar opiniões a partir do excessivo número de informações que a rede proporciona e que pode acarretar na passividade e inércia diante da tela. O indivíduo que está constantemente em contato com o meio virtual está suscetível a observar, partilhar e reproduzir informação, mas em geral, de modo “automático”. Involuntariamente, esse indivíduo acaba por se ver e ou se projetar no objeto observado e é nessa ação que vive como mero “ator” diante daquilo que lê e compartilha.

Explicando melhor o termo “ator”, Debord (1997) avalia que a existência humana pode ser substituída pela representação quando o indivíduo faz de sua vida uma espectadora de si mesmo, o que pode implicar o “empobrecimento” do sujeito. De forma inconsciente, o homem está tão acostumado a contemplar e a observar, que enquanto espectador “acaba reconhecendo-se no objeto contemplado, por isso menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo.” (DEBORD, 2012, p. 24). Desse modo, sua vida deixa de ser vivenciada para ser representada.

A existência de muitos espaços como sítios, blogues, redes de relacionamento, auxiliam na circulação e no excesso da informação, o que, para Martins (2009), não garante sujeitos emancipados e críticos, pelo contrário, continuam sendo “atores” sem saber que os são. Mesmo em meio à era da comunicação, o leitor e/ou espectador não sabe o que fazer com essa gama de informações que agora está ao seu alcance, pois não está preparado para criar interpretações. Sua passividade provoca a necessidade de se ter alguém que delimite suas verdades. O acesso à informação é tamanho e tão rápido, que acaba por ser sucateado, ou seja, o indivíduo não sabe o que pensar e como agir diante dele.

Apesar dos meios digitais/midiáticos divulgarem muitas informações de os mais variados acontecimentos, a formação de uma consciência crítica sólida ainda é um caminho longo a ser alcançado, pois “é uma condição que compromete uma esfera pública constituída por uma comunicação racionalizada entre os sujeitos, uma vez que, na verdade, perde-se o tempo com banalidades.” (MARTINS, 2005, p. 111) Genericamente, diga-se “banalidades” as informações que são triviais, muito comuns no dia a dia, futilidades que muitas pessoas se apegam sem necessidade de algum crescimento pessoal.

A esfera pública está intrinsecamente relacionada ao meio virtual, passando a ser denominada de esfera pública midiática por Martins (2009). As mídias digitais integram então o cotidiano do indivíduo e quando este não tem acesso a elas, acaba por estar de fora de parte do contexto social. O acesso a essas mídias passa a revelar diferenças de classes sociais.

As relações de opressão persistem, e parece que com as novas mídias, os problemas clássicos permanecem e ainda trazem novos antagonismos. Dentro da atual sociedade globalizada surge uma relação bem complexa entre Estado, grupos sociais, identidades locais e globais e exclusão social. Contudo, a possibilidade de uma reconstrução da identidade dos novos

atores sociais que os mobilizem para lutarem pela democracia e em defesa de direitos constitucionais e a formação de um público que questiona a legitimidade das instituições políticas e reconhecem os conflitos antagônicos podem ser muito mais eficazes através das mídias, sobretudo da Internet em que se interage através de redes de comunicação interconectadas mundialmente (MARTINS, 2009, p. 111).

Logo, mesmo o observador, na maior parte das vezes sendo passivo, ainda tem maior chance de participação nas atividades engajadas e mediatizadas pela internete do que em outros veículos de comunicação.

Outro dado apresentado por Martins (2009) é que o ciberespaço, além de permitir as relações de redes interindividuais, oferece as relações de redes de ações coletivas. Essa última é dividida em: “coletivo em rede” e “redes de movimentos sociais”. A primeira determina as conexões entre vários “atores” e organizações. É instrumentalizada por meio de redes técnicas e tende à propagação das informações. Também visa buscar apoios solidários para estabelecer estratégias de “ações conjuntas através da Internet ou de outras formas de mídia alternativa.” (MARTINS, 2009, p. 112) Não se constitui, na verdade, como um movimento social definido, mas como partes importantes dos movimentos sociais na sociedade da informação.

Já a segunda, redes de movimentos sociais:

[...] são mais complexas, ultrapassam organizações empiricamente delimitadas e conectam indivíduos e atores coletivos, cujas identidades se constroem num processo dialógico de identificações sociais, éticas, culturais e político-ideológicas que formam a identidade do movimento. Podem ser movimentos de resistência, de negociações ou identificação de áreas conflituosas como discriminação, dominação, exclusão, etc. (MARTINS, 2009, p. 112).

Assim, as redes de movimentos sociais, muitas vezes, resultam da ligação entre as redes presenciais e virtuais, não separando mais o ciberespaço dos embates sociais concretos ocorridos no meio físico. Ou seja, ocorre o deslocamento de um espaço a outro numa relação dialética constante, em que se “transpõe do virtual para o real, do local para o global e da integração para a desintegração” (MARTINS, 2009, p. 112).

Essa rede de discussões e circulação de informações, propiciadas pela internete faz parte do espaço público. No entanto, para que o cidadão apareça, muitas vezes é preciso desfazer-se das amarras que o ligam ao espaço privado. “As novas tecnologias isolam e reforçam a dispersão da decisão que cada um poderá

tomar na intimidade da sua mesa de computador” (DUPAS, 2005, p. 41). Nesse sentido, nas novas tecnologias de informação e comunicação, o público e o privado se misturam, embaralham-se, pois a vida íntima de qualquer sujeito pode ser exposta da mesma forma que assuntos relacionados ao mercado mundial, por exemplo. A internet possibilita um novo espaço público em que as pessoas têm a possibilidade da ambiência entre o local e global (SILVA, 2004). Simultaneamente ela é real e virtual, o espaço e o tempo existem na medida em que são construções sociais partilhadas:

Esta construção é estruturada pelos laços e valores sociopolíticos, estéticos e éticos que tipificam este novo espaço antropológico. Este novo espaço com áreas de privacidade - um novo mundo virtual ou mundo mediatizado - é um suporte aos processos cognitivos, sociais e afectivos, os quais efectuam a transmutação da rede de tecnologia electrónica e telecomunicações em espaço social povoado por seres que (re)constróem as suas identidades e os seus laços sociais nesse novo contexto SILVA, 2004, p. 43)

Neste novo contexto, criam-se novas sociabilidades e também novos valores. Até mesmo a opinião pública, que passa a ser sustentada pela mídia, já não é mais formada e discutida em espaços limitados de argumentação ou ambientes físicos fechados. Surgem então as comunidades virtuais que criam novas formas de democracias, negociações, afetividades, intimidades e sociabilidades em geral, chamadas por Levy (1997) de inteligências coletivas<sup>40</sup>: Todo o conhecimento faz parte da humanidade: ninguém sabe de tudo, mas todos sabem, ao menos, de alguma coisa.

A pesquisadora Lúcia J. Oliveira Loureiro da Silva, da Universidade de Aveiro, em seu artigo “Internet – a geração de um novo espaço antropológico”, explica que atualmente as pessoas se queixam das relações pessoais, que em virtude do mundo moderno, o indivíduo se preocupa mais consigo do que com o outro e as relações do espaço público estão debilitadas. Os sujeitos reclamam da falta de comunicação entre a comunidade, bairro, vizinhos e família e, desse modo, “o mundo virtual surge como uma nova oportunidade, como possibilidade de

---

<sup>40</sup> Sucintamente, o conceito de Inteligência Coletiva foi criado pelo filósofo e sociólogo Pierre Levy no final do século XX. Segundo ele, “a inteligência coletiva é uma Inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências” (1994, p. 28). Ele relaciona tecnologias e inteligências, pois o ser humano para pensar só necessita de uma ferramenta para expô-las. Assim, a Inteligência Coletiva seria uma maneira de o homem compartilhar seus pensamentos com outras pessoas. As redes digitais só vieram contribuir nesta ação.

comunicação aparentemente segura e sem conflitos, enquanto que no mundo real se multiplicam e a insegurança se instala. (SILVA, 2009). Assim, Silva (2009) chama este novo ambiente de “novo espaço antropológico”:

As comunidades virtuais são feitas de pessoas e do que elas realmente querem, daquilo que realmente lhes interessa, sem constrangimentos prévios ou póstumos [...] As novas tecnologias dão a cada um de nós um poder sem precedentes de construir o nosso próprio mundo de referência, de encontrar as pessoas que realmente nos interessam, estejam onde estiverem, de aprender e ensinar sobre aquilo que realmente queremos que faça parte da nossa vida (SILVA apud SOARES, 1999, p.75).

Surge uma sociedade em que as pessoas criam suas imagens e passam a viver a partir delas, mediante a observação e contemplação do meio virtual. São os “atores” já pontuados neste texto. Esse processo é cada vez mais crescente, porque a virtualização invade progressivamente a vida cotidiana. “O local e o global, o material e o virtual coabitam, o que conduz à geração de novas sociabilidades e reorganização das sociabilidades tradicionais. Cabe a cada um usufruir desta nova dinâmica” (SILVA, 2009, s/p). Conforme Sibilia (2008), o ambiente privado se mostra para o mundo, pois os muros que separavam o “público” e o “privado” desmoronou, por isso torna-se cada vez mais visível a intimidade de cada um e de qualquer um. O eixo do “eu” é paulatinamente empurrado “do interior para o exterior, da alma para a pele, do quarto próprio para as telas de vidro” (SIBILIA, 2008, p. 90/91).

Em meio a esse processo, ocorre de o Estado se preocupar cada vez mais em legitimar, ou seja, organizar leis que amparem este novo espaço, porque a partir do momento em que o privado e o público passam a ser um só, surgem problemas relacionados à vigilância, privacidade, às questões de legalidade, propriedade intelectual, já que tudo pode ser instantaneamente compartilhado, copiado e recriado.

### 3 A LITERATURA DA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA NO CIBERESPAÇO

Durante muito tempo a escrita feminina foi reprimida se comparada à produção de escritores do sexo masculino. Na era da informação, a literatura de escrita feminina tem sido beneficiada, já que um grande número de escritores, conceituados ou anônimos, tem empregado o ciberespaço para publicação de seus escritos.

Dessa forma, o século XXI foi marcado por uma revolução na leitura e na escrita, ocasionada pela popularização do espaço virtual, lugar em que muitas mulheres passaram a utilizar a internet como principal meio de divulgação daquilo que escrevem.

Até por volta de 1970, os diários manuscritos raramente eram escritos por homens, algumas exceções aconteciam com alguns políticos ou artistas. Na maior parte das vezes, eram as mulheres que escreviam, “o que continua a ocorrer na internet. Mas os diários tradicionais foram rareando com a difusão dos computadores, que mudaram o tema da escrita conforme o ritmo mais acelerado da vida.” (LOBO, 2007, p. 77). Corrêa (2014, s/p) afirma, em seu artigo: “Leitoras e escritoras: uma viagem pelo ciberespaço”, que o material de circulação produzido pelas mulheres é amplo, tanto como os espaços que elas utilizam para escrever na rede:

[...] simples contatos através de e-mails, conversas em salas de bate-papo, fotos pessoais e depoimentos pessoais nos *fatologs* e *blogs*, comunidades virtuais, fóruns de discussões acadêmicas, sítios pessoais, comerciais e acadêmicos, e tantas outras situações em que a *www* assumiu papel de destaque.

Já Luiza Lobo, no livro *Segredos Públicos – os blogs de mulheres no Brasil* (2007), apresenta a maneira como os meios eletrônicos transformaram os diários íntimos e a relação entre o privado e o público no universo da escrita feminina. Segundo Corrêa (2014, s/p), “Lobo centraliza o seu estudo em dezoito sítios, entre blogues e fotologues, procurando demonstrar que essas páginas representam uma releitura dos antigos diários, inovados ao tornar públicos segredos íntimos.” Para Lobo (2007), os blogues apresentam dois mundos significantes: um da comunicação midiática e o outro o do diário. Ambos se contrabalançam, porque apesar de ser um

diário, agora ele é confessional-coletivo, íntimo, mas também público. Por isso, tem-se um novo gênero de comunicação no espaço rede: o público-privado.

Na rede, o público não se separa do privado, porque o que antes nos diários era reservado, pessoal e protegido, agora passa a ser exposto no meio virtual. Dessa maneira, muitas pessoas acabam tendo acesso às intimidades e as confissões do que é exposto nos blogs. “O fenômeno do blog marca uma nova escrita interativa, hipertextual, simultânea, coletiva e virtual de comunicação, que é a soma da escrita, leitura de diários e troca de comentários” (LOBO, 2007, p. 102). Os diários e os cadernos com cadeados agora migram para muitos espaços virtuais, mas é do *blog* que eles mais se aproximam enquanto intenção de escrita. Agora, mesmo estando sozinhas, as mulheres que se comunicam por meio do espaço virtual, podem sentir como se estivessem se comunicando com o mundo, já que este novo espaço aceita comentários, quase em tempo real, de forma interativa.

Segundo Lobo (2007), os primeiros *blogs* brasileiros começaram a circular em 2001, mas sua popularização aconteceu somente um ano depois. Esses espaços renovaram a relação com o diário tradicional “na forma de recepção de mensagens, através de caixa de comentários bem como nos intermináveis *links* para outras páginas” (LOBO, 2007, p. 23). Os blogues são diferentes das *homepages*, por terem atualizações quase que diárias, caso o usuário queira fazê-la:

Tanto nos Blogs quanto em outros hipertextos o leitor é o protagonista. É ele quem escolhe seus caminhos, buscando as informações que deseja, no momento e na ordem que julgar mais interessante, ou seja, acaba a seu modo, também produzindo o texto à sua maneira. Contudo, no caso dos Blogs esta interação não se limita apenas a escolhas. Faz com que o leitor se sinta à vontade para dividir o espaço com o autor da página, colocando como desejar suas próprias ideias. [...] Montar e atualizar um Blog são tarefas relativamente muito simples, requer o mínimo de informática e o máximo da criatividade. Basta que o interessado se cadastre gratuitamente em algum site editor de Blogs, escolha um modelo pré-definido e está apto a escrever sobre o que desejar com a certeza de seus textos estarem à disposição, instantaneamente, a milhões de pessoas mundo afora. Para atualizar há a mesma facilidade. O texto é escrito diretamente em espaços do site editor e em seguida é publicado, podendo ser inseridas figuras, fotos, ou diversas outras mídias, em uma mesma publicação (CHAGURI, et e al, 2009, p. 594 ).

Para a escritora Clara Averbuck, “o blog é apenas um meio de publicação para o que quer que o autor, dono soberano do blog queira escrever” (*apud* LOBO, 2007, p. 31). Assim, desde receitas de bolo, até realidades e mentiras, tal espaço é apenas um meio de publicação para que os escritores não precisem de

intermediários entre eles e seu público leitor. O que pode acontecer com alguns autores de blogues, quando “descobertos” pela mídia tradicional, devido a certa notoriedade alcançada, é o convite a publicar livros impressos, conhecidos por *blooks*, junção de *blogue* e *book*.

Clara Averbuck é um desses casos típicos, segundo Sibilía (2008), até 2008 tinha publicado três livros impressos baseados em seus blogs e a partir daí, mantém o espaço virtual, mas passa a se dedicar mais a escrita de livros. Hoje soma o total de cinco publicações, além de ser uma das mais conhecidas autoras brasileiras que mantém contato com seu fiel público, através dos espaços virtuais que mantém frequentemente atualizados. Outro exemplo é o da escritora argentina Lola Copacabana, “que se considera „enjoada dos blogues” mas agradece o fato de ter sido „descoberta” e, por conta disso, ter passado a receber dinheiro para fazer o que gosta” (SIBILIA, 2008, p. 19). A escritora afirma que se considera uma “prostituta das palavras”, visto que desfruta do que escreve.

Com relação à literatura, Lobo (2007) afirma que não existe literatura de *blog*, mas sim um novo formato de divulgação de textos. Enquanto a linguagem literária é uma forma de arte, já a da *web (blog)* “não tem pretensão de abarcar todo o acontecido, porque não quer abolir a separação entre o vivido e o escrito. A tendência do *blog* é justamente o inverso do literário: é romper o pacto da mimese e reproduzir o real.” (LOBO, 2007, p. 32) Todavia, essa reprodução do real ainda pode ser um mito. Lobo (2007) apresenta que os blogs podem ser compostos ficcionalmente por uma identidade forjada, já que ele é virtual e não tem a necessidade de corresponder a real biografia da autora. Essa ação é intitulada de “autofalsabiografia” e explica melhor que, “qualquer autobiografia é traçada na medida em que o autor cria para si e para o leitor uma ilusão daquilo que deseja revelar de si mesmo.” (LOBO, 2007, p. 56):

Pode ocorrer de a pessoa que escreve não ser tão sincera consigo o quanto seria, apenas por estar ciente de que o conteúdo de seu blog pode ser lido por qualquer pessoa”, ressalta, frisando as diferenças entre guardar os escritos na gaveta e estampá-los na internet, quando se pode usar recursos ficcionais e poéticos como forma de proteção das intimidades.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup>Bolsa de mulher Disponível em: <http://www.bolsademulher.com/estilo/terapia-da-escrita-2> acesso em out. 2014.

Assim, no processo da escrita, surge uma *persona* literária, “um outro que escreve e que ocupa o papel de personagem, mesmo quando a autora se coloca na história.” (LOBO, 2007, p. 57) Por exemplo, uma “boa moça de família” pode criar uma *persona* de má reputação social e ter, a partir do blogue, uma recepção positiva. No mundo real, isso poderia ser punido por lei, já no virtual, somente promove papéis sociais fictícios. Para Lobo (2007), tal processo é semelhante ao teatro, pois permite a dramatização dos dilemas de um momento, além disso, apresenta a fantasia de quem está escrevendo ao expressar emoções. “Nesse sentido, o papel do blogue é muito menos literário e artístico do que comunicativo e fundador de novas expectativas de papéis sociais para a mulher. A esfera do privado dá lugar à construção de um discurso público.” (LOBO, 2007. P. 57) A relação estabelecida entre autora e leitor pode ser a construção de um discurso de problemas ou prazeres, propiciando um efeito pedagógico e catártico:

A voz da narradora atua como uma segunda pele, pois não coincide com a pessoa real. O mundo imaginário e mundo real compõem vidas paralelas, que às vezes se interpenetram – e a autora chega até a avisar o leitor disso, buscando mais verossimilhança, portanto, maior confiabilidade por parte do receptor (LOBO, 2007. p. 57).

O blogue, bem como outras mídias digitais, aboliu a dicotomia entre a máscara social e o autobiografismo. Enquanto a mulher do século XIX, aprisionada no corpo reprimido daquela época, expressa sua intensa individualidade por palavras nos diários secretos, com a chegada da tecnologia surge “um eu-múltiplo, protegido pela virtualidade dos blogs, que esconde a identidade real da escritora no caso de uma censura” (LOBO, 2007, p 102). Destarte, o mundo real (presencial) e virtual (internet) se misturam e passam “a revelar sonhos e desejos de fórmula pública, com novas e imprevisíveis consequências para a formação da identidade feminina no futuro.”( LOBO, 2007, p 102). Isso porque o fenômeno social da comunicação de escrever na rede não se ampara em uma identidade fixa, contrariamente como apresentado acima, mas cria identidades múltiplas. Enquanto o diário era monológico, o blogue tem a função hipertextual e polifônica, passa a cumprir com o papel de sala de estar, lazer e socialização para quem neles escreve.

Na geografia de muitas casas da atualidade é atribuído ao espaço privado um escritório público. “A casa é montada com os mesmo aparelhos do escritório [...] que permitem uma transição suave e contínua entre a ação desenrolada no trabalho

e no espaço doméstico” (LOBO, 2007, p. 105). Muitas pessoas vivem ocupadas com diversos afazeres, passam o tempo na rua, na escola, no trabalho, ou ainda transferem para dentro de seus lares, parte do trabalho que deveria ser realizado em um escritório. A internete contribui a esta abertura e modificação espacial. “O novo salão da internet não busca mais o bom tom, a educação de uma elite privilegiada, a arte erudita. Tudo é hibridismo, tudo é infração – da desobediência do decoro esperando do comportamento feminino” (LOBO, 2007, p. 105). Os computadores acabam por ser a extensão do corpo humano, porque possibilitam muitas viagens no plano da imaginação, enquanto o corpo fica parado.

Mesmo assim, a mulher da atualidade, apresenta marcas diferentes da masculina em sua escrita. Lobo (2007) coloca que mesmo existindo blogue de mulheres que escrevem de forma objetiva, a maioria delas tende ao existencial, pois questões ligadas ao imaginários as atraem, já que agora têm a possibilidade de utilizar diversas máscaras e identidades sociais (dramatizações) ao produzirem seus textos. O texto, principalmente o literário, é carregado de emoção e sentimentos. Quanto ao blogue, seria uma versão renovada dos diários intimistas de tempos atrás? Para a publicitária Rosana F., 30 anos, tem um hábito curioso para desabafar:

Quando estou muito brava com alguém, para não ser grosseira, abro um email e solto os cachorros. Xingo, reclamo, pego pesado. Em seguida, em vez de mandar pra pessoa em quem pensei, mando pra minha melhor amiga", conta Rosana, garantindo que, dessa forma, consegue desabafar sem sair do salto. "Escrever esses desaforos tem o mesmo resultado de contar até 10, dá um alívio, acalma. Depois eu consigo ser educada e falar com a pessoa sem ofender", explica ela. Sua melhor amiga já está acostumada. "Ela ri, toma as minhas dores, me ajuda a xingar também."<sup>42</sup>

O texto acima poderia ter sido escrito em um caderno de capa dura trancado com um cadeado, mas não, está exposto para que muitas pessoas tenham acesso ao sentimentalismo da autora do texto. Assim, para Sibilia (2007) os blogues acabam por serem versões renovadas dos antigos diários, escritos à luz trêmula das candeias para registrar confissões e segredos de uma vida. Apesar de suas diferenças, ambos confortam a mulher em poder escrever e expor seus sentimentos.

---

<sup>42</sup> Bolsa de mulher Disponível em: <http://www.bolsademulher.com/estilo/terapia-da-escrita-2> acesso em outubro de 2014.

Apesar de o blogue ser uma ferramenta muito utilizada por diversas mulheres, este não é o único espaço virtual utilizado por elas. A literatura tem sido beneficiada quando publicada em vários sítios: “a internete se constituiu em uma daquelas oportunidades de que é feita a história de mulheres, com a vantagem de atingir mais facilmente e mais rapidamente um grande número de leitores, [...]” (CORRÊA, 2014, s/p), pois tais produções não sofrem a possibilidade de se perderem ou esperarem “que algum familiar reconheça a sua qualidade e publique uma edição póstuma.” Portanto, Corrêa (2011) completa que “assim como nos movimentos femininos anteriores, as escritoras se mostram conscientes do papel desempenhado pelo ciberespaço tanto na divulgação de seus trabalhos, quanto do seu papel como multiplicadoras e conscientizadoras”.

No Brasil, segundo Corrêa (2011), visitar alguns espaços virtuais de escrita “permite perceber não apenas uma supremacia feminina, como também números impressionantes em termos de mulheres que se mostram como poetisas, contistas e bloguistas.” A internete é apresentada como uma oportunidade de muitas escritoras atingirem, mais facilmente, um grande número de leitores, portanto, a partir do pressuposto, de que o ciberespaço é tido como ambiente facilitador no crescimento da escrita feminina brasileira é que se justifica a presente pesquisa, na importância de divulgação e continuidade na descoberta da produção literária feminina no espaço virtual.

Corrêa (2011) afirma que a partir do momento que se analisa a participação da mulher na área da literatura, constata-se tanto produções de excelente qualidade, quanto uma supremacia feminina na utilização do ciberespaço para publicação de poemas, contos, crônicas, romances e crítica literária. Contudo, quando se faz uma rápida análise dos meios convencionais de publicação literária, verifica-se que nos catálogos de editoras as obras de literatura no meio impresso escritas por homens, ainda superam substancialmente em grande número aquelas de autoria feminina.

“Dentre as mais diversas razões que justificam esses estudos, vê-se o destaque para a análise de um discurso feminino revelador de opressões impostas por uma sociedade essencialmente dominada por homens, evidenciando questões de identidade e desterritorialização.” (CORRÊA, 2012, p.27) Nesse montante é que se tem o ciberespaço como meio de permitir a democratização na divulgação de trabalhos de escritores, entre esses uma grande parcela do sexo feminino.

Além do blogue, muitos são os espaços utilizados pelas mulheres na rede, a alguns são definidos como específicos da escrita feminina e apresentam vários assuntos, desde casa, moda, saúde, bem estar, comportamento, bem como política, economia, arte e entretenimento em geral. *Diário Feminino*<sup>43</sup>, *Vila mulher*<sup>44</sup>, *Delas*<sup>45</sup>, *Papo Feminino*<sup>46</sup>, *Bolsa de mulher*<sup>47</sup>, *Mulher Virtual*<sup>48</sup> entre dezenas de outros ambientes, podem ser encontrados no ciberespaço. Lugares para discutir literatura também são muitos, um exemplo é o da REBRA - *Rede de Escritoras Brasileiras*, uma organização não governamental, que tem como principal intenção agrupar o maior de mulheres que tenham o compromisso público com a literatura, cultura e justiça social. Acreditam que, por meio da palavra escrita na rede, podem unir forças e contribuir com suas ideias referentes à exclusão que as mulheres sofrem em relação aos registros da história de nossa sociedade, em especial o da literatura. O site foi criado em 8 de março de 1999 e se mantém ativo desde então.

Outros exemplos são os sites *Academia Virtual Brasileira de Letras* (95 membros – 48 mulheres) e *Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores* (622 membros – 328 mulheres), números coletados. Ao se pensar que somente na década de 70 do século passado é que a mulher começou a tomar um maior espaço junto aos meios literários, pode ser percebido com os números acima, que, na internet, os textos femininos são em maior quantidade que os de escritores do sexo masculino. No Brasil, conforme afirma (CORREA, 2012, p. 28), ao se visitar alguns espaços virtuais de escrita percebe-se “não apenas uma supremacia feminina, como também números impressionantes em termos de mulheres que se mostram como poetisas, contistas e bloguistas” Muitas das escritoras encontradas nas academias citadas acima, além de postarem em seus *blogs*, também participam de outros espaços literários, inclusive algumas em espaços virtuais de outros países, como Portugal.

Finalizando, por meio do espaço virtual, a mulher se comunica com o mundo, mesmo a sociedade brasileira ainda sendo “fundada em um controle feminino da casa, mesmo que a mulher seja trabalhadora, no qual a mulher é responsável pela educação e organização da vida daqueles ligados ao lar”

---

<sup>43</sup>Disponível em <http://www.diariofeminino.com/> acesso em out. de 2014.

<sup>44</sup> Disponível em <http://vilamulher.com.br/> acesso em out. de 2014.

<sup>45</sup> Disponível em <http://delas.ig.com.br/> acesso em out. de 2014.

<sup>46</sup> Disponível em <http://papofeminino.uol.com.br/> acesso em out. de 2014.

<sup>47</sup> Disponível em <http://www.bolsademulher.com/> acesso em out. de 2014.

<sup>48</sup> Disponível em <http://www.mulhervirtual.com.br/> acesso em out. de 2014.

(CORRÊA, 2012, p.9), hoje ela se comunica com o mundo, pois a internet proporcionou a aproximação das mulheres por meio da leitura e da escrita.

### **3.1 Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL) e Academia Virtual sala dos Poetas e Escritores (AVBSPE)**

A *Academia Virtual Brasileira de Letras*, cujo número de participantes é atualmente de 95, entre eles 48 mulheres, conforme acesso em 27/10/2014, foi fundada em 07/05/2001 pela idealizadora Marina Inês Simões a qual ocupa a cadeira número 01 e também está incluída entre uma das cinco escritoras escolhidas para este trabalho. Tal espaço, também conta com os seguintes projetos: *Virtualismo - Escola de Autores, Escritores e Poetas Virtuais*, Fundado em 09/01/2004, *Ebooks - AVBL*, fundado em 17/03/2004 e *EditoraAVBL*, fundada em 24/08/2004.

Os principais objetivos deste sítio, segundo a página intitulada “Quem Somos”, são o de reunir artistas, poetas e escritores virtuais para divulgação de suas obras. Também o agenciamento para possíveis cursos preparatórios que relacione o membro da academia a participar da edição de livros, construção de *design* de uma *homepage*, sítios e outros espaços. Apresenta também a intenção de conexão, ou seja, promoção de um “ponto de encontro” virtual entre os artistas. Como muitos alegam o verdadeiro amor na arte de digitalizar, criam assim blogues e outras páginas na internet como forma de facilitar a divulgação de seus trabalhos como crônicas, contos, poemas entre outras tipologias, por isso se intitulam “Artistas Virtuais”. Alegam, sobretudo, que, por meio da vida “virtual”, levam à vida real seus dons artísticos representados por seus sentimentos e conhecimentos.

A *Academia Brasileira Virtual de Letras (AVBL)* é composta de membros efetivos, honorários, agregados e correspondentes, sendo que cada um deles tem um patrono, indicado pelo próprio membro. Até o centésimo membro, a academia o considerará como “fundador”. Membros Efetivos são, segundo apresentação do sítio da AVBL, escritores em geral virtuais que fazem da internet um meio para divulgação e composição de suas obras, cujas formatações sejam efetuadas no computador. Podem ser tanto brasileiros quanto qualquer país que fale o idioma da

língua portuguesa e tenham o intuito de cooperar com o desenvolvimento e enaltecimento da literatura na internete.

Os Membros Agregados possuem os mesmos idealismos dos Membros Efetivos, porém publicam apenas em outros idiomas, mesmo possuindo a nacionalidade brasileira. Os Membros Correspondentes também possuem os mesmos idealismos dos Membros Efetivos; no entanto, não possuem nem a Nacionalidade Brasileira, tampouco publicam em língua portuguesa. E por fim, os Membros Honorários são aqueles com verdadeiro apreço pela literatura virtual e artes, em geral, os quais possam contribuir com seus trabalhos, publicando-os na Academia. Os textos inclusos no sítio da AVBL são de inteira responsabilidade dos membros; logo, a academia não se responsabiliza nem pelas obras publicadas, nem pelo acervo que cada escritor pode manter na página.

Para se filiar à academia é necessário que algumas regras sejam seguidas por cada um dos autores, tais como: ser membro, ao menos, por mais de um ano; ter o número de cem obras ou mais publicadas no sítio da AVBL; preencher um cadastro para que possa participar da Academia, sendo este liberado após 24 horas; publicar gratuitamente; solicitar e utilizar o Emblema da Academia em possíveis espaços virtuais de que participa; o escritor poderá publicar por dia até três textos; os membros poderão colaborar anualmente para Academia a contribuição é equivalente, em moeda atualmente corrigida a R\$ 95,00. Tal quantia é cobrada no ato a inscrição, valor este arrecadado para implementação de novos recursos tecnológicos no sistema do sítio, despesas com provedores de acessos, confecção e envio de diplomas aos Membros.

O Membro, cuja anuidade faltar em dois anos consecutivos será excluído do sistema da AVBL, porém continuará como "Membro não cadastrado no sistema". Após ser efetuado o cadastro, o membro deverá solicitar os dados para depósito bancário, através do e-mail: [avbl@avbl.com.br](mailto:avbl@avbl.com.br) - Com cópia para: [avblbr@gmail.com](mailto:avblbr@gmail.com).<sup>49</sup>

O membro pode indicar ou sugerir um Patrono, sendo este ligado ou não às artes, podendo ser ou não falecido, brasileiro ou de outra nacionalidade. Faz-se importante que cada membro esteja sempre atualizado com relação a mudanças tecnológicas que venham a interferir na publicação e diagramação de seus textos.

---

<sup>49</sup>Disponível em: <http://www.avbl.com.br/website/projetos/estatuto.php> Acesso em 05 de dez de 2013.

Importante também, a participação de reuniões que ocorrem por meio de um grupo no *Yahoo*.

Textos relacionados à pornografia, ato criminoso, ou qualquer prática que possa ofender pessoas ou entidades em quaisquer comunidades, reais ou virtuais serão vetados, haja vista que a intenção de escrever na academia é promover a arte, críticas construtivas em prol do crescimento intelectual e pessoas de todos os membros. Publicação de textos *online*, confecção de ebuques, editoração de livros (papel), publicações de Antologias, promoção de concursos literários, enfim, encontros, reuniões e discussões sobre o desenvolvimento da literatura e arte virtual são de grande importância para tal comunidade. O plágio é considerado a falta mais grave que pode ocorrer dentro da Academia, por isso, em caso de uma falta como esta, dentre outras, o membro é avisado previamente e tem o direito de se retirar da Academia, antes de ser expulso.

Já a *Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores* (Portal - AVSPE) foi fundada em 17 de setembro de 2006, conta, atualmente, com 622 membros, sendo 328 mulheres, conforme acesso em 27/10/2014. No ano de 2012, passou por uma reformulação e em 2013 o *site* ganhou nova aparência, contatos e organização em geral. A academia tem sede exclusivamente estabelecida no espaço virtual e é uma instituição que não angaria recursos econômicos, ou seja, não visa a fins lucrativos, sendo de caráter exclusivamente cultural e intenciona reunir escritores, poetas, jornalistas, compositores, enfim, intelectuais e artistas das mais variadas áreas que são amantes das letras e artes afins.

Tal elo objetiva facilitar, por meio deste espaço democrático que é o virtual, a publicação, incentivo, preservação e o reconhecimento de criações literárias dos mais variados formatos. Outro objetivo é incentivar a melhor integração e participação desses artistas das letras em possíveis eventos por ela promovido como: antologias, concursos literários, poesia popular, de cordel e homenagens culturais. Celebrações virtuais de datas cívicas, homenagens às pessoas e institutos culturais com mérito pela diretoria e intercâmbio cultural e literário com entidades congêneres em todos os níveis virtuais, também são condecoradas.

No artigo número 06 da Academia, há a informação de que ela é composta por: Fundador, Presidente Fundadora, Presidente de Honra, Presidente, Vice-Presidente, Diretor Administrativo, Diretor Jurídico, Secretário Geral e Relações Públicas, Membros Efetivos, Patronos, Patronesses, Acadêmicos Efetivos, também

escritores Mirins e diversos artistas literários são os membros que compõem a AVSPE. Tais cargos podem ser extintos ou constituírem novos cargos, tudo isso por deliberação da Fundadora e Presidente de honra. Em 22 de abril de 2012 também foram criados os cargos de Eventos Literários, Diretor de Artes e Diretor de Comunicação e Divulgação Literária. Todos os membros da Diretoria que foram empossados contribuem e desempenham suas funções de modo espontâneo, sendo necessário para que ocupem tais cargos estarem inscritos no Grupo da AVSPE, pois assim podem interagir melhor com os demais poetas e escritores dentro da comunidade em questão. Os nomes de cada um dos cargos e cátedras não serão aqui apresentados, apenas da fundadora da academia.

A escritora Efigênia Coutinho, viúva, mulher simples e amante das artes, em especial da literatura, residente em Camboriú- SC ocupa o cargo de Presidente de Honra, único e vitalício por ser a Fundadora da AVSPE. Segundo ela, quando a academia foi fundada, muitos amigos que escreviam e que mantinham outro sítio similar resolveram migrar para a AVSPE. Hoje o espaço conta com mais de mil poetas e comporta membros do Brasil todo, além de outros países.

Dentre os papéis que ela desempenha está o de elencar Patronos aos acadêmicos, os quais farão parte do quadro de honra da instituição. Já quanto à remoção de um membro incorporado à academia, também é de competência da Presidente de Honra, mesmo que esse esteja desempenhando algum cargo descrito acima. A reforma, aperfeiçoamento ou qualquer ratificação do Estatuto podem ocorrer quando a Fundadora e Presidente Fundadora oficializar a devidas decisões aos outros membros da academia, mediante Ato Institucional, pelo meio de autorizações que serão apregoadas no endereço virtual da AVSPE.

Quanto ao ingresso na AVSPE, ele pode acontecer isoladamente por meio do convite exclusivo da Presidente Fundadora, ou ainda, ao lado do Presidente e Vice-Presidente em conjunto e em concordância com a Fundadora. O artista estará livre de qualquer ônus para se tornar um membro efetivo, podendo desligar-se quando lhe convier, sendo somente necessária a comunicação por escrito de sua decisão. A idoneidade literária também é importante e primordial para fazer parte desta instituição virtual. Outro dado interessante é a proibição de publicações de textos eróticos, de conotação sexual, impudicos ou que ainda contenham imprecisão de qualquer natureza. Isso para que preze por uma ética e respeito entre os

membros, não permitindo a publicação de qualquer texto que venha intimidar outro escritor incluso na Academia.

Ao se integrar junto à AVSPE, ciente do Estatuto que rege a Academia, o membro deve proporcionar um Juramento do Acadêmico, registrando-o no Livro de visitas da AVSPE. Em seguida receberão o Certificado de Acadêmico e um *banner* com a sigla da AVSPE, para que, caso prefira, possa expô-la em seus possíveis sítios. Em caso de desligamento, esses deverão retirar os distintivos da Academia de seus sítios entre quarenta e oito horas, referidos da data de seu desligamento.

Com relação aos direitos dos membros da AVSPE, pode-se apresentar como os principais: dispor do espaço virtual para publicar suas obras e utilizar o espaço virtual da academia para promover interação cultural entre outras entidades do mesmo crivo. Já os deveres restringem-se ao tratamento dos demais componentes com a devida ética e respeito, dispor de seus endereços eletrônicos para tomarem ciências dos estatutos e assuntos em geral da academia, cooperar com o espaço virtual proposto por meio de participação de eventos pertinentes à escrita literária (ao menos seis) promovida pela AVSPE e, finalmente, promover o enriquecimento cultural com a postagem de materiais literários. As cláusulas constituídas no presente Estatuto, que conduzirão a AVSPE - *Academia Virtual Sala de Poetas e Escritores* para a execução de suas atividades, “serão referendados pelos presentes, mediante o recebimento de uma cópia deste, disponível em seu espaço virtual, onde todos o consolidaram, a fim de que a instituição seja perpetuada, para a propagação da cultura”<sup>50</sup>. Em 2014, foi fundamentada a ideia de um novo Portal AVSPE:

É fundamentada em dar paridade cultural ao escritor, a fim de que a sociedade tome conhecimento de sua caminhada literária. Certamente, Poetas e Escritores dedicam horas preciosas de seu dia ao ato de gerar e de produzir, às vezes, renunciando ao convívio familiar e não tendo reconhecido o seu importante papel na sociedade. Ao constatar a falta de apoio, surgiu-me a preocupação de gerar nossa entidade para asseverar que a sua obra seja eternizada e que não venha a ser olvidada com o desaparecimento de seu autor. Além disso, como o escritor não tem profissão regulamentada, a AVSPE vem garantir-lhe um espaço para edição de suas produções literárias. [...] A criação do novo Portal AVSPE foi lançada para dar seguimento a um trabalho por mim idealizado há mais de seis anos, dando vida aos meus ideais focados na arte maior, a Poesia.<sup>51</sup>

<sup>50</sup>Disponível em: <http://www.avspe.org/index.php?pg=paginas&idt=1> Acesso em 20 de fev de 2014.

<sup>51</sup>Disponível em: <http://academiavirtualsaladepoet.comunidades.net/index.php?pagina=1045237394> Acesso em out de 2014.

A idealização desse novo portal partiu de Adilson Fritsche, que trabalha na frente da administração e dos trâmites comerciais para que a nova academia seja inaugurada. Em 17 de setembro de 2014, a fundação AVSPE completou nove anos.

### **3.1.1 Escritoras do Estado de São Paulo que escrevem na AVBL e AVSPE**

O primeiro fator que chamou a atenção para que esta pesquisa fosse iniciada é o maior apontador de mulheres publicando literatura, não só nas academias aqui apresentadas, mas em vários ambientes na rede. Entre tantos outros sítios que trabalham com a literatura no Brasil, o da *Academia Virtual Brasileira de Letras (ABVL)* e a *Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores (Portal - AVSPE)* não foram selecionados para este trabalho por acaso. A escolha se deu pela solidez da página na rede, compromisso com os textos publicados, regras para que se possa participar da academia, enfim, são espaços que proporcionam arte, cultura e entretenimento a seus leitores e associados, de forma séria e compromissada. Ao conhecer tais ambientes, pode-se perceber quão grande é o número de pessoas de todo o país que se apropriam dos meios digitais para publicar literatura.

A AVBL, por exemplo, atualmente conta com 95 escritores, sendo 48 do sexo feminino, já AVSPE, com 622 participantes, 328 são mulheres. Na AVBL, das 48 mulheres, 17 foram selecionadas para este trabalho, já da AVSPE, das 328, apenas 54. Todas as autoras escolhidas residem tanto na cidade, quanto no Estado de São Paulo, mesmo lugar de residência da pesquisadora em questão. Isso facilitou a observação dos dados, já que as pesquisas não se limitaram ao espaço virtual, mas também a questionários e entrevistas que serão a seguir apresentados.

Depois de selecionar as escritoras, duas tabelas foram montadas, uma para cada academia. Nome ou pseudônimo, cidade e a quantidade de textos publicados nas academias virtuais de vínculo de cada escritora, foram coletados e expostos, como será perceptível na tabela abaixo:

**Tabela 1 – Escritoras da AVBL e número de publicações**

	<b>Academia Virtual Brasileira de Letras -AVBL</b>		
	<b>ESCRITORA</b>	<b>TEXTOS</b>	<b>CIDADE/ESTADO</b>
01	Naida Terra	1241	Osasco/ SP
02	Marcia Fernandes Vilarinho Lopes (cadeirante)	131	São Paulo/SP
03	Maria Inês Simões	98	Bauru/SP
04	Elen Alves Viana	76	Americana/SP
05	Pilar Casagrande	32	Rio Claro/SP
06	Teresinha Jorge	24	São Paulo/SP
07	Fatinha Mussato (M <sup>a</sup> de Fátima M. da Silva)	20	Jales/SP
08	Sueli Aparecida Damasceno	13	São Paulo/SP
09	Marly Nascimento Brasiliense	13	São Bernardo do Campo/SP
10	Renata Rocha	8	Taboão da Serra/SP
11	Ana Paula Correa	7	Guarulhos/SP
12	Sueli Pioli Bigucci	6	São Paulo/SP
13	Pilar Arias Lopes	4	Santa Cruz da Palmeiras/SP
14	Thais Arrighi Staseuskas	3	São Paulo/SP
15	Verluci Almeida	2	Batatais/SP
16	Ruth Lara Godoy	1	Bauru/SP
17	Maria Eugenia Camargo Dal Monte	1	Marília/SP

Fonte: A autora, 2015.

Já a classificação abaixo é das escritoras da *Academia Sala dos Poetas e Escritores*:

**Tabela 2 – Escritoras da AVSPE e número de publicações**

	<b>Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores -AVSPE</b>		
	<b>ESCRITORA</b>	<b>TEXTOS</b>	<b>CIDADE/ESTADO</b>
01	Antonietta E. Manzieri	5 livros virtuais/outros	São Pedro/SP
02	Ana Paula Costa Brasil	Vários	São Paulo/SP
03	Alcina Maria Silva Azevedo	Vários*	Campinas/SP
04	Carolina Ramos	Vários	Santos /São Paulo
05	Cléo Reis	Vários*	Ribeirão Preto/SP
06	Célia Paiva	Vários	Vila Prudente/SP
07	Carla Alexandra Ezarqui	Vários	Borborema/SP
08	Carmen Ortiz Cristal	Vários	Santo André/SP
09	Cristina Ferrari	Vários	S. J. dos Campos/SP
10	Dorothy Jansson Moretti	Vários	São Paulo/SP
11	Dalva Agne Lynch	Vários	São Paulo/SP
12	Eunice Arruda	Vários	São Paulo/SP
13	Elizabeth Misciasci	Vários	São Paulo/SP
14	Elisa Alderani	Vários	Ribeirão Preto/SP
15	Edna LianyCarreon	Vários	São Paulo/SP
16	Edna Feitosa	Vários	São Paulo/SP
17	Fátima Abrantes	Vários	Serra Negra/SP
18	Fátima Irene Pinto	Vários	Campinas/SP
19	Guida Linhares	Vários	Santos/SP
20	Giovânia Correia	Vários	São Paulo/SP

21	Helena Armond	Vários	São Paulo/SP
22	Ivone Carvalho	Vários	São Paulo/SP
23	Ivete Tayar	Vários	São Paulo/SP
24	Jacira Cardoso	Vários	São Paulo/SP
25	Leda Galvão de Avellar Pires	Vários	Ubatuba/SP
26	Lena Basso	Vários	Ribeirão Preto/SP
27	Luiza De Marillac Bessa Luna Michel	Vários*	São Paulo/SP
28	Lóla Prata	Vários*	Bragança Paulista/SP
29	Milla Pereira	Vários	São Paulo/SP
30	Marcia Maria Luconi	Vários	Praia Grande/SP
31	Marlene B. Cerviglieri	Vários	Ribeirão Preto/SP
32	Maria Eugenia Camargo (Gena Maria)	Vários	Marília/SP
33	Maria Luiza Bonini	Vários	São Paulo/SP
34	Miriam Panighel Carvalho	Vários	São Paulo/SP
35	Márcia Sanchez Luz	Vários	São Paulo/SP
36	Maria Inez Fontes Ricco (MIFORI)	Vários	São Paulo/SP
37	Marilda de Almeida	Vários	Sorocaba/SP
38	Mercília Rodrigues	Vários	Araçatuba/SP
39	Marilena Trujillo	Vários	São Paulo/SP
40	Maria Antônia Canavezi Scarpa	Vários	Interior/SP
41	MariciBross (IN MEMORIAM) 2007	Vários	São Paulo/SP
42	Marisa Cajado	6 virtuais/outros*	São Paulo
43	Neusa Padovani Martins	Vários	Sorocaba/SP
44	Neide Hanf	Vários	Interior/São Paulo
45	Priscila de Loureiro Coelho	Vários	São Paulo/SP
46	Regina Mercia Sene Soares	Vários	Novo Horizonte/SP
47	RenateEmanuele	Vários	São Paulo/SP
48	Soaroir de Campos	Vários	São Paulo/SP
49	Sônia Braga Urbano	Vários	Araraquara/SP
50	Sarah de Oliveira Passarella	Vários	Campinas/SP
52	Sandra M. Julio	Vários	Sorocaba/SP
52	Sueli do Espirito Santo	Vários	Santo Andre/SP
53	Tamara Kaufmann	Vários	São Paulo/SP
54	Vera Mussi	Vários	São J Rio Preto/SP

Fonte: A autora, 2015.

O segundo fator que chamou a atenção é que entre os textos publicados dessas mulheres, encontram-se os mais variados gêneros e temas. No entanto, ao navegar por todas as academias virtuais em questão, percebeu-se, durante a leitura da literatura publicada por elas, que um e outro assunto aparece com mais assiduidade, e o mesmo acontece com o gênero textual utilizado e sua tipologia. Por exemplo, o gênero mais publicado é a poesia, por isso ela foi escolhida para ser trabalhada como objeto de análise no último capítulo. Já com relação à temática, as mais frequentes são a líricas amorosa e a lírica confessional intimista são, sem dúvida os temas mais comuns.

Dessa maneira, após a escolha dos sítios e montagem das tabelas, o terceiro passo realizado foi o de elaborar uma ficha com o perfil biobibliográfico de cada uma, somando um total de setenta e uma autoras entre as duas academias. A

intenção foi a de verificar se as biografias dessas mulheres poderiam estar relacionadas aos textos publicados na rede, pauta que será discorrida mais a frente.

Esta ficha contou com os seguintes dados: nome da academia de que participavam, nome da escritora, idade, gênero, estado civil, origem, formação acadêmica, tipo de produção literária, meios de publicação e uma foto. Para esta tabela, todos os dados foram pesquisados em diversos espaços da internet, isso porque muitas escritoras participam de inúmeros sítios literários, blogues particulares, algumas com mais de três ou quatro blogues, além de quês, ambientes virtuais de outros países, como Portugal. Nesses espaços é possível encontrar os dados biográficos dessas mulheres, além da publicação literária. Para concluir a tabela, cada escritora foi pesquisada individualmente, no maior número de lugares virtuais possíveis, encontrados na rede.

Abaixo um exemplo de ficha que foi montada para cada escritora. Escolheu-se a autora Alcina Maria Silva Azevedo, que escreve, entre outros diversos sítios, para a Academia Virtual - Sala dos Poetas Escritores, pela facilidade de contato e disponibilidade para contribuição deste trabalho:

**Tabela 3 – Exemplo de Ficha**

<b>Academia Virtual - Sala dos Poetas Escritores (AVSPE)</b>
<b>Nome:</b> <u>Alcina Maria Silva Azevedo</u>
<b>Idade:</b> 75 anos
<b>Gênero:</b> -
<b>Estado Civil:</b> viúva
<b>Origem:</b> Cruzeiro, mora em Campinas
<b>Formação:</b> poetisa
<b>Tipo de produção:</b> Poesia, escreveu para jornais.
<b>Meios de publicação:</b> Impresso e virtual.  livro eletrônico exposto no : <a href="http://www.avllb.org/academicos/040/biografia.html">http://www.avllb.org/academicos/040/biografia.html</a> e Escreve ainda para alguns sites a seguir: <a href="http://www.avspe.eti.br/alcina/index.html">http://www.avspe.eti.br/alcina/index.html</a> ? membro efetivo. <a href="http://www.fofaslides.com.br/alcina.htm">http://www.fofaslides.com.br/alcina.htm</a> <a href="http://www.jornaldapoesia.jor.br/alcinaazevedo.html">http://www.jornaldapoesia.jor.br/alcinaazevedo.html</a> <a href="http://www.sardenbergpoesias.com.br">http://www.sardenbergpoesias.com.br</a> <a href="http://www.locurapoetica.com/alcina/alcina.htm">http://www.locurapoetica.com/alcina/alcina.htm</a> <a href="http://www.recantodasletras.uol.com.br/autores/alcinamaria">http://www.recantodasletras.uol.com.br/autores/alcinamaria</a> <a href="http://www.florijane.com/menu.htm">http://www.florijane.com/menu.htm</a> em 12 apóstolos da poesia. <a href="http://www.grupoecosdapoesia.net">http://www.grupoecosdapoesia.net</a> <a href="http://www.nadirdonofrio.com/biografia_alcina_maria_azevedo.htm">http://www.nadirdonofrio.com/biografia_alcina_maria_azevedo.htm</a> <a href="http://www.poetasdelmundo.com/verinfo.asp?ID=845">http://www.poetasdelmundo.com/verinfo.asp?ID=845</a> <a href="http://www.sekher.com/alcina1.htm">http://www.sekher.com/alcina1.htm</a> <a href="http://www.sanesociety.org/pt/alcinamaria">http://www.sanesociety.org/pt/alcinamaria</a> <a href="HTTP://www.ligia.tomarchio.com.br/ligia_amigos_alcina.htm">HTTP://www.ligia.tomarchio.com.br/ligia_amigos_alcina.htm</a> <a href="http://ecosdapoesia.net/autores/alcinaazevedo.htm">http://ecosdapoesia.net/autores/alcinaazevedo.htm</a> <a href="http://www.poesias.omelhordaweb.com.br/index.php?cdpoesia=2988">www.poesias.omelhordaweb.com.br/index.php?cdpoesia=2988</a> <a href="http://www.nadirdonofrio.com/biografia_alcina/biografia_alcina_maria_azevedo.htm">http://www.nadirdonofrio.com/biografia_alcina/biografia_alcina_maria_azevedo.htm</a>

A escritora também publica no site de relacionamento *facebook*.  
<https://www.facebook.com/alcinamaria.silvaazevedo?fref=ts>



Fonte: A autora, 2015.

Para que as tabelas fossem devidamente preenchidas e organizadas, um grande volume de material biobibliográfico foi pesquisado, lido, recortado e observado. Feito isso, finalmente, chegou-se a algumas considerações cuja contribuição será importante no que se refere à relação do perfil dessas mulheres e uma possível relação com que escrevem no ambiente digital. Fatores tais como: a predominância de uma determinada faixa etária, o estado civil, as profissões encontradas com maior frequência, os gêneros mais comuns e, principalmente, o meio de publicação habitualmente empregado, se impresso ou somente virtual, foram de relevância para a pesquisa.

Em um primeiro momento, será discorrido a respeito da faixa etária dessas escritoras. Das setenta e uma mulheres que moram atualmente no estado de São Paulo e participam ativamente, publicando seus textos em uma das academias, apenas quatro apresentam idade abaixo de trinta anos e outras quatro, com idade entre os quarenta aos cinquenta anos. As demais, ou seja, sessenta e três mulheres têm a idade entre cinquenta e oitenta anos, aproximadamente. Logo, as autoras que procuram essas academias para divulgar seus textos, na maioria das vezes, já são mais experientes, por conseguinte, podem ter muitas “histórias de vida” que queiram externar por meios de seus textos.

A internete pode auxiliá-las, proporcionando que um maior número de pessoas leia, compartilhe e conheça o trabalho que realizam com os versos e outros textos líricos. Abaixo alguns exemplos:

*Noite*

Na frente do computador  
 Caiu minha noite.  
 Sinto paz.  
 Encanto de um dia  
 Versejo pensando  
 Com palavras que passam  
 Como brisa em minha cabeça.  
 Cansada as procuro  
 Às vezes elas se escondem  
 Mas, preciso delas  
 A toda hora  
 Quero falar do meu tempo  
 Do agora  
 Deste lindo momento  
 De paz  
 De sossego  
 De poesia  
 De amor  
 A vida  
 Presente  
 Como a noite  
 Que cai docemente! (E.A. 76 anos)<sup>52</sup>

A poesia acima foi publicada no sítio de relacionamento *facebook* da autora em questão. Nos versos: “Na frente do computador/Caiu minha noite./Sinto paz./Encanto de um dia/Versejo pensando/Com palavras que passam/Como brisa em minha cabeça.”Expõe “precisar” escrever para sentir-se em quietude. Mas à frente comprova que necessita deste espaço para escrever e conquistar paz e sossego por meio do escrever, por meio do fazer poético. E continua: “Mas, preciso delas/A toda hora/Quero falar do meu tempo.”, parece querer transbordar o que sente, por meio de palavras que serão expostas no meio virtual. Interessante quando o eu-poético se refere em falar de seu tempo, que é o agora, o presente.

Textos como esses são semanalmente postados tanto em seu blogue, página da academia da qual participa, com ainda mais frequência, na rede de relacionamento acima mencionada. Outro exemplo da mesma autora é a poesia intitulada *Angústia*:

*Angústia*

Não sei de onde vem tanta tristeza  
 Que sem motivo aperta o coração.  
 Será lembrança de lágrimas escondidas  
 Desta inútil talvez fútil razão.

---

<sup>52</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Escritora-Elisa-Alderani/602982333142313> Acesso out. 2014.

Será o tempo que passou perdido  
 Esperando um amor que não voltou.  
 Quem sabe, a procura envelhecida,  
 Não deu vazão para encontrar alguém.  
 De onde virá então tanta ansiedade,  
 Se o coração a tempo está em repouso?  
 Querendo doar somente ao semelhante  
 Amor fraterno, refletindo paz.  
 Inquieto agora insurge e quer gritar?  
 Encontrar a resposta certa  
 Para a alma tão dilacerada.  
 Será culpada a nuvem que desaba  
 Suas gotas pesadas de repente...  
 Até voltar um raio de sol que beija  
 A solidão que gorjeia  
 Como pássaro fechado na gaiola. (E. A.)<sup>53</sup>

A poesia acima foi escrita em 2009 em um livro intitulado *Antologia Del'Secchi - volume XIX*, no ano de 2009, expõe um eu-lírico de alma dilacerada, sente ansiedade e quer encontrar uma resposta por se sentir assim entristecida: “Encontrar a resposta/certa Para a alma tão dilacerada”. Sente-se aprisionada e sozinha como afirmam os últimos versos “A solidão que gorjeia/ Como pássaro fechado na gaiola.” As subjetividades apresentadas neste poema podem ser percebidas como de tonalidades aflitivas e repletas de ansiedade, logo percebidas no título do texto. O poeta, mesmo sabendo que há tempos está em repouso e ele “Inquieto agora insurge e quer gritar?”

Outra poesia também E. A., que com muita frequência publica poemas com variados temas, como amor e intimismos da alma na internet, entre eles um que igualmente é bastante frequente entre esta e outras escritoras estudadas, é o de falar da própria ação de escrever poesia:

*Vida de poeta*

Faz alguns dias que perdi a poesia.  
 Não tenho fantasia,  
 não tenho argumentos.  
 Será que meu coração está ficando lento?  
 Vamos tomar providências.  
 A primeira coisa é colocar alegria...  
 Aonde vou achar não sei dizer.  
 Olhando pela janela?  
 Ou dentro da minha panela?

<sup>53</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Escritora-Elisa-Alderani/602982333142313?fref=nf>  
 Acesso nov de 2014. As escritoras citadas somente com as iniciais dos nomes são aquelas que não se teve contato, por isso a preferência foi pelo uso das iniciais ou pseudônimos encontrados. Outras escritoras aparecerão aqui com o nome completo, são as entrevistadas que permitiram tão exposição.

Na geladeira, na cozinha, no quarto...  
 Na rua? Vai saber!  
 Paro, respiro fundo,  
 sinto a vida pulsar...  
 Estou viva devo me alegrar  
 e a poesia de novo encontrar!(E. A.)<sup>54</sup>

O poema acima foi publicado em um evento de poesia, o qual não se encontrou o nome, mas o local foi o SESC de Ribeirão Preto no ano 2000. Depois de quase quinze anos esta poesia, agora circula nos sítios de literatura da internet e, com certeza, é mais lida do que se estivesse guardada nos livros impressos. Ela mostra o desencanto que é a vida do poeta a partir do momento em que se perde a arte de escrever por meio de versos: “Faz alguns dias que perdi a poesia./Não tenho fantasia,/não tenho argumentos.”

E assim o eu-lírico procura em alguns locais a possibilidade de “a poesia de novo encontrar!” É perceptível que esses locais por onde o eu-poético procura a poesia estão relacionados a ambientes, que culturalmente, fazem parte do ambiente doméstico feminino, como: “dentro da minha panela?/ Na geladeira, na cozinha, no quarto...” A partir dessa esperança, do reencontro com a poesia é que o eu-lírico ainda afirma “estar viva” e que irá “se alegrar”, como se vê no penúltimo verso.

A última poesia de E. A. foi uma trova vencedora nos *XX Jogos Florais de Ribeirão Preto*, em homenagem ao Dia do Livro, 19 de outubro do ano de 2007. O título do pequeno poema é *Livro*:

Amo ler, e bem escolho  
 no livro a mensagem certa.  
 O conteúdo eu recolho  
 não deixo a mente deserta! (E. A.)<sup>55</sup>

Esses são algumas demonstrações da poesia encontrada no ambiente virtual escrita por essas mulheres. Pensando que aqui se está exemplificando poucos poemas de uma autora, difícil de imaginar a quantidade do material de mais de setenta escritoras do estado de São Paulo, sem contar com os demais Estados.

Com relação ao estado civil, muitas escritoras não apresentavam este dado nos perfis biográficos pesquisados. É como se quisessem separar vida privada da pública de escritora. Nos sítios que participavam, só expuseram informações relacionadas ao ato de escrever literatura, suas publicações, prêmios, oficinas

<sup>54</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Escritora-Elisa-Alderani/602982333142313?fref=nf>  
 Acesso nov de 2014.

<sup>55</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Escritora-Elisa-Alderani/602982333142313?fref=nf>  
 Acesso nov de 2014.

literárias, projetos sociais do gênero entre outros. Um total de trinta e uma escritoras que não apresentaram o estado civil. Já outras sete são viúvas e seis divorciadas e dentre elas, ao menos três, apresentou como dado de estado civil “avó”, ou “avó do L.”, já outra escritora apresentava a informação “teve filhos”.

Por exemplo, a escritora S.P.B.<sup>56</sup> (65 anos) apresenta em seus perfis de estado civil como, “casada, mãe, avó” e acrescenta que só começou a escrever depois de ter netos, pois passou a estudar, a cursar informática e a escrever:

Depois de criar os meus quatro filhos, levando-os para fazer tudo que tinham direito (escola, ballet, inglês, natação, judô, futebol etc...) eles cresceram e passaram do banco de passageiros do carro para dirigirem suas próprias vidas e eu de um dia para o outro, acabei ficando sem os inúmeros afazeres que estava acostumada e como diz meu marido, a ociosidade é a casa do diabo. Então resolvi ocupar-me com coisas úteis, voltei a estudar, fazendo cursos de inglês, artesanato e informática. Qual não foi minha surpresa quando de repente me vi apaixonada pela computação. Um dia, navegando pela Internet, descobri o site da Ellaine Cristina.<sup>57</sup> Fiquei sua fã incondicional e começamos a trocar e-mails. [...] Incentivada por ela, comecei a fazer minha *Home Page*. No começo foi difícil, mas a Ellaine me orientou e incentivou muito e este trabalho, que me faz muito bem, espantando os medos e depressões que toda a mulher na minha faixa etária passa, eu devo todinho a ela.<sup>58</sup>

Outra escritora que é conveniente apresentar é C.R (58 anos), que após passar por um divórcio sofreu a crise do pânico. Escreveu um livro com incentivo dos amigos, intitulado *Fragmentos*, publicado em 2004 no meio impresso e conta a biografia da autora por meio da prosa poética:

Aos vinte e um anos, trocou o conforto de seu lar e a segurança de uma vida tranquila por tranquila por um casamento desastroso que durou nove anos, tendo três filhos neste período. Depois de muito sofrimento, superou a síndrome do pânico e se atirou na vida profissional, começando como gerente de uma loja e acabou se especializando em administração e marketing em empresas na área médica. Incentivada por amigos que acompanharam sua trajetória de vida, resolveu escrever o seu primeiro livro *Fragmentos*, para mostrar que os obstáculos da vida foram feitos para serem derrubados com determinação, e acima de tudo, acreditando que viver vale a pena.<sup>59</sup>

Segundo comentários encontrados na internet das pessoas que leram *Fragmentos*, ele conta com um texto realmente emocionante. “Garanto a vocês, que

<sup>56</sup> As escritoras citadas somente com as iniciais dos nomes são aquelas que não se teve contato, por isso a preferência foi pelo uso das iniciais ou pseudônimos encontrados. Outras escritoras aparecerão aqui com o nome completo, são as entrevistadas que permitiram tão exposição.

<sup>57</sup> Ellaine Cristina é também uma mulher que escreve literatura na internet.

<sup>58</sup> Disponível em: <http://www.reflexaodevida.com.br/361biografia/361biografia.htm> Acesso out. 2014.

<sup>59</sup> Disponível em <http://www.paralerepensar.com.br/crisferrari.htm> Acesso out. de 2014.

não vão se arrepender, pois ele será como alguns livros, de cabeceira para muitos. É uma história apaixonante e emocionante, que me levou até as lágrimas em alguns dos capítulos que li.” (Irmã Rodrigues – SP).<sup>60</sup> Alguns fragmentos do livro foram dispostos na *Academia Sala do Poeta e Escritores* e em seu blogue pessoal, todavia não se encontrou mais nenhuma produção da autora. Seguem alguns trechos:

“É preciso recomeçar a cada queda, insistir, pois os fracassos são nossos melhores mestres. [...] Não pretendo mudar o rumo da minha vida por medo do que acontecerá daqui a dez anos. Vou deixar para viver o amanhã, quando o dia clarear. Sigo vivendo e encontrando encantos em cada dia que Deus me dá a chance de viver, achando que as noites frias de inverno são aconchegantes e que os dias quentes de sol enchem a alma de alegria.”<sup>61</sup>

C.R., a autora do texto acima, quando retomou sua vida profissional, começou a trabalhar em áreas administrativas. Outras escritoras também apresentaram formação acadêmica ou profissões que não estão diretamente relacionadas ao universo das letras. Estilista de alta costura, artistas plásticas, musicistas e empresárias, foram ocupações que apareceram uma ou duas vezes, entre as escritoras selecionadas. Já mulheres com carreiras relacionadas às ciências humanas, mais especificamente, ao meio das letras, têm-se as jornalistas, publicitárias e advogadas, as quais aparecem também em número reduzido, uma ou duas de cada função. Agora, as pedagogas e psicólogas são entre cinco e seis autoras, entretanto, a profissão mais comum é a de professora, desde a escola primária até a universitária.

Muitas mulheres são ou já foram professoras da escola primária e ao menos nove são pedagogas que estiveram em sala de aula. Entretanto, a maioria já ministrou aulas, sobretudo, em universidades ou já se aposentou. A área das letras é bem frequente, inglês, francês, linguística e semiótica também aparecem. Um fator curioso é que algumas escritoras se intitulam somente como poetisas ou escritoras, não citam mais nenhuma outra ocupação profissional. Um exemplo é a autora M.N.B (66 anos) que se apresenta com o pseudônimo de “Marly”. Ela escreve, dentre outros espaços virtuais, para a AVBL, em que ocupa a cadeira número 361. Laureada em vários concursos regionais e nacionais, possui vasta gama de

<sup>60</sup> Disponível em: <http://www.reflexaodevida.com.br/361biografia/361biografia.htm> Acesso out. 2014.

<sup>61</sup> Disponível em <http://www.paralerepensar.com.br/crisferrari.htm> Acesso out. de 2014.

diplomas e troféus. Com 18 títulos e mais de 1.500 poesias registradas na Fundação Biblioteca Nacional.<sup>62</sup>

Outra escritora é E. M. (43 anos), quando foi pesquisada sua biografia, em mais de um sítio, encontrou-se que além de jornalista e, não menos importante, era pesquisadora, Embaixadora Universal da Paz no âmbito do Círculo Universal dos Embaixadores da Paz - *Cercle Universel Des Ambassadeurs De La Paix* -France; Membro Correspondente da Governadoria da *In Brascino* Estado de São Paulo- Instituto Brasileiro Culturas Internacionais. Todavia, sempre se apresentou como “poeta, Mãe e acima de tudo uma Mulher que luta, que é guerreira, que sabe o que quer, que tem amor no coração, amor pela sua família, pelos seus amigos, pelo seu trabalho, pela vida.”<sup>63</sup>

Ao observar os gêneros mais publicados, todas as setenta e uma mulheres escrevem poemas. Assuntos relacionados ao amor, vida, esperança, religiosas, espiritualidade, intimistas, saudosistas e outros temas referentes ao universo feminino, são as que aparecem com mais frequência. Os poemas se apresentam na maioria das vezes em versos assimétricos e brancos, mas também com métricas, rimados, acrósticos, mini-versos associados a imagens; no entanto, o que prevalece são as estruturas mais livres chamadas modernas. Abaixo um exemplo do poema da escritora “Naida Terra” da AVBL:

#### Um Encontro de Amor

Tarde de outono quente,  
 nós dois nos entregamos  
 sem nada dizer...  
 Sons de gemidos e a melodia,  
 as batidas dos nossos corações...  
 Descobrimos em doce devaneio  
 o nosso melhor passeio  
 a derreter-se em ais e mais...  
 Lindos tempos já passados  
 que não vão mais voltar,  
 mas as recordações serão  
 sempre um acalento para  
 o meu ternocoração... (Naida Terra)<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup>Disponível em: <http://mozartfaggi.blogspot.com.br/2011/04/marly-nascimento-brasiliense-nasceu-no.html> Acesso out de 2014.

<sup>63</sup> Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/1936389> Acesso out de 2014.

<sup>64</sup> Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/poesiasdeamor/1451624> Acesso em out 2014.

Como apresentado no poema acima, o tema amor é um dos mais frequentes, aparecem praticamente nos versos de quase todas as poetisas aqui selecionadas. Interessante mencionar ainda o hiato que aconteceu no processo de produção dos versos da escritora Marcia Vilarinho. Advogada, filha de jornalista, segundo ela, “desde muito cedo, aprendeu o valor da reflexão, da troca de conhecimentos, da pesquisa, da observação e da expansão de cada ser. Aprendeu, com tudo isso, que seria, como é, eterna aprendiz.”<sup>65</sup> Em 1980, após um acidente de carro, ela relata que passou a usar sapatos diferentes, os quais chamou de cadeira de rosas, “tal a grandeza de amor que experimentou, de e por seu marido, de e por seus amigos, de e por seus familiares, pais e irmã.”<sup>66</sup>

Entretanto, quando se tornou viúva em 1997 de um grande amor, trancafiou no guarda-roupas do quarto de dormir seus sentimentos pessoais mais valiosos. Um dia, quando um amigo, muito querido, a fez acordar a meiguice, a poesia, nela, novamente fluiu.<sup>67</sup>

O nada é a ausência do tudo  
 Que a imagem tenta mostrar  
 E o nada que você tem  
 É o nada que você dá  
 E a sua imagem mantida  
 É a sombra tão garantida  
 Do tudo a lhe faltar  
 (Marica Vilarinho)<sup>68</sup>

Histórias como as de Marcia Vilarinho existem várias, cuja escrita e vontade de se expressar por meio das letras partiu de algum fato, incentivo ou ajuda. Nem sempre esta escrita vem a partir da forma de poema.

Os textos de narração também aparecem bastante. Crônicas ou textos de publicações jornalísticas chamados de ensaios, que são não especificadas por aquelas que escrevem em jornal impresso, duas ou três escritoras. Menos da metade delas afirmaram, em seus blogues ou nas academias em que têm suas

<sup>65</sup> Disponível em: <http://blogdosblogs-literatura.blogspot.com.br/2010/06/marcia-vilarinho-madrigal-da.html> Acesso em out 2014.

<sup>66</sup> Disponível em: <http://blogdosblogs-literatura.blogspot.com.br/2010/06/marcia-vilarinho-madrigal-da.html> Acesso em out 2014.

<sup>67</sup> Disponível em: <http://blogdosblogs-literatura.blogspot.com.br/2010/06/marcia-vilarinho-madrigal-da.html> acesso em out 2014.

<sup>68</sup> Disponível em: <http://marciavilarinhoebook.blogspot.com.br/> Acesso em out 2014.

biografias publicadas, que escreviam textos narrativos, apenas duas afirmam escrever autoajuda ou relatos. Mesmo assim, na maioria das vezes, os textos em narração se aproximam de uma prosa mais poética. Inclusive entre 5 e 6 escritoras afirmam escrever em estilo de prosa poética, como no exemplo abaixo, texto da escritora fundadora da AVBL:

Ela sonhava ver o mundo através das asas de uma borboleta, quando rompesse o casulo e despertasse em uma nova fase. Nova vida... Queria esconder os olhos e não deixar as imagens reais construírem castelos desfeitos. Cores... Somente as cores eram bem-vindas. Não fossem o tempo, o frio, as chuvas e tempestades. Lembrou-se ao refletir-se no fundo de um lago. Nem todas as borboletas surgem perfeitas, suas cores em tons pastéis traziam a decepção da espera. Queria ser o vermelho brilhante, o azul celeste em verdes campos e matas. Não era nada além daquela cor refugio-casulo absorvido na ânsia da gestação. Os dias passavam e não percebia um detalhe... Nas letras, no vento no pensamento... Podia voar. (Maria Inês Simões)<sup>69</sup>

O texto é carregado de lirismo, metafórico e subjetivo, por isso, além de prosas poéticas, outro nome bastante encontrado entre as autoras, para essas histórias contadas repletas de sentimentalismos, é o de narrações líricas. Apenas três escritoras que se mostraram escrever uma ou outra peça de teatro e tais textos não foram encontradas nos espaços virtuais pesquisados.

Quanto à literatura para criança, somente duas relataram escrever. Outros exemplos de poesias e prosas narrativas serão apresentados a seguir, bem como os ambientes em que essas escritoras publicam com maior frequência, além das academias de que participam. Essas escritoras escrevem somente na internet ou também no meio impresso? Já escreviam antes do surgimento dos espaços digitais e quais as temáticas que insistem aparecem com maior assiduidade?

### **3.2 Entrevistas**

Após montadas as tabelas, selecionadas as escritoras e realizada a pesquisa na internet referente à biobibliográfica de cada uma delas, tentou-se contatar as autoras por e-meio, blogues, sítios e *facebooks*. Isso para que a

<sup>69</sup>Disponível em: <http://www.velhosamigos.com.br/Ilustres/mariaines1.html> Acesso em out 2014.

pesquisa se tornasse mais pontual em questões como: por que essas mulheres escolheram o espaço virtual para escrever? O que escrevem e publicam com maior frequência? E, principalmente, como a subjetividade dessas escritoras aparece na rede?

Mais de 70% não respondeu a este contato, talvez porque alguns endereços estivessem desatualizados, outras até responderam, mas disseram não ter muito tempo para colaborar com a pesquisa. Algumas ficaram surpresas dizendo que as poesias e textos em geral que publicavam não eram passíveis de serem cogitados em um trabalho acadêmico. Enfim, foi um total de doze mulheres que se mostraram solícitas e interessadas na colaboração da pesquisa e entrevista.

Elaborou-se um questionário com quinze perguntas que foram enviadas para essas escritoras, que, prontamente, responderam e reenviaram. A princípio, a ideia era a de que elas respondessem as perguntas por meio de um encontro, uma entrevista. Logo, apenas duas escritoras se prontificaram para tal. Tanto que no início desta pesquisa, que ocorreu há aproximadamente dois anos e meio, escolher o Estado de São Paulo foi justamente para facilitar o contato pessoal com essas mulheres, o que surpreendentemente não ocorreu.

O questionário foi composto por perguntas básicas como: nome, ano nascimento, naturalidade e local de residência, profissão e escolaridade, estado civil e se tinham filhos e netos, ou seja, perguntas basilares. Isso para finalmente se chegar ao interesse da pesquisa: O que gosta de ler? Tem livros ou outros textos publicados fora do espaço virtual? Em qual veículo? Qual o significado da escrita para você? Onde publica no ciberespaço? Blogues, sítios, academias virtuais, outros? Qual o seu tipo de produção literária? Poemas, textos epistolais, contos, romances, ensaios, outros? Qual a importância do espaço virtual para a sua escrita? Com que frequência costuma publicar e/ou escrever nos espaços virtuais? O espaço virtual lhe permite algum contato com o seu público leitor? De que forma? A interatividade do espaço virtual lhe serve de estímulo à escrita? De que forma? Qual a sua opinião a respeito do grande número de mulheres publicando seus textos em espaços virtuais? Quais são os acontecimentos, razões ou sentimentos que levam à escrita?

Para responder a estes questionamentos, tomou-se como embasamento a entrevista de cinco mulheres. Todas senhoras com mais de cinquenta anos de idade, casadas ou viúvas e que tiveram filhos e netos. Uma professora de educação

física aposentada, uma psicóloga, uma técnica em contabilidade e duas professoras. Naturais de vários estados brasileiros, mas residentes há anos no estado de São Paulo.

Com relação à leitura que mais apreciam, das cinco, quatro preferem os romances baseados em fatos verídicos, tanto de escritores renomados, quanto os anônimos. Uma delas citou bastante os textos religiosos como o evangelho, vida de santos e o espiritismo. O mais interessante é que três delas disseram ler esses textos preferencialmente em e-books ou na internet. Este pode ser considerado um dado novo, ao se pensar que são mulheres que com idade acima dos cinquenta anos, pois na maioria das vezes pessoas que não nasceram durante as décadas do universo digital têm certa dificuldade de se acostumar a trocar o livro de papel pela tela.

Quanto à divulgação dos textos, questionou-se se já haviam publicado no meio impresso em livros, revistas, jornais. Duas disseram que não e das outras três, duas já publicaram livros, uma delas tem o total de dezessete editados no impresso, já a outra publicou durante muito tempo poesias no jornal de sua cidade, o que não faz mais. Optou a usar a ferramenta internet para que sua produção fosse lida e tivesse acesso por mais pessoas.

No que se refere ao significado da poesia na vida dessas mulheres, ou seja, a importância do texto lírico, poético e a sua publicação tanto na rede, quando em outros meios, uma delas afirmou que a “escrita preenche o tempo dedicado aos filhos que cresceram em outra cidade” (V.L.A. 50 anos). As outras quatro relacionam a poesia e o escrever a partilhar a vida, expressar sentimentos e pensamentos:

É a minha alma que transborda e só se acalma depois que escrevo os quadros que ela pinta, a escrita me acalma, só consigo escrever o que sinto, se me derem um tema, nunca faço na hora, não quebro a cabeça, deixo acontecer, uma hora quando eu menos esperar vem a inspiração, tenho que sentir (M.M.L. 56 anos).

Uma das escritoras, além de falar que por meio da poesia as experiências são compartilhadas, afirma que desenvolve seu trabalho de leitura e escrita sob o critério e a reação de seus leitores. A internet reforça o que cada um poderá tornar público, ou seja, aquilo que foi escrito em mesa tímida do computador, pode alcançar o mundo. Dessa maneira, tem-se o público e privado misturados, tornando-se

praticamente público-privado e ganhando o nome de esfera pública midiática, lugar de comunicação entre as escritoras e seus leitores.

Entre as escritoras, além de participarem das academias, umas na AVBL e outras na AVSPE, todas possuem blog e, às vezes, mais de um. Também publicam em outros portais em que trabalham e divulgam o texto poético no *Recanto das Letras*, site bastante conhecido. A importância do meio de publicação por meio da internet, além de satisfazê-las quanto à rapidez do tempo real, também existe o retorno imediato. Abaixo a resposta de duas escritoras à pergunta: “Qual a importância do espaço virtual para a sua escrita?”:

Mais abrangente do que o livro físico, que conta com poucos compradores, mas com maior aproximação com seu leitor. Há 1 livro com download gratuito [...] no meu site [www.lolaprata.com.br](http://www.lolaprata.com.br), do qual sou a compiladora de vários relatos místicos verdadeiros. Nesse site, tenho uma loja virtual. Há 1 livro de poemas livres + sonetos ALABASTRO, revisto e revitalizado, à venda no site [www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br), de tecnologia Kindle, por R\$ 7,00. Outros 2 títulos em papel, comercializados pela Livraria Cultura S/A através do site dela: Dicionário de Rimas ARRIMO e o técnico E EU SEI FAZER VERSOS?, da venda dos quais recebo 50% do preço de capa da vitrine, após 2 meses da venda (L.P. 74 anos).

Foi através deste espaço que eu consegui ser lida por pessoas que tinham o mesmo gosto que eu as letras, além de que através deste espaço eu editei em um blog em separado as psicografias que desde os dezoito anos estavam acumuladas em cadernos. Aliás, para propagar as mensagens eu fiz o blog de meus textos de minha autoria, para que ficando conhecida eu conseguisse que as mensagens do outro blog fosse lida, e assim aconteceu, hoje não consigo parar de escrever além de tudo é a melhor terapia que existe (M.M.L. 54 anos).

Logo, fica claro que tais mulheres encontram muitas facilidades em divulgação de seus textos, pois o espaço virtual é facilitador das relações escritor-leitor, de forma muito dinâmica e instantânea. Tanto que as cinco escritoras assumiram a postura de publicar com a frequência semanal, quando não diária. Isso na maioria das vezes em seus blogs.

O *facebook* é também uma ferramenta muito utilizada por elas, tanto que a partir de conectadas com a pesquisadora, a troca de ideias para esta pesquisa aconteceu com um formato ainda mais descontraído e frequente. Duas das entrevistadas escolhidas mantêm contatos semanais com a presente pesquisadora. Questionam o andamento da tese, se podem ajudar em algo mais, acrescentam dados que se esqueceram de responder no questionário respondido, enfim, participam em tempo real da pesquisa.

Ainda quanto ao publicar na rede, desabafa (L.P. 74 anos):

Agora que aprendi a publicar gratuitamente na *Amazon*, (no Brasil desde 2012) publicarei meus livros antigos e os que vierem a surgir. O livro pode ser corrigido na hora em que o autor percebe uma incorreção, substituindo o texto quantas vezes lhe aprouver. Acabou o sofrimento de ver erros impressos. Também levo em consideração o digital em vista do alto preço das gráficas, (sem a Lei de Incentivo). Atualmente, escrevo poucos textos isolados nos espaços virtuais, mas sou fã das publicações de livros.

Já V.L.A. (50 anos) admite que diariamente atualiza seus blogues e páginas de poesias, contudo “não escrevo poesia nova todos os dias não. É preciso inspiração e tem dias que não estamos inspirados para escrever nada.” Das cinco escritoras, apenas uma afirmou que os livros de papel trazem uma interatividade maior do que o meio virtual. As quatro demais responderam que o contato é instantâneo, segundo uma delas, os encontros são reais, mas proporcionados por contatos virtuais:

Sim, os comentários me incentivam, além disso, aqueles que sabem ler com os olhos da alma, por mais que eu faça analogias, sempre conseguem perceber nas entrelinhas o meu estado de espírito, e em seus comentários ou em e-mails nestes casos me enviam sempre a palavra certa. Não há coisa melhor do que se saber compreendida, é afago no coração e carinho para a alma. Tanto me sinto bem neste espaço que na verdade não mais chamo de blog, mas sim minha casinha virtual, onde sempre tem um cafezinho quente adoçado com amor e um bolo saído do forno (M.M.L. – 54 anos).

V.L.A. (50 anos) afirma que esses espaços também servem de estímulo, acredita que a maioria das escritoras que registra textos no ambiente virtual tem o interesse de tornar conhecido e seus trabalhos, atingindo um público que gosta de leitura e interage a respeito, auxiliando ao escritor publicar mais.

Entretanto, quando lhe foi proposta a pergunta: Qual a sua opinião a respeito do grande número de mulheres publicando seus textos em espaços virtuais? Ela pensa que muitas mulheres como ela, cujos filhos já não necessitam mais de cuidados diários, deixara o tempo da mulher mais livre para se comunicar pelo meio virtual, com o universo que é a extensão de suas casas. Por isso, a poesia é um caminho, pois canta a alma feminina, seus medos, suas angústias, suas emoções. A.M.A, de 75 anos, respondeu que “ as mulheres são dotadas de maior sensibilidade

do que os homens. Por esse motivo, elas apreiam colocar no papel seus sentimentos em relação ao mundo em que vivemos.”

Já M.M.L. (54 anos) acredita que o espaço é democrático, proporciona oportunidade para escritores de ambos os sexos divulgarem seus trabalhos; porém o que acontece em sua opinião é que a mulher, que ficou calada e introvertida durante tanto tempo, hoje talvez tenha uma extroversão mais acentuada: “Especificamente quanto às mulheres, talvez devido a maior liberdade de expressão, além da condição da catarse emocional, mais utilizada pelas mulheres devido ao grau de extroversão.”

Acredito sim que o número de mulheres seja bem maior do que o de homens, apesar que tenho grandes amigos que têm belas casinhas na net, eu acredito que isto se deva ao fato da mulher ter a sensibilidade mais a flor da pele, veja bem, eu não disse maior, também a necessidade de falar de seus sentimentos e ter quem as ouça, percebem que é uma forma de receber ajuda e ajudar emocionalmente e moralmente. Geralmente apesar de estarem rodeadas de gente existe dentro delas um vazio que tentam preencher, uma certa solidão. Então procuram uma atividade que reunirá ao seu redor pessoas que compartilham de suas ideias, seus ideais.(Questionário elaborado para esta pesquisa)

Quando se questionou sobre as razões ou sentimentos que as levavam à escrita, diversas foram as colocações dessas mulheres. Uma delas apontou que muitas outras mulheres que ela conhece também escrevem, mas preferem deixar “os sentimentos engavetados”. Por isso, escrever e expor o que escreve, depende da vontade de cada um, não são todos que têm a ousadia para se expor, o que reduz sobremaneira o número de pessoas que publicam nos meios virtuais, preferindo deixar seus escritos engavetados, pelo receio de não serem julgados ou não acreditarem na própria capacidade de criação.

A.M.A (75 anos) respondeu que: “uma perda, uma experiência boa ou má. Sentir o que as pessoas estão vivendo, suas aflições e alegrias, experiência própria ou de outros, enfim, são tantas as razões que nos levam a escrever, até o estado de angústia faz parte desse contexto.”

Já a escritora V.L.A. (50 anos) responde:

As melhores poesias são escritas quando o poeta está sofrendo dores de amores, ou quando está muito triste... Quando está passando por uma excelente fase também. Tenho um amigo que escreve muito bem sonetos e poemas e vive criticando minhas poesias de alto-astral. Diz que os leitores preferem poesias de

sofrimento de mal de amor, pois se identificam mais com elas.(Questionário elaborado para esta pesquisa)

M.M.L. (54 anos) afirma a necessidade de publicar na rede e ser lida, mas não se considera escritora:

A solidão, a necessidade de encontrar pessoas que compartilhem de seus sentimentos, ou até, mostrar ao mundo seu trabalho, eu queria divulgar as mensagens que psicografo, fiz o blog de mensagens, tinha visualizações, mas não tinha ninguém que interagisse, então em uma época que não estava bem, fiz o blog meu o Textos Contextos e Reflexões e consegui pessoas que compartilhavam dos meus sentimentos e ao mesmo tempo no blog de mensagens aumentou consideravelmente as leituras e as interações, só que estas, muito discretas, mais por e-mail, pois o espiritismo ainda enfrenta muito preconceito. Agora meu anjo, não sou escritora sou apenas amadora das letras, não chego ao pé dos verdadeiros escritores, poetas. (Questionário elaborado para esta pesquisa)

Para finalizar, M.M.P (74 anos) pontua que “quando a vida é estreita para o tanto que a gente a admira, surge e floresce a arte em suas diversas formas, quando muitos talentos se revelam.”

### 3.2.1 Espaço Virtual: Interatividade ou Estímulo à Escrita

Conversando por meio do e-meio com uma das escritoras que colaborou com esta pesquisa, Lóla Prata (75 anos), foi possível perceber que é aposentada, Presidente da União dos Trovadores de Bragança Paulista, hoje, viaja, publica e vive da literatura. No último mês de abril, participou da 28ª Exposição do Livro em Genebra, Suíça, com o livro *E eu sei fazer versos?* (2012):

Curso de esquemas poéticos, apresentando pouco mais de 70 técnicas clássicas, medievais, modernas e pós-modernas, brasileiras e estrangeiras, de elaboração de poemas. Na 2ª parte, vocabulário relativo às peculiaridades gramaticais que orientam a perfeita contagem métrica dos versos, assim como definem estruturas (Acróstico, Diacróstico, Teléstico, Breve, Limerique, Leonino, Parlenda, Nênia, Soneto, Ex-Libris, Trevo, Triversos, Xácara, etc.) para confecção de trabalhos literários tanto em verso como em prosa. Tem por objetivo o aprimoramento dos poetas na nobre arte de versejar.<sup>70</sup>

<sup>70</sup>Disponível em: <http://www.lolaprata.com.br/novo/E-EU-SEI-FAZER-VERSOS-.php> Acesso em out de 2014.

Comendadora Municipal pela fundação da ASES, Associação de Escritores de Bragança Paulista, da qual foi a primeira presidente (1992-1993), a autora, além do livro didático acima, já publicou mais de dez livros em verso e prosa, editou dois ebuques, pela *Amazon* Internacional, *Provai e vede como o Senhor é bom!* (2002) e o de poesias *Alabastros* (2007). Pertence à cadeira 35 da Academia Internacional de Lexicografia e é filiada a várias academias de letras pelo país. Coleciona inúmeros prêmios desde o ano de 1980, prêmios regionais e nacionais referentes a textos escritos em prosa e poesia. Lóla Prata também possui um blog,<sup>71</sup> participa da *Academia Sala dos Poetas e Escritores (AVSPE)*, além de colaborar com publicações literárias em outros espaços do ciberespaço.

Sabe-se que com o advento da utilização do espaço virtual, novas possibilidades quanto à capacidade e disposição de circulação textual, desde as mais convencionais às mais artisticamente elaboradas, como os de literatura, ganham cada vez mais espaço para divulgação. Muitas pessoas buscam os meios digitais para publicar o que escrevem, como por exemplo, as escritoras desta pesquisa. Muitas vezes, o artista é incitado a continuar escrevendo quando tem contato imediato com o leitor, que não só lê, mas opina, participa e interage com o escritor em tempo real. Logo, o hipertexto e outros suportes informatizados são um novo universo de criação e de leituras para escritores, como o caso de Lóla Prata.

Desse modo, a literatura que circula no computador permite satisfazer a produção de textos complexos que exigem um espaço de tridimensionalidade, além da ampla possibilidade de interatividade. Fora isso, o suporte computacional também consente e possibilita juntar signos linguísticos, sonoros e visuais tudo em um só texto. Contudo, quando a proposição é analisar o valor do texto literário na era digital, a discussão se torna um pouco mais complexa. Tratar o valor de um texto literário é muito abrangente, depende uma crítica firmada, valores diversos, para se considerar o que é ou não literatura.

“O texto eletrônico, de tão curta história, quando comparado ao texto impresso por tipos móveis, enfrenta a resistência e as dificuldades próprias do noviciado” (CORRÊA, 2004. p. 4). Ainda segundo Corrêa (2004, p. 4):

---

<sup>71</sup> Disponível em: <http://lolaprata.com.br/novo/index.php> Acesso em out. 2014.

A alta cultura tenta manter seu poder sobre a imprensa de tipos móveis, estipulando impostos, impondo autorizações, legislando sobre direitos autorais, estabelecendo textos canônicos a serem usados em salas de aula. Em síntese, a escrita permanece sob a tutela do poder maior e central. Este procedimento dá-se como forma de validação e efetivação de si mesmo.

No entanto, a valorização de um texto, enquanto artístico ou não, pode, muitas vezes, depender da recepção e aceitação das comunidades interpretativas. No caso das mulheres que escrevem na internet, nos diversos ambientes aqui elencados, na maioria dos casos existe a interação e aceitação por parte de quem lê e acompanha o espaço virtual visitado. A própria escritora Lóla Prata, ao responder ao questionário para este trabalho, afirmou que admira mulheres, que assim como ela, têm confiança em si mesma, o que permite compartilhar literatura e receber um retorno de leitores. O escritor pensa na recepção, não se o texto pode ou não ser considerado literário:

O fenômeno da criação literária, condizente e similar com outras formas de manifestação artística, faz pressupor uma certa “concretude” da autoria; por aí que se faça premissa maior nas aulas de teoria da literatura sobre as vozes do texto literário (eu-lírico e narrador), o viés mais evidente é o da corporalidade da autoria. A criação se faz autônoma no simulacro da interação com o objeto, mas em verdade pelos diversos estatutos sociais – o objeto artístico se perfaz pela ligação com o autor (CORRÊA, 2004. p. 9).

Já José Marcelo Silva (2014, s/p) afirma que quando se põe em xeque a autoria de textos referentes ao campo das humanidades que estão sendo escritos na rede, como o caso da literatura, até a figura do escritor tem os padrões de aceitabilidade do texto prescrito. Melhor, esses autores não poderiam ser questionáveis, tendo a possibilidade de atribuir a produção de seus textos a outros autores, por se tratar do espaço hipertextual:

A obra eletrônica igualmente vítima da cópia não autorizada sofre outro processo de alteração, quando reprodutores por vezes ingênuos agem como copistas medievais, eliminando a autoria ou trechos do objeto. A inteireza da obra não está salvaguardada, mesmo nos formatos mais duros como o PDF ou os textos produzidos por programação interativa por requisição do usuário, quer em ASP ou em CGI (CORRÊA, 2004. p. 10).

Contudo, mesmo se sabendo da discussão travada que existe no meio das pesquisas acadêmicas, em se analisar o que podem ser considerados textos “bons” ou “ruins”, cânone ou literatura massiva, tal discussão não é de interesse desta pesquisa. O importante aqui é saber que estas mulheres, as quais têm publicado em diversos espaços na rede, apresentam-se em número bem mais expressivo que os homens. O que escrevem, quais os temas encontrados com maior frequência entre

elas, se existe uma relação de autobiografia com sua produção, são questões basilares, ao invés de discorrer a respeito da qualidade do texto em si.

A internet é um espaço ideal para comunicar o que as escritoras produzem, já que existe o imediatismo no envio e na recepção da informação. Muitas vezes, suas poesias e narrativas mostram a emoção do instante catártico que estão quando produzem. Textos carregados de sensibilidade prevalecem na produção dessas autoras:

#### No Virtual

Ela tecia sonhos.  
Ele tocava violão.  
Ela sonhava.  
Ele cantava.

Ela escrevia poesias.  
Ele também escrevia.  
Muito se amaram.  
Jamais se encontraram.

Um lindo amor virtual,  
perdido no Espaço Sideral. (ALMEIDA)<sup>72</sup>

Todo o lirismo encontrado é apresentado principalmente nos temas relacionados a sentimentos amorosos, solidão, pessimismo, esperanças, dentre outros assuntos intimistas. A religiosidade é uma marca bastante presente em muitas escritoras, na maioria das vezes, a cristã:

#### Deus Sabe

Podemos andar nesta vida por vários caminhos,  
em todos eles, encontraremos algo novo que vai  
mudar nossa existência de alguma forma...  
O importante, é termos em mente que DEUS sabe  
tudo, não podemos esconder dele nossos atos e  
nossos pensamentos...  
Quando te sentires ferido, magoado sem saber  
o motivo, releve, Deus sabe e conhece todas  
as falhas dos seus filhos, siga em frente  
no seu caminhar e aprenda que magoar pessoas  
pura e simplesmente por inveja e ciúmes não o  
levará a supremacia, ou seja, ao colo do pai...  
[...]

A fé é um salto no escuro para os braços  
de Deus. Quem não tem fé, não aprendeu a  
amar e a perdoar, não salta e não é abraçado.  
Fica apenas na escuridão.  
É mais uma lei divina. (TERRA)<sup>73</sup>

<sup>72</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/VerluciAlmeidaPoesias> acesso em out 2014

<sup>73</sup>Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/mensagensreligiosas/1428862> acesso out 2014.

Como apontado na poesia, a fé e comunhão com Deus é a temática descrita acima. Terra escreve além de poesias, muitos relatos, como se fossem crônicas de prosas poéticas que têm relação com o mesmo assunto. Assim, ao associar as histórias de vida e dados biográficos dessas mulheres aos seus textos, pode-se afirmar que muitas são autobiográficas. Dessa forma, transmitem por meios de sua literatura o que estão passando em determinados momentos que escrevem como se mostrassem a emoção daquele instante.

Nesse sentido, o uso do ciberespaço como suporte para a escrita e a disponibilização do que escrevem, pode ser visto como uma forma democrática do acesso à produção textual. O uso das Academias Virtuais, na maioria das vezes, serve de trampolim para que se tornem mais conhecidas na rede. Tanto que algumas mulheres, anteriormente selecionadas no início desta pesquisa, já não fazem mais parte nem da AVBL, nem da AVSPE. Na oportunidade de trocar *email* com algumas dessas, afirmaram que agora já montaram seus próprios espaços e não têm mais necessidade de divulgação nas academias. Em outras palavras, criaram independência do espaço.

É possível afirmar, então, qual é o benefício trazido pelos meios virtuais a essa nova prática cultural, a saber: a mulher ganhou o mundo e passou a se comunicar por meio do que escreve. Pensar que no século XIX escreviam às escondidas, com receio de serem descobertas, hoje a sensibilidade e subjetividade feminina se tornou pública. Ao se acompanhar as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais após a chegada do ciberespaço, não se estaria também modificando o eixo da subjetividade? O modo de estar no mundo é o que a delimita, dessa forma, como poderia ser pontuada nos textos literários de mulheres que estenderam as paredes de seus lares e de sua intimidade para a internet. No próximo e último capítulo serão analisados diversos formatos de poesias de uma maneira mais pontual.

#### 4. A MULHER, A LITERATURA E A SUBJETIVIDADE NO ESPAÇO VIRTUAL

Poesia não é para compreender. É para sentir  
Quer seja saudade, alegria ou tristeza, é interagir com o autor.  
Enquanto houver sonhos, amor, esperança e fantasias,  
haverá poetas e poesias.

Verluci Almeida

Além das já conhecidas e consagradas pela crítica, uma nova geração de poetisas tem se formado a cada dia. A julgar pela questão da literatura escrita e publicada por mulheres no espaço virtual, notou-se que muito além do número de autoras, está a quantidade de textos produzidos e postados por elas. A partir de suas experiências, histórias de vida e amor pela escrita, descobriram que a internet é um importante espaço para a divulgação de seus textos literários.

A epígrafe deste capítulo é um breve poema, que foi publicado na internet por uma das escritoras selecionadas para esta pesquisa. Ela, assim como muitas outras, viu-se em meio à satisfação, quando percebeu a dimensão que seus textos publicados no ambiente virtual conquistaram. De forma ágil e prática, o texto pode percorrer incontáveis caminhos e alcançar um incalculável número de leitores. A recepção, que dependendo do espaço publicado é imediata, pode receber “curtidas”, “comentários”, sugestões, enfim, como a própria poesia exhibe, sua função além de levar emoções, também “é interagir com o autor.”

Tem-se o interesse de descrever e discutir o sentir, o pensar, as dores, angústias da alma, os amores, as perdas os sonhos apresentados nas poesias postadas pelas escritoras selecionadas. Durante mais de oito meses, foram escolhidas inúmeras escritoras, lidas dezenas de poesias, pensamentos, acrósticos, contos, crônicas, trovas, enfim, textos publicados em espaços da rede destinados à arte da literatura.

Cabe lembrar que a internet proporciona facilidade e rapidez na hora da publicação, por isso, agora muitos podem não só ler literatura, mas também publicá-la. Benjamin (1990) afirma que durante séculos houve uma dura separação entre o pequeno número de escritores e o maior número de leitores. Já no século XX aconteceram muitas mudanças, tais como, a alfabetização das massas e facilidades

técnicas, as quais, chegando ao século XXI, permitiram maior democratização do escrever. Por isso, nesta tese, não se questiona a qualidade do texto literário, se é bom, ruim, passível de publicação ou não, até porque ele está sendo quantitativamente publicado, principalmente pelas mulheres.

A quantidade, assiduidade e rapidez que tais textos são expostos na rede nortearam parte deste trabalho, na intenção de se observar acerca das subjetividades que eles podem apresentar. Subjetividade, de terminologia de procedência filosófica, que na escolástica se referia àquilo que tem relação com o sujeito e que se contrapõem ao que é objetivo. Quando o vocábulo migrou para a Psicologia, no final do século XIX, tornou-se objeto de intensos estudos para aquela nova ciência da época. Mas, não deixou de estar relacionado ao pensamento humano, ao sentimento, inquietudes e comportamentos singulares de cada indivíduo.

Ao se discutir literatura, na maioria das vezes, palavras como subjetivo e subjetividade fluem quase que imperceptivelmente, já que elas, geralmente, evidenciam o universo da interioridade da alma, dos acontecimentos vividos e fantasiados na imaginação de cada um. A partir dessa imaginação, vivências, desejos, dores, alegrias, tristezas, por fim, a matéria dos sonhos, que faz sobreviver o poeta. Toda essa matéria está ligada às suas subjetividades, espontaneidades que fluem e chegam ao papel, ou atualmente, à tela. Escritoras, que ainda “ontem” eram desconhecidas, anônimas, que escreviam seus versos, muitos jamais lidos, ou então nem escreviam, e repentinamente, a partir da publicação no meio virtual, conquistaram um espaço e/ou um público constante.

No que se refere ao gênero textual, o mais frequente entre as escritoras é o poema. Algumas se arriscam a escrever sonetos, outras acrósticos, trovas são também constantes, versos com rimas pobres, ricas, enfim, os mais variáveis recursos poéticos aparecem nas produções. Todavia, sem dúvida, o verso branco e as formas livres, ou seja, assimétricas de se escrever o poema são habitualmente as mais encontradas. Apesar de livros de contos, crônicas ou outras pequenas narrativas terem sido publicados por algumas das escritoras aqui selecionadas, nesta parte do trabalho, são analisados e discutidos somente textos em versos, isso pela quantidade de publicações encontradas.

Após a leitura de uma miríade de poesias, não somente das cinco escritoras que serão trabalhadas nesta parte da pesquisa, mas de todas aquelas que tiveram

seus perfis biobibliográficos organizados, notou-se que muitos são os temas produzidos tanto nas poesias, quanto na prosa. Mas se referindo ao verso, tem-se: textos intimistas no sentido do falar de “si”, do “eu” e da existência humana; amorosos dimensionados positiva e negativamente; os que descrevem bucolicamente a natureza e a ecologia; os que delineiam o ambiente doméstico, a presença familiar e algumas histórias privadas. Existem ainda as que trabalham com temas ligados ao religioso, a fé e crenças divinas; o lirismo metalinguístico também foi bastante encontrado, ou seja, poesias que refletem a própria poética; algumas poucas mulheres que trabalham o erótico, o sensual, sensações físicas e emocionais, e por fim, as mulheres escrevem sobre as mulheres.

Entretanto, algumas temáticas são insistentes e a partir delas que se seguirá este capítulo. A primeira está relacionada às poesias que se desdobram em intimismos e trazem um tom de lirismo filosófico. Ou seja, a poesia que se refere às indagações humanas pautadas à existência do homem. A segunda é o lirismo confessional-amoroso, poemas que retratam a ensaios amorosos, sentimentos e experiências individuais relacionais ao amor, paixão, perdas, ganhos, tristezas e alegrias, aparecem juntos a essa temática.

Outro assunto, que surpreendentemente foi notado com bastante constância, é o misticismo e a fé, pois muitos textos se referem às suas mais díspares crenças e devoções. Logo, a maioria das autoras apresenta esse tema aprisionadas a uma religiosidade canônica, como a cristã, por exemplo. Por fim, não menos importante, o escrever sobre o fazer poesia e o falar da mulher. Aquele no que se refere à metalinguagem, à poesia que fala de poesia, de sua construção, já esse reflete acerca da figura feminina, de sua força, coragem, desejos, dúvidas, prazeres, igualmente aparecem entre as escritoras.

Foram raros os textos satíricos, épicos, políticos e sociais. Apenas na poética de duas ou três autoras que se percebeu a escrita de poesias ou outros textos voltados à sociedade, suas mudanças, seus problemas e preocupações em geral. A partir disso, este capítulo tratará das análises das poesias de cinco escritoras selecionadas e já discutidas o perfil biobibliográfico no capítulo anterior, são elas: Alcina Maria S. Azevedo, Verluci Almeida, Lóla Prata, Luconi Marcia Maria e Guida Linhares. O foco partirá das temáticas acima relacionadas, para se observar e discutir subjetividades nessas poesias escritas por mulheres e publicadas no ambiente da internete.

#### **4.1 *Eu-lírico e o intimismo filosófico***

Lembrando Otávio Paz (1993), a poesia é a memória que se faz em imagem e se converte em voz do homem, a qual pode estar dormindo dentro de cada homem. Quando ela desperta e fala por meio do poema, a voz que dá vida à poesia é chamada de eu-lírico. Isso quer dizer que as emoções, ideias e sentimentos apresentados em textos poéticos não são, necessariamente, sentidos pelo autor que os escreve. O poeta pode inventar um dono para tais sentimentos, que geralmente é chamado de eu-lírico. Na teoria isso é simples, mas na prática nem tanto. Na história da literatura, muitos foram os poetas que afirmaram escrever a partir daquilo que sentiam na alma, na vivência diária e na inconstância da existência. Por isso, tiveram o desejo de expressar seus anseios por meio da palavra escrita.

Das escritoras que foram entrevistadas durante esta pesquisa, a ideia de escreverem poesias a partir das experiências vividas ficou bastante clara. Uma das autoras, em resposta à pergunta anexada ao questionário “Qual o significado de escrever poesia para você?”, responde: “Essencial para expressar pensamentos e sentimentos, levando o indivíduo a viajar e/ou criar, fantasiar, idealizar, enfim um instrumento altamente compensador.” (LINHARES, questionário da pesquisa). A escritora parece querer compartilhar seus sentimentos, primeiro por meio das palavras e, depois, pelas publicações, já que está divulgando seu trabalho na internet.

A poesia lírica exige um “eu” confessional forte, pois é entendida como expressão do sentimento do “eu”. Dessa maneira, os sentimentos e subjetividades, primeiramente aqui apresentados e correlacionados, são o do lirismo intimista filosófico. Esta poesia geralmente “explora no referente poético a busca por um sentido possível para existência humana e as questões envolvidas na experiência de existir, com a efemeridade da vida. Nesse sentido, tal lirismo traduz uma reação à vida e aos conceitos que a informam a definem.” (RAMALHO, 2011, p. 37) É uma poesia que mostra uma sensível reflexão da natureza humana, causas universalistas, indagações de cunho filosófico que se traduz em questionar o homem e sua relação com a vida.

As cinco poetisas entrevistadas enveredaram pelo caminho da reflexão filosófica e intimista em muitas de suas poesias, na verdade este tema é um dos mais frequentes entre elas, tanto que foi difícil escolher apenas algumas para serem

aqui discutidas. A título de primeiro exemplo, citar-se-á a intitulada “Nossos caminhos”, de Guida Linhares:

Às vezes tão estranhos são os caminhos do coração,  
 à medida que passam os anos.  
 Tem vezes que nos sentimos sozinhos,  
 parece que a luz se apaga e a treva  
 chega, pela mão dos desenganos.  
 Mas eis que a fé no coração,  
 faz com que os olhos busquem a luz.  
 E mesmo na solidão percebemos,  
 a necessidade de equilibrar a emoção,  
 extraindo do Amor, bálsamo suave que nos conduz  
 a paz e a quietude interior que bem queremos! (LINHARES)<sup>74</sup>

Em uma primeira leitura superficial, poder-se-ia dizer que se trata do tema amor. Mas partindo do título, “Nossos Caminhos” e lendo o texto com um pouco mais de atenção, vê-se o eu-lírico refletindo acerca da busca pela “paz e quietude interior”. O texto é nitidamente dividido em duas partes que se opõem uma a outra. Nos primeiros cinco versos, parecem existir uma tensão gerada pela dúvida, desesperança e o desengano do eu-poético por ter chegado até ali em sua existência; porém sentir-se sozinho e sem amor.

A partir da adversativa “mas”, no sexto verso, até o final, a poesia muda totalmente do sentido negativo para o positivo, em relação às inquietações do coração do eu-lírico. Ele vai da dúvida a uma solução, de poder estar em paz, como afirma o último verso “a paz e a quietude interior que bem queremos!” Para chegar ao equilíbrio final do texto, já que ele mesmo buscou essa “força” no mesmo sentimento, o amor, que o tinha deixado se sentir solitário e desamparado.

Outra poesia que exhibe subjetividades ligadas ao intimismo do eu-lírico filosófico é o da escritora Vera Lúcia de Almeida, cujo nome de escritora é Verluci Almeida<sup>75</sup>:

#### Fases

há dias de sol  
 há dias de chuva  
 há dias que ela diz não  
 há dias que ela diz talvez

<sup>74</sup>Disponível em: [http://www.aeradoespirito.net/CirandasPAG3/CIR\\_NOSSOS\\_CAMINHOS2.html](http://www.aeradoespirito.net/CirandasPAG3/CIR_NOSSOS_CAMINHOS2.html) acesso jan 2015.

<sup>75</sup>Entre outros diversos espaços incluindo a AVSPE é na página *Verluci Almeida – Poesias* do facebook, que a escritora escreve e publica com mais frequência. Segue o link: <https://www.facebook.com/VerluciAlmeidaPoesias?fref=ts>

há noites de lua  
 que ela me chega  
 completamente nua!  
 - fases! (ALMEIDA, 2005)<sup>76</sup>

A palavra “fases,” plural de “fase” e do grego *fásis*, tinha primordialmente a definição de “aparição de um astro” que hoje habitualmente pode se referir a uma etapa, a um período, a uma temporada e a certas modificações encerradas em um período indeterminado do tempo. As “fases” apresentadas pelo poema podem representar as várias etapas pelas quais um indivíduo pode passar. Essas são metaforizadas por vocábulos como “sol”, “chuva” e “lua”, por exemplo.

O “sol”, usual e metaforicamente, representa as fases de alegrias, conquistas, otimismo e positividade de uma pessoa em sua vivência e contemplação do mundo. Ele é o astro que ilumina, traz claridade, luz, ou seja, em “há dias de sol”, simbolicamente pode-se afirmar que há dias de glória e regozijo. Já o segundo vocábulo, “chuva”, na maioria das vezes, na cultura do senso comum, irá remeter negatividade. Dias chuvosos e tempestuosos sempre devem ser passageiros, pois como apresenta a máxima: “depois da tempestade, vem a bonança.”

A “lua” é um astro imponente que, pode representar uma fase de recomeço, desprovida de acontecimentos anteriores, pois ela vem – “nua”, como se representasse uma fase que o eu-lírico pode escolher recomeçar. O eu-lírico ainda brinca com a palavra “há”, no poema com o sentido de existência, de maneira a persistir no texto por meio do recurso estilístico - anáfora. Logo, existem fases sim, mas elas podem ser variadas: “há dias que ela diz não/ há dias que ela diz talvez”, pois são apenas “– fases!”, transitórias na vivência humana.

Se pensar que, para Foucault (2004), o sujeito não é uma substância, mas sim uma forma que nem sempre é idêntica a si mesma, a subjetividade no texto “Fases” pode se associar a ideia foucaultiana. O homem em sua construção relaciona-se com o mundo, por isso é reflexo das questões culturais e sociais as quais adquire no dia a dia, nunca permanecendo instável e estático com relação às suas emoções, às práticas diárias e após enfrentamentos da vida. Ao contrário, está sempre propício a encarar momentos diferentes que compõem fases diversas em sua existência.

---

<sup>76</sup> Disponível em: <http://www.verluci.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=2271310> acesso em jan 2015.

Passando para outro exemplo, em que o intimismo do eu-lírico aparece de modo filosófico e conceitual, tem-se o poema com o título de “Tic tac tic tac...”, de Luconi Maria Marcia, conhecida nas redes sociais da internete dedicadas a textos poéticos, apenas como Luconi<sup>77</sup>:

o tempo está passando  
tic tac tic tac.....  
você aí parado  
tic tac tic tac.....

cada um tem o seu tempo,  
tic tac tic tac.....  
você o seu perdendo  
tic tac tic tac.....

o tempo não para,  
tic tac tic tac.....  
você sai correndo,  
tic tac tic tac.....  
correndo atrás do tempo,  
tic tac tic tac.....  
ele não te espera,  
tic tac tic tac.....

o tempo perdido,  
tic tac tic tac.....  
não mais se recupera,  
tic tac tic tac.....

vive-se o tempo presente,  
tic tac tic tac.....  
você continua correndo,  
tic tac tic tac.....

o tempo passado se vai,  
tic tac tic tac.....  
vem vindo o tempo novo,  
tic tac tic tac.....

você já não corre,  
tic tac tic tac. . .  
anda lentamente,  
tic tac tic tac..

você quer segurar o seu tempo,  
tic tac tic. . . .  
que passa lentamente,  
tic tac.

teu tempo agora para,  
teu tempo acabou,

---

<sup>77</sup>O endereço eletrônico a seguir apresenta *links* para os cinco blogs na autora, fora AVSPE e facebook. Segue: <https://www.blogger.com/profile/04068672137242407011>.

você já é passado,  
que nas dobras do tempo ficou. (LUCONI)<sup>78</sup>

O poema acima, assim como comentado anteriormente “Fases”, trabalha com a questão temporal e reflete o tempo na experiência do existir. Copiou-se da internet exatamente como ele está na postado na rede, com os pontilhados que são a extensão de uma reticência. Vale lembrar que a frequente marca da reticência pode deixar o sentido do verso em aberto, permitindo várias interpretações ao leitor. Uma mais provável é a indicação da passagem temporal, simbolizada aqui pela onomatopeia “tic-tac”, tempo do relógio, que corre desenfreadamente.

Entre as dez estrofes, a temporalidade é marcada constantemente, inclusive pelo próprio vocábulo “tempo”. Lendo somente os versos em que não se incluem os “tic tac tic tac.....”, encontra-se um sentido, mas o intercalar onomatopaico “brinca” que, enquanto se lê o poema, esse tempo também está passando. Na última estrofe, as representações do som do relógio cessam, logo o tempo também já é perdido, já é passado: “você já é passado, que nas dobras do tempo ficou.” O poeta faz uma reflexão do indivíduo perante a vida que corre, acontece rápido e ele, em meio a ela, não consegue dominar o que está se esvaindo e passando por ele, pois o tempo é efêmero. Na voz do poema, a subjetividade pode ser traduzida nas passagens que a vida traz, sem que seja possível parar, haja vista que quando se vê o presente, este já se tornou passado.

Outro poema que trabalha com a temporalidade e a efemeridade é “Areias do Tempo”:

*Areias do tempo*

Os minutos fogem rápidos  
cúmplices dos segundos  
que passam  
vertiginosamente.

minha vida esvai-se  
por entre minúsculos grãos  
que escoam  
vagarosamente  
dentro do vidro impenetrável  
por onde deslizam  
silenciosamente  
as areias do tempo (ALMEIDA)<sup>79</sup>.

---

<sup>78</sup> Disponível em:

<http://www.avspe.org/index.php?pg=mtexto&idt=2002&ttt=Tic%20tac%20tic%20tac%85> acesso jan 2014.

Enviado em 2012 pela escritora Verluci Almeida à *Academia Virtual Sala Poetas e Escritores* é uma poesia bastante encontrada na internet. Ela percorre vários blogues e sítios, nos quais, felizmente, todas aparecem assinadas pela autora em questão. Aliás, das mulheres aqui apresentadas, esta é a que mais trabalha com a temática do intimismo filosófico, por isso, dentre os vários textos lidos dessa escritora, foi difícil selecionar apenas alguns.

No poema, a consciência de transitoriedade das coisas, aparece assim como nos versos de “Fases” e “Tic tac tic tac...”, só que aqui um novo elemento é metaforizado: a ampulheta. Mesmo implicitamente, ela corresponde ao relógio do texto “Tic tac tic tac..”. Mais uma vez, a questão temporal parece acarretar incômodo ao eu-lírico, já que a vida está passando e assim escapando “aos dedos”. Isso fica bastante claro nos versos “minha vida esvai-se/ por entre minúsculos grãos/ que escoam/ vagarosamente /dentro do vidro impenetrável/ por onde deslizam/ silenciosamente /as areias do tempo”. A vida está passando e o eu-lírico está atado, incapacitado de freá-la. Nesse sentido, uma metáfora da vida pode ser entendida por meio de “minúsculos grãos” de areia que fluem e o vidro, lugar de aprisionamento, que apesar de visível é um “vidro impenetrável”.

Vale pontuar que, novamente, as subjetividades do eu-lírico são representadas pela reflexão da vida que está acontecendo, correndo, indo embora, ou seja, da efemeridade, do estar aqui e agora e não saber o que esperar do depois, pois o tempo não pertence ao poeta. A subjetividade aqui é fragmentada, incerta e se estabelece historicamente, na movimentação de exterioridade que a define, em outras palavras, o que Foucault chama de subjetivações. Os modos de subjetivação produzem sujeitos singulares, que são construídos a partir dos discursos que, por sua vez, produzem.

Foucault (2004), em sua complexa construção histórica da subjetividade, mostrou como a identidade do indivíduo está em constantes mudanças quando associada às relações com os mecanismos do jogo de poder e de controle. O homem está associado ao exterior em que convive e se relaciona. Ao se pensar na sociedade atual, das telecomunicações midiáticas que propiciam a rapidez, a informação em tempo real, as subjetividades também acompanham essa mudança.

---

<sup>79</sup>Disponível em:

<http://avspe.org/index.php?pg=mtexto&idt=869&tft=Poesias&tftt=Areias%20do%20Tempo> Acesso em jan 2015.

A busca e preocupação pelo “tempo” são constantes entre as pessoas. Lembrando que tais poesias têm como principal, e às vezes, único meio de circulação, a internete.

Outro dado importante é que este estilo de poesia, além de relacionado ao intimismo filosófico conceitual, ou seja, questionar o homem e sua existência, também tem relação com uma poesia de tom confessional. Explicando melhor, o eu-lírico vive neste tempo de “pressa”, assim como o poeta. Tais gêneros confessionais da internete acabam por se apresentar como tentativas de recuperação do “tempo perdido” “na vertiginosa era do tempo real, da falta de tempo generalizada e do presente constantemente presentificados”. (SIBILIA, 2008, p. 116)

Um dado peculiar é que a primeira estrofe do poema “Areias do tempo” foi apropriada em outro poema da mesa autora, mas com o final e o título diferentes, conforme se vê no texto que segue abaixo:

#### Ampulheta

Os minutos fogem rápidos  
cúmplices dos segundos  
que passam  
vertiginosamente.  
Minha vida esvai-se  
por entre minúsculos grãos  
que escoam  
vagarosamente  
dentro do vidro impenetrável  
por onde deslizam  
silenciosamente  
as areias do tempo.

Na sala vazia...  
 o blues a tocar  
 acorda lembranças!  
 Na velha estante  
 procuro teu livro  
 onde belos poemas escrevias.  
 Teu perfume almiscarado  
 Se espalha pela sala.

Sinto teu abraço  
 em meus braços  
 que ficaram sós,  
 sem sorrisos.

Na noite escura,

as badaladas do carrilhão  
espantam fantasmas.

Triste, pelo que não aconteceu  
fico a me perguntar:

- Em que momento a gente se perdeu? (ALMEIDA, grifo nosso)<sup>80</sup>

As duas estrofes finais mudam a temática da poesia, não sendo mais intimista filosófica como “Areias do tempo”, mas sim intimista amorosa. Como esse assunto é tratado no próximo tópico, a poesia foi citada apenas para mostrar a liberdade que tem o poeta na hora de escrever e publicar na rede, espaço que se traduz em um imenso hipertexto.

“Reviravolta” é o título de uma das poesias de Maria de Lourdes Souza Garcia, conhecida na internet entre blogues e sítios de poesias como Lóla Prata<sup>81</sup>. Sua poesia não é tida como menor e publicou também muitos livros de contos, crônicas e trovas, contribuiu ao entrar no campo do texto didático, publicou o livro *Curso de técnicas poéticas: eu sei fazer versos?*, disponível tanto na versão impressa, como na digital.<sup>82</sup> Além de ter sido contemplada com inúmeros prêmios regionais e nacionais relacionados ao fazer poético. Segue a poesia:

*Reviravolta*

Deixei de ser romancista  
cansei de ser escritã  
e como qualquer santista  
fui à praia, folgazã.

Com baixos de preguicista  
e os altos de ermitã,  
tudo me disse: - Desista,  
vida não é tobogã.

Resolvi ser uma artista  
mas encontrei um galã

<sup>80</sup>Disponível em: <http://www.verluci.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=2269320> acesso jan 2015.

<sup>81</sup> Participou tanto da AVSPE quanto da AVBL, mas hoje não está vinculada a elas. Além dos inúmeros sites de poesia qual participa, esta escritora possui um site pessoal bastante organizado: <http://www.lolaprata.com.br/novo/index.php> Acesso em jan.2015.

<sup>82</sup> O livro apresenta um curso de esquemas poéticos, apresentando aproximadamente 70 técnicas clássicas, medievais, modernas e pós-modernas, brasileiras e estrangeiras, de elaboração de poemas. Depois, a 2ª parte, conta com “vocabulário relativo às peculiaridades gramaticais que orientam a perfeita contagem métrica dos versos, assim como definem estruturas (Acróstico, Diacróstico, Teléstico, Breve, Limerique, Leonino, Parlenda, Nênia, Soneto, *Ex-Libris*, Trevo, Triversos, Xácara etc.) para confecção de trabalhos literários tanto em verso como em prosa.” <http://www.lolaprata.com.br/novo/E-EU-SEI-FAZER-VERSOS-.php> Acesso em jan. 2015.

que não valeu a conquista  
e transformou-me em vilã.

De modo muito egoísta,  
sem pensar no novo afã,  
pra fotos numa revista  
tirei fácil, o sutiã.

Por um tempo fui farrista  
com jeito de cortesã...  
e nesse agir modernista,  
envergonhei o meu clã.

Isso embaçou minha vista  
e me deixou muito chã  
quando, em visão surrealista,  
senti minh'alma, anciã.

De atitude pessimista,  
perdida sobre o divã,  
confessei ao analista  
que eu descreia do amanhã.

Era alguém idealista  
que me tratou como irmã  
e com afeto altruísta  
fez-me sentir cidadã.

Dessa maneira humanista,  
eu diria, até cristã,  
do Bem recebi a pista  
e assim, voltei a ser sã. (PRATA)<sup>83</sup>

Ao contrário das poesias anteriores, o poema traz um esquema de rimas, apresentadas por meio de nove estrofes, compostas por quatro versos cada. Esses comparecem intercaladamente a vogal “a” com fonemas mais “abertos” [a] e mais fechados [ã], o que representaria o esquema de rimas A/B/A/B em todas as estrofes.

Já quanto à métrica dos versos, todos eles estão dispostos em redondilha maior, ou seja, sete sílabas poéticas. Lóla Prata, das cinco escritoras selecionadas, é a que mais escreve com esquemas rítmicos mais simétricos. É característica desta escritora as redondilhas menores, trovas, poesias rimadas, que quando lidas acentuam a melodia. Contudo, não deixa de utilizar o verso livre e branco. Isso, em meio às outras escritoras, torna-se uma particularidade, pois para escrever versos com rimas são necessárias dedicação, atenção e presteza ao produzir o poema.

Já com relação à temática, desde o título do poema existe uma reflexão do eu-lírico que rapidamente passa por inúmeras situações, conhece pessoas, troca de ambiente, peca, arrepende-se, sente a alma decrépita “senti minh'alma, anciã”,

<sup>83</sup>Disponível em: <http://lolaprata.com.br/novo/ALABASTRO.php> acesso em jan 2015.

quando, enfim, alguém humanamente lhe ajuda a entrar “no eixo” de sua existência. Ao se refletir sobre a palavra “tobogã”, presente na segunda estrofe, pode-se dizer que se tem uma oscilação do eu-poético com relação a suas vivências e a suas histórias de vida. O lirismo do poema oscila, ou seja, movimenta-se em todo o texto. Na própria musicalidade apresentada pelos esquemas de rimas se tem esta vibração contínua de “ir e vir”, ou como em um tobogã, o de subir e descer, do inconstante.

Uma voz na poesia aconselhou o eu-poético a desistir de encontrar um equilíbrio entre os altos e baixos metaforizados pelo tobogã – “tudo me disse: - Desista”. Quando se encontrou cansado e “De atitude pessimista”, volta a se sentir bem ao buscar ajuda e conseguir sentir-se mentalmente saudável. Por isso, toda a subjetividade encontrada no eu-lírico é de uma busca de si, perante suas dúvidas, ele passa por muitos momentos os quais não o traduzem.

As inquietações com relação ao eu-lírico do poema são perpassadas em todos os versos. Ele mergulha em seu espaço interior, busca soluções que estão, na verdade, exteriorizadas. Os exemplos são as várias profissões: romancista, escritora, ermitã, artista, galã, farrista e cortesã, mesmo depois de tudo isso, sentindo-se experiente, o eu-lírico está cansado e ainda não se encontrou consigo, mesmo o seu conteúdo final é somente ser um cidadão.

No entanto, questiona-se: O que é um cidadão? Primeiro, ele deve estar inserido em um determinado modelo de sociedade. Segundo, deve cumprir com seus deveres, ao mesmo tempo em que exerce seus direitos como civil. Mas para tal, ele estará preso aos mecanismos de poder. Neste ponto da análise do poema se retoma o pensador Foucault, que reconhece como sujeito aquele que está relacionado às práticas da sociedade, às instituições, o que auxilia na constituição do homem em afirmar uma identidade e reproduzi-la. Nisso também consiste o processo de subjetivação, em que o sujeito passa a ter não somente uma relação consigo mesmo, mas sim do governo de si próprio. É nesta sociedade que o indivíduo se mantém preso ao poder.

Acrescenta-se a isso a necessidade de um trabalho do pensamento sobre ele mesmo; ele deverá ser mais do que uma provocação destinada a medir aquilo de que se é capaz; também deverá ser outra coisa que não a estimativa de uma falta em relação às regras de conduta; ele deve ter a forma de uma filtragem permanente das representações: examiná-las, controlá-las e triá-las. Mais do que um exercício feito em intervalos

regulares é preciso tomar uma atitude constante em relação a si próprio (FOUCAULT, 2007, p. 67).

O que para o eu-lírico foi difícil de conseguir, assim como na vida real, também o é. Por fim, o poema termina com o eu-poético reconhecendo que retoma a vida sã, mesmo sendo precisa, para isso, a busca da religiosidade, encontrada e marcada com a palavra “Bem” grafada em maiúscula. O que significaria a crença em um Deus cristão, pois tudo o que se refere a esta entidade em parte do ocidente se grafa com iniciais maiúsculas, como na poesia.

Terminar-se-á este tópico com a discussão de duas poesias da escritora Alcina Maria Silva Azevedo, conhecida pela assinatura do próprio nome. Mostrou-se muito interessada na pesquisa em questão, fazendo parte não somente da resolução do questionário enviado a ela, mas de discussões a respeito do tema, durante grande parte do processo de elaboração da pesquisa. O canal principal foi a rede de relacionamentos *Facebook*<sup>84</sup>. A escritora, que conta com setenta e cinco anos de idade, participa ativamente das redes de relacionamentos, sítios e blogues que são simpatizantes do assunto literatura. Entre alguns deles estão: o *Jornal da Poesia*, *Recanto das Letras*, *Beco dos Poetas*, o próprio *Facebook* e da AVSPE saiu há pouco. O primeiro poema é “Porto dos Sonhos”:

*Porto dos sonhos*

Se ter um porto para sonhar  
e flutuar em nuvens de algodão  
sentir-se plena, encontrar você.  
ouvir a música do nosso coração.

Vivermos lá com outros sonhadores  
longe da desgraça deste mundo!  
esquecer da vida!  
não sentir dores  
sonhar em um sono bem profundo.

Este seria um porto diferente  
apenas com chegada e sem partida  
pois viver em um porto assim  
jamais haveria despedida.  
seria um porto só de festa!  
com pessoas lindas!  
se entendendo com a voz do coração.

---

<sup>84</sup> Como as outras autoras, publica em várias páginas da web. Com relação incluindo a AVSPE já não participa mais. Página da escritora no facebook <https://www.facebook.com/alcinamaria.silvaazevedo?ref=ts&fref=ts> .

vivendo todas com muita liberdade  
no abandono do amor e sem sentir saudade.(AZEVEDO)<sup>85</sup>

O eu-lírico deixa claro em todo o poema que sonha com um lugar que não existe fisicamente, somente no universo imaginário e da fantasia. O poema é ambientalizado por um suposto “porto”, lugar em que os navios ancoram, embarcam e desembarcam pessoas ou mercadorias. Em tempos de outrora, em que se transportavam pessoas com mais frequência do que hoje, ali muitos se despediam, esperavam por chegadas, choravam de tristeza e de alegria diante de seus queridos. Enfim, era um espaço em que os agrupamentos pessoais estavam propiciados a envoltas em emoções.

Neste caso, o eu-lírico se sentiria bem com um porto que tenha somente chegadas, mas não partidas: “apenas com chegada e sem partida/ pois viver em um porto assim jamais haveria despedida.” As chegadas, o porto e as pessoas sonhadoras que lá estão remetem à positividade no poema. Ao contrário do mundo em que o eu-lírico realmente pertence, como ele mesmo se refere: “cheio de desgraças”, as quais expedem a ele dores, por isso deseja “esquecer da vida!”.

Trata-se ainda de uma poesia organizada por descrições, elementos geralmente mais específicos da narratividade. Além das descrições de um “porto perfeito”, Azevedo trabalha com as subjetividades relacionais ao lirismo intimista-filosófico, pois está buscando um sentido na sua existência, que parece cheia de negativismos. Por isso, ocorre a recorrência ao sonho, tão presente na constituição e essência do ser humano, tão fluído e volátil.

Diferente da poesia acima, em que o eu-lírico receia sentir saudades, como expõem o último verso “no abandono do amor e sem sentir saudade”, o texto abaixo intitulado “Não me perguntes quantos anos tenho!”, remete o contrário, veja-se:

Não me perguntem quantos anos tenho  
deixe os anos para lá passem alegremente  
sem alterar a vida da gente.  
deixe que os anos me levem até a felicidade  
e que eu possa sempre sentir saudade.  
os anos passam...e a gente aprende  
e as vezes desaparece.

mas são sempre anos vividos com verdade  
espreitando a vida, fazendo nossa caminhada

<sup>85</sup>Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/alcinaazevedo1.html#porto> Acesso em jan. 2015.

e sempre procurando a felicidade.  
 e aqui meus amigos eu deixo o meu recado:  
 que nunca me perguntem quantos anos tenho  
 mas que se lembrem de mim  
 com muita saudade ! (AZEVEDO)<sup>86</sup>

O eu-lírico pede para sentir e deixar saudade, como mostram respectivamente os versos cinco, treze e quatorze: “e que eu possa sempre sentir saudade.[...]/mas que se lembrem de mim com muita saudade!” O anseio do eu-lírico traduz sentimentos positivos, mesmo que nostálgicos, mas de uma nostalgia boa, leve, que conforta o eu poético. Isso fica claro no último verso, em que o ele insinua uma conversa com o leitor: “e aqui meus amigos eu deixo o meu recado:/ que nunca me perguntem quantos anos tenho /mas que se lembrem de mim/ com muita saudade!”

Outra recorrência é a questão temporal da poesia, já apresentada nas discussões acima. Mais uma vez a subjetividades estão relacionadas à transitoriedade temporal, que, como na vida real, está intricadamente relacionada ao indivíduo. Mesmo a partir da temática do intimismo filosófico, em que as vivências e experiências humanas são traduzidas por meio da poesia, do verbo, não se pode afirmar que a interioridade do poeta se encerra em falar de si e de suas individualidades de forma isolada.

Segundo Foucault (2004), os sujeitos se constituem pelas diversas construções culturais, sejam os cuidados com a saúde, a sexualidade, as leituras, a busca de informação, contato com os amigos etc. Por isso, suas subjetividades se formam a partir daquilo que ele vive em sua exterioridade. Mesmo o cuidar de si, seus intimismos e pensamentos são construídos a partir de uma sociedade de controle. Sibilia (2008) afirma que a interioridade faz parte de um mundo de subjetivação historicamente localizável, dessa maneira a consciência humana acaba sendo fruto de uma interação social, mesmo na construção de sua interioridade.

Por isso, neste tópico de capítulo, as poesias apresentadas, discutidas e analisadas a partir de um eu-lírico de intimismo filosófico. Ainda que trate de assuntos que procuram afirmar, questionar e discutir o ser humano relacionado à sua existência, o seu intimismo, a reflexão sobre o homem, a vida diante do tempo, a transitoriedade e a efemeridade não são fatores isolados, até porque o homem

<sup>86</sup> Disponível em: [http://www.ligia.tomarchio.nom.br/ligia\\_amigos\\_Alcina.htm](http://www.ligia.tomarchio.nom.br/ligia_amigos_Alcina.htm) Acesso em jan 2015.

reflete perante o mundo diante do seu tempo e expõe suas subjetividades a partir disso.

As interioridades foram construídas por um sujeito que se constituiu em virtude do meio do qual participa. Sendo essas as do mundo das novas maneiras de autoconstrução, o espaço interior da alma humana, os conflitos e os pensamentos diversos, migram para os meios tecnológicos, em que a visibilidade é frequente. Tais subjetividades são expostas e gradativamente se exteriorizam, já que os poemas são maioritariamente publicados na internet, lugar onde tudo se vê.

#### **4.2 *Eu-lírico Confessional Amoroso***

Em maior ou em menor intensidade, sem dúvida, o amor sempre foi o tema mais frequente entre os poetas de todos os tempos. No decorrer da história da literatura, ele sempre apareceu com primazia, cantando alegrias e desafetos do coração. A persistência nesse paradoxo é apresentada por meio de palavras-chave que distinguem dois grupos em oposição: por um lado, tem-se o poema carregado de angústias, desolação, obscuridade, tristeza e, de outro, o júbilo, o contentamento, a positividade e a alegria. Isso faz parte do antigo discurso poético ao se aludir o amor.

Outro fator a se perceber juntamente com a recorrência da temática amorosa é o eu-lírico. É por meio dele que serão entendidas as modulações que conjeturam o momento amoroso que ele está passando, despontando a atitude do eu apaixonado. Para isso, ele precisa do outro, da idealização do objeto amado, em que centraliza seus sonhos e desejos. No lirismo confessional amoroso, o “eu se revela explicitamente, presentificando situações exemplares que servem de pano de fundo para que determinados sentimentos sejam dimensionados positiva ou negativamente” (RAMALHO, 2011, p. 29). A experiência amorosa individual ganha prestígio e expressão, a partir das imagens relacionadas a vivências pessoais e sentimentos que sempre potencializam o amor.

Esse tipo de manifestação poética em tempos de outrora era bastante compreensível nos textos poéticos de autoria feminina, “relacionado ao fato de as mulheres terem circulado durante muito tempo no âmbito do espaço privado, sem poder vivenciar na prática muitos de seus desejos.” (RAMALHO, 2011, p. 29) A

impossibilidade de extravasar seus impulsos afetivos e a circulação reservada, levaram muitas mulheres a problematizar suas conjunturas amorosas, até mesmo como forma “de prolongá-las e preencher o sentido da vida.” (RAMALHO, 2011, p. 29).

Todavia, mesmo atualmente as mulheres sendo oportunizadas de escrever em espaços democráticos, nota-se que, igualmente na trajetória da poesia de autoria feminina que publica na internet, também se encontra um grande número de publicações que dizem respeito a este tema. O amor continua sendo retratado como fonte ora de deleite, ora de sofrimento. Averiguando os textos de lirismo confessional amoroso, a primeira poesia apresentada tem como título “Fim de Sonho”, de Guida Linhares:

*Fim do sonho*

Fim  
 Mais um dia se acaba  
 e meu sonho contigo se dispersa,  
 a cada dia mais e mais.  
 Não há violetas na janela,  
 nem mais convites ao entardecer...  
 O sol desmaia por detrás da serra,  
 e o dia termina  
 sem nosso cúmplice olhar.  
 Aos poucos as ilusões  
 foram empalidecendo,  
 e nem importa mais  
 ouvir a canção  
 de que tanto gostávamos...  
 Talvez seja melhor assim...  
 eu sem você e você sem mim.  
 Afinal os melhores sonhos  
 também chegam ao fim! (LINHARES)<sup>87</sup>

Poesia de apenas uma estrofe, mesmo sendo estendida, ou seja, possuindo dezoito versos, curiosamente inicia e termina com a palavra “fim”. É esse justamente o assunto que envolve o eu-lírico amoroso: um término, a finalização de um relacionamento. Para se adentrar no sentimento desse eu-lírico, algumas palavras aparecem mais amiúde, involuntariamente como uma obsessão acerca do que vai expor. Neste texto, apesar das únicas duas vezes em que o vocábulo apareceu, sua ideia é permeada por meio metafórico, como, por exemplo, em: “Não há violetas na janela/ nem mais convites ao entardecer.../O sol desmaia por detrás da serra/ e o dia termina”.

<sup>87</sup>Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/poesias/2354715> acesso jan 2015.

Nesses versos, o lirismo se manifesta reportando o que será de agora para frente, longe de quem partiu. Se não há mais “violetas na janela” antes elas existiam, nem “convites ao entardecer”, antes eles aconteciam. Dessa forma, tais exemplos mostram mais uma vez a ideia de finalização. Já o sol, que comumente “se põe”, no poema, ele “desmaia”. Tal palavra pode remeter a fraqueza, vertigem, languidez, desfalecimento e perda de sentidos. Nos sonhos, pode ser comum tornar os sentidos confusos, até por que o sonho é uma das mais antigas formas de equiparar-se a interioridade e a fantasia. Como o título da poesia mesmo retrata o “Fim dos Sonhos”, o universo anterior do eu lírico era afastado da realidade.

Esse sonho era bom, como mostra o verso “Afim os melhores sonhos/ também chegam ao fim!”, mas o eu poético previa que ele terminaria e sabia que era ilusório: “Aos poucos as ilusões/foram empalidecendo”. Gradativamente se chegou ao “fim”, como apresentado no poema, não foi repentino. Talvez por isso que o eu lírico não se mostre em desespero, pelo contrário, ele é compraz ao que está acontecendo como apontam os versos: “Talvez seja melhor assim.../ eu sem você e você sem mim.”

Portanto, a subjetividade encontrada nesta poesia é mostrada, principalmente, a partir de um eu-lírico que teve uma experiência amorosa, mas que, ao poucos, houve a percepção de que ela se terminaria. Talvez por isso, o texto não remeta a uma profunda tristeza e negatividade, ao contrário, ao lê-lo se apreende que a voz poética tem ciência que está descrevendo um sonho que acabará. Ainda da mesma escritora, Guida Linhares, a poesia abaixo já se apresenta de uma forma diferente do poema acima:

*Vestida de flores*

Talvez as ilusões me enganem  
 Talvez seja apenas alarme falso;  
 Mas tua imagem me persegue  
 E não consigo desatar o laço  
 Invisível que te prendeu a mim  
 E se tudo for real, for verdadeiro,  
 Vestir-me-ei de flores e perfumes,  
 e repletos do mais puro afeto  
 juntamente nossos retalhos  
 numa colcha entretecida  
 com amorosos fios de ouro. (LINHARES)<sup>88</sup>

<sup>88</sup>Disponível em:[http://www.recantodasletras.com.br/poesiasdeamor/5013842acesso\\_jan\\_2915](http://www.recantodasletras.com.br/poesiasdeamor/5013842acesso_jan_2915). Acesso em out. 2014.

“Vestida de flores” é uma poesia que traz, inicialmente, a expressão de incertezas quanto à situação vivida pelo eu-lírico. O indicativo da palavra “talvez” cuja sequência se dá no início do primeiro e segundo versos, são seguidos pelos trechos: “ilusões que enganam” e “seja apenas alarme falso”. A primeira apresenta um tom pleonástico, porque se são ilusões, relacionam-se ao que não é, ao engano dos sentidos ou pensamentos, por isso iludem. Na segunda, já que existe a possibilidade de um “alarme falso”, não foi verdade, mas sim ilusório.

Envolta às incertezas, a partir do sétimo verso, o eu-lírico descreve a criação de um mundo de imaginação composta por suaves e positivas metáforas. Estas adornarão o universo imaginário do poeta. Mas esse “universo imaginado” só acontecerá se for verdade a incerteza que o eu lírico tem com relação ao outro por quem se apaixonou.

A riqueza de detalhes desse suposto universo, o qual o eu-lírico pretende se “vestir”, faz-se telúrico ao utilizar palavras como “flores”, “perfumes”, “puro afeto” e “fios de ouro”. Tais imagens remetem ao leitor um universo fantasioso, de beleza seguida de felicidade, como apresentam os versos finais: “Vestir-me-ei de flores e perfumes,/e repletos do mais puro afeto/juntamente nossos retalhos/numa colcha entretecida/com amorosos fios de ouro.” As subjetividades se constroem por meio da fantasia do eu-lírico, característica presente em poemas de lirismo confessional amoroso. É importante e necessário o poeta criar um universo substancialmente onírico, para viver e ser feliz nem que seja por meio dos sonhos.

Guida Linhares trabalha com diferentes poesias lírico-amorosas confessionais e outro exemplo é o poema “Carinhoso coração”:

*Carinhoso Coração*

Você chegou trazendo  
tanto carinho ao meu coração  
Que foi impossível resistir  
Ao sabor desta emoção

Primeiro foram as falas,  
Depois os gestos e atitudes,  
Depois os passeios ao ar livre,  
Em tudo sentimos a amplitude.

De nossos ocultos sonhos,  
De tantas coisas do passado,  
Que no tempo foram apagadas,  
E agora o querer estava renovado.

Teu jeito tranquilo e doce,

Me conquistou por inteira;  
O coração bateu com força,  
Teu fascínio me fez prisioneira.

Sim, vamos logo... que o tempo passa!  
Vamos passear juntos pela vida,  
De mãos dadas, seja na tristeza,  
Ou na alegria, a nossa preferida! (LINHARES)<sup>89</sup>

Diferente das demais poesias, esta se apresenta com versos rimados e organizados em maior número de estrofes. Sequencialmente, o eu-lírico feminino descreve, desde a chegada de alguém até as singulares convivências e características deste. No verso “jeito tranquilo e doce”, pode ser apreendido parte do encanto que o eu-lírico tem por pessoa amada, esse jeito é fascinante e a aprisionou, “Teu fascínio me fez prisioneira.” Até encerrar a poesia, segue enfatizando que o tempo é breve, por isso propõe que passem juntos, tanto na alegria como na tristeza.

O texto em si trabalha com maior positividade se comparado às poesias anteriores da mesma autora, haja vista que as subjetividades encontradas relacionam-se a um eu-poético que encontra um amor e tem a vantagem de poder permanecer ao lado dele.

Dentre outras temáticas, muitos foram os textos encontrados escritos por Guida Linhares os quais trabalham com o eu-lírico amoroso. Sua principal página é o *site Canteiro dos Girassóis, desvendando o sol poético*.<sup>90</sup> Logo na abertura desse sítio, ela apresenta o seguinte convite: “Venham passear neste jardim, compartilhando emoções. As letras se traduzem em pétalas amarelas de sonhos, iluminando nossos corações.”<sup>91</sup> A partir de uma segunda página pode ser encontrada uma tabela que organiza diversificados gêneros textuais, como: acrósticos, artigos, cirandas, contos, cordel, frases, haicais, homenagens, orações, pensamentos, poesias, prosas poéticas entre muitas outras. Em todos eles, o lirismo amoroso traz particularidades ora de positivities, ora negativas.

Já o poema a seguir é de outra escritora, Verluci Almeida, intitulado “Busca”:

Busca

<sup>89</sup> Disponível em: <https://amizadepoesia.wordpress.com/2007/03/09/carinhoso-coracao/>. Acesso em jan. 2015.

<sup>90</sup> Disponível em <http://www.guidalinhares.net/>. Acesso em jan. 2015.

<sup>91</sup> Disponível em <http://www.guidalinhares.net/>. Acesso em jan. 2015.

te procuro nas lembranças  
 nas nuvens, nas canções  
 nos livros, nas luas,  
 nas janelas e jardins  
 nas ondas verdes do mar  
 lembranças soltas  
 no sorriso que deixou,  
 nos poemas que escreveu  
 no perfume que ficou  
 na saudade que restou! (ALMEIDA)<sup>92</sup>

A saudade é latente na poesia. Uma saudade sentida por algum amor do passado, que ainda é constantemente procurado pelas lembranças diárias do eu-poético. O título já apresenta essa ideia e depois mostra que o eu-lírico se recorda, por meios das singularidades do dia-a-dia, das “lembranças soltas”, desse amor que não está mais junto dele. Nos dez versos livres e brancos, divididos em duas estrofes, são descritas essa busca: “te procuro nas lembranças/ nas nuvens, nas canções/ nas janelas e jardins/ nas ondas verdes do mar.” Tanto “lembranças”, quanto “canções”, “janelas” e “mar” são vocábulos geralmente dotados de significados quando apresentados na poesia.

São expressões que ajudam descortinar a realidade, levando o eu-lírico a um universo de subjetividades intimistas em busca do amor que não tem mais.

A palavra “janela”, por exemplo, quando usada na poesia ou em pensamentos escritos que remetem a ideias subjetivas, pode simbolizar uma abertura para algo que está por vir, influências que vêm de fora, ou ainda, algo que pode acontecer. Na consciência do poeta, a busca pode simbolizar o infinito, ao se pensar em uma janela aberta. O mesmo pode ser visto no vocábulo “mar” também tão frequentemente usado pelos poetas para representar, dentre outras definições, imensidade, quantidade, abismo e infinitude.

Ou seja, a busca é constante, mas também imprecisa. E, na segunda estrofe, o eu-lírico continua a empregar algumas palavras, a saber: “livros”, “luas”, “lembranças soltas”, “perfume”, as quais são palavras que podem representar subjetividades de imprecisão, do vago, do indefinido, por fim uma busca que é sim constante, mas nas entrelinhas das poesias, vê-se que ela é incerta. Tanto que a voz poética se contenta em viver “na saudade que restou!”

---

<sup>92</sup> Disponível em: <http://www.verluci.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=539340> acesso jan 2015.

O tom quase que saudoso desta poesia é inversamente diferente de outro poema de Verluci Almeida:

Primavera

Risonha, feliz e bela,  
ei-la que surge:  
- a Primavera!

Num toque festivo,  
sobre os velhos muros,  
as primaveras  
acordam os corações,  
deixando-os mais coloridos,  
enquanto a esperança  
pousa sobre cada flor.

Prenuncio de romances,  
- vibração no coração,  
explode a paixão!

Tempo de lua cheia no céu,  
doces beijos ao luar  
- o amor está no ar! (ALMEIDA)<sup>93</sup>

A poesia “Primavera” não fala de um amor em específico, de uma perda ou felicidade sentida, mas fala do amor e de um tempo que o propicia, tempo este de primavera. Em toda a poesia é anunciada a estação do ano que comungará os encontros enamorados, as paixões e o prenúncio dos romances, como visto nos versos “as primaveras/ acordam os corações.” E mais adiante, no terceiro verso, ela reafirma: “Prenuncio de romances,/ - vibração no coração,/ explode a paixão”.

O próprio título expressa um tempo de regozijo, júbilo, em que o florescer pode simbolizar a nova vida, um tempo de recomeço: “Risonha, feliz e bela,/ ei-la que surge: - a Primavera!” Por isso, como afirma a poeta ao final do poema, “o amor está no ar!”

Verluci Almeida também trabalha bastante a temática lírico-amorosa, por isso, optou-se em apresentar um terceiro poema desta autora, apenas para mostrar que as subjetividades apresentadas podem variar, mesmo em se tratando do mesmo tema. “Afrodite” é um poema dividido em quatro estrofes, compostas de versos livres e brancos. O tema é o amor, mas está envolto na mitologia clássica. Os deuses Afrodite, Hades, Poseidon, Hefesto, Apolo, Ares e Zeus confirmam isso.

<sup>93</sup> Disponível em: <http://flogvip.net/verluci/16149052> acesso jan 2015.

## Afrodite

Venha amado meu...  
 Quero despertos os deuses de tu'alma  
 E então provarás iguarias de Afrodite.

Desafio-te ... Zeus a me conquistar!  
 Com o charme de Hermes, devotando-me  
 de Hades, seu amor fiel.

Deus viril... Apolo eterno...  
 Seduza-me agora! Em jogos de amor  
 me envolva ardente Hefesto!

Quero as mais loucas emoções  
 de Poseidon e então...  
 possua-me... incontrolável Ares! (ALMEIDA<sup>94</sup>)

Na verdade, o poema apresenta ludicidade, pois ao citar cada um desses deuses, a poeta apresenta comparações de como o eu-lírico quer ser tomado pela pessoa amada, a partir do despertar dos deuses que a alma do amado carrega: “quero despertos os deuses de tu'alma/ e então provarás iguarias de Afrodite.” Dessa maneira, o eu-lírico ofertará as “iguarias de Afrodite.” Afrodite corresponde à deusa do amor na mitologia grega, a qual representa beleza, sensualidade, o sexo. Por isso, o eu-lírico feminino do poema sugere que o amado desperte de sua alma “os deuses” que nela dorme cada qual com suas características, pois assim, esse provará do verdadeiro amor de Afrodite.

A sensualidade também está presente, mesmo que na sutileza dos versos. Por exemplo, Poseidon, filho da deusa da fertilidade Réia, era o imponente rei dos mares. Forte e imponente, tinha o poder de causar maremotos e tremores diversos a partir dos mares, lugar onde habitava. Pode, dessa maneira, simbolizar o que é tempestivo, agitado como apresentado nos versos da poetisa: “quero as mais loucas emoções de Poseidon...” e então... “Assim como o deus Ares, deus da guerra que era símbolo da agressividade e um dos grandes amantes de Afrodite: “possua-me... incontrolável Ares!”

Já a insistência das reticências, ao longo do poema, pode deixar o sentido do verso em “aberto”, permitindo a interpretação pessoal de cada leitor. Independente dela, o uso desse recurso de pontuação, pode indicar uma possível continuidade de um fato, de uma ação. Neste caso, a consumação do encontro

<sup>94</sup> Disponível em: <https://sitedepoesias.com/poesias/85792> Acesso em jan. 2015.

amoroso entre a deusa e o ente amado, transvestido com as características dos deuses citados, fica como sugestão, podendo ou não acontecer.

Assim, como em Guida Linhares, as subjetividades que envolvem o eu-lírico amoroso são bem frequentes nos versos de Verluci Almeida. Versos que também divergem, no que diz respeito aos mais variados assuntos que envolvem o tema amor, ou seja, suas confissões, devaneios, esperanças, sonhos, perdas e ganhos. Enfim, os textos aspiram ao afastar da realidade, porque as interioridades do eu-lírico e a persistência em buscar na alma os sentimentos mais profundos é que se fazem presentes.

As poesias a seguir são da escritora Alcina M. Azevedo. Optou-se por escolher quatro delas, das muitas que são publicadas pela autora e permeiam a insistência da subjetividade do lirismo amoroso em seus textos. Os poemas serão apresentados, principalmente, para demonstrar as características recorrentes em sua escrita. O primeiro deles são os versos de “Espera-me”:

Espera-me...  
pois estou te procurando  
meu coração te buscando  
e já sentindo o bater do teu.

Farei de tua vida toda a doçura  
que um homem pode imaginar!  
E no dia desse encontro,  
nossos olhos se cruzarão e  
nossas pupilas se dilatarão.  
Em um explodir de amor e de paixão!

Não te impacientes!  
A sintonia já existe.  
Insiste!

Estou chegando... falta apenas te tocar.  
Eu já te amo, sinto tua alma a me chamar.  
Pense em mim de qualquer maneira.  
Não diga que isso é uma besteira!  
O nosso amor já existe!  
Deus já programou todo o caminho.  
Só falta eu te encontrar! (AZEVEDO)<sup>95</sup>

Nos versos acima, o eu-lírico já ama, já tem a certeza do amor que sente, de que poderá ser perfeitamente correspondido, porém, o mais importante ainda falta: encontrar tal amor, por isso, clama para que ele, o amor não encontrado, espere-o.

<sup>95</sup> Disponível em: [http://www.ligia.tomarchio.nom.br/ligia\\_amigos\\_Alcina.htm](http://www.ligia.tomarchio.nom.br/ligia_amigos_Alcina.htm) acesso jan 2014.

Logo no primeiro verso, o eu-lírico descreve que procura e busca esse amor, que certamente será encontrado: “meu coração te buscando e já sentindo o bater do teu./Farei de tua vida toda a doçura/ que um homem pode imaginar!” e continua renunciando o encontro com esse indivíduo. Na terceira parte da poesia, curiosamente, o eu-poético conversa com esse possível amor a ser encontrado e o ordena que tenha paciência, pois é certo que tal sentimento já exista e será de sintonia entre as partes, quando finalmente encontradas.

Por fim, reafirma tudo aquilo que fora descrito no poema: “Não diga que isso é uma besteira! /O nosso amor já existe!/Deus já programou todo o caminho./ Só falta eu te encontrar!” Para se firmar a certeza disso, uma espécie de apelo a um testemunho aparece nos últimos versos na figura de “Deus” cristão, precursor desse caminho, trilhado por um eu-poético que tem a certeza e a esperança de que encontrará esse amor que já lhe pertence.

No poema “Paixão”, de Azevedo, a certeza de um sentimento que, de repente pode chegar, também é de certeza do eu-lírico, assim como no poema “Espera-me”:

#### Paixão

A paixão sabe quando vem,  
Mas não manda aviso.  
Parte de mansinho,  
sem querer e sem ser preciso.  
Deixa-nos atônitos, sem saber explicar  
O que aconteceu???  
Chegou... Vibrou... Floriu...  
E sumiu. (AZEVEDO)<sup>96</sup>

“A paixão sabe quando vem,/ Mas não manda aviso”, todavia aqui neste poema, também existe uma partida. Ou seja, o amor chega, “vibra”, “floresce” mas vai embora depois de um tempo. No verso “Chegou... Vibrou... Floriu...” isso pode ser confirmado. E aqui a reticência ajuda ao leitor a pensar em intervalos nos quais os fatos ou ações que existiram, que são sugeridas, mas que não foram descritas.

Nos versos “Deixa-nos atônitos, sem saber explicar/O que aconteceu???” o amor apaixonado “é especificamente perturbador das relações pessoais, em um sentido semelhante ao carisma; arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios” (GIDDENS, 1993, p. 48). Assim, o envolvimento emocional com o outro foi de tamanha importância, que o eu-

<sup>96</sup> Disponível em: [http://senes.zip.net/arch2006-09-01\\_2006-09-15.html](http://senes.zip.net/arch2006-09-01_2006-09-15.html) acesso jan 2015.

lítico tende a se conflitar, nem ele mesmo sabe o que ocorreu com ele, tampouco sobre os sentimentos que vieram tão repentinamente.

As subjetividades encontradas em ambas as poesias tratam do sentimento mais expresso pelos poetas de todos os tempos: o amor, a paixão. Expressam certezas e incertezas a respeito de tal sentimento que vive na alma do eu-lítico poético. Como também é o caso da poesia “Carimbo do amor”:

Você passou  
Me carimbou  
Com o carimbo do amor.

Tentei lavar  
E deixar de lhe amar.

Mas você tornou a passar  
E me carimbar  
Com a tinta eterna  
Que a água não tira  
Não adianta lavar  
Não adianta querer  
Deixar de lhe amar.

O tempo passou  
E me fez esquecer  
De você e do amor.  
Da tinta eterna  
Ficaram as marcas  
Que o tempo deixou. (AZEVEDO)<sup>97</sup>.

“Carimbo” é um objeto que auxilia a fixação e que emprega uma marca em algo ou alguém, como ocorre metaforicamente na poesia, com o amor que o eu-lítico conheceu. Ele foi “carimbado pelo amor” que, durante as circunstâncias de sua vida, estava já tentando esquecer, quando, conforme revela o segundo verso, é repetidamente “carimbado”, só que agora “Com tinta eterna/Que a água não tira”. Depois de um tempo, tal amor de certa forma é esquecido, apagado: “O tempo passou/ E me fez esquecer/de você e do amor.” Entretanto, como a tinta “era eterna”, tal amor deixou marcar no eu poético que serão difíceis de apagar.

Outra poesia escolhida de Alcina M. Azevedo é “Instantes”, título bem favorável para discorrer e pensar o amor:

Instantes!

Assim tudo acontece,  
e torna os instantes inesquecíveis...

<sup>97</sup> Disponível em: [http://www.florijane.com/alcina\\_maria\\_poemas.htm](http://www.florijane.com/alcina_maria_poemas.htm) Acesso jan 2015.

tudo começou no primeiro instante  
o seu olhar no meu  
seu sorriso franco.  
Um jeito carinhoso de virar a cabeça!!!  
O seu estilo...ah...o seu estilo!  
Não há quem o esqueça!!!

E a cada instante que passava  
algo dentro de mim se iluminava!  
Percebo com você também isso aconteceu...  
e porque esperamos tanto? para confessar...  
Um amor que já nasceu ! (AZEVEDO)<sup>98</sup>

Já no título, o vocábulo “Instante” remete a um determinado tempo passageiro, rápido, em que muita ou pouca coisa pode acontecer. O poema descreve algumas situações que o eu-poético passa junto da pessoa amada: “o seu olhar no meu/ seu sorriso franco./ Um jeito carinhoso de virar a cabeça!!!”. A partir dessas circunstâncias, ele cria a ideia de que um amor passar a existir, não somente dentro dele, no coração do eu-lírico, mas também no da pessoa amada: “Percebo com você também isso aconteceu.../ e porque esperamos tanto? /Para confessar... Um amor que já nasceu!”

Apesar dos versos livres, existe certo ritmo ao se ler o poema, isso devido a algumas rimas que o permeiam. Vocábulos como “passava” e “iluminada”, “cabeça” e “esqueça”, “aconteceu” e “nasceu” são exemplos dessa rima. Diferente das demais poesias aqui apresentadas, principalmente quando se fala de intimismo existencial ou amoroso, é comum se encontrar versos que são livres e brancos. Talvez porque esta liberdade estrutural acompanhe melhor a criação da poetisa quando são trabalhados os dois temas.

O último poema lírico-amoroso de Alcina Azevedo foi escrito para o cônjuge. Inclusive, já no título, aparece o nome desse esposo: “Você Álvaro”:

Você Álvaro

Você deixou um vazio profundo  
A dor maior do mundo!

Solidão...carência  
Dormência no peito  
Dor que não tem jeito

Deus o levou, a saudade ficou  
A dor no meu peito, o tempo não levou.

O carinho que você me dava

<sup>98</sup> Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/alcinaazevedo.html#instantes> Acesso em jan. 2015.

Encheu minha vida de alegria  
 Mas como tudo tem um fim ...  
 Deus levou você de mim! (AZEVEDO)<sup>99</sup>

A poesia manifesta situações pessimistas do ponto de vista do eu-lírico. Sabe-se que os sentimentos expressos pelo eu-poético não são, necessariamente, o sentimento que o poeta expressa ao escrever ou mesmo que esteja sentindo. Entretanto, neste caso, é o sentimento da poetisa, da perda que ele teve em sua vida e, em meio a essa perda, sentimentos de tristeza, saudade, solidão e carência brotaram por meio do poema. Ao ler os versos: “Mas como tudo tem um fim.../Deus levou você de mim!”, o imaginado é que seu esposo faleceu.

Todavia, ao ler e pesquisar a bibliografia da autora em questão, um dado curioso foi descoberto. Na verdade, o divórcio “de Alcina Azevedo aconteceu em 1988, quando perdeu seu esposo, Álvaro. Ali a autora viu-se diante de uma nova situação, ao lado dos filhos Frederico e Ricardo, na época com 18 e 15 anos de idade.<sup>100</sup> Tal fator a deixou bastante triste, o que lhe rendeu a ideia de escrever um livro, intitulado *Descasados*. O livro não é de poesias, mas sim de discussões e ideias a respeito do divórcio e está disposto em 15 capítulos. Ele aborda a discriminação que muitas pessoas sofrem ao se desfazerem do casamento.

A autora conta ainda que participou de um grupo de descasados, lugar em que muitas experiências foram trocadas, partindo daí a ideia de publicar o livro. “Convivi com os desencantos que alguns descasados sentem, ao verem ruir seus sonhos e esperanças, de uma forma rápida e triste.”<sup>101</sup> O desenlace não foi visto de todo mal, pois segundo Azevedo teve “um impulso benéfico para o encontro consigo mesmo e a integração social.”<sup>102</sup> Para Azevedo:

[...] o sexo feminino vivencia com maior tranquilidade a fase de reorganização pessoal. A mulher sem dúvida alguma encara melhor o desenlace na vida a dois, pois ela é dotada de mais sensibilidade e sabe acolher e, ao mesmo tempo, coordenar a vida familiar com a profissional. Ela jamais abandona os filhos. O homem, ao se ver só, fica desesperado e sai a procura de uma nova companheira, coloca.<sup>103</sup>

<sup>99</sup>Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/alcinaazevedo.html#voce> Acesso em jan. de 2015.

<sup>100</sup> Disponível em: <http://www.emdestaquenacidade.com.br/alcina-maria-azevedo-fala-sobre-os-descasados/> Acesso em jan. de 2015.

<sup>101</sup>Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/biografia/PatriciaMelo.htm> acesso em jul. 2014.

<sup>102</sup> Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/biografia/PatriciaMelo.htm> acesso em jul. 2014.

<sup>103</sup> Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/biografia/PatriciaMelo.htm> acesso em jul. 2014.

A autora acredita que o preconceito do divórcio ainda exista e é fruto de uma estrutura patriarcal antiga:

O homem era aquele que escolhia e mandava, porém a mulher deveria se preservar e ser submissa. Isto hoje mudou muito, mas ainda predomina, em grande parte, a ideia do homem ganhar ser visto como o grande macho que se diverte na busca. Por outro lado a mulher é vista como desesperada e regateira, coloca. Apesar das mudanças, como a conquista profissional, a mulher ainda enfrenta o mundo machista. A mulher conquistou hoje sua independência financeira, mas ainda é vítima das consequências de toda esta mudança. Basta dizer que ainda existem mulheres apanhando de homens.

Portanto, revisitando a poesia “Você Álvaro”, pode-se afirmar que, além de lírica amorosa, ela é autobiográfica. Em tempos de internet, geralmente os gêneros confessionais são bastante comuns. As subjetividades do poeta são exibidas para o mundo, diferentes dos cadernos e diários secretos do século XIX. A subjetividade somente pensada e introduzida, passa a ter o espaço da tela como principal divulgação para essas escritoras. Somente a título de informação, Alcina Azevedo também publicou também *Além do nosso mundo* e o livro eletrônico *Um conto de preto babão*, além das poesias na internet.

Já Lóla Prata e Luconi são as últimas escritoras mencionadas neste tópico. A primeira escreveu muitos livros de trovas e alguns romances. A poesia lírico-amorosa não ganha um espaço tão generoso quanto as demais autoras já citadas. Este também é o caso de Luconi, em que a preferência por temas religiosos são mais frequentes, tema que será objeto de análise mais a frente neste trabalho. O primeiro poema, intitulado “Simbolismos” é de Lóla Prata:

#### Simbolismos

Com meu par, voar, voar...  
 Coroarmo-nos de arco-íris  
 Brincar de deslizar  
 E despejar o dourado solar...  
 Na fantasia de sete cores,  
 Resplandecermos na alvura  
 Na pureza do branco... (PRATA)<sup>104</sup>

<sup>104</sup>Disponível em: <http://www.lolaprata.com.br/novo/ALABASTRO.php> acesso jan 2015.

Com apenas uma estrofe, o poema de amor trabalha com subjetividades de um eu-lírico em festa e alegria. É apresentado por meio de palavras que simbolizam positividade. Por exemplo, os elementos lexicais: “arco-íris”, “brincar”, “sete cores”, “alvura”, “fantasia” e “pureza do branco” estão relacionados ao universo que o eu-lírico construiu para si. Ele é claro, harmonioso, límpido, enfim, um ambiente de contentamentos. É nesse meio que o eu-poético quer estar com seu amado: “Com meu par, voar, voar.../ Coroarmo-nos de arco-íris”.

As reticências colaboram para o universo de fantasias que é representado na poesia, partindo do próprio título. Simbólico é tudo que sugere algo, representa alguma coisa, sem necessidade de precisões. “pureza do branco”, por exemplo, não somente na literatura, mas em parte da cultura ocidental ele simboliza a leveza, o singelo, a paz e tranquilidade. Assim, o eu-lírico do poema quer permanecer “Resplandecermos na alvura/Na pureza do branco...”

O poema a seguir é da escritora Luconi intitulado “Aonde estás alma gêmea?”, não aborda a subjetividade sob uma perspectiva positiva, como o anterior, *Simbolismos*. Ao contrário, reflete o lado mais melancólico e infeliz do eu-poético que busca constantemente sua alma gêmea:

Aonde estás alma gêmea,  
Em que estrela se escondeu,  
Em que segundo da existência,  
Nossas almas se apartaram,  
Castigo terá sido,  
Ou um de nós se atrasou?

Talvez, quem sabe,  
Não dávamos nós valor,  
A tão puro amor,  
Arrastados pelas paixões,  
Envolvidos num turbilhão,  
De efêmeras emoções.

Ah! Alma gêmea de minha alma,  
Esta saudade angustiante,  
Que apenas em sonhos sacio,  
Quando voos alço liberta,  
Indo ao teu encontro,  
Que sei no infinito me espera.

Se hoje te reencontro  
No espaço infinito  
É porque a separação passageira  
Em breve irá terminar,  
Na passagem da ponte, tu lá estarás.  
E finalmente,  
Os séculos passados,

nunca acontecido  
Juntos de mãos dadas,  
Reiniciaremos o caminho,  
Desta vez na fé alicerçado. (LUCONI) <sup>105</sup>

Alma gêmea, que geralmente se tornou obsessão para alguns poetas, aparece nas poesias de amor como representação daquele que completa o outro. O poeta romântico sempre buscou este outro para se completar e viver feliz. No poema acima, as almas gêmeas parecem já ter se encontrado e devido a alguma eventualidade, elas se perderam uma da outra.

Ao se pensar na biografia e na tenência que tem esta escritora para publicar textos de cunho espírita, místico, poder-se-ia afirmar que as almas se desconstruíram e estão em planos espirituais diferentes umas das outras, como firmado nos versos: “Em que segundo da existência/Nossas almas se apartaram”. O saudosismo reafirma este encontro em tempos de outrora, pois o eu-lírico clama por sua alma gêmea, “Ah! Alma gêmea de minha alma,” e diz sentir uma “saudade angustiante”. Logo na última estrofe, é confirmada a ideia de estarem em planos diferenciados, mas que num futuro poderão seguir juntas novamente.

Das cinco escritoras selecionadas para este trabalho, todas elas escrevem textos em que o lirismo amoroso aparece com bastante frequência. Umhas com mais ênfase, outras com menos. Todavia, a referência a temas amorosos ainda é a mais presente entre as escritoras que escrevem no meio virtual, dado comprovado a partir desta pesquisa. Suas subjetividades são transportadas por meio do eu poético para a poesia que é produzida e postada nos meios digitais. Lendo, pesquisando e analisando a história dessas mulheres, pode-se afirmar que, por muitas vezes, esse lirismo acaba sendo também confessional.

Perante as modificações as quais afetam as suas experiências subjetivas, com o texto lírico-amoroso, muitas vezes confessional, não poderia ser diferente. As autoras criam poemas, muitas vezes apresentando suas próprias personalidades, sentimentos e emoções pessoais. Sibilia (2008) apresenta a ideia de que agora, qualquer um pode publicar na internet e que os autores são, muitas vezes, narradores do personagem chamado “eu”, pois se cria e se recria nesses espaços virtuais interações da própria personalidade do autor com seu público.

---

<sup>105</sup>.Disponível em: <http://escritoresepoetas10.blogspot.com.br/2013/01/biografia-luconi-meu-nome-completo-e.html>. Acesso em jan. 2015.

Constituído de matéria dos sonhos, a essência do homem e sua intimidade, amores, angústias, enfim, suas profundezas da alma, agora são projetadas pela visibilidade das telas, o visual, o exterior, o visível é decisivo na exterioridade da subjetividade, do “eu”.

### **4.3 A Fé e a Religiosidade**

Em meio ao mundo atual, balizado pela informação excessiva e pela rapidez de informações, muitas vezes, o homem não sabe o que fazer com ela. A mídia, ainda que esteja aproximando as distâncias, isola cada vez mais o ser humano, colocando-o em um constante paradoxo, o das relações pessoais. “As trocas e diálogos agora são virtuais. Vive-se em um mundo virtual, entrelaçado por redes de comunicação nas quais o corpo não importa. A linguagem parece fugir do corpo.” (SILVA, 2015, s/p). E na verdade foge, pois por meio do seu quarto de dormir, por exemplo, é possível se comunicar com o mundo todo. Mas, perante essa cultura hedonista, de excessos, na qual os desejos e as vontades sempre ficam na insaciabilidade, será que o indivíduo ainda acredita em algo, em alguma religião, ou em um deus?

Não é o interesse desta parte do trabalho buscar uma resposta para essa pergunta, antes, porém, deseja-se refletir e dissertar a respeito das mulheres que escrevem literatura na internet e têm mostrado suas subjetividades por meio da poesia em torno do sagrado. Que ideia de Deus mostrada é aparente entre elas? Sua fé, crenças, rituais litúrgicos são geralmente apresentados nos poemas?

Antes de partir para as análises e caracterizar o lirismo místico-religioso encontrado nos poemas, é importante pautar que tal lirismo pode se apresentar por faces antagônicas: “pois tanto revela um imaginário cerrado e preso a paradigmas ditados por uma religiosidade canônica, como pode se expressar um desejo vivo de entrar em conexão livre com o misticismo e as experiências espiritualistas.” (RAMALHO, 2011, p. 36).

A partir dessas duas ideias, o primeiro momento da poesia escrita no Brasil foi tendenciado pela primeira opção acima, já a segunda se consolidou entre o final do século XIX e início do XX. Tem-se a escritora Adélia Prado, como citou o poeta

Carlos Drummond de Andrade, “Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo: esta é a lei, não dos homens, mas de Deus.” Além de que “como um dos fatores de coibição de uma participação plena da mulher na sociedade foi exatamente a moral cristã que orientou os modos de controle social” (RAMALHO, 2011, p. 36), faz-se interessante observar como esta poesia tem sido apresentada no meio virtual. O diálogo entre o universo religioso e o poético foi um dos primeiros temas observados entre as mulheres que escrevem poesia na internet.

Dentre as mais de setenta mulheres pesquisadas, a maioria trazia em sua antologia textos ligados a algum tipo de crença, fé ou misticismo religioso. Com as cinco escritoras aqui selecionadas não foi diferente. Todavia, a que mais produz pensamentos, poesias, contos relacionados ao lirismo mítico e religioso foi a escritora Marcia Maria Luconi.

Na própria AVSPE, da qual ainda participa, a grande maioria das poesias encontradas da autora foi sobre este tema. Segundo ela, fora os textos reflexivos, orações, psicografias e poéticos, administra dois blogues, ambos espíritas. Em entrevista com Luconi, ela afirmou que seus gostos por leituras estão relacionados ao evangelho, psicografias, histórias de santos e da humanidade. Desse modo, foram selecionadas três poesias dessa autora para que sejam aqui analisadas. São elas: “Sinto-te a todo momento”, “Quem são os mortos eles ou nós?” e “Misericórdia e perdão”.

A primeira delas é uma poesia composta por seis estrofes, com cinco ou seis versos cada. Nas duas primeiras, o poeta apresenta a certeza de uma presença constante, independente do tempo ou lugar em que ele está: “Sinto-te a todo momento/ onde quer que eu esteja/ seja noite/ seja dia”. Aparentemente essa presença é positiva: “dando-me a confiança/que tudo ao seu lugar retornaria.”

Sinto-te a todo momento,  
onde quer que eu esteja,  
seja noite,  
seja dia,  
tua presença é constante.

Mesmo quando o dia se fez noite,  
e quando a noite se fez dia,  
a tua presença eu sentia,  
dando-me a confiança,  
que tudo ao seu lugar retornaria. [...]

Já no terceiro verso essa mesma presença mostra para o eu-lírico que os presságios negativos pelos quais ele tem passado são passageiros: “Mostrou-me que nada é para sempre/ que a dor é passageira.”

Mostrou-me que nada é para sempre,  
que a dor é passageira,  
a reflexão me levando,  
a me conhecer aprendendo,  
os olhos vou abrindo.

As últimas três estrofes confirmam a positividade, a tranquilidade, o conforto que tal presença representa na vida do eu-lírico, “povoando-o com amor no coração”. A última palavra do poema é que revela qual é essa força, que ele chamará de “fé”, inclusive grafada com letras maiúsculas, como se estivesse mostrando nesse léxico maior importância. Tal sentimento é acometido pela poetisa por meio da fé que ela confirma ter em Jesus: “do amor que tenho por Jesus,/que me preenche de ti,/que és denominada de FÉ.”

Ensinou-me que o mundo que vivo,  
só de mim depende,  
ser pura solidão,  
ou transformá-lo em aconchego,  
povoando-o com amor no coração.

Muitas e muitas coisas você me trouxe,  
força, garra, coragem,  
por toda a parte ver o bem,  
você em minha alma enraizada,  
é árvore frondosa sempre viva.

Que dá flores e frutos,  
por que não és radical,  
por que vens do mais puro amor,  
do amor que tenho por Jesus,  
que me preenche de ti,  
que és denominada de FÉ. (LUCONI)<sup>106</sup>

Sobretudo a partir da Idade Média, o homem ocidental foi moldado pelos modelos do pensamento do cristianismo. Quando no Renascimento o homem se depara com a Razão, as ideias ficam ao centro e a fé num segundo plano da formação do sujeito. Já o sujeito moderno “substitui a razão pelo capital, o homem é o que acumula materialmente, e desse modo, começa a fragmentar-se culminando num sujeito de relações fluídas, numa sociedade fluida: o sujeito pós-moderno.”

---

<sup>106</sup>Disponível  
<http://www.avspe.org/index.php?pg=mtexto&idt=6917&ttt=F%E9%20minha%20for%E7a>  
acesso em jan 2015.

(SILVA, 2015, s/p). Tal sujeito é marcado por processo de desreferenciações, pois a partir do contato com o universo do ciberespaço as relações se tornam menos palpáveis e muitas referências são perdidas.

Todavia, a poetisa de “Sinto-te a todo momento” não parece ter perdido suas alusões aos paradigmas do cristianismo. A partir da leitura do poema, é possível afirmar que a poeta tem relações com a fé cristã. Esse poema foi publicado tanto no sítio da AVSPE, quanto em um dos sítio espíritas a qual a autora participa. Intitulado *Mensagens Espíritas*<sup>107</sup> a corrente cristã seguida pela autora neste texto pode ser da filosofia espírita.

Geralmente a terminologia Espiritismo é empregada pela doutrina, ciência e filosofia do kardecismo. “É o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita: *O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese.*”<sup>108</sup> O Evangelho de Jesus é a base para se entender que Deus é justo com os homens. Existem, no entanto, muitas religiões espiritualistas cuja mediunidade, reencarnação, crença a Deus e comunhão com os espíritos são seus principais preceitos.

O poema “Quem são os mortos eles ou nós?” segue na mesma linha espiritista, pois o poeta descreve toda uma significação para a morte, a qual estaria ligada à alma que se desprende do corpo físico e parte para outras dimensões.

Quem são os mortos eles ou nós?

Hoje não é seu dia,  
Pois vivo você está,  
Mais vivo do que nós.

Do invólucro carnal retirada,  
A alma se integra liberta,  
Com a plenitude do teu eu.

Voo livre alça,  
A pátria mãe retorna,  
Reintegrando-se a verdadeira vida.

A morte o fim seria,  
Nada mais existiria,  
A essência se perderia.

<sup>107</sup> Disponível em: <http://mensagensdepazamorefe.blogspot.com.br/2012/10/fe-minha-forca.html> Acesso jan de 2015.

<sup>108</sup>Federação Espírita Brasileira .Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/topico/geral/o-espiritismo/conheca/> Acesso em jan 2015.

Mas o espírito é pura energia,  
Guarda em si de Deus a partícula,  
Que jamais perecerá.

Na Terra em vindas e idas,  
Labuta arduamente,  
A sua purificação.

Não morto você não está,  
Nós é que estamos pela metade,  
Presos ao corpo carnal.

Que um dia perecerá,  
Então finalmente estaremos,  
Como você plenamente vivos. (LUCONI)<sup>109</sup>

No início do poema, a partir do título, a indagação “quem são os mortos eles ou nós?” será, ao mesmo tempo que questionada, respondida gradativamente ao longo dos versos. Como se vê nas duas primeiras estrofes: “Pois vivo você está/ Mais vivo do que nós”, e segue mais adiante, “A alma se integra liberta, Com a plenitude do teu eu.” No início da quarta estrofe, a partir do verbo “seria” existe a possibilidade da morte ser o fim da vida, mas logo depois afirma que não é, pois “o espírito é pura energia/ Guarda em si Deus a partícula/que jamais perecerá.”

Dessa maneira, é explicada que a morte não é o fim, talvez para a passagem terrena que é repleta de “vindas e idas”, a qual é tomada pelo poeta com um duro trabalho, “labuta ardente”. Segundo a Federação Espírita Brasileira<sup>110</sup>, além do mundo corporal, lugar onde habita os homens, chamados dentro desta filosofia de espíritos encarnados, também existe o mundo espiritual, morada dos espíritos desencarnados, que na linguagem do senso comum, seriam as pessoas que morreram. Quando os espíritos estão encarnados, estão presos a um corpo material e passam por experiências na vida terrestre, que os fazem crescer espiritualmente.

Quando desencarnados, reencarnarão quantas vezes forem necessárias para seu aprendizado e evolução. “Os Espíritos são criados simples e ignorantes. Evoluem, intelectual e moralmente, passando de uma ordem inferior para outra mais elevada, até a perfeição, onde gozam de inalterável felicidade.”<sup>111</sup> Logo, o espírito do

<sup>109</sup> Disponível em:

<http://www.avspe.org/index.php?pg=mttexto&idt=5646&ttt=Quem%20est%E3o%20mortos%20eles%20ou%20n%E3s?> AVSPE Acesso em jan 2015.

<sup>110</sup> Federação Espírita Brasileira. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/topico/geral/o-espiritismo/conheca/> Acesso em jan 2015.

<sup>111</sup> Federação Espírita Brasileira. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/topico/geral/o-espiritismo/conheca/> Acesso em jan 2015.

poema está passando por suas múltiplas existências corpóreas, para que atinja seu progresso intelectual e alcançar a “A sua purificação.”

Finaliza a poesia respondendo pontualmente que o verdadeiro morto é quem ainda não morreu, ou seja, “nós”, porque se está preso, “nós é que estamos pela metade/presos ao corpo carnal”, por não ter alcançado a perfeição máxima. Segundo a doutrina espiritista, somente os espíritos puros atingiram a perfeição máxima: Bons Espíritos. “A moral do Cristo, contida no Evangelho, é o roteiro para a evolução segura de todos os homens, e a sua prática é a solução para todos os problemas humanos e o objetivo a ser atingido pela Humanidade”, conforme destacou Duarte (2014, s/p). Aqueles que ainda transitam na terra, como é o caso do citado no poema, são chamados de imperfeitos e caracterizados por paixões inferiores e pela ignorância.

Na última poesia de Luconi, “Misericórdia e Perdão”, o eu poético pecou e pede insistentemente clemência a Deus:

Senhor apenas misericórdia e perdão,  
É o que Te peço,  
Pois as doenças de minha alma tantas são,  
E eu tão fraca sou,  
Que os vívidos estas doenças se tornaram,  
Não encontrado eu forças,  
Para curá-las.

Então, Pai Amado, direito não tenho,  
De algo lhe pedir,  
Apenas misericórdia e perdão,  
Para que nele a fé se fortaleça,  
E eu arranque as sementes malignas de minha alma,  
Que eu sei por mim foram regadas,  
Pois cega e dura as leis do amor eu estava.

Meu Pai, Meu Criador, aos Teus pés eu peço:  
Que eu possa segurar nas mãos de Cristo,  
Por Ele me deixar guiar,  
Confiante na certeza que só assim irei me curar,  
Para isso Te peço, Misericórdia e Perdão. (LUCONI)

Este texto, diferente dos demais, ao lê-lo sem conhecimento prévio sobre o poeta e do que tem o costume de escrever, permite-se afirmar que se trata de um poema que transmite subjetividades de um eu-lírico relacionado à fé imputada ao cristianismo. Todo o léxico do poema, que se refere a Deus/Cristo, está escrito com iniciais maiúsculas, muito comum das igrejas cristãs, que, por crerem que Deus é único e verdadeiro, utilizam essa grafia: “Senhor”, “Pai Amado”, “Ele”, “Criador” e por fim “Cristo.”

O eu-lírico apresenta-se de alma fraca, doente e sem forças para reerguê-la: “Pois as doenças de minha alma tantas são,/ E eu tão fraca sou,/ Que os vívidos estas doenças se tornaram,/ Não encontrado eu forças, Para curá-las.” E a única e verdadeira cura é o crescer sua fé em Cristo, para que “as sementes malignas de minha alma,/Que eu sei por mim foram regadas” sejam curadas.

A poesia é iniciada e findada com o pedido de Misericórdia e Perdão, o que transfere ao leitor um estágio cíclico de pedir perdão e porque pecou e, assim, sucessivamente, como acontece na vida do indivíduo cristão. Ele peca e pede clemência, é perdoado, peca e pede perdão a Deus, como um ciclo rotineiro.

Outro dado é que ao se associar os dados biobibliográficos da escritora ao poema, ou seja, que sua preferência é por escrever textos que caracterizem a filosofia espírita da qual compartilha, pode-se afirmar que o espírito encarnado do eu-lírico se refere aos imperfeitos e pecadores.

Observa-se que, dentre os textos de Luconi, a maioria tende à temática religiosa espiritista e de clemência a Deus. Os poemas carregam fortemente uma filosofia de crença, que, na maioria das vezes, engloba todo o texto, ou seja, a subjetividade é apresentada por meio da fé e de questões transcendentais ligadas a Deus e Cristo aparece do primeiro ao último verso, sem entrelinhas. A autora, que também afirma ter preferências de leituras por essa temática, pode ser admitida como uma escritora que utiliza um tom confessional em suas poesias. Principalmente no contexto de seus poemas líricos religiosos, a personalidade é algo que pode ser uma subjetividade visível e mostrada.

Já nos poemas de lirismo mítico-religiosos da escritora Guida Linhares, as subjetividades delineiam o cunho espírita como nos versos de Luconi. “Em Há o coração!” e “Presença Divina”, a experiência poética religiosa aproxima o poeta de Deus, mostra sua fé, sua crença neste divino, no entanto, a poesia não é carregada de elementos que simbolizam o religioso, ao contrário, aqui existe a sutileza do eu-lírico ao se referir à religiosidade.

Primeiramente, em “Há o coração!”, em que se contará na leitura do penúltimo verso da última estrofe, em que a crença de Deus aparece:

Há, o coração...

Escute bem meu amigo,  
Preste bastante atenção.  
Não me ponhas em perigo,

Pelos caminhos da ilusão.

Sempre te tratei bem  
E te gosto de montão.  
Mas não me façam refém  
De mais nenhuma paixão.

Te ocupes meu companheiro,  
A espalhar sementes de amor  
Preenchendo em cada celeiro  
A esperava, alegria e fervor.

Não é mais tão novinho,  
E precisas de seriedade,  
P'ra oferecer mais carinho  
Antes que seja tarde.

Há, coração!  
Quase esqueço de falar  
O quanto de força e ação,  
Tivestes que suportar...

Mas agora, nessa hora  
Só posso te agradecer  
Sabendo que Deus mora  
Dentro de ti, a me proteger. (LINHARES)<sup>112</sup>

Nas outras quatro primeiras estrofes, o poeta conversa com seu próprio coração fazendo referências e comentários, para que ele não coloque o eu-lírico em situações perigosas e ilusórias com relação a nenhuma paixão. Até então, poder-se-ia afirmar que o lirismo do poema é somente o amoroso, até porque o poeta fala da insegurança e medo de ter o coração maltratado já que, a seu ver, encontra-se em idade avançada para tal, “Não é mais tão novinho,/ E precisas de seriedade”.

É realmente ao final do poema que a crença do poeta modifica todo o lirismo antes percebido, mudando de foco da poesia do amor para a fé: “Sabendo que Deus mora/Dentro de ti, a me proteger.” Ou seja, a segurança do poeta está naquilo que ele crê: Deus, e é nessa fé que sua subjetividade é apresentada.

A presença de rima no poema é algo pouco encontrado nos poemas das autoras aqui estudadas, mesmo assim, praticamente, todas as estrofes apresentam rimas que se alternam, trazendo musicalidade ao se ler a poesia. Por meio desses recursos sonoros: “coração” e “ilusão”, “amigo” e “perigo”, “bem” e “refém”, “montão” e “paixão”, “amor” e “fervor” entre outros, o eu-lírico parece “brincar”, quando fala com seu coração e pede para ele ser cauteloso, o que remete a um tom mais descontraído e menos sistemático.

<sup>112</sup>Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/poesias/4928221> acesso jan 2015.

Outro poema de Linhares é “Presença Divina”:

Presença Divina

Contemplando a natureza  
Nas mais diversas estações,  
O coração se enche de beleza,  
Desabrochando sutis emoções.

Observando as árvores ao vento  
Com seu bailado de folhas e galhos,  
Parecem sussurros do sentimento  
Que Deus colocou em seus trabalhos.

Da criação ele foi o grande arquiteto,  
Ungindo de formosura o universo,  
Em seu receptáculo de amor inquieto,  
Moldou a criatura, verso e reverso.

E nela depositou tanto as virtudes,  
Como as imperfeições, em livre arbítrio.  
Que o homem guarde em suas atitudes,  
A presença divina em suave balbucio. (LINHARES)<sup>113</sup>

Adentrando no poema pelo tema, já é possível perceber a subjetividade ligada ao religioso, pois como se confirmará ao se ler a poesia, o divino é realmente Deus. No entanto, o lirismo poético encontrado está amplamente relacionado a elementos da natureza, ou seja, ele tem a certeza da presença divina a partir do contato com peculiaridades como, por exemplo: “Observando as árvores ao vento/ Com seu bailado de folhas e galhos,/ Parecem sussurros do sentimento/ Que Deus colocou em seus trabalhos.”

Neste poema, como o anteriormente apresentado, também se vê a presença das rimas e de versos, que aparecem metricamente simétricos. Palavras como: “natureza” e “beleza”, “estações” e “emoções”, “vento” e “sentimento”, dentre outros substantivos, alimentam uma ordem de positividade e leveza permeando o poema. O poeta parece enxergar com os olhos do coração ao sentir essa presença divina nas coisas que observa.

Deus é considerado o “grande arquiteto” que “ungindo de formosura o universo/em seu receptáculo de amor inquieto,/Moldou a criatura, verso e reverso.” A crença e a fé se fazem presentes na poesia, mas de modo sutil e telúrico, ao ser a todo o momento comparado aos elementos da natureza. Por isso, ambas as poesias de Linhares apresentam subjetividades diferentes das três primeiras apresentadas

<sup>113</sup>Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/poesias/2428591> acesso jan 2015.

produzidas pela escritora Luconi. Apesar de ambas trabalharem com o lirismo mítico-religioso, as particularidades de cada autora são bastante claras.

Para encerrar este tópico são mostradas mais duas poesias, de diferentes escritoras. A primeira é “Carpe Diem”, de Verluci Almeida e a segunda, “O tempo e o vento” de Alcina Azevedo. A opção pela escolha de apenas uma poesia de cada uma delas é por não terem publicados tantos textos ligados à religiosidade quanto as escritoras anteriores.

Leia-se “Carpe Diem”:

Carpe diem!

O sol no horizonte desponta.  
As flores desabrocham ao sol.  
Os pássaros cantam felizes.  
É mais um belo dia! Sorria!  
Erga os olhos aos céus e agradeça.  
Você vê, você ouve, você fala.  
Você se locomove sozinho.  
- obrigado, senhor! (ALMEIDA)<sup>114</sup>

Poema de sutileza e lirismo poéticos relacionados ao sentimento telúrico do poeta com a natureza. Em apenas um verso, as belezas da natureza são motivos de agradecimento e crença em Deus por existirem: “O sol no horizonte desponta./As flores desabrocham ao sol./Os pássaros cantam felizes.” Ou seja, o poema está repleto de natureza e gratidão do começo ao fim: Erga os olhos aos céus e agradeça./Você vê, você ouve, você fala./Você se locomove sozinho./ obrigado, Senhor!”

Como indica o título *carpe diem*, expressão em latim literalmente representa “aproveite o dia”, pode ser comparado ao desfrutar a vida e os prazeres que ela oferece neste momento, sem preocupações futuras, já que a vida é breve e efêmera. Aqui no poema, traduz-se no sentido específico de aproveitar o presente, o agora ao máximo, já que Deus foi generoso e presenteou a poetisa por meio da natureza, a qual singularmente a deixa mais feliz: “É mais um belo dia! Sorria!”

Dessa maneira, o caráter subjetivo, que a natureza representada na poesia aponta, pende mais para um texto leve, translúcido e positivo, do que o oposto disso. Logo, clamar a Deus é por uma questão de agradecimento e não de penúrias.

Por fim, a poesia “O Tempo e o Vento”:

<sup>114</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/CaroesAmantesDaPoesia/posts/3137860703142> acesso jan 2015.

O meu lamento caminha com o vento  
 levando o torpe Deus da desventura  
 traga-nos força através do tempo!  
 Traga-nos luz e amizade pura!  
 Leve o meu pranto !  
 Leve a nossa dor!  
 Dai-nos coragem!  
 E um doce amor!  
 Leve as misérias desse povo forte!  
 Leve os tormentos! Leve a própria morte!  
 Leve as desgraças! O desamor!  
 Não deixe mais ninguém morrer de dor

O vento geme... E se afasta com amargura  
 Ouvidando os gestos dessa noite dura  
 Mas segue adentro a levar no tempo  
 Toda mensagem, todo o meu lamento.

E a voz do tempo responde em doce vida:  
 Terás os júbilos da missão cumprida !!!

(Este poema é uma súplica a Deus para trazer no tempo a justiça.) (AZEVEDO) <sup>115</sup>

As nuances apresentadas na poesia são de tom melancólico, triste e de súplica. As subjetividades da poetisa mostram preocupação e descontentamento em relação ao tempo que parece caminhar ao lado do vento. Na verdade “tempo” e “vento” metaforizam a temporalidade que passa, que é rápida, que é levada no mesmo instante que muitas coisas penosas então acontecendo. Por isso, essa transitoriedade de ir e vir poderia também carregar o que é negativo e trazer o que é positivo: “traga-nos força através do tempo!/Traga-nos luz e amizade pura!/Leve o meu pranto ! /Leve a nossa dor!”

A recorrência a Deus está implícita no poema, nas entrelinhas e só se faz clara no comentário que aparece ao término do poema, ou seja, que é uma súplica a Deus o que a poetisa pede.

Dessa forma, o tom confessional aparece na poesia, mostrando por meio das subjetividades apresentadas pelo eu-lírico, na verdade, o sentimento da poetisa. Suplicando a Deus, a partir do tempo “Terás o júbilo da missão cumprida!!”, o poema termina assim se referindo a um tempo de alegrias que irá chegar.

Em entrevista colhida da internete, Azevedo declara que:

<sup>115</sup>[http://www.poesias.omelhordaweb.com.br/pagina\\_textos\\_autor.php?cdPoesia=18081&cdEscritor=160&cdTipoPoesia=&TipoPoesia=&rdBusca=&tbTxBusca](http://www.poesias.omelhordaweb.com.br/pagina_textos_autor.php?cdPoesia=18081&cdEscritor=160&cdTipoPoesia=&TipoPoesia=&rdBusca=&tbTxBusca) Acesso em jan 2015.

[...] a espiritualidade é parte importante no enfrentamento das situações que se apresentam em nossas vidas, muitas vezes repentinamente. Esta ajuda proporciona conforto e clareza para a nova fase de vida que se apresenta. “A espiritualidade é a pátria verdadeira de todos nós. Ela sempre me trouxe o auxílio maior que podemos ter em desafios que a vida nos propõe. É a luz! É a esperança! É o socorro!”<sup>116</sup>

A partir disso, pode-se afirmar que realmente a poesia apresenta subjetividades relacionadas ao sentimento e às crenças da autora, particularizando a poesia, que além de trabalhar com a fé e espiritualidade de Azevedo, também traz o viés confessional. Se as subjetivações do o homem são construídas a partir do tempo e da condição histórica em que vive, como argumenta Foucault em parte de sua obra, o homem atual que vive em um tempo de inseguranças e fragmentações transfere para si esse tempo de liquidez e fragilidades nas construções humanas e sociais que o cercam.

Por isso, muitos buscam preencher os vazios que a sociedade oferece em meio à avalanche do consumo, tecnologias e exigências que nos permitem viver socialmente, por meio do lado espiritual. Ele será o preenchimento que falta na alma e na mente do indivíduo do século XIX. Diga-se um lado espiritual, não mais necessariamente de dogmas e políticas religiosas. O sujeito atual acaba por transitar por muitas práticas religiosas até colher e filtrar aquilo que melhor se adéque à sua exigência.

Assim, entre as mulheres que escrevem poesia e outros textos e usam a internet como meio de publicação, não existe um fim das práticas religiosas, ao contrário, a espiritualidade de cada uma delas está presente em diversas poesias, no entanto, cada qual com suas individualizações. Essas religiosidades estão, muitas vezes, intrinsecamente, ligadas ao poder da palavra poética, porque são parecidas. Ambas falam à alma e ao coração.

#### **4.4 A mulher que fala da mulher**

Quando esta pesquisa foi iniciada, os primeiros espaços virtuais pesquisados foram os da AVSPE e AVBL. A partir deles é que a busca por outros ambientes virtuais aconteceram, descobrindo-se inúmeros sites, blogs e páginas

---

<sup>116</sup>Disponível em: <http://www.emdestaquenacidade.com.br/alcina-maria-azevedo-fala-sobre-os-descasados/> Acesso jan de 2015.

dedicadas à literatura em que as escritoras selecionadas publicavam. Curiosamente, nas academias, são postados principalmente textos que trazem temas relacionados ao lirismo intimista amoroso, filosófico ou religioso. Quando outros ambientes foram descobertos e analisados, percebeu-se que uma miríade temática existe entre as postagens, entretanto um dado que chamou a atenção: muitas delas escrevem a respeito da própria mulher. Nos poemas que serão apresentados, desfilam diante do leitor muitas subjetividades as quais correspondem ao universo feminino como, por exemplo: a força, garra, coragem, beleza, sensualidade, vaidade entre outras qualidades e singularidades representantes da mulher.

Verluci Almeida, em seu poema “Mulheres”, descreve várias profissões, oferece uma qualidade a cada uma delas, mas é com a operária que se atenta:

*Mulheres*

Advogada brilhante  
 Médica competente  
 alegre balconista  
 exímia pianista,  
 eficiente empresária  
 modelo afamada  
 elegante aeromoça  
 culta professora  
 notável escritora,  
 sorridente bancária.  
 Entre todas elas fico  
 com a triste operária,  
 que mata um leão por dia  
 pra sustentar a família.  
 Dois ônibus para o trabalho  
 almoço pronto às 5 da manhã,  
 roupas para lavar e passar,  
 casa para limpar e encerar,  
 o aluguel atrasado, a lista  
 escolar, água e luz vencidas,  
 telefone cortado.

- E o marido?  
 - Cachaça no bar!

Ela, cansada de batalhar.  
 - E da vida o que lhe resta?

À noite com o ator da novela  
 sonhar... E ela dorme feliz!  
 No sonho é a mais bela atriz. (ALMEIDA)<sup>117</sup>

---

<sup>117</sup>Disponível em: <http://www.verluci.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=2269235> acesso em jan de 2014.

Os dez primeiros versos apresentam adjetivos que qualificam positivamente as mais variadas profissões quando ocupadas por mulheres: “Advogada brilhante/Médica competente/alegre balconista/ exímia pianista,/ eficiente empresária/modelo afamada/elegante aeromoça/culta professora/notável escritora/sorridente bancária.” Há o enaltecimento que mostra a mulher como muito capaz de realizar com maestria aquilo que se envereda a fazer.

O décimo primeiro verso tem essa sequência interrompida quando a poeta resolve pontuar melhor a profissão da operária: “Entre todas elas, fico com a triste operária.” E pena primeira vez no poema, o adjetivo é relacionado a algo negativo, “triste”. Isso porque descreve a vida sofrida e calejada, a qual a operária precisa enfrentar. Ela “mata um leão por dia/para sustentar a família.”

É descrito, ainda, que tal mulher tem, além de tudo, afazeres domésticos quando estiver junto ao lar: “roupas para lavar e passar/ casa para limpar e encerar.” Que as contas estão atrasadas, o “telefone cortado”, até chegar a um culpado: o marido. Ele, o marido, aparece em apenas um verso, o qual divide a vida da esposa (operária) em duas: entre a difícil labuta da mulher que precisa sustentar a família, em virtude do relapso do companheiro perante as responsabilidades com o lar, e o sonho. “E da vida o que lhe resta?/ [...] E ela dorme feliz!/ No sonho é a mais bela atriz.”

As subjetivações dessa operária estão relacionadas ao cotidiano de muitas mulheres que trabalham, sustentam seus lares, educam os filhos e, muitas vezes, não podem contar com o auxílio de um companheiro. Não somente a operária, como descrito na poesia, mas muitas com outras profissões, inclusive as citadas no poema, também passam por tais dificuldades.

A ideia de que ser mulher basta ser mãe atenciosa e boa esposa mudou. A antiga estrutura familiar, em que o homem trabalhava e a mulheres cuidavam dos filhos e dos afazeres domésticos, atualmente, não é mais regra, mas sim exceção. Portanto, somente o sonho continua perene nesta mulher, como em qualquer outro tempo ou outra cultura, pois o que faz mover a maioria dos indivíduos é o sonhar. “Aquilo que inexplicavelmente nos constitui é feita da matéria dos sonhos: volátil, fluido, espectral. (SIBILIA, 2008, p. 81). E essa é também uma caracterização do homem atual, assim como a mulher da poesia.

Outra poesia de Almeida é “Interstício”, que representa “intervalo” ou “espaço” que parece representar no poema uma pausa dada pela mulher para se embelezar e voltar à janela à espera da felicidade:

*Interstício*

Pintou os lábios.  
De seu perfume preferido,  
algumas gotas na nuca e nos pulsos.  
Caprichou no decote do vestido  
e com seu novo colar se enfeitou.  
Sorrindo, debruçou-se à janela  
à espera da felicidade chegar. (ALMEIDA)<sup>118</sup>

Essa mulher sonha, assim como a “operária” do poema *Mulheres*, já que se debruça à janela “à espera da felicidade chegar.” A janela, palavra sempre recorrente em poesias em geral, pode localizar um espaço limiar entre dois universos. Neste caso, onde a representação da mulher nesta poesia está agora e aonde ela deseja chegar. A janela pode ser o veículo que baliza dessa passagem.

A vaidade é mostrada nos primeiros versos, em que a mulher se embeleza para voltar a se expor à janela. Pinta os lábios, passa perfume, coloca um novo colar, capricha no decote e volta à janela. As subjetividades encontradas no poema estão relacionadas a uma mulher, que, não estando bem visualmente, em um intervalo de tempo escolhido por ela, recorre à vaidade e volta à janela. Segundo Foucault (2006):

[...] toda a filosofia grega, helenística e romana, assim como a espiritualidade cristã. Enfim, com a noção de epimeléia heautoû , temos um corpus definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas de subjetividade (FOUCAULT, 2006, p.15).

A partir da citação, verifica-se que a mulher mencionada no poema pode ser vista como fruto de regras, condutas, hábitos a forma um tipo de sujeito que vive em determinada sociedade, formando-se a partir das culturas que nela estão inseridas.

<sup>118</sup>Disponível em: <http://www.flogvip.net/verluci/14641802/> Acesso em jan 2015.

As subjetividades podem ser propriedades aplicadas mais facilmente aos sentimentos, interioridades, pensamentos, indagações com a própria alma, mas só são realmente explicadas quando entram em contato com o universo exterior. No poema, a representação da mulher em se embelezar para tentar ser mais bem aceita, ou seja, realmente conhecer a “felicidade”, faz parte de um tempo histórico também da atualidade, o da promoção por meio do que se vê, já que se está cercado por um mundo em que a aparência, a visibilidade auxiliam nas constrictões das subjetividades.

No poema abaixo, intitulado “Mulher”, de Azevedo, as subjetividades encontradas também fazem parte de um contexto histórico e social. A partir do momento em que a mulher efetivamente entra para o mercado de trabalho, entre os anos de 1960 e 1970, a busca por igualdades entre homens e mulheres não cessa. Suas subjetivações também estariam marcadas pela conquista ininterrupta desse novo espaço. Por isso, adjetivos como garra, brio e força não são poupados quando se vai falar da mulher.

#### Mulher

És a semente pura e a força da beleza!  
 Fragilidade? Qual nada!  
 És capaz de carregar o mundo.  
 És capaz de fazer grandes proezas  
 Quando a vida te cobra  
 Quando os filhos ti precisam  
 Quando a vida te priva de ser feliz.

Mulher da periferia  
 Mulher da vida desgraçada  
 Mulher que luta pelo sustento da família  
 Mulher pelo marido abandonada.

Mulher que se ergue de forma triunfante  
 Depois de uma grande queda  
 E ainda se faz faceira.  
 Se perfuma, se cuida inteira.  
 Pois nasceu mulher  
 Criação divina!  
 Transbordando amor  
 mesmo depois da dor. (AZEVEDO)<sup>119</sup>

Azevedo qualifica a mulher logo no primeiro verso “És a semente pura e a força da beleza”. “Pura” e “beleza” são vocábulos que com frequência são associados à mulher dentro da literatura desde a Idade Média. A Virgem Maria,

<sup>119</sup>Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/prosapoetica/1054795> Acesso em jan 2015.

modelo de mulher, de pureza e amor, contrapõe-se à Eva, pecadora. “a essa imagem dual, a face pura e a impura, estão ligadas as duas formas da poesia” (COELHO, 1993, p. 51) isso desde o Trovadorismo. Com o passar dos tempos, a figura da mulher foi se modificando, conforme a sociedade e cultura de cada época, mesmo assim, esse dualismo ainda aparece enraizado em muitas poesias atuais. Ainda que seja a “Criação Divina”, figura baseada em Maria, ela “se perfuma, se cuida inteira”, representação da pecadora Eva.

Em todo o poema a mulher é vista como forte, com garra, principalmente por que a vida a cobra disso perante os desafios e dificuldades. Assim, ela levanta, “se ergue triunfante”, depois de uma queda e começa, novamente, a trilhar suas conquistas perante as dificuldades. Mas ela pode tudo isso, porque foi criada por Deus, sendo, então, sempre repleta de amor. Aqui, mais uma vez essa mulher tem subjetividades relacionadas à Virgem Maria, mulher que detinha o puro amor na visão católica da Idade Média.

Os dos próximos poemas são um tanto deferentes, pois não falam das mulheres, mas sim de uma mulher em específico. O primeiro conta a história de uma abadessa e o segundo, de uma prostituta. Mais uma vez se esbarra em um dualismo, agora entre o santo e o profano. Interessante que ambas as poesias são da escritora Lóla Prata, respectivamente de títulos “Martírio” e “Estrela Carente”:

*Martírio*

Quem dá a vida por seus irmãos, não é santo?  
Então, falemos de sóror Joana Angélica,  
A abadessa de um convento. Amou tanto  
Que enfrentou, desarmada, a lusa turba bélica.

Arrombaram portas, arrasaram altares,  
Inconformados com o grito de independência,  
Depois de calarem com a baioneta, os pulsares  
De um coração heroico, contrário à violência.

Foi na Lapa, em Salvador, Bahia, o martírio  
Da mulher que as religiosas protegia,  
Ciente de que lá no céu se acendia o círio.

No Brasil, lutava-se pela liberdade  
Enquanto, com sangue, a freira idosa partia  
Para enfim, gozar da eterna felicidade. (PRATA)<sup>120</sup>

Joana Angélica - 1761 – 1823

<sup>120</sup>Disponível em: <http://lolaprata.com.br/novo/ALABASTRO.php> Acesso em jan 2015.

Dedicado à abadessa Joana Angélica, que viveu entre 1761 e 1823, este é o primeiro soneto aqui apresentado no que se refere à estrutura de dois quartetos, dois tercetos e as rimas alternadas. Quanto ao número sílabas poéticas, alguns versos são de dez e outros de doze sílabas. Talvez por se tratar de um assunto que aconteceu no século XVIII, em que o soneto era a forma mais comum de se escrever poesia, a poetisa resolveu utilizá-la.

A primeira estrofe apresenta Joana Angélica, dizendo que ela deu a vida por seus irmãos, enfrentando desarmada a “lusa turba bélica”. As outras subseqüentes mostram o enfrentamento da freira, sua morte e o local ocorrido, no caso na Lapa em Salvador. Por fim, na última estrofe o eu-lírico afirma que quem luta por liberdade no Brasil acaba por morrer, que por meio de um eufemismo foi colocado no verso como sinônimo de morte “gozar da eterna felicidade.”. Sendo a abadessa católica, iria descansar no céu na felicidade eterna, segundo esses preceitos cristãos.

Já “Estrela Carente” em versos também rimados, característica bem comum à escritora Lóla Prata, descreve na primeira estrofe alguém que não se dá para definir ainda, se homem ou mulher:

#### Estrela Carente

Encaracolados e tintos de amarelo,  
secos cabelos; maus dentes, mãos sem cadernos,  
cresci num cortiço de Santos, sem anelo,  
com muita gente... e ausência de gestos ternos.

Golas de marinheiros jogadas ao chão,  
a mãe-mulher gargalhando na grande cama,  
brinquedo quebrado..., feia boneca... são  
as solenes recordações que a infância clama.

Aos doze anos, uso saia curta e justa,  
posso seios lindos que eu exibo agora,  
esmalte roxo e batom que pouco me custa.

O sonho de encontrar amor já está bem morto...  
Espalho um brilho opaco pela noite afora  
como nova prostituta do cais do porto! (PRATA)<sup>121</sup>

Quem está sendo descrito, nasceu em um lugar desprovido de necessidades básicas como higiene, educação e também carinho e atenção: “Encaracolados e

<sup>121</sup> Disponível em: <https://nuhtaradahab.wordpress.com/2010/01/12/lola-prata-poesias/> acesso em jan de 2014.

tintos de amarelo,/secos cabelos; maus dentes, mãos sem cadernos,/cresci num cortiço de Santos, sem anelo,/com muita gente... e /ausência de gestos ternos.” Em meio à condição social precária, logo na infância, tivera contato com o porto, local onde se encontram marinheiros e ali, com eles se deitava, ou melhor, copulava.

Quando a poetisa escreve o verso “a mãe-mulher gargalhando na grande cama”, descobre-se que se trata da descrição de uma mulher, na poesia. O termo “mãe-mulher” é intrigante, pois ao mesmo tempo em que ela dorme com os marinheiros, talvez possa representar, em algum momento na vida de um ou outro, com o qual se relaciona, a voz feminina ou a presença materna, por meio de em um conselho ou conversa informal.

Aos doze anos ela já não sonha mais em encontrar um amor. Estranhamente esta é a primeira poesia que marca a representação do eu-lírico que logo tão jovem não procura mais sonhar. As subjetividades que envolvem essa representação de menina não são imaginadas por sonhos, mas pela realidade latente em sua vida.

A poetisa usa a antítese “brilho opaco” para qualificar a pequena prostituta, a qual faz alusão ao título, “Estrela Carente”. “Estrela” está simbolizando aquilo que brilha, é reluzente, que tem esplendor e “carente” é aquele que não tem posses, que necessita de algo.

Apresentar diferentes formas de sujeitos na poesia de Lóla Prata acarreta expor diferentes subjetividades, ao se pensar em uma abadessa e uma prostituta. Logo, ao se resgatar mulheres descritas em poesias acima, essas podem representar as dores, perdas, dificuldades, garra e força da mulher da sociedade atual. Assim como foi difícil para a mulher brasileira buscar seu espaço na sociedade, também foi penoso à mulher gritar seus versos para que as pessoas pudessem lê-los, e assim, apresentar as suas subjetividades para que o universo digital tivesse acesso.

Falar da mulher é uma maneira de dar voz a todas aquelas que não escreverem, mas que têm suas angústias, dores, prazeres, felicidades e os mais diversos sentimentos, representados pelas mulheres que dão voz a literatura de autoria feminina. Abaixo, no acróstico de Linhares, também se fala da mulher:

M\* istério da criação  
U\* ma deusa em ascensão  
L\*inda, singela e sensual

H\* és do homem a companheira  
 E\* xplora os teus sentimentos  
 R\* efinando a tua busca do amor. (LINHARES)<sup>122</sup>

Linhares tem em seu blog particular dezenas de acrósticos, dentre eles também aparecem homenagens a escritoras brasileiras que são ou não conhecidas pelo público em geral. Este foi o escolhido para representar não somente uma, mas todas as mulheres.

As características apresentadas como: “mistério da criação”, “linda, singela e sensual”, “és do homem a companheira”, “explora os sentimentos” etc, são típicas do viés da sociedade patriarcal e cristã, que ainda existe, mas não com a mesma força de tempos atrás. Por exemplo, caracterizar a mulher como singela pode simbolizar certas subjetividades que não contentariam grupos de mulheres que, atualmente, brigam por diferidos iguais ao dos homens. “Singelo” pode caracterizar discrição, modesto, ameno, ou seja, tudo aquilo que a mulher não é. Sinônimos de coragem e audácia são mais propícios ao qualificar a mulher que trabalha, tem filhos, cuida dos afazeres domésticos, preocupa-se com a beleza, com o bem-estar daqueles com quem convive.

Por fim, a última poesia deste tópico, também de Linhares:

Fadas, princesas ou bruxas?

Fadas, princesas ou bruxas?

Sim, somos fadas

Quando cuidamos daqueles que amamos,  
 Quando muitas vezes nos deixamos de lado,  
 E realizamos os seus desejos.

Somos princesas,

Quando muito amadas,

Eu diria mesmo rainhas

Quando em nosso entorno

A família e amigos sorri feliz.

Somos bruxas

Porque cultivamos o amor,

A todos os seres vivos

E a exuberante natureza

Amigas que somos dos elementais e duendes,

Neste vasto mundo

Que desvelamos em nosso interior. (LINHARES)<sup>123</sup>

<sup>122</sup> Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/acrosticos/122380> acesso em jan de 2014.

<sup>123</sup> Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/pensamentos/377820> acesso jan 2015.

Tanto fadas, quanto princesas e bruxas são metáforas que a poeta utiliza para caracterizar a mulher. Essa subjetividade é mostrada por meio do eu-lírico feminino da poeta, que descreve quando se refere a cada uma das identidades imaginárias, encontradas comumente nas histórias de fantasias. Todavia, o que chamou a atenção na poesia são os últimos versos: “Neste vasto mundo/Que desvelamos em nosso interior.” A qual interior se refere à poetisa? Como apresenta a poeta, as mulheres são como fadas, princesas ou bruxas, dependendo da situação com que se deparam, agindo inteligentemente perante a circunstância que as envolver. A partir dessas ocorrências, deparando-se com pessoas e situações, a mulher usa o sentimento que é mais substancial: o amor. “Porque cultivamos o amor,/A todos os seres vivos.” Cultivando o amor, aproxima-se de pessoas e situações que a fazem desvendar o que sentem e as diversas ordens de estado de sua alma.

Ao se pensar que tais poesias são escritas por mulheres, que falam de mulheres, poder-se-ia afirmar que existe alguma marca que somente com a leitura se descobriria que foi escrito por uma mulher? “Autoria feminina” é quando um texto foi escrito por uma mulher, mas falar em “escrita feminina” é abrir um arcabouço de indagações, que confundem até mesmo a crítica literária que trabalha com esse assunto. Muitas são as divergências entre os críticos, uns falam que a escrita não tem sexo, outros encontram marcas que somente mulheres poderiam traduzir em palavras. Outros ainda comparam textos em que homens escreveram como se fossem mulheres e vice-versa.

E aqui nesta pesquisa, o que se notou, a partir do que foi lido e pesquisado? Como se apresenta esta “escrita feminina” de literatura produzida por mulheres, que quase que exclusivamente escrevem para publicar na internet? As subjetividades, que gritam a alma da poeta, os diferentes intimismos e pensamentos são, muitas vezes, anseios pessoais de cada uma delas ou da realidade a que pertencem que acaba por ser confundida em seus versos?

Já que este poeta é uma mulher, a maioria delas tem entre seus cinquenta e setenta anos, são mulheres que se casaram, tiveram filhos, criaram esses filhos, divorciaram-se ou ficaram viúvas, tiveram netos e foram educadas com os parâmetros da sociedade quando se mostrava mais patriarcal que hoje. A internet é a forma de algumas dessas mulheres reproduzirem seus sentimentos e ideias

acerca de suas vivências, de suas perdas, ganhos, tristezas e alegrias, é por isso que se pode chamar parte de seus textos de confessionais.

A partir das leituras de Foucault para esta pesquisa, ao mostrar suas ideias a respeito de sujeito e subjetividade, fica transparente que ambas se constroem a partir da noção de um tempo histórico, das instituições às quais pertencem e de suas práticas sociais, ao se referir a tais mulheres, que nasceram aproximadamente na metade do século XX, mas que hoje escrevem para o mundo, suas subjetividades são conseqüentemente transferidas para a poesia.

Por isso, seus textos trazem, sim, marcas que pertencem ao universo feminino, como a maneira de amar, de se sentir, de se enfrentar medos, de não desistir, de mostrar suas fantasias, estão representadas por uma maneira de escrever sobre um universo particularmente feminino.

#### ***4.5 Metalinguagem: a poesia e o Poeta***

Como uma surpresa, muitos foram os textos encontrados em que a poeta escreveu a respeito do fazer poético. Poesias longas, curtas, pensamentos, verbetes e acrósticos foram alguns dos formatos textuais encontrados. Essencialmente a metalinguagem se define como uma linguagem utilizada para descrever outra linguagem.

Segundo Andrade (2010), esse recurso é um importante instrumento utilizado em produções culturais diversas, que tem como interesse ratificar autoconsciência da construção e uma autorreflexividade. Isso por que o prefixo “meta”, originalmente grego, está pautado à ideia de reflexão crítica e transcendência. Dessa maneira:

portanto, linguagem da linguagem (tomando-se linguagem como um sistema de sinais organizado) é metalinguagem – uma leitura relacional, isto é, mantém relações de pertença porque implica sistemas de signos de um mesmo conjunto onde as referências apontam para si própria, e permite, também, estruturar explicativamente a descrição de um objeto. A extensão do conceito de metalinguagem liga-se, portanto, à ideia de leitura relacional, equação, referências recíprocas de um sistema de signos, de linguagem (CHALUB, 2005, p. 8).

Já para Ramalho (2011), quando a metalinguagem se encontra com a poesia, tem-se o que ela chama de lirismo experimental-metalinguístico, fonte de distintas informações acerca do imaginário poético. Acrescenta ainda que “essa forma de lirismo deixa um testamento, cuja herança se recolhe da análise dos vários componentes que, inseridos no poema, explicitam uma poética.” (RAMALHO, 2011, p. 40/41). Ela é o anúncio do desejo, o lirismo que estão por trás da criação literária.

A “arte da palavra”, da representação do que é o fazer poético, já aparece logo no título do primeiro poema aqui apresentado, “Falando de poesia”, de Guida Linhares:

Falando de poesia

I

Poesia é sonho mágico  
Em palavras realizado,  
Passeando pelo trágico,  
Até o mundo encantando.

II

A poesia é uma ponte  
Que entenece os corações,  
Ainda que desaponte  
Quando põe fim a ilusões.

III

A poesia é quase tudo  
O vento que apaga o rosto  
Em versos que sobretudo  
Afastam muitos desgostos

IV

A convidada poesia  
Bateu na minha porta.  
Abri com muita alegria,  
Ser feliz é o que importa. (LINHARES)<sup>124</sup>

Já no último tópico deste capítulo, um fato pode ser afirmado, dentre as escritoras, Linhares é que trabalha com maior frequência a questão da estética mais tradicional de se escrever, no que diz respeito às rimas e à escansão. Dividido em quatro quartetos, com versos em redondilha maior e rimas alternadas, na leitura da poesia é encontrado certo ritmo. As palavras “Mágico” e “trágico”, “realizado” e “encantado” da primeira estrofe podem ser consideradas um exemplo desse ritmo.

As subjetividades da poetisa são colocadas por meio dos versos, indicando que o fazer poético é tão nobre que tem o seu verdadeiro lugar em um mundo de encantos: “A poesia é um sonho mágico/ E palavras realizado/ Passeando pelo

<sup>124</sup>Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/poesias/4131177> acesso jan 2015.

trágico/ Até o mundo encantado.” “Encantado” é aquele que sofreu algum encantamento, que pode ter se deslumbrado, maravilhado com algo. É nesse universo que se encontra a poesia para o eu-lírico.

Nas segundas e terceiras estrofes, continua sendo discorrido sobre o que a poesia pode representar. As metáforas são as figuras que mais se destacam neste processo, pois a poesia é uma ponte, o vento e é quase tudo. “Ponte” pode simbolizar aquilo que permite o transporte de um lado ao outro, o direito de ir e vir, objeto que interliga, como o vento que é livre e pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo, aquele que desloca algo ao passar. Figurativamente, pode ainda representar o que favorece pelas circunstâncias, neste caso “apaga o rosto”, afastando desgostos.

Segundo a poeta, a poesia chegou até ela e a trouxe contentamento, felicidade. “A convidada poesia/Bateu na minha porta./Abri com muita alegria,/Ser feliz é o que importa.” A alma do poeta é acalentada por meio do escrever poesia, neste caso, o experimentalismo que define o lirismo em questão se encontra presente, pois a poesia fala da própria poesia e da importância que ela tem ao se fazer existir por meio dos versos.

Alcina Azevedo, no poema abaixo, também revela a preocupação com a consciência de se escrever versos:

A alma do poeta  
sente as coisas de forma diferente,  
abrangente.  
no sofrimento ele vê aprendizado  
e sofre calado.  
na despedida:  
tem a alegria de um amor vivido.  
e na perda, ele vê a renovação.  
o seu coração pulsa diferente.  
pois sofre contente.  
em tudo ele busca um novo sentido!  
uma razão a mais para viver feliz!  
iluminar mais um dia!  
e fazer muita poesia! (AZEVEDO)<sup>125</sup>

Em apenas uma estrofe, com versos livres e brancos, essa liberdade também faz jus às subjetividades apresentadas, quando intenciona transparecer o pensamento do eu-lírico, relatando a importância, as emoções, no sentido que faz para o poeta poder se expressar por meio da poesia. Segundo o eu-lírico, o poeta

<sup>125</sup>Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/alcinaazevedo.html#poesia> acesso jan de 2015.

vê e sente o mundo de maneira diferente, singularizada, olhando as coisas que o cercam e significando-as de alguma forma diferente do convencional. A partir de então, sentir-se-á realizado, feliz: “em tudo ele busca um novo sentido!/uma razão a mais para viver feliz!”

Um dos poemas que compõem o livro de versos chamado *Alabastro*, de Lóla Prata é “Adversativas”, a poesia se apresenta escrita por meio de certa ludicidade se observadas as conjunções da língua portuguesa, que representam oposição, ideias contrárias:

*Adversativas*

solto os pés do chão...  
subo em ofertório  
pelas alças de quimeras...

porém

a realidade chã e severa  
clama a mim, poeta:  
- o que você espera?

somente

sussurro a responder:  
- busco o estilo nobre  
da arte de viver...

contudo

escrevo, e nessa lavra  
prossigo a subida  
no doce labor da palavra

todavia

na vida prática e rude  
o vate se debate

até o dia do ataúde... (PRATA, grifo do poeta) <sup>126</sup>

As conjunções “porém”, “todavia” e “contudo” irão se posicionar contra algum pensamento ou sentimento escrito pela poeta. Logo, no início da poesia, o eu-lírico parece estar refletindo, conversando consigo mesmo, isso em meio a pensamentos e intimismos pessoais que não são presentificados, mas sim imaginados. “Subo em ofertório/ pelas alças de quimeras...” Quimera tem diversos significados, tudo dependerá do contexto e a maneira com a qual a palavra é empregada. Neste caso, a fantasia, imaginação e os devaneios estão vinculados à poesia, a partir do momento em que a conjunção adversativa “porém” transporta o poeta para o mundo da realidade. “A realidade chã e severa/ clama em mim poeta”.

<sup>126</sup> Disponível em: <http://lolaprata.com.br/novo/ALABASTRO.php> acessado em jan de 2015

“Chã” no sentido de planície, pisar no chão e voltar ao lugar onde o poeta realmente está fisicamente, não em pensamentos. Essa realidade para ele é severa, por isso, as subjetividades transmitidas ao leitor pelo eu-lírico, até este momento do poema, são as de sair de um mundo de ideias, intimismo e pensamentos, para voltar à realidade. É nessa vida real que o poeta segue escrevendo “no doce labor da palavra” até o dia que morrerá e não pertencerá mais a ela, a essa vida. Enquanto isso, o ele juntamente com suas subjetividades andam por meio da “vida prática e rude” de um vate, ou seja, um profeta, um adivinho ou mesmo um poeta.

Mais uma vez, podem-se citar as discussões foucaultianas que relacionam o sujeito ao seu meio de convívio social. No caso do eu-lírico, que permanece imerso em suas interioridades e individualidades, “- busco o estilo nobre/da arte de viver...”, segundo Foucault (1995), elas são fenômenos existentes a partir da exterioridade, que liga o sujeito a diversidades de suas vivências as práticas sociais o qual está inserido. Por isso, em “Adversativas”, a metalinguagem aparece envolta da crise do poeta em se equilibrar em um limiar, suas subjetividades e pensamentos e a vida representada na realidade. A pena e o escrever serão levados por ele, em meio a este equilíbrio, até sua morte, ou seja, até “o dia do ataúde...”.

“Trovas” é o outro poema de Lóla Prata aqui apresentado. Ele está inserido no livro chamado *Um buquê para você*, cuja autora publicou primeiramente há tempos por meio da gravação de uma fita K7. Não foi encontrada a data da publicação, somente a página que comenta em poucas linhas a respeito de algumas poesias deste livro. Segundo Prata:

No passado, havia composto uns três ou quatro poemas e, agora, na maturidade, fui desbravar esse lindo caminho e, estudando a técnica com poetas da *Associação de Escritores de Bragança Paulista*, ousei criar poemas, trovas, sonetos e hai-cais. Pareceu-me um jogo divertido com as letras, a contagem das sílabas, o som das rimas. E gostei. E gostaram. Então, nasceu mais um livro, o primeiro de versos. Soltei-me na poesia lírica, engajada na realidade ou escapando dela, na fantasia das metáforas.<sup>127</sup>

Nesta citação, a escritora declara que suas subjetividades e anseios são soltas por meio das poesias que escreve e apresenta na fita K7. Hoje, elas estão todas publicadas na internet. Veja-se, “Trovas”:

#### *Trovas*

<sup>127</sup> Disponível em: [http://www.lolaprata.com.br/livro\\_um\\_buque.htm](http://www.lolaprata.com.br/livro_um_buque.htm) Acesso jan de 2014.

Cante a vida, trovador;  
em rimas, vai declamar,  
traduz em versos o amor,  
perpetua teu sonhar !

Ah ! Trovas sobre esta vida,  
que poderei escrever ?  
Seja longa ou resumida,  
o que importa é bem viver !

Brilha o sol, refulge a lua  
estrelas, planetas, mar  
e a vida se perpetua  
no destino de criar ! (PRATA)<sup>128</sup>

Apesar de a trova ser breve e rimada, parecendo mais uma cantiga, ela convida a largas reflexões. Três estrofes com quatro versos cada, todos em redondinha maior e com rimas alternadas. Guida, diferente das demais escritoras, possui muitas trovas publicadas, e nesta o declamar do trovador, canta o amor para perpetuar seu sonhar. “Cante a vida, trovador;/em rimas, vai declamar,/traduz em versos o amor,/perpetua teu sonhar.” O verbo “sonhar” simboliza que as subjetividades do trovador são eternizadas, por meio dos versos de amor que escreve e que sem seus versos não sobreviveria.

Continua assegurando que, além do amor, escreverá a respeito da vida: “Ah! Trovas sobre esta vida, que poderei escrever? Seja longa ou resumida, o que importa é bem viver.” Logo, o trovador só vive bem quando escreve. O poema trabalha a metalinguagem no sentido de que o trovador tem a criação como razão de seu destino, perpetua-se a cada dia e vive bem, por poder escrever.

A última escritora apresentada neste tópico é Verluci Almeida, por compor o maior número de poesias neste segmento do lirismo experimental-metalinguístico. A autora que publica com bastante assiduidade em sua página do *Facebook* e sempre retoma as poesias que metalinguísticas em suas postagens. Na verdade, como referido acima, tanto poema de lirismos intimistas filosóficos, amorosos e metalinguísticos foram os mais encontrados nos versos de Almeida. Tanto que já tinham sido selecionados os poemas para serem aqui discutidos, quando diariamente, visitando a página, outros apareceram e foram ao poucos inseridos na pesquisa.

---

<sup>128</sup>

Disponível em: <http://www.lolaprata.com.br/novo/UM-BUQU%C3%8A-PARA-VOC%C3%8A%21.php> Acesso jan 2015.

Iniciando com o texto “Presente”, cuja primeira observação foi a forma de composição da poesia, o soneto foge da linha do fazer poético dessa escritora em questão, porque geralmente os versos de Almeida são brancos e livres.

*Presente*

Quero sim, teu verso simples, inocente  
Que acabaste de escrever inda agora.  
Fizeste-o juntando a luz do Sol poente  
Ao sabor adocicado de uma amora.

Quando dizes que és pobre, mentes!  
A maior riqueza são estes teus versos  
Que transformas em belos presentes,  
Louvando sentimentos mais diversos.

Gostaria muito em um tempo vindouro,  
Que todos os teus mimos, os teus zelos.  
Que tudo o quanto chamas de tesouro

Enviasse-me para que possa vê-los.  
Como uma joia de prata ou de ouro  
Será o maior prazer, comigo tê-los! (ALMEIDA)<sup>129</sup>

Como é comum em um soneto, apresenta o assunto na primeira estrofe, o desenvolve na segunda e terceira e o conclui na última. O eu-lírico deseja os versos de um alguém, depois discorre acerca desses belos versos que “louvam sentimentos”, intencionando então tê-los. Fecha o soneto comparando o possuir de tais versos com o apreço a uma joia, ou seja, algo de significativo valor.

A natureza está presente logo no início da poesia, também característica desta escritora. “Quero sim, teu verso simples, inocente/ Que acabaste de escrever inda agora./ Fizeste-o juntando a luz do Sol poente/Ao sabor adocicado de uma amora.” Os versos que foram escritos tem um toque de suavidade, leveza, do telúrico, quando metaforicamente consiste em ter sido escritos com a “luz do sol poente” e o “sabor adocicado da amora”. A metalinguagem deste trecho se dá em explicar como, subjetivamente, pode-se escrever uma poesia.

Na segunda estrofe os versos são metaforizados como presentes, no sentido de presentear alguém, “A maior riqueza são estes teus versos/Que transformas em belos presentes”, o que dá o título ao soneto. O poeta do soneto chama seus versos de “zelos” e “mimos”, vocábulos que também podem representar presentes, carinho, afago e carícias, todos comparados a “prata” e “ouro” no final da

<sup>129</sup> Disponível em: <http://www.verluci.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=3765367> Acesso jan 2015.

poesia, simbolicamente são joias. Já que o recurso da metalinguagem foi empregado para a reflexão sobre o ato de escrever, aqui o poeta tentou explicar sua subjetividade a qual consiste em ter os versos escritos, que quando escrita por um determinado alguém implícito no soneto, a palavra é como o maior dos presentes.

“Intenção” já é um poema mais explicitamente de lirismo confessional-metalinguístico, ele aparece em cada verso e vai descrevendo o encantamento e a magia que ocorre entre o encontro do leitor e do poeta, tal qual corresponde o título. O meio deste encontro é a poesia, que transmitirá ao leitor a possibilidade do “compartilhar de sonhos”, entre as partes envolvidas.

### *Intenção*

É mágico o instante em que o poeta e o leitor  
Se encontram numa poesia.

Nestes momentos,  
Compartilham seus sonhos  
Em uma catarse colorida.

Pisam em nuvens azuis  
Apanham estrelas  
Catam vagalumes

Com belas flores  
Pintam um arco-íris no céu.  
É pura magia! (ALMEIDA)<sup>130</sup>

O texto parece ter sido escrito com doçura, com a alma alegre e cheia de subjetividades que alcançam um momento de magia, em que, até mesmo uma catarse acontece. “Compartilham seus sonhos/Em uma catarse”. Depois o poema segue repleto de descrições que envolvem a natureza, como um mundo encantado de contos de fadas e magia: “Pisam em nuvens azuis/ Apanham estrelas/ catam vagalumes/ Com belas flores/ Pinta, um arco-íris no céu.” As imagens representam leveza, positividade e encantamento.

Como a metalinguagem pode representar, por meio das palavras, parte do que o poeta sente, almeja, sonha, deseja, no breve poema abaixo, tem-se um exemplo bem explícito da metalinguagem:

O Poeta é eterno! Sua palavra permanece e ele  
Renasce toda vez que novos olhos  
Percorrem

<sup>130</sup> Disponível em <https://sitedepoesias.com/poesias/45686>. Acesso jan 2015.

Sua obra. Muitas vezes, suas palavras  
Ficam  
Arquivadas em nossa memória e em nossos  
Corações. (ALMEIDA)<sup>131</sup>

O primeiro verso, o qual eterniza o poeta, na verdade esconde por traz do verso, o próprio verso. O poeta, para se perpetuar no tempo, precisa de seu instrumento: o verbo, a palavra. E para o eu-lírico “Sua obra. Muitas vezes, sua palavras/Ficam/Arquivadas em nossa memória e em nossos/Corações.” Perceba-se que o verbo “ficam” está sozinho, representando um verso. Sozinho ele cria mais força, mais vigor, tanto na leitura, quanto na representação do próprio verbo. É como se ele estivesse sozinho para ser frisado, na poesia.

Já que a metalinguagem acontece na poesia quando a própria linguagem se debruça sobre si mesma, nela o poeta elucida, reflete, discorre a respeito do fazer poético, querendo explicar a si próprio, auto se afirmar o que sente no momento da criação. Os textos apresentados são apenas alguns exemplos do que foi lido. Foram encontradas, ainda, muitas outras nos versos de Almeida como esta poesia.

Poesias mais breves em extensão, só que ao mesmo tempo, simbolizando a grandeza, a força e a importância do fazer poético para essas escritoras, assim como as apresentadas na epígrafe em que Almeida escreve: “Poesia não é para se compreender/ é para sentir”. Ou ainda: “Enquanto houver sonhos, amor. Esperança e fantasias/ Haverá poeta e poesias.”

Enfim, as subjetividades se manifestam, principalmente a partir dos pensamentos e sentimentos de cada poeta, logo demonstram marcas de uma interioridade relacionada ao mundo exterior, em que não se pode desvincular do tempo histórico. Pode-se pensar na subjetividade em um processo em curso, constituída pela pluralidade das práticas políticas e sociais que vive o poeta, pois é a partir disso que criam suas subjetivações. Por isso, o espaço virtual é imprescindível para que tal prática social aconteça. Se os mesmos textos fossem publicados somente em meio ao material impresso, não alcançariam o público e a troca que alçam entre escritor e leitor. Como exemplo, termina-se o capítulo com um pequeno poema da autora que traduz essa vontade e necessidade de escrever: “Não

---

<sup>131</sup> Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/MTQyMTM5Mg/> Acesso jan 2015.

devemos esquecer nossos sonhos guardados nas gavetas./Por isso, escrevo. faça o mesmo. liberte o poeta que habita em alma.” (ALMEIDA)<sup>132</sup>

Mesmo estando sozinhas, essas escritoras se comunicam com o mundo. Os computadores são, praticamente, a extensão do corpo humano, permitindo ao homem viajar, conhecer, comunicar-se, enquanto o corpo permanece parado. Em meio a isso, a interioridade pura, introspectiva, lugar em que moravam as intimidades, verdades e pensamentos do sujeito, são determinadas a partir dos espaços socialmente construídos. Se, hoje, a internet é um desses principais espaços, as subjetividades se tornam viáveis para a visibilidade, pois se exteriorizam.

---

<sup>132</sup> Disponível em: <https://twitter.com/verluci> Acesso jan de 2015.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após meses de busca, contato e pesquisa a propósito da vida e da obra de mulheres que escrevem literatura no espaço virtual, chegou-se a algumas conclusões. Isso posto, cabe destacar que a presente tese constitui-se em uma tentativa de apresentar alguns apontamentos como: qual o perfil biobibliográfico dessas mulheres? Se esse perfil influenciou na escrita das autoras? Qual o gênero textual mais empregado por elas? Sobre o que escrevem? Por que escrevem? De que forma as subjetividades se manifestam em seus textos de literatura e, principalmente, o que o ciberespaço representa na vida delas? Ele pode ser um meio libertador de suas dores, angústias e sentimentos diversos?

Em primeiro lugar, quem são essas mulheres? Surpreendentemente, a grande maioria são senhoras entre a faixa-etária aproximada dos cinquenta aos oitenta anos de idade. São casadas, viúvas ou divorciadas, algumas apresentam comentários em seus blogues ou em outras páginas a respeito do esposo, companheiro ou, até mesmo, da solidão causada pela viuvez. Essa solidão faz com que o espaço virtual se torne um ambiente de interação, amizades, liberdades de exposição daquilo que sentem, juntamente com o binômio escrita-leitura, porque a recepção dos textos é sempre rápida e satisfatória.

No que se refere à profissão delas, são diversas as carreiras encontradas, mesmo assim, uma grande parcela tem ou teve ocupações relacionadas com o universo da palavra como: professoras, pedagogas, psicólogas e jornalistas. A maioria teve filhos e netos; porém, atualmente, vive em um momento de maior tranquilidade, pois os filhos já estão casados. Essas mulheres estão somente com companheiro em casa ou, até mesmo, sozinhas, por terem se divorciado ou ficado viúvas.

Por isso, depois de já estarem em uma vida, digamos mais “madura”, em que a idade lhes trouxe a calma de ter maior tempo para elas, encontraram por meio da internet o grande prazer de escrever. Algumas escritoras acreditam que culturalmente as mulheres já têm maior facilidade e necessidade de se expressar, o que possibilita esse maior número de escritoras publicando. Como afirma Azevedo, uma das autoras aqui estudadas, “As mulheres são dotadas de maior sensibilidade do que os homens. Por esse motivo, elas apreciam colocar no papel, seus

sentimentos em relação ao mundo que vivemos.” E ainda completa ao enfatizar que, geralmente:

Uma perda, uma experiência boa ou má. Sentir o que as pessoas estão vivendo, suas aflições e alegrias, experiência própria ou de outros, enfim, são tantas as razões que nos levam a escrever, até o estado de angústia faz parte desse contexto (AZEVEDO, entrevista).

O número de mulheres que escrevem literatura, não só nas academias selecionadas para esta tese, mas também em outros ambientes da rede, é igual ou maior do que os escritores do sexo masculino. Elas encontraram nesse suporte um meio de divulgação altamente satisfatório e de retorno imediato. O contato com o público é bem maior do que se estivessem publicando no meio impresso. Segundo muitas delas, foi por meio da internet que conseguiram ter seus textos lidos, recebendo acolhimento e carinho das pessoas.

Algumas escritoras afirmaram ter na escrita uma terapia, que não saberiam mais viver sem publicar no espaço virtual: “Escrever para mim é um alimento para a alma. Sinto-me mais forte quando escrevo” (AZEVEDO). Outra autora relata: “hoje não consigo parar de escrever além de tudo é a melhor terapia que existe.” (LUCONI). Além disso, tornam-se conhecidas e reconhecidas por muitas pessoas: “Aliás, para propagar as mensagens eu fiz o blogue de meus textos de minha autoria, para que ficando conhecida eu conseguisse que as mensagens do outro *blog* fossem lidas, e assim aconteceu, hoje não consigo parar de escrever” (LUCONI).

Quanto à produção, não só os ambientes virtuais, mas os gêneros textuais utilizados e as temáticas encontradas são bem diversificados. Encontra-se de tudo um pouco. Mulheres que escrevem textos altamente religiosos, que estão encharcados de cristandade e fé; porém, ao mesmo tempo, em outro espaço virtual, escrevem textos com tons sensuais e eróticos. Muitas prosas poéticas, textos repletos de lirismo, com descrições bucólicas, envoltos de natureza e angústias da alma humana. Algumas peças teatrais, tanto adultas quanto infantis, acrósticos, “poeminiis” (poesias curtas associadas a uma imagem). Enfim, a produção é muito vasta e pode servir de material para muitos pesquisadores. Todavia, é ainda na poesia, que a maioria delas expõe seus sentimentos e emoções.

Relacionando a produção encontrada ao perfil das escritoras, pode-se afirmar que muito se têm da poesia confessional. Uma das autoras revela que:

As melhores poesias são escritas quando o poeta está sofrendo dores de amores, ou quando está muito triste... Quando está passando por uma excelente fase também. Tenho um amigo que escreve muito bem sonetos e poemas e vive criticando minhas poesias de alto-astral. Diz que os leitores preferem poesias de sofrimento de mal de amor, pois se identificam mais com elas (ALMEIDA).

Nos diversos temas encontrados, percebe-se que em alguns momentos quem está falando na poesia não é a voz chamada de eu-lírico, mas sim a própria escritora. Foram lidos em diversos blogues histórias de perdas ou ganhos dessas mulheres e, subseqüentemente, poemas que retratavam com exatidão o sentimento de determinado acontecimento, compartilhado para o público da internet. Algumas escritoras afirmaram que é importante o contato com os leitores, pois eles incentivam, comentam, sugerem e ainda “sabem ler com os olhos da alma”.

[...] por mais que eu faça analogias, sempre conseguem perceber nas entrelinhas o meu estado de espírito, e em seus comentários ou em e-mails nestes casos me enviam sempre a palavra certa. Não há coisa melhor do que se saber compreendida, é afago no coração e carinho para a alma. Tanto me sinto bem neste espaço que na verdade não mais chamo de *blog*, mas sim minha casinha virtual, onde sempre tem um cafezinho quente adoçado com amor e um bolo saído do forno (LUCONI).

Mais uma vez se chega à afirmação de que a internet é um espaço que traz liberdade para essas mulheres. O que escrevem sinaliza, muitas vezes, o que estão sentindo, querendo assim, traduzir seu estado de alma para os versos expostos no meio virtual. Ao longo da pesquisa, três escritoras se interessaram pela tese e trocaram mensagens semanais por meio do *Facebook* para perguntar e comentar sobre o presente trabalho. Feito que se julga interessante, pois gostaram de fazer parte de uma pesquisa acadêmica, retratando que seria importante que as pessoas soubessem que, hoje, a mulher “criou asas e viaja pelo mundo” a partir da tela de seu computador.

Vale lembrar que a escrita dessa literatura publicada na rede não se altera por estar no ambiente virtual. Ou seja, se fosse escrita no papel, como o caso de autoras que já escreviam e somente com a chegada da internet passaram do meio físico papel para a tela, teria o mesmo formato. Entre a internet e o impresso, só muda o meio físico e as possibilidades de alcance ao público. Assim, a escrita não

se altera no meio virtual. Ela corre riscos de ser cortada, copiada, reeditada, mas quando postas na rede pelas escritoras, é somente o meio de publicação que muda.

Entre as poesias escolhidas e lidas durante muitos meses, alguns temas apareceram com maior frequência. Selecionados e discutidos no capítulo quatro deste trabalho, dividem-se em: lirismo filosófico-intimista, amoroso, religioso, a poesia que fala da própria mulher e, por fim, a do fazer poético. Por meio dessas poesias, as subjetividades encontradas permanecem ligadas ao intimismo de cada uma delas e ao universo feminino de fazer poesia.

Segundo Sibilía (2008), tudo caminha para que o eixo em que as subjetividades se constroem esteja sendo deslocado do espaço interior dos pensamentos e da alma humana, dos mais profundos conflitos do “eu”, passando a se estruturar no corpo, ou melhor, na imagem visível do que cada um constrói de si mesmo. Assim, a pura interioridade, na qual residiam verdades do sujeito, hoje, é socialmente construída mediante a propagação das novas tecnologias digitais, em que se apresentam subjetividades que se exteriorizam, ou seja, o homem é preciso aparecer para ser.

Relacionado isso às ideias foucaultianas, sobre a construção das subjetivações humanas, o sujeito não constrói suas subjetividades somente em torno de si, do que sente isoladamente do mundo. Ele participa de uma sociedade que sempre apresenta relações de poder, as quais implicam as relações humanas e as formas de existência. Dessa maneira, o homem age sobre as ações de outrem. Neste ínterim, a exterioridade atua na construção das subjetividades.

O universo dos diários íntimos, das trocas epistolares da solidão, do quarto e das interioridades cantadas pelos poetas sobre sua alma ficaram, definitivamente, distante da natureza das escritoras aqui selecionadas. Na *web*, as confissões da alma se tornam públicas. Nos poemas analisados foi encontrado o tom confessional dessas escritoras com bastante frequência, comprovado nas entrevistas realizadas. Ou seja, nos mais variados tipos poéticos selecionados, a alma cantada por meio do eu-lírico é a da escritora.

Por isso, o espaço virtual passa a ser um meio libertador para tais mulheres, não somente devido à facilidade e à liberdade na hora da publicação, mas também por ser tornar possível levar a um número ilimitado de pessoas o sentir, os conflitos interiores, os pensamentos, as alegrias e a importância do fazer poético. Em um momento da vida em que as funções sociais da mulher como mãe, esposa e

profissional já estão em meio a maior tranquilidade, o espaço virtual se torna uma maneira de alimentar o sonho e a vida dessas autoras, sendo possível o maior número de escritoras que escritores:

Acredito sim que o número de mulheres seja bem maior do que o de homens, apesar que tenho grandes amigos que têm belas casinhas na net, eu acredito que isto se deva ao fato da mulher ter a sensibilidade mais a flor da pele, veja bem, eu não disse maior, também a necessidade de falar de seus sentimentos e ter quem as ouça, percebem que é uma forma de receber ajuda e ajudar emocionalmente e moralmente. Geralmente apesar de estarem rodeadas de gente existe dentro delas um vazio que tentam preencher, uma certa solidão. Então procuram uma atividade que reunirá ao seu redor pessoas que compartilham de suas ideias, seus ideais (LUCONI, s/n).

Diferente de Luconi, Azevedo acredita que o maior número de mulheres se dá pelo fato de “que a maioria é formada por mulheres como eu, cujos filhos já não necessitam de cuidados diários e que têm bastante tempo livre.”

Enfim, acredita-se que a internet tenha sim oportunizado que diversas mulheres divulgassem por meio de suas poesias as subjetividades da alma da mulher. E, com vistas a finalizar este estudo, empregam-se a descrição que uma das autoras dá sobre os sentimentos que a levam a escrever: “É a minha alma que transborda e só se acalma depois que escrevo os quadros que ela pinta, a escrita me acalma, só consigo escrever o que sinto, se me derem um tema, nunca faço na hora, [...] uma hora quando eu menos esperar vem a inspiração, tenho que sentir.” (LUCONI, s/n)

## REFERÊNCIAS

**Academia Virtual Brasileira de Letras:** Disponível em: <http://www.avbl.com.br/> - Acesso em: 06/07/2013.

**Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores:** Disponível em: <http://www.avbl.com.br/website/> - Acesso em: 06/07/2013.

**Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores.** Disponível em: <http://www.avspe.eti.br/> - Acesso em: 05/07/2013.

ALVES, Maria Angélica **A educação feminina no Brasil do entre-séculos (XIX e XX) imagens da mulher.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2011). Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0540.pdf> Acesso em: 02 de mar. 2014.

ANDRADE, Paula Valéria. **Panorama da Dramaturgia Brasileira.** Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/ag48andrade.htm> Acesso em ago. de 2014.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Hucitec, 2003.

BATISTA, Edilene Ribeiro. **A produção Literária Feminina Brasileira nos Séculos XVII e XVIII.** Disponível em: [http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/edilene\\_ribeiro.pdf](http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/edilene_ribeiro.pdf). Acesso em: 01 dez. de 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. A Escola Normal: uma Escola para Mulheres? A Formação de Professores/as para o Ensino Primário no Rio de Janeiro do Império à República. In: CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza e SILVA, Vera Lucia Gaspar da. (orgs). **Feminização do Magistério:** vestígios do passado que marcam o presente. Bragança Paulista: Edusf, 2002.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências.** Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2007.

BRANCO. Lucia Castello. Para além do sexo da escrita. In. Viana, Lúcia Helena. Mulher e literatura. **IV seminário Nacional** – Anais. Niterói: 1991. p. 211-221.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** 2ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004.

BRITO, Maria dos Remédios de. Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a ideia de subjetividade desterritorializada. In: **Revista ALEGRAR** nº09 - jun/2012 - ISSN 18085148. Disponível em: [http://www.alegrar.com.br/revista09/pdf/dialogando\\_com\\_gilles\\_maria\\_brito\\_alegrar9.pdf](http://www.alegrar.com.br/revista09/pdf/dialogando_com_gilles_maria_brito_alegrar9.pdf) Acesso em 02 de jan 2015.

BRUNI, José Carlos. **O Sujeito em Foucault**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, (1989).

BRUNO, F. & PRADO, R. **Entre aparecer e ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea**. (2005). Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/errata/RosaPedroFernandaBruno.pdf> Acesso em: 02 de set 2014.

CANDIDO, Antonio. O escritor e o público. In: CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 7 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1985b, p. 73-88.

CARDOSO, Hélio Rebello Jr. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. In: **Psicol. Reflex. Crit.** vol.18 no.3 Porto Alegre Sept./Dec. 2005 Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000300008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000300008&script=sci_arttext) Acesso em 10 dez. 2014.

CASTANHEIRA, Claudia. **Escritoras brasileiras: percursos e percalços de uma árdua trajetória**. Disponível em: <http://www.unig.br/cadernosdafaef/ARTIGO%20CADERNOS%208%20CLAUDIA%20CASTANHEIRA.pdf> Acesso em 02 de abril de 2014.

CHALUB, Samira. **A metalinguagem**. São Paulo: Ática, 2005.

CIXOUS, Hélène. La risa de la medusa: ensayos sobre la escritura. Barcelona: Anthropos : Madrid : Comunidad de Madrid : San Juan : Universidad de Puerto Rico, 1995. IN: OLIVIERA, Marcos de Jesus. **Écriture Féminine**: Um olhar a partir da estética da existência. Disponível em: [<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art17.html>]. Acesso em: set 2014.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 2002.

\_\_\_\_\_. O desafio ao Cânone: consciência histórica versus discurso em crise. In: CUNHA, Helena Parente. **Desafiando o cânone**: Aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

\_\_\_\_\_. Tendências atuais da literatura feminina no Brasil. In: Coelho et al. (Org) **Feminino singular**: participação da mulher na literatura brasileira contemporânea. Edições GRD. São Paulo: 1989. p. 3-13.

COELHO, Roberta de Souza. **Mulheres e meninas na computação: realidade e desafio**. Revista Brasileira da Sociedade de Computação. Número 23. Disponível em [http://www.sbc.org.br/index.php?option=com\\_jdownloads&Itemid=195&task=finish&cid=563&catid=122](http://www.sbc.org.br/index.php?option=com_jdownloads&Itemid=195&task=finish&cid=563&catid=122) Acesso em 02 ago 2014.

COLASANTI, Marina. **Porque nos perguntam se existimos?** IN: . Fragatas para terras distantes. Rio de Janeiro: Record, 2004.p. 65-77.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. Discurso, Sujeito e subjetividade. In: SANTOS, João Bôsko Cabral. **Sujeito e subjetividade: Discursividades Contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2009. 25-41 p.239-256.

CORRÊA, A. A. Técnica e valor do texto literário na era digital. In: **Texto Digital**, Florianópolis, v. 1, p. 91-97, 2004. Disponível em:

<<http://www.textodigital.ufsc.br/textodigital01.pdf>>. Acesso em: 07 de jul. 2013.

CORRÊA. Regina Helena M. A **Leitoras a escritoras: uma viagem pelo ciberespaço**. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2011nesp1p161/22905> Acesso em set.2014.

DE LUCA, Tania Regina. Mulher em Revista. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. P. 447-468.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Lisboa: Editora Afrodite, 1967.

DEL PRIORI. M. **Mulheres no Brasil colônia**. São Paulo: Contexto, 2003.

DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

D'INCAO. Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.) e BASSANEZI, Carla (coord. de texto). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p.223-240.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo no Brasil: Pequena história**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010) Acesso em 02 de jan. 2013.

DUARTE Constança Lima. **Mulher e escritura: produção letrada e emancipação Feminina no Brasil**. Disponível em: (UFMG) (2011) <http://www.poscritica.uneb.br/revistaponti/arquivos/v1n1/v1n1-73-84.pdf> Acesso em: 01 dez. de 2013.

\_\_\_\_\_. Estudos de mulher e literatura: história e cânone literário. In: XAVIER, Elódia (Org.). **Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995, p. 21-33.

DUPAS. Gilberto. **Tensões contemporâneas entre o público e o privado**.

Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 124, p. 33-42, jan./abr. 2005 disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n124/a0335124.pdf> Acesso em 01 de set de 2014.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. **Identidade e subjetividade na produção Poética de Arnaldo Antunes**. Disponível

em:<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/AntonioFernandesJunior.pdf> Acesso em dez 2014.

FIORINDO, Priscila Peixinho. **As diferentes faces do sujeito na Análise do Discurso**. Disponível em: <http://unegroparana.blogspot.com.br/2014/08/as-diferentes-faces-do-sujeito-na.html> Acesso em dez 2014.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 4ª edição; Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **Historia da sexualidade**. III: o cuidado de si. São Paulo. Ed. Graal. 9ª edição, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo. Ed. Martins Fontes. 2ª edição, 2006.

\_\_\_\_\_. A Ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: MOTTA, M. B. (org.). FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos V**. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2004. (p. 264-287)

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir** (1975). Petrópolis. Ed. Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. Verdade e Poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25º Ed. SP: Graal, 2012.

\_\_\_\_\_. **Dois ensaios sobre o poder**. Foucault: um Parcours Philosophique (DREYFUS, RABUNOW, Paul), Paris, ed Gallumard (Tradução Lília Vaz Aguiar. EFF, 1989, mimeo).

GARCIA Cristina Carla. **Breve História do Feminismo**. Ed Claridade. São Paulo: 2011.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix e ROLNIL, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis:Vozes, 1986.

GOTLIB, Nádía Battela. **A literatura feita por mulheres no Brasil**. Disponível em <[http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo\\_Nadia\\_Gotlib.htm](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_Nadia_Gotlib.htm)>. Acesso em: 13 dez. de 2013.

\_\_\_\_\_. Viajar, dissimular, pulsar: para uma biografia de Clarice Lispector. In: **Revista de Letras** (Fortaleza), v. 5, p. 179-189, 2010. Disponível em: [http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Colecao\\_Diversos/Mulher\\_Literatura/ACL\\_A\\_Mulher\\_na\\_Literatura\\_17\\_Viajar\\_dissimular\\_pulsar\\_para\\_uma\\_biografia\\_de\\_Clarice\\_Lispector\\_NADIA\\_BATTELA\\_GOTLIB.pdf](http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Colecao_Diversos/Mulher_Literatura/ACL_A_Mulher_na_Literatura_17_Viajar_dissimular_pulsar_para_uma_biografia_de_Clarice_Lispector_NADIA_BATTELA_GOTLIB.pdf) Acesso em 16 jul. de 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Tradução, Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

KAUSS, Vera Lucia Teixeira. **A transgressão na construção da identidade feminina. Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na**

**prosa e na poesia (anos 70/80).** Organizadora: Helena Parente Cunha Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999, p.99-101.

KOLOGY, Helena. **Poetisa.** Caderno nº 13, Museu da Imagem e do Som. Curitiba. PR, 1989.

LANDOW, George P. **Hipertexto: La convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología.** Tradução de Patrick Ducher. Barcelona: Paidós, 1992.

\_\_\_\_\_. **Hypertext and De-Centering.** Disponível em: <http://www.cyberartsweb.org/cpace/ht/jhup/decenter.html>. Acesso em ago. 2014.

LEITE, Luiza Barreto. **A mulher no teatro brasileiro.** Rio de Janeiro: Espetáculo, 1965.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Que é Virtual?** (1996) Rio: Editora 34. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq\\_interface/6a\\_aula/o\\_que\\_e\\_o\\_virtual\\_-\\_levy.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-_levy.pdf) acesso em agosto de 2014. Acesso em 02 de jan. 2013.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. **Imprensa feminina no Brasil.** Disponível em: Sandra <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2219/1320> Acesso em abr. 2014.

LOBO, Lilian. **A literatura de autoria feminina na América Latina.** Disponível em <http://filipe.tripod.com/LLobo.html> acesso em 15 fev. 2014.

LOBO, Luiza. **Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LOURO, Guarcira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.) e BASSANEZI, Carla (coord. de texto). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 443-481.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade.** Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/139/172> Acesso em 02 de dez. 2014.

MARTINS, Sonia Olades. **Uma segunda mudança na esfera pública.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/1440/1/SegundaMudan%C3%A7aEstrutural.pdf> [repositorio.ufu.br](http://repositorio.ufu.br) Acesso em ago. 2014.

MARX, K, ENGELS, F. **A ideologia alemã e outros escritos.** Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1965.

MELO, Cimara Valim .**Lya Luft: Percursos entre Intimismo e Modernidade**. 2005 Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal do rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005. Acesso em: acesso em: 14 jul. 2014.

MIRANDA , Arilda Inês Ribeiro. **Mulheres e educação no Brasil-colônia: histórias entrecruzadas**.Disponível em:  
[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_021.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_021.html)  
Acesso em 01 de set. de 2014.

MIRANDA, Luciana Lobo. Subjetividade: A (Des)construção de um Conceito. In: Solange Jobim e Souza (Org.) **Subjetividade em Questão: A Infância como Crítica da Cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro:7 letras, 2005, v. 1 p. 29-46

MOREIRA. Ubirajara Araujo. **Adélia Prado: uma poética da casa**. UNILETRAS 22, dezembro 2000 Disponível em:<file:///C:/Users/Claudio/Downloads/200-664-1-PB.pdf>  
acesso em 15/07/2014, Acesso em 15 jul. 2014.

MURANI, Ana Claudia. **Literatura e Internet**. 2011. Disponível em:  
<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/anamunari.pdf> Acesso em ago 2014.

MUZART, Zahidé (org). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org). **Escritoras Brasileiras do Século XIX**:Antologia. Ed. Mulheres/Edunisc, 1999.

OLIVEIRA, Karine da Rocha. **Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família**. Fundação Biblioteca Nacional – Ministério da cultura. Programa Nacional de Apoio a Pesquisa. 2009  
Disponível em: [http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/Karine\\_da\\_Rocha.pdf](http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/Karine_da_Rocha.pdf) Acesso em 02 de dez. de 2013.

OLIVEIRA, Luciane; OLIVEIRA, Luciano. O Silêncio literário das mulheres brasileiras. In: **Revista Interdisciplinar** Ano 5, v. 10, jan-jun de 2010 – ISSN 1980-8879 | p. 145-156 Disponível em:  
[http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ\\_INTER\\_11/INTER11\\_13.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_11/INTER11_13.pdf) Acesso em 01 de set de 2014.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PASSOS. Lucas. **Literatura (d)e autoria feminina: questões introdutórias**. Disponível em: <http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/10/08/literatura-de-autoria-feminina-questoes-introdutorias/> Acesso em 02 de set de 2014.

PEREIRA, Lúcia Miguel. As mulheres na literatura brasileira. In: **Revista Anhembi**, nº 49, ano V, vol. XVII. São Paulo, dez. 1954.

PAZ, Octavio. **A outra voz**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993. Acesso em dez 2014.

PERROT, Michelle (org). **História da vida Privada 4: da revolução francesa à primeira guerra**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

PEZ. Tiaraju Dal Pozzo. **Pequena análise sobre o sujeito em Foucault: a construção de Uma ética possível**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/TiarajuDPpez.pdf>

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

PINSKY. Bassanezi Carla. Mulheres nos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.) e BASSANEZI, Carla (coord. de texto). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 607-637.

\_\_\_\_\_. A Era dos Modelos Flexíveis. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. P. 469-512.

PLANT, Sadie. **Mulher Digital: o feminismo e as novas tecnologias**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1999.

PRADO, Arthur. A escrita da intimidade: o quarto entre o público e privado. In: **Caderno Pagu**. 2013. Disponível.. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332013000200022&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332013000200022&script=sci_arttext) Acesso em 02 de set de 2014.

PRADO FILHO, Kleber. Uma história crítica da subjetividade no pensamento de Michel Foucault. In: FALCÃO, Luis Felipe, SOUZA, Pedro de (Orgs.). **Michel Foucault**. Perspectivas. Rio de Janeiro, Achiamé, 2005.

RAMALHO, C. As faces líricas da escritora brasileira. In: **Deslocamentos da Escritora Brasileira**. Eduem, Maringá-PR, 2011.p. 25-43.

RAMALHO, Telles. **Se quiser conhecer as mulheres, leia Ana Cristina Cezar**. 2003. Disponível em: <http://facadax.com/2013/11/08/se-quiser-conhecer-as-mulheres-leia-ana-cristina-cesar/> acesso em 15 jul. 2014.

RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. São Paulo: Record, 1980.

REVEL, Judhit. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **Mulheres e educação no Brasil-colônia: histórias entrecruzadas**. Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_021.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_021.html). Acesso em: 10 dez. 2013.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: autêntica, 2000. p.79-94.

RIBEIRO, Ana. Elisa. **Ler na tela – letramento novos suportes de leitura e escrita**. IN: COSCARELLI, C.V.; RIBEIRO, A.E. (Org.) Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.p. 125-150

RODRIGUES, Marise. **A presença de Maria Jachinta na Dramaturgia Brasileira do Século XX**. In: Olhares sobre textos e encenações, EDUFAL, Salvador, 2007, p. 275 a 288.

RODRIGUES, Marise. **O florete e a máscara – Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2001.

ROSEMBERG, Fúvia. Mulheres educadas e educação de mulheres. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.p. 333-359.

SANTAELLA. Lucia. Para compreender a ciberliteratura. In: **Texto Digital**. Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 229-240, jul./dez. 2012. ISSN: 1807-9288  
2 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1807-9288.2012v8n2p229> Acesso em: 03 de set. 2014.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. **Leituras de nós**. Ciberespaço e literatura. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

\_\_\_\_\_. **Leituras de nós**. Ciberespaço e literatura. São Paulo: Itaú Cultural, 2003. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/000402.pdf> Acesso em ago. 2014.

SANTOS. Leandra Alves. **Hilda Hilst: amor, angústia e morte – passagens Grotescas de uma arte desarmônica**. Dissertação. Mestrado em Letras. Araraquara 2006. Disponível em: [http://www.hildahilst.com.br/cpweb0022.servidorwebfacil.com/arquivos/PDF/leandra\\_santos.PDF](http://www.hildahilst.com.br/cpweb0022.servidorwebfacil.com/arquivos/PDF/leandra_santos.PDF) Acesso em 02 de dez 2013.

SILVA. Antônio de Pádua Dias. **A diferença na autoria feminina Contemporânea. In: Deslocamentos da Escritora Brasileira**. Eduem, Maringá-PR, 2011.

SILVA. Lídia J. Oliveira Loureiro da. **A Internet – a geração de um novo espaço Antropológico**. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/silva-lidia-oliveira-Internet-espaco-antropologico.pdf> Acesso em 02 de ago 2014.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Como se fosse um cavalo. In: **2º Salão do Livro Infantil e Juvenil de Goiás**, Palestra, 10/10/2001 Disponível em <http://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html>.. Acesso em 16 jul. 2014.

SILVA, José Marcelo. **A legitimação da produção textual no ciberespaço**. Disponível em:

file:///C:/Users/Claudio/Downloads/3453-12697-1-PB%20(3).pdf acesso em out 2014.

SILVA Claudicélio Rodrigues. **Estigmas do sagrado: O Deus pós-moderno na poesia de Augusto Cassas**. Disponível em:  
[file:///C:/Users/Claudio/Downloads/ESTIGMAS DO SAGRADO ARTIGO%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Claudio/Downloads/ESTIGMAS_DO_SAGRADO_ARTIGO%20(1).pdf)  
 Acesso em jan 2015.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRASIL, Érico. **Dicionário** . Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade – bibliográfico e ilustrado, 2000.

SCHWARTZ, Juliana. et al. **Mulheres na informática, quais foram as pioneiras?** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n27/32144.pdf> Acesso em 02 de ago.de 2014.

SIBILIA, Paula. **Show do eu: a intimidade como espetáculo**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2008.

STAMATTO, M.I.S. **Um olhar na história: a mulher na escola Brasil 1549 – 1910**. Disponível em:  
<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf> Acesso em 1 de jul. 2014.

TELLES, Norma. **Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil – século XIX**. Intermeios: São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.) e BASSANEZI, Carla (coord. de texto). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 401-442.

VASCONCELOS, Eliane. Uma arqueologia da autoria feminina no Brasil. In.: SÜSSEKIND, Flora, AZEVEDO, Carlito (Orgs.). **Vozes femininas: gênero, mediações e práticas de escrita**. Rio de Janeiro: 7letras: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003, p. 54-60.

VOUILLAMOZ , Nuria. **Literatura e hipermídia: La irrupción de la literatura interactiva: precedentes y críticas**. Paidós. Papeles de Comunicación. Nº de páginas: 207. Año: 2000.

WITTIG Monique. **El punto de vista: ¿universal o particular?** – presente no livro *El pensamiento heterosexual y otros ensayos* (2006) [http://topatu.info/wp-content/uploads/2013/11/pentsamendu\\_heterosexuala3.pdf](http://topatu.info/wp-content/uploads/2013/11/pentsamendu_heterosexuala3.pdf) Acesso em 03 de set. 2013.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina brasileira: as marcas da trajetória. In: **Rev. Mulher e Liter.**, Rio de Janeiro: 1998. Disponível em:  
<http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm>. Acesso em 02 de abr. 2013.

ZOLIN, Lucia Osana. Crítica Feminista. In: BONICCI, Thomas & ZOLIN, Lucia Osana. **Teoria Literária**: Abordagens Histórias e Tendências Contemporâneas. Maringá: EDUEM, 2004.

\_\_\_\_\_. **Revista Letras**, Curitiba, n. 71, p. 53-63, jan./abr. 2007. Editora UFPR. Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/6234/9989> Acesso em jul. 2014.

## APÊNDICES

**Apêndice A –**

**Questionário**  
**(TESE – Mulher e a escrita no ciberespaço)**

**Orientanda:** Luciane dos Santos

**Orientador:** Prof. Dr. Alamir Corrêa

**Escritoras Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL)**

**Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores (AVSPE)**

- 1) Nome? **Alcina Maria Silva Azevedo**
- 2) Ano de nascimento? 31 de Maio de 1939
- 3) Naturalidade e local de residência. Brasileira – residente em Campinas-SP.
- 4) Profissão ou escolaridade.
- 5) Estado Civil? Filhos? Netos? Sou viúva – com dois filhos.
- 6) O que gosta de ler? Livros de auto ajuda, poesias, crônicas, contos etc
- 7) Tem livros ou outros textos publicados fora do espaço virtual? Em qual veículo?  
Tenho um livro publicado pela Editora Livro Pronto, intitulado: Os Descasados.  
Em espaços virtuais tenho muita matéria publicada e também um livro eletrônico intitulado: Um conto de preto babão.
- 8) Qual o significado da escrita para você? Escrever pra mim é um alimento para a alma. Sinto-me mais forte quanto escrevo.
- 9) Onde publica no ciberespaço? (  ) Blogs(  ) Sites(  ) Academias virtuais (  ) Outros
- 10) Qual o seu tipo de produção literária? (  ) Poemas (  ) Textos epistolais(  ) contos (  ) romances (  ) Outros: tenho também uma novela que ainda não publiquei, intitulada: Além do nosso mundo.
- 11) Qual a importância do espaço virtual para a sua escrita? O espaço virtual colabora de certa forma a um contato maior com o público, me dando um acolhimento maior com meu semelhante.
- 12) Com que frequência costuma publicar e/ou escrever nos espaços virtuais?  
Quase sempre.
- 13) O espaço virtual lhe permite algum contato com o seu público leitor? De que forma? Eu fiz grandes amigos pelo espaço virtual. A empatia nasce no momento

em que eles me escrevem, demonstrando suas preferências e suas críticas, que aliás contribuem muito para o meu crescimento individual.

- 14) A interatividade do espaço virtual lhe serve de estímulo à escrita? De que forma? Claro que sim. Conhecendo as pessoas, sei do que elas precisam e gostariam de ler.
- 15) Qual a sua opinião a respeito do grande número de mulheres publicando seus textos em espaços virtuais? AS mulheres são dotadas de maior sensibilidade do que os homens. Por esse motivo, elas apreciam colocar no papel, seus sentimentos em relação ao mundo que vivemos.
- 16) Quais são os acontecimentos, razões ou sentimentos que levam à escrita? Uma perda, uma experiência boa ou má. Sentir o que as pessoas estão vivendo, suas aflições e alegrias, experiência própria ou de outros, enfim, são tantas as razões que nos levam a escrever, até o estado de angústia faz parte desse contexto.

**Muito obrigada pela atenção e colaboração,**

Atenciosamente,

Luciane dos Santos

<https://www.facebook.com/st.luciane>

**Apêndice B****Questionário****(TESE – Mulher e a escrita no ciberespaço)****Orientanda:** Luciane dos Santos**Orientador:** Prof. Dr. Alamir Corrêa**Escritoras Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL)****Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores (AVSPE)**

- 17) Nome? **Guida Linhares**
- 18) Ano de nascimento? 1946
- 19) Naturalidade e local de residência. Santos/SP/Brasil
- 20) Profissão ou escolaridade. Psicóloga - Bacharelado em Ciências Contábeis e Psicologia – Licenciatura em Psicologia
- 21) Estado Civil? Filhos? Netos? Divorciada – três filhos – dois netos
- 22) O que gosta de ler? Tudo que me cai nas mãos, passando pelo crivo da seleção.
- 23) Tem livros ou outros textos publicados fora do espaço virtual? Em qual veículo? Antologias Poéticas.
- 24) Qual o significado da escrita para você? Essencial para expressar pensamentos e sentimentos, levando o indivíduo a viajar e/ou criar, fantasiar, idealizar, enfim um instrumento altamente compensador.
- 25) Onde publica no ciberespaço? (  ) Blogs(  ) Sites(  ) Academias virtuais (  ) Outros
- 26) Qual o seu tipo de produção literária? (  ) Poemas (  ) Textos epistolais(  ) contos (  ) romances (  ) Outros - Prosa
- 27) Qual a importância do espaço virtual para a sua escrita? Um meio de divulgação altamente satisfatório, com retorno imediato.
- 28) Com que frequência costuma publicar e/ou escrever nos espaços virtuais? Iniciei em 2005, através do Recanto das Letras – [HTTP://www.guidalinhares.net](http://www.guidalinhares.net); sempre participei de grupos literários e cirandas poéticas, atualmente com mais ênfase para as redes sociais, através da sincronia imagem e textos curtos, tipo poemets, poetriz e haicais.

- 29) O espaço virtual lhe permite algum contato com o seu público leitor? De que forma? *Site, blogs, emails*, redes sociais, encontros reais proporcionados pelos contatos virtuais.
- 30) A interatividade do espaço virtual lhe serve de estímulo à escrita? De que forma? Um meio de tornar conhecido o trabalho, atingindo um público que gosta de leitura e interage opinando a respeito, num intercâmbio enriquecedor.
- 31) Qual a sua opinião a respeito do grande número de mulheres publicando seus textos em espaços virtuais? Tanto homens quanto mulheres, através do espaço virtual, têm a oportunidade de mostrarem seus trabalhos e receber algum reconhecimento, o que se torna estimulante para a sua continuidade, aliado ao prazer proporcionado pelo binômio escrita-leitura. Especificamente quanto às mulheres, talvez devido a maior liberdade de expressão, além da condição da catarse emocional, mais utilizada pelas mulheres devido ao grau de extroversão.
- 32) Quais são os acontecimentos, razões ou sentimentos que levam à escrita? São diversos dependendo da singularidade de cada um, porém nem todo tem a ousadia para se expor, o que reduz sobremaneira o número de pessoas que publicam nos meios virtuais, preferindo deixar seus escritos engavetados, pelo receio de não serem apreciados ou não acreditarem na própria capacidade de criação.

**Muito obrigada pela atenção e colaboração,**

Atenciosamente,

Luciane dos Santos

<https://www.facebook.com/st.luciane>

**Apêndice C****Questionário**

**(TESE – Mulher e a escrita no ciberespaço)**

**Orientanda:** Luciane dos Santos

**Orientador:** Prof. Dr. Alamir Corrêa

**Escritoras Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL)**

**Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores (AVSPE)**

33) Nome?

**Marcia Maria Luconi, meus trabalhos assino apenas Luconi**

34) Ano de nascimento?

1954

35) Naturalidade e local de residência.

Natural de São Paulo e residência Praia Grande-SP

36) Profissão ou escolaridade.

Segundo grau completo e Técnica em Contabilidade atualmente aposentada

37) Estado Civil? Filhos? Netos?

Viúva, três filhos e três netos (mais três estão chegando, setembro, outubro e novembro cada um de um filho)

38) O que gosta de ler?

Meu anjo, adoro; o Evangelho, Novo e Antigo, História da Humanidade, romances baseados em fatos verídicos, livros espíritas psicografados, crônicas, contos e poemas humanistas.

39) Tem livros ou outros textos publicados fora do espaço virtual? Em qual veículo?

Não, a não ser os prefácios de alguns livros que os autores me solicitaram que fizesse, estes livros eu também fiz copidesque, você se pergunta como, eu respondo, sou autodidata, desde menina aprendi que não precisava de professor era só ler os livros com atenção e entendê-los inclusive matemática e português, dei muita aula de reforço e ajudei alguns professores a resolverem exercícios de matemática, quando na escola que lecionavam trocavam os livros para o novo ano, ou os trocavam da série que há tanto tempo davam aulas. Eu adorava, gosto muito de ensinar.

40) Qual o significado da escrita para você?

É a minha alma que transborda e só se acalma depois que escrevo os quadros que ela pinta, a escrita me acalma, só consigo escrever o que sinto, se me derem um tema, nunca faço na hora, não quebro a cabeça, deixo acontecer, uma hora quando eu menos esperar vem a inspiração, tenho que sentir.

41) Onde publica no ciberespaço? (  ) Blogs (  ) Sites (  ) Academias virtuais (  ) Outros

42) Qual o seu tipo de produção literária? (  ) Poemas (  ) Textos epistolais (  ) contos (  ) romances (  ) CRÔNICAS.

43) Qual a importância do espaço virtual para a sua escrita?

Foi através deste espaço que eu consegui ser lida por pessoas que tinham o mesmo gosto que eu as letras, além de que através deste espaço eu editei em um blog em separado as psicografias que desde os dezoito anos estavam acumuladas em cadernos. Aliás para propagar as mensagens eu fiz o blog de meus textos de minha autoria, para que ficando conhecida eu conseguisse que as mensagens do outro blog fosse lida, e assim aconteceu, hoje não consigo parar de escrever além de tudo é a melhor terapia que existe.

44) Com que frequência costuma publicar e/ou escrever nos espaços virtuais?

Faço postagens três ou quatro vezes na semana, depende do meu tempo hábil, escrevo em um caderno quando tenho inspiração e depois quando tenho tempo publico, tenho muita coisa a publicar de anos atrás ainda, de quando não tinha blog.

45) O espaço virtual lhe permite algum contato com o seu público leitor? De que forma?

Sim, além dos comentários de meus seguidores que acabei fazendo amizade, dos outros escritores que eu leio os trabalhos e comento e eles ao meu também recebo e-mails e comentários no facebook de pessoas que não escrevem e não têm blog, isto é gratificante, tenho centenas de amigos virtuais, pessoas que se identificam com o que eu escrevo, que escrevem e têm a mesma necessidade de colocar para fora, agora os anônimos que passam leem e não se identificam, mas eu sei que ali estiveram pelo programa que tenho e me mostra a localização de cada um, não o endereço lógico, mas o estado, como também pelas estatísticas cujo número de leitura do blog é bem maior do que daquele público que entra em contato comigo.

A interatividade do espaço virtual lhe serve de estímulo à escrita? De que forma?

Sim, os comentários me incentivam, além disso, aqueles que sabem ler com os olhos da alma, por mais que eu faça analogias, sempre conseguem perceber nas entrelinhas o meu estado de espírito, e em seus comentários ou em e-mails nestes casos me enviam sempre a palavra certa. Não há coisa melhor do que se saber compreendida, é afago no coração e carinho para a alma. Tanto me sinto bem neste espaço que na verdade não mais chamo de blog, mas sim minha casinha virtual, onde sempre tem um cafezinho quente adoçado com amor e um bolo saído do forno.

46) Qual o sua opinião a respeito do grande número de mulheres publicando seus textos em espaços virtuais?

Acredito sim que o número de mulheres seja bem maior do que o de homens, apesar que tenho grandes amigos que têm belas casinhas na net, eu acredito que isto se deva ao fato da mulher ter a sensibilidade mais a flor da pele, veja bem, eu não disse maior, também a necessidade de falar de seus sentimentos e ter quem as ouça, percebem que é uma forma de receber ajuda e ajudar emocionalmente e moralmente. Geralmente apesar de estarem rodeadas de gente existe dentro delas um vazio que tentam preencher, uma certa solidão. Então procuram uma atividade que reunirá ao seu redor pessoas que compartilham de suas ideias, seus ideais.

47) Quais são os acontecimentos, razões ou sentimentos que levam à escrita?

Bem , como disse acima a solidão, a necessidade de encontrar pessoas que compartilhem de seus sentimentos, ou até, mostrar ao mundo seu trabalho, eu queria divulgar as mensagens que psicografo, fiz o blog de mensagens, tinha visualizações, mas não tinha ninguém que interagisse, então em uma época que não estava bem, fiz o blog meu o Textos Contextos e Reflexões e consegui pessoas que compartilhavam dos meus sentimentos e ao mesmo tempo no blog de mensagens aumentou consideravelmente as leituras e as interações, só que estas, muito discretas, mais por e-mail, pois o espiritismo ainda enfrenta muito preconceito. Agora meu anjo, não sou escritora sou apenas amadora das letras, não chego ao pé dos verdadeiros escritores, poetas, etc....

48) NÃO SEI ONDE PERDI ESTA PERGUNTA, ACHO QUE NÃO EXISTIA.

49) Que a luz do Universo te ilumine, trazendo ao teu canteiro muitas flores de mil cores e mil aromas, para que a tua sementeira seja farta. SUCESSO, qualquer coisa, pode mandar email e perguntar.

LUCONI

**Muito obrigada pela atenção e colaboração,**

Atenciosamente,

Luciane dos Santos

<https://www.facebook.com/st.luciane>

**Apêndice D****Questionário****(TESE – Mulher e a escrita no ciberespaço)****Orientanda:** Luciane dos Santos**Orientador:** Prof. Dr. Alimir Corrêa**Escritoras Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL)****Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores (AVSPE)**

- 50) Nome? **Maria de Lourdes Prata Garcia**
- 51) Ano de nascimento? 1940
- 52) Naturalidade e local de residência. Santos SP . Resido em Bragança Paulista SP
- 53) Profissão ou escolaridade. Professora primária
- 54) Estado Civil? Filhos? Netos? Casada. 7 filhos. 8 netos
- 55) O que gosta de ler? Em livros virtuais, de tudo, especialmente romances com base histórica.
- 56) Tem livros ou outros textos publicados fora do espaço virtual? Em qual veículo? Livro físico, 17 títulos. Livros virtuais 3.
- 57) Qual o significado da escrita para você? Partilhar a vida, experiências, fantasias, devaneios, enfim, desenvolver minha cultura sob o critério e a reação dos leitores.
- 58) Onde publica no ciberespaço? (Varal do Brasil, elaborado em Genebra, Suíça [www.varaldobrasil.com.br](http://www.varaldobrasil.com.br) ) [www.lolaprata.com.br](http://www.lolaprata.com.br) ; [www.asesbp.com.br](http://www.asesbp.com.br) ) Academias virtuais (Academia Sala dos Poetas e Escritores) Outros [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br) ; Compositores, Intérpretes e Poetas de Bragança Paulista, Academia Virtual Brasileira de Letras.
- 59) Qual o seu tipo de produção literária? Poemas, de modo especial, trovas) (X) Contos
- 60) Qual a importância do espaço virtual para a sua escrita? Mais abrangente do que o livro físico, que conta com poucos compradores, mas com maior aproximação com seu leitor. Há 1 livro com download gratuito PROVAI E VEDE COMO O SENHOR É BOM! no meu site [www.lolaprata.com.br](http://www.lolaprata.com.br) , do qual sou a compiladora de vários relatos místicos verdadeiros. Nesse site, tenho uma loja

virtual. Há 1 livro de poemas livres + sonetos ALABASTRO, revisto e revitalizado, à venda no site [www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br), de tecnologia Kindle, por R\$ 7,00. Outros 2 títulos em papel, comercializados pela Livraria Cultura S/A através do site dela: Dicionário de Rimas ARRIMO e o técnico E EU SEI FAZER VERSOS?, da venda dos quais recebo 50% do preço de capa da vitrine, após 2 meses da venda.

- 61) Com que frequência costuma publicar e/ou escrever nos espaços virtuais? Agora que aprendi a publicar gratuitamente na Amazon, (no Brasil desde 2012) publicarei meus livros antigos e os que vierem a surgir. O livro pode ser corrigido na hora em que o autor percebe uma incorreção, substituindo o texto quantas vezes lhe aprouver. Acabou o sofrimento de ver erros impressos. Também levo em consideração o digital em vista do alto preço das gráficas, (sem a Lei de Incentivo). Atualmente, escrevo poucos textos isolados nos espaços virtuais, mas sou fã das publicações de livros.
- 62) O espaço virtual lhe permite algum contato com o seu público leitor? De que forma? Pouquíssima repercussão comparando com os livros em papel, dos quais coleciono várias apreciações.
- 63) A interatividade do espaço virtual lhe serve de estímulo à escrita? De que forma? Não tenho interatividade, conforme a resposta ao item 13. Minha conexão à Internet é baixa, pois moro no campo e o satélite da Vivo me ignora algumas vezes ao dia, o que faz desanimar. Não deslancho virtualmente como gostaria, mas é ao futuro que me submeto. Eu mesma só leio ultimamente no meu Kindle, livros virtuais de preços acessíveis, com dicionário incluso, prontinho a me atender, com links para aprimoramento do conteúdo, luz nas páginas, tamanho ajustável da fonte das letras, conforto total.
- 64) Qual o sua opinião a respeito do grande número de mulheres publicando seus textos em espaços virtuais? Admiro-as. Inteligentes e disponíveis ao encanto da literatura. Têm confiança em si mesmas ou a buscam no retorno de leitores (na maioria das vezes, complacentes).
- 65) Quais são os acontecimentos, razões ou sentimentos que levam à escrita? Quando a vida é estreita para o tanto que a gente a admira, surge e floresce a arte em suas diversas formas, quando muitos talentos se revelam.

**Muito obrigada pela atenção e colaboração,**

Atenciosamente,

Luciane dos Santos

<https://www.facebook.com/st.luciane>

**Apêndice E****Questionário****(TESE – Mulher e a escrita no ciberespaço)****Orientanda:** Luciane dos Santos**Orientador:** Prof. Dr Almir Corrêa**Escritoras Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL)****Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores (AVSPE)**

- 1) Nome? \_\_\_\_\_ **VERA LUCIA BASAGLIA DE ALMEIDA**
- 2) Ano de nascimento? \_\_\_\_ 1948
- 3) Naturalidade e local de residência. \_\_\_\_ BATATAIS (SP)
- 4) Profissão ou escolaridade. \_\_\_\_ Bancária aposentada e professora primária.  
Nível Superior – Educação Física
- 5) Estado Civil? Filhos? Netos? \_\_\_\_ Casada. Dois filhos solteiros.
- 6) O que gosta de ler? \_\_\_\_ Já gostei de ler livros de autores famosos do momento e sobre a vida de poetas que gosto muito. Sempre gostei de ler, desde pequena em idade escolar. Atualmente ando preguiçosa para ler, por causa de meus Grupos de Poesias no Facebook, de meu Flogvip, meu Flogão e meu Blog que não deixam-me tempo livre para a leitura de livros. Assino e leio a Revista VEJA e assisto pouco TV.
- 7) Tem livros ou outros textos publicados fora do espaço virtual? Em qual veículo?  
Já tive várias poesias minhas publicadas em dois Jornais de minha cidade, semanalmente. Agora, não mais.
- 8) Qual o significado da escrita para você? A escrita preenche o tempo dedicado aos filhos que cresceram e estudam em outra cidade.

9) Onde publica no ciberespaço? ( X ) Blogs ( X ) Sites ( X ) Academias virtuais ( X ) Outros FLOGVIP e FLOGÃO

10) Qual o seu tipo de produção literária? ( X ) Poemas ( ) Textos epistolais ( ) contos ( ) romances ( ) Outros

11) Qual a importância do espaço virtual para a sua escrita? \_\_\_\_ É o modo mais rápido para os autores e poetas que ainda não lançaram seus livros, tornaram-se conhecidos nos meios literários.

12) Com que frequência costuma publicar e/ou escrever nos espaços virtuais? \_\_\_\_ Diariamente atualizo meus BLOGS e minhas Páginas de Poesias. Porém não escrevo poesia nova todos os dias não. É preciso inspiração e tem dias que não estamos inspirados para escrever nada.

13) O espaço virtual lhe permite algum contato com o seu público leitor? De que forma? \_\_\_\_ O contato é instantâneo, pois assim que acabo de postar, as amigas e amigos que curtem o que escrevo, fazem comentários na hora. O que entristece é que muitos escrevem ... “Que lindo!” ... “Adorei!” ... apenas para agradar e nem leram direito.

14) A interatividade do espaço virtual lhe serve de estímulo à escrita? De que forma? \_\_\_\_ A interatividade no espaço virtual serve de estímulo sim! E muito! Calculo que pelo menos 60% dos que comentam, leram o que escrevi. A maioria clica no “curtir”, mas não lê.

15) Qual o sua opinião a respeito do grande número de mulheres publicando seus textos em espaços virtuais? Creio que a maioria é formada por mulheres como eu, cujos filhos já não necessitam de cuidados diários e que tem bastante tempo livre.

16) Quais são os acontecimentos, razões ou sentimentos que levam à escrita? As melhores poesias são escritas quando o poeta está sofrendo dores de amores, ou quando está muito triste... Quando está passando por uma excelente fase também. Tenho um amigo que escreve muito bem sonetos e poemas e vive criticando

minhas poesias de alto-astral. Diz que os leitores preferem poesias de sofrimento de mal de amor, pois se identificam mais com elas.

**De:** Verluci Almeida [mailto:verluci@netsite.com.br]

**Enviada em:** terça-feira, 15 de abril de 2014 18:43

**Para:** verluci@netsite.com.br

**Assunto:** questionario LUCIANE DOS SANTOS

**Muito obrigada pela atenção e colaboração,**

Atenciosamente,

Luciane dos Santos

<https://www.facebook.com/st.luciane>